

INVESTIGANDO A BÍBLIA – ESTÁGIO 7: OBJEÇÕES [1]

SUMÁRIO

1.	OBJEÇÕES SOBRE A BÍBLIA.....	3
1.1.	A BÍBLIA NÃO TEM O MONOPÓLIO COMO PADRÃO MORAL.....	3
1.2.	CONFIAR NOS AUTORES HUMANOS DA BÍBLIA?	3
1.3.	A PRÓPRIA BÍBLIA AFIRMA QUE OS ESCRIBAS FALSIFICARAM A PALAVRA DE DEUS.....	5
1.4.	COMO A BÍBLIA É AUTORITATIVA SE TEMOS QUE DECIDIR O QUE É VERDADEIRO NELA?	5
1.5.	EXISTEM DOIS RELATOS DIFERENTES SOBRE O QUE ACONTECEU COM JUDAS?	6
1.6.	O EVANGELHO DE MATEUS FEZ UMA CITAÇÃO ERRADA DE JEREMIAS?	8
1.7.	SALOMÃO TINHA 4.000 OU 40.000 ESTÁBULOS DE CAVALOS?	11
1.8.	O REI ZEDEQUIAS ERA IRMÃO OU TIO DO REI JOAQUIM?	12
1.9.	POR QUE OS NÚMEROS NAS LISTAS DE ESDRAS E NEEMIAS SÃO DIFERENTES?	13
1.10.	LUCAS ERROU SOBRE A ÉPOCA EM QUE JESUS NASCEU? HERODES MATOU BEBÊS?	14
1.11.	A BÍBLIA APOIA A ESCRAVIDÃO?	16
1.12.	A BÍBLIA ESTÁ CHEIA DE TEXTOS MACHISTAS E É A RAIZ DO PATRIARCADO OCIDENTAL?	18
1.13.	A BÍBLIA É MACHISTA NO RELATO DA CRIAÇÃO DO SER HUMANO?.....	19
1.14.	EVA FOI APRESENTADA COMO FRACA E A COMO A RESPONSÁVEL PELO PECADO DE ADÃO?	19
1.15.	A BÍBLIA É MACHISTA POR APRESENTAR A MENSTRUÇÃO COMO ALGO SUJO?.....	20
1.16.	A BÍBLIA OBRIGA QUE UMA VÍTIMA DE ESTUPRO SE CASE COM O ESTUPRADOR?	21
1.17.	MULHERES MORRIAM POR CAUSA DE UM TESTE DE VIRGINDADE QUE NÃO FUNCIONA?	25
1.18.	A BÍBLIA É MACHISTA POR ORDENAR QUE A ESPOSA SEJA SUBMISSA AO MARIDO?	27
1.19.	A BÍBLIA É MACHISTA POR NÃO PERMITIR QUE A MULHER ENSINE O HOMEM?	29
1.20.	A BÍBLIA É UM OBSTÁCULO AOS DIREITOS DAS MULHERES?	30
1.21.	MAS A BÍBLIA CONTÉM PASSAGENS SEXISTAS!	32
1.22.	MAS HÁ MISOGINIA NA BÍBLIA!	33
1.23.	MAS OS CRISTÃOS SE OPÕEM À TEOLOGIA FEMINISTA!	34
2.	OBJEÇÕES SOBRE O CARÁTER DE DEUS.....	35
2.1.	DEUS CRIOU O MAL?	36
2.2.	DEUS MISERICORDIOSO QUE MANDA MATAR POVOS E DESTRUIR CIDADES?	36
2.3.	POR QUE DEUS MANDOU MATAR CRIANÇAS SE ELAS SÃO INOCENTES?	41
2.4.	POR QUE DEUS PERMITE O SOFRIMENTO?	42
2.5.	POR QUE DEUS ORDENOU EXECUÇÃO POR APEDREJAMENTO?	45
2.6.	QUÃO AMOROSO É UM DEUS QUE DESEJA QUE ABRAÃO SACRIFIQUE SEU FILHO?	48
2.7.	DEUS QUE EXIBE RAIVA OU VINGANÇA?.....	48
2.8.	O DEUS QUE ABENÇO A E ENVIA EXÉRCITOS É O MESMO QUE ENVIOU SEU FILHO?	49
2.9.	DEUS AMALDIÇO A PESSOAS POR CAUSA DOS PECADOS DE OUTRAS?	50
2.10.	DEUS NÃO SE ARREPENDE, MAS SE ARREPENDE?.....	51
2.11.	POR QUE DEUS CRIOU PESSOAS CAPAZES DE PECAR?	53
2.12.	DEUS NÃO PODERIA CUMPRIR SEU PLANO SEM USAR A TERRÍVEL CRUCIFICAÇÃO?	54
2.13.	E QUANTO ÀQUELAS LEIS QUE DEVERIAM VIGORAR PARA SEMPRE?	54
2.14.	A GLÓRIA DE DEUS É DITA COMO GRANDE, MAS NÃO A VEJO.....	55
2.15.	DEUS ENGANOU ALGUNS PROFETAS?	57
2.16.	DEUS NÃO MENTE, MAS ENGANA OS ÍMPIOS?.....	60
2.17.	DEUS ENVIA A MENTIRA PARA AS PESSOAS SEREM CONDENADAS?.....	61
3.	OBJEÇÕES SOBRE A EXISTÊNCIA DE DEUS	62
3.1.	COMO PODEMOS CRER EM DEUS SEM VÊ-LO?.....	62
3.2.	DEUS FOI CRIADO POR OUTRO DEUS MAIOR?.....	63
3.3.	DEUS NÃO TEM LUGAR NA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA.....	64
3.4.	NÃO SE PODE COMEÇAR COM A HIPÓTESE DE QUE DEUS EXISTE	64
3.5.	OUTROS TEMORES SÃO MAIS PODEROSOS E CRÍVEIS DO QUE O TEMOR DE DEUS	65
4.	OBJEÇÕES SOBRE FÉ, RAZÃO E CRENÇA.....	66
4.1.	CRER SIGNIFICA ACREDITAR QUE ALGO É VERDADE SEM PROVA OU LÓGICA?	66
4.2.	PESSOAS SÃO PUNIDAS POR USAREM A RAZÃO OU QUESTIONAREM A FÉ?	66
4.3.	ATEUS E ATEÍSMO NÃO TÊM NADA A VER COM TER ESPERANÇA	68
4.4.	AS PESSOAS NÃO SE INTERESSAM PELA FÉ CRISTÃ.....	69

5.	OBJEÇÕES A RESPEITO DO INFERNO	73
5.1.	UMA ETERNIDADE NO INFERNO É PUNIÇÃO JUSTA?	73
5.2.	QUEM SE ESFORÇA PARA CRER, MAS NÃO CONSEGUE, VAI PARA O INFERNO?	74
5.3.	SE UM NÃO CRISTÃO QUE É BOM MORRER, VAI PARA O INFERNO?	76
6.	OBJEÇÕES SOBRE JESUS E MILAGRES	77
6.1.	MESMO ACEITANDO QUE MILAGRES ACONTECERAM, ISSO PODE NÃO CONVENCER	77
6.2.	SER CRUCIFICADO É UMA COISA, SER DIVINO É OUTRA	77
6.3.	A NAVALHA DE OCCAM NÃO SUPORTA A RESSURREIÇÃO	78
6.4.	COMO JESUS PODE SER ONISCIENTE SEM SABER A DATA DE SEU RETORNO?	79
6.5.	JESUS TEM DUAS GENEALOGIAS DIFERENTES? MATEUS CONTOU ERRADO AS GERAÇÕES?	80
7.	OBJEÇÕES A RESPEITO DE ESTILO DE VIDA	83
7.1.	NÃO É NECESSÁRIO ACREDITAR EM DEUS PARA TORNAR O MUNDO UM LUGAR MELHOR	83
7.2.	VIDA DE VALOR COM CARIDADE E SEM MALDADE	83
7.3.	GOSTE OU NÃO, A MORAL É RELATIVA	84
7.4.	POR QUE A BÍBLIA CONDENA COISAS QUE AS PESSOAS GOSTAM?	84
7.5.	O QUE MEU ESTILO DE VIDA TEM A VER COM AMAR A DEUS?	85
7.6.	NÃO POSSO MUDAR QUEM SOU!	86
8.	OBJEÇÕES SOBRE RELIGIÃO E CRISTIANISMO	87
8.1.	A RELIGIÃO É RESPONSÁVEL PELOS MAIORES ASSASSINATOS NA HISTÓRIA	87
8.2.	SÃO OS CRISTÃOS QUE SÃO ENGANADOS PELOS TELEVANGELISTAS	90
8.3.	CRISTÃOS TÊM APARÊNCIA DE TER MENTES CELESTIAIS, MAS NÃO SÃO BONS NA TERRA	91
8.4.	CRISTÃOS ACHARAM QUE A ESCRAVIDÃO ERA UMA BOA IDEIA	91
8.5.	A RELIGIÃO É NECESSÁRIA PARA VIVER UMA VIDA VIRTUOSA?	92
9.	OBJEÇÕES SOBRE SALVAÇÃO	92
9.1.	POR QUE ASSASSINOS EM SÉRIE PODEM IR PARA O CÉU, MAS INCRÉDULOS NÃO?	93
9.2.	POR QUE A SALVAÇÃO DEPENDE DA CRENÇA EM UM LIVRO TÃO DIFÍCIL E CONTESTADO?	94
9.3.	COMO OCORRE A SALVAÇÃO DAQUELES QUE VIVERAM E MORRERAM ANTES DE CRISTO?	95
9.4.	COMO OCORRE A SALVAÇÃO DE QUEM NUNCA TEVE A CHANCE DE OUVIR SOBRE CRISTO?	96
9.5.	HÁ PESSOAS QUE QUEREM SER SALVAS, MAS NÃO PODEM PORQUE DEUS AS IMPEDE?	98
10.	OBJEÇÕES SOBRE CIÊNCIA E EVIDÊNCIAS	98
10.1.	A DESCOBERTA DE VIDA EM OUTROS PLANETAS NÃO DESTRUIRIA TOTALMENTE A BÍBLIA?	98
10.2.	AS HISTÓRIAS SÃO APENAS COLEÇÕES DE MITOS	99
11.	OBJEÇÕES MISTAS DE DESCRENTES DA INTERNET	100
11.1.	O PRIMEIRO TEXTO	100
11.2.	O SEGUNDO TEXTO	115
12.	A CONCLUSÃO SOBRE OBJEÇÕES CONTRA A BÍBLIA	128
13.	REFERÊNCIAS	128

Existem muitas críticas e acusações sobre a Bíblia para as quais é bom ter respostas. Não temos respostas para todas, mas temos para aquelas que abordamos neste estágio do estudo (objeções).

Será que alguma objeção é razão suficiente para não crer na Bíblia? Não, não é.

O primeiro estágio do estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) apresenta mais críticas e acusações contra a Bíblia.

O sexto estágio deste estudo (história) aborda críticas e acusações referentes às cruzadas, à Inquisição e ao “mal feito em nome da religião”.

O quarto tópico especial deste estudo (o que os descrentes realmente pensam?) aborda as metas dos críticos da Bíblia e o que realmente eles tentam fazer ao levantar tantas objeções contra ela.

O quinto tópico especial deste estudo (o que é mais importante para os descrentes?) mostra qual é o raciocínio particular de muitos descrentes.

O sexto tópico especial deste estudo (como melhorar o argumento para descrença?) apresenta as fraquezas da posição de descrença.

Exemplos de bons livros que auxiliam muito com supostos “erros da Bíblia” incluem “Bible Difficulties” (Zondervan) de Gleason Archer e “When Critics Ask” (Victor Books) de Norman Geisler, ambos em inglês. As duas obras fornecem centenas de páginas que dão respostas intimamente detalhadas sobre praticamente todas as acusações concebíveis de crítica.

Não se pode enfatizar com muita força ou frequência que esta grande nação [Estados Unidos] foi fundada não por religiosos, mas por cristãos, não por religiões, mas pelo evangelho de Jesus Cristo. (*Patrick Henry*).

Audi partem alteram (ouça o outro lado). (*Agostinho*).

É a marca de uma mente educada ser capaz de entreter um pensamento sem aceitá-lo. (*Aristóteles*).

Me explodir é a única chance que tenho de fazer sexo com 72 virgens no Jardim do Éden. (*Um garoto palestino de 14 anos, 24 de março de 2004*).

Embora o natal seja um feriado federal, não podemos realmente discutir o significado do dia por causa de questões de sensibilidade. Isso é loucura ou o quê? (*Bill O'Reilly*).

Um problema bem declarado é um problema meio resolvido. (*Charles Franklin Kettering*).

Se você for um verdadeiro buscador da verdade, deve pelo menos uma vez na vida duvidar, tanto quanto possível, de todas as coisas. (*René Descartes, “Discours de la Méthode”, 1637*).

Antes, santifiquem Cristo como Senhor em seu coração. Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que pedir a razão da esperança que há em vocês. (*1 Pedro 3:15, “Nova Versão Internacional”*).

1. OBJEÇÕES SOBRE A BÍBLIA

Examinemos a seguir várias objeções sobre a Bíblia. Veja também o segundo estágio deste estudo (integridade) e o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

1.1. A BÍBLIA NÃO TEM O MONOPÓLIO COMO PADRÃO MORAL

Objeção em consideração: “A Bíblia não tem o monopólio no sucesso (ou fracasso) como um padrão moral delineado.”

A Bíblia é toda verdadeira, mas toda verdade não está confinada à Bíblia. Em outras palavras, existem verdades que existem fora da Bíblia que podem ou não ter origens ou paralelos dentro das próprias Escrituras.

A Bíblia, por si só, não goza de sucessos nem sofre fracassos. Qualquer resultado de padrões morais delineados é o resultado da aplicação, ou da falta de aplicação, da humanidade em cumprir os princípios divinos.

E, como um leitor insinuou, certos princípios que muitas pessoas classificariam como benéficos são, até certo ponto, encontrados em escritos ou sistemas de crença além dos textos bíblicos. Na verdade, essa é uma parte fundamental do argumento moral para a existência de Deus e é uma evidência que apoia a afirmação das Escrituras de que os povos do mundo descendem de uma raiz comum.

1.2. CONFIAR NOS AUTORES HUMANOS DA BÍBLIA?

Você, porém, por que julga o seu irmão? E você, por que despreza o seu irmão? Pois todos temos de comparecer diante do tribunal de Deus. Como está escrito: “Por minha vida, diz o Senhor, diante de mim se dobrará todo joelho, e toda língua dará louvores a Deus.” Assim, pois, cada um de nós prestará contas de si mesmo diante de Deus. (*Romanos 14:10-12, “Nova Versão Internacional”*).

Primeiramente, porém, saibam que nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo. (*2 Pedro 1:20-21, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “Não estamos realmente sendo solicitados a confiar em Deus, mas a confiar nos autores humanos da Bíblia.”

A Bíblia é creditada como tendo se originado com Deus, mas foi escrita por seres humanos. Então, em última análise, em quem estamos confiando?

Completando a objeção, “e não se pode confiar em autores humanos, portanto não se pode confiar na Bíblia”, como se poderia raciocinar. Parece lógico a princípio, mas considere se, por desconfiança semelhante, um empregado excluísse os próximos cinco *e-mails* de autoria de um colega de trabalho que afirma estar escrevendo sob a orientação do chefe. Esse empregado que excluiu as mensagens eletrônicas pode acabar tendo que buscar outro emprego. É de fato uma questão importante: em quem confiamos e como confiamos?

Primeiramente, pense sobre isto: o que não confiamos que os autores humanos façam? Sempre dizer a verdade. Tudo bem com isso. Mas é possível que tudo o que uma pessoa escreva seja falso? Não, porque isso pode ser demonstrado. É possível que uma pessoa crie algo que seja verdadeiro. Portanto, é possível que um escrito humano seja confiável.

Em segundo lugar, se uma pessoa verdadeiramente escreveu aquilo que Deus a instruiu e a capacitou a ser a autora – isto é, inspirar no sentido bíblico, como demonstrado no segundo estágio deste estudo (integridade) – então as palavras pretendidas por Deus e as palavras resultantes da autora seriam as mesmas. De certo modo, confiar em um é confiar no outro. Desconfiar de um é desconfiar do outro.

Falando novamente da ilustração do empregado e os *e-mails*, digamos que um desses *e-mails* de trabalho que o empregado excluiu dizia ser “as dez tarefas” que o empregado deve sempre fazer. Sabendo que o autor dos *e-mails* é apenas humano como o empregado que as excluiu, esse empregado pode argumentar que o autor dos *e-mails* provavelmente não citou perfeitamente o chefe e transmitiu suas palavras de forma deturpada. Ou, quem sabe se essas palavras foram mesmo as palavras do chefe? Ou mesmo se existe um chefe? Então, um dia, o chefe se apresenta ao empregado e pergunta como ele está indo com as tarefas. Ele responde: “Há algo que eu deveria fazer?” Quando o empregado responde dessa forma, o que ele acabou de fazer? Ele acabou de confessar que: (1) não está fazendo nada; ou (2) não sabe ou não tem certeza do que está fazendo; ou (3) não acreditou no chefe quando ele disse para fazer as tarefas; ou (4) o empregado não acreditou que o chefe realmente havia ordenado as tarefas.

Isso significa que nada disso será bom para o futuro desse empregado. Tampouco começar a questionar a legitimidade do cargo ou as qualificações do chefe aliviará sua culpa, ou começar a criticar o autor dos *e-mails* – seu confidente e amigo.

O chefe é experiente em *e-mails*. Ele sabe que o empregado recebeu o *e-mail* que ele autorizou alguém mais a escrever. Esse chefe sabe o que esse alguém escreveu e que ele cuidou para que todos recebessem a palavra do chefe, de uma forma ou de outra. Quando o empregado desconfiou do *e-mail*, desconfiou efetivamente do chefe. Se o *e-mail* foi ou não suficientemente convincente para os padrões pessoais do empregado, não importa – apenas fazer o que o chefe disse é o que conta. Você pode imaginar como essa ilustração termina de forma triste no mundo dos negócios, e também é assim que termina no mundo espiritual.

Talvez a tudo isso você responda razoavelmente: “Talvez confiar nos autores humanos sob uma certa condição seja o mesmo que confiar em Deus, mas como posso saber se um determinado escrito está realmente vindo do grande chefe?” Excelente pergunta, e igualmente respondível. Em suma, o escrito exibirá qualidades que são sumariamente rotuladas como **inspiradas**. Isso é assunto do segundo estágio deste estudo (integridade).

Independentemente de quem o escrito afirme ter vindo, você pode fazer uma pergunta igualmente importante: “Aquilo que está sendo transmitido para mim é verdade?” Pois, se não for, não é do Deus da Bíblia, nem importa em qual autor humano você está sendo solicitado a confiar. Com relação à veracidade da Bíblia, o segundo estágio deste estudo (integridade) e o terceiro estágio deste estudo (veracidade) abordam muitas questões que podem ser do seu interesse.

1.3. A PRÓPRIA BÍBLIA AFIRMA QUE OS ESCRIBAS FALSIFICARAM A PALAVRA DE DEUS

Como vocês podem dizer: “Somos sábios, pois temos a lei do SENHOR”, quando na verdade a pena mentirosa dos escribas a transformou em mentira? (*Jeremias 8:8, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “A própria Bíblia afirma que os escribas transformaram a verdade de Deus em mentira, então como podemos confiar na Bíblia?”

A ideia óbvia dessa objeção é que os escribas transcreveram a lei de Deus incorretamente e isso nos dá grandes razões para duvidar da fidelidade dos manuscritos do Antigo Testamento que temos hoje.

Embora alguns escribas tenham tido a função de copiar a Palavra de Deus para preservá-la para o futuro, isso não era a função dos escribas mencionados em Jeremias 8:8. Esses escribas eram intérpretes da lei para o povo comum e os “advogados” da época. Suas “penas” completavam escrituras, testamentos e contratos. E, juntamente com as outras figuras religiosas da época (tais como profetas, reis, sacerdotes), esses escribas abusavam desse poder (Jeremias 23:10-14) e se entregavam à ganância (Jeremias 6:13), atitudes em contradição com a lei de Deus.

Jeremias 8:8 provavelmente se refere à prática de não cumprir as diretrizes éticas da lei no dia a dia do reino do sul, Judá. Ao fazerem contratos ilegais (por exemplo, oprimindo os pobres), esses escribas basicamente transformaram a lei em uma falsidade. Os escribas da época tinham imenso poder – nas forças armadas, no governo e no comércio.

Outra possibilidade é que Jeremias 8:8 seja uma referência à função de ensino dos escribas, isto é, uma referência à forma como eles estavam ensinando a lei para as pessoas em oposição às punições/advertências vindas de Jeremias.

De qualquer forma, a transmissão textual dos documentos do Antigo Testamento não é o que está em vista em Jeremias 8:8. Os textos bíblicos disponíveis para nós são totalmente confiáveis – veja o segundo estágio deste estudo (integridade).

1.4. COMO A BÍBLIA É AUTORITATIVA SE TEMOS QUE DECIDIR O QUE É VERDADEIRO NELA?

Objeção em consideração: “Se alguém tem que tomar decisões sobre o que aceitar ou não aceitar na Bíblia como verdadeiro, como pode confiar que ela é autoritativa?”

Um ateu fez essa pergunta ao autor do estudo original (www.provethetbible.net), e gostaríamos que “cristãos liberais” a considerassem.

A resposta é: se for assim, não pode!

Essa é uma boa pergunta. Para o cristão, tudo na Bíblia é verdadeiro: partes literalmente, partes figurativamente. Às vezes os relatos apenas registraram o que determinada pessoa pensava ser verdadeiro, mas não é (pense nos amigos de Jó). Às vezes os relatos têm que ser entendidos conforme a perspectiva da testemunha ocular e seu contexto local, social e cultural.

Não devemos que ter um raciocínio como este: “as narrativas da criação, do dilúvio, da Torre de Babel e do êxodo do Egito não são reais, mas a ressurreição de Cristo é real” – veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade). Tudo na Bíblia é real. O que precisamos fazer é analisar a Bíblia de forma adequada. **A inspiração divina dada aos autores bíblicos sempre respeitou o estilo de escrita, percepção e contexto local, social e cultural de cada pessoa, razão pela qual não se pode esperar que a Bíblia conceda exatidão científica no grau que gostaríamos** – leia sobre inspiração divina no segundo estágio deste estudo (integridade).

De qualquer forma, a Bíblia é verdadeira e os sete estágios deste estudo, e seus sete tópicos especiais, demonstram isso. Se tivéssemos que separar o que é verdade do que é mentira na Bíblia, ela não poderia ser autoritativa. O que precisamos fazer é estudá-la no contexto e compreender o que o autor quis transmitir.

Há muitos professores cristãos que não aceitam uniformemente os ensinamentos totais da Bíblia. Para começo de conversa, será que Deus os vê como cristãos? Veja a definição bíblica do que é um cristão no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?). Muitos nem sequer ensinam corretamente sobre a conversão a Cristo, que dizer sobre ensinamentos bíblicos mais difíceis (por exemplo, casamento, divórcio e novo casamento)? Seus ensinamentos tendem a enfatizar o pragmatismo, ou, resumindo de forma grosseira, “melhor fazer o que funciona e, a propósito, glória a Deus”.

Considere também esta proposição de Gleason Archer. Não é um argumento completo por si só, mas ainda assim intrigante:

Em última análise, então, todo homem deve se contentar com uma de duas alternativas: a inerrância das sagradas Escrituras, ou a infalibilidade de seu próprio julgamento pessoal. Se a Bíblia contém erros nos autógrafos [os escritos originais antes das cópias], então se requer um julgamento humano infalível para distinguir validamente entre o falso e o verdadeiro nas Escrituras; é necessário que cada afirmação no texto sagrado receba aval do próprio crítico humano antes que possa ser aceita como verdadeira. Uma vez que os homens discordam em seus julgamentos críticos, é requerida infalibilidade absoluta por parte de cada indivíduo para ser passado um julgamento válido em cada caso. Até mesmo o agnóstico deve afirmar para si tal infalibilidade de julgamento, pois ele não pode assumir logicamente uma posição agnóstica a não ser que tenha estudado todas as evidências para a autoridade das Escrituras e tenha chegado a um julgamento válido que as evidências são insuficientes para provar a autoridade divina da Bíblia como Palavra de Deus. Estas, então, são as únicas alternativas disponíveis para nós em como enfrentamos as Escrituras: ou elas são inerrantes, ou então nós somos [2].

1.5. EXISTEM DOIS RELATOS DIFERENTES SOBRE O QUE ACONTECEU COM JUDAS?

Objeção em consideração: “O que aconteceu com Judas – se enforcou de acordo com Mateus 27, ou comprou um campo e caiu de acordo com Atos 1?”

Há duas breves passagens a respeito de Judas que são lidas de forma diferente. São essas passagens diferentes facetas do mesmo evento ou um erro ao relatar o destino de Judas?

Os dois livros (Mateus e Atos) têm autores diferentes que falam sobre o mesmo evento. Vemos essa situação também nos quatro evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João). O paradoxo é tratado da mesma forma que abordamos diferenças ocasionais entre esses mesmos livros, ou seja, primeiro perguntando se há uma maneira de conciliar os relatos como verdadeiros. Em outras palavras, essas passagens poderiam ser complementares ao invés de contraditórias?

Aqui estão os versículos pertinentes:

Quando Judas, que o havia traído, viu que Jesus fora condenado, foi tomado de remorso e devolveu aos chefes dos sacerdotes e aos líderes religiosos as trinta moedas de prata. E disse: “Pequei, pois traí sangue inocente”. E eles retrucaram: “Que nos importa? A responsabilidade é sua”. Então Judas jogou o dinheiro dentro do templo e, saindo, foi e enforcou-se. Os chefes dos sacerdotes ajuntaram as moedas e disseram: “É contra a lei colocar este dinheiro no tesouro, visto que é preço de sangue”. Então decidiram usar aquele dinheiro para comprar o campo do Oleiro, para cemitério de estrangeiros. (*Mateus 27:3-7, “Nova Versão Internacional”*).

Naqueles dias Pedro levantou-se entre os irmãos, um grupo de cerca de cento e vinte pessoas, e disse: “Irmãos, era necessário que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo predisse por boca de Davi, a respeito de Judas, que serviu de guia aos que prenderam Jesus. Ele foi contado como um dos nossos e teve participação neste ministério”. (Com a recompensa que recebeu pelo seu pecado, Judas comprou um campo. Ali caiu de cabeça, seu corpo partiu-se ao meio, e as suas vísceras se derramaram. Todos em Jerusalém ficaram sabendo disso, de modo que, na língua deles, esse campo passou a chamar-se Aceldama, isto é, Campo de Sangue.) (*Atos 1:15-19, “Nova Versão Internacional”*).

No caso do campo e do destino de Judas, a conciliação das informações de Atos e de Mateus pede ao leitor que acredite em várias coisas:

1. **Que Judas não voltou para pegar de volta suas moedas de prata atiradas para o templo nem negociou a compra do campo para ter um lugar para se enforcar.** Em primeiro lugar, por que comprar terras apenas para se matar? Em segundo lugar, o suicídio de Judas foi retratado como uma ação no calor do momento, não como um evento bem pensado após um período indeterminado de negociação da compra do campo.
2. Que a expressão “Com a recompensa que recebeu pelo seu pecado, Judas comprou um campo” é apropriadamente interpretada como informando que as **ações de Judas efetivamente compraram aquele campo**. Seria como um historiador americano escrevendo “nossos pais fundadores compraram esta república com seu sangue”. Não, na história dos Estados Unidos, os patriotas revolucionários não saíram por aí vendendo litros de hemoglobina, mas suas ações cumulativas, como consequência, alcançaram um resultado final mesmo depois que muitos deles morreram.
3. **O corpo de Judas foi pendurado e caiu de alguma altura para se partir.** É certo que esses dois detalhes não são idênticos como muitos gostariam que fossem. É triste imaginar qual seria a resposta de descrentes se esses dois versículos fossem os únicos que eles tivessem lido. Bem, nós, e talvez você, temos lido a Bíblia inteira e sabemos que os sessenta e seis livros se encaixam extraordinariamente bem, e geralmente facilmente e aparentemente... Mas não tão aparentemente nesse caso.

Portanto, uma vez que quase todas as Escrituras se encaixam perfeitamente, será que o enforcamento e a queda podem ser conciliados com a mesma certeza? Sim – **se Judas se enforcou e subsequentemente seu corpo caiu e se partiu**. Isso pode ter ocorrido das seguintes formas:

- Judas caiu de um lugar alto ao tentar se enforcar, ou durante ou após o processo de enforcamento, ou...
- O corpo de Judas caiu a uma curta distância depois que já estava apodrecido (caso em que o corpo não precisaria cair de grande altura para se abrir).

Talvez se conhecêssemos a geografia do local onde Judas morreu pudéssemos estimar qual cenário é o mais provável. Não conhecemos a geografia desse local e não está claro qual ação definitivamente matou Judas, então não podemos dizer se ele morreu por enforcamento e seu corpo acabou caindo, ou uma tentativa fracassada de enforcamento fez com que ele caísse colidindo até parar no chão.

Ainda não tem certeza se acredita nessa explicação? Considere estas três declarações diferentes sobre o King Kong de Peter Jackson:

1. O King Kong foi baleado por aviões.
2. O King Kong caiu do Empire State Building.
3. “Foi a bela que matou a fera”.

Qual delas identifica corretamente como o King Kong acabou morto? Resposta: todas as três! Duas literalmente e uma figurativamente. As declarações não são conflitantes, são **complementares**: juntas elas pintam o quadro completo de como o King Kong morreu. Portanto, se você pode entender como o King Kong morreu, provavelmente pode entender como Judas morreu e comprou aquele campo.

Livros que falam mais sobre esses versículos sobre Judas incluem “When Critics Ask” de Norman Geisler e “Encyclopedia of Bible Difficulties” de Gleason Archer.

Além disso, esse caso sobre Judas ilustra como temos que abordar relatos bíblicos aparentemente diferentes sobre um mesmo evento.

1.6. O EVANGELHO DE MATEUS FEZ UMA CITAÇÃO ERRADA DE JEREMIAS? [3]

Então se cumpriu o que fora dito pelo profeta Jeremias: “Tomaram as trinta moedas de prata, preço em que foi avaliado pelo povo de Israel, e as usaram para comprar o campo do Oleiro, como o Senhor me havia ordenado.” (*Mateus 27:9-10, “Nova Versão Internacional”*).

Eu lhes disse: “Se acharem melhor assim, paguem-me; se não, não me paguem.” Então eles me pagaram trinta moedas de prata. E o SENHOR me disse: “Lance isto ao oleiro, o ótimo preço pelo qual me avaliaram!” Por isso tomei as trinta moedas de prata e as atirei no templo do SENHOR, para o oleiro. (*Zacarias 11:12-13, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “Mateus 27:9-10 atribui a profecia a Jeremias quando, na verdade, a profecia é de Zacarias.”

Os críticos do cristianismo frequentemente acusam o Novo Testamento de “citar erroneamente” o Antigo Testamento. Talvez o exemplo mais desafiador disso seja a citação que Mateus atribui a Jeremias em Mateus 27:9-10. As palavras que Mateus citou não são encontradas em Jeremias, mas se assemelham mais a uma citação de Zacarias 11:12-13 (embora com diferenças notáveis).

Os críticos afirmam, portanto, que Mateus estava confuso, ignorante e até mesmo malicioso e enganoso ao referenciar Jeremias com palavras de Zacarias e, mais ainda, como é frequentemente afirmado, “alterou” as palavras de Zacarias para melhor se adequarem ao seu ponto. Um olhar mais atento, porém, nos mostra que Mateus não estava fazendo nada disso. Em vez disso, ele estava intencionalmente reunindo temas de ambos os autores para fazer um ponto profético mais amplo.

Antes de entrarmos nos detalhes de Mateus 27:9-10, vale a pena notar que Mateus está agindo conforme uma antiga tradição bíblica. Considere 2 Crônicas 36:20-21:

Nabucodonosor levou para o exílio, na Babilônia, os remanescentes que escaparam da espada, para serem seus escravos e dos seus descendentes, até a época do domínio persa. A terra desfrutou os seus descansos sabáticos; descansou durante todo o tempo de sua desolação, até que os setenta anos se completaram, em cumprimento da palavra do SENHOR anunciada por Jeremias. (*2 Crônicas 36:20-21, “Nova Versão Internacional”*).

O autor de 2 Crônicas atribui tudo isso a Jeremias sem referência a qualquer outro livro ou autor. Jeremias profetizou várias vezes que os judeus permaneceriam na Babilônia por setenta anos (Jeremias 25:11-12; 29:10), mas o restante daquilo que o autor de 2 Crônicas escreveu (os descansos sabáticos da terra) não vem de Jeremias – em vez disso é, na verdade, uma alusão a Levítico:

Espalharei vocês entre as nações e empunharei a espada contra vocês. Sua terra ficará desolada; as suas cidades, em ruínas. Então a terra desfrutará os seus anos sabáticos enquanto estiver desolada e enquanto vocês estiverem na terra dos seus inimigos; e a terra descansará e desfrutará os seus sábados. Enquanto estiver desolada, a terra terá o descanso sabático que não teve quando vocês a habitavam. (*Levítico 26:33-35, “Nova Versão Internacional”*).

Assim, o autor de 2 Crônicas forneceu uma **citação mista** envolvendo material principalmente de Levítico, mas um detalhe adicional de Jeremias. Ele então incorporou informações de sua época para mostrar o cumprimento e atribuiu tudo a Jeremias. Não há razão para pensar que o autor de 2 Crônicas estava tentando enganar o leitor, nem que ele confundiu Levítico e Jeremias por acidente. Em vez disso, ele parece ter presumido que seus leitores estavam familiarizados o suficiente com a Lei e os Profetas para que pudessem seguir sua lógica ao usar as palavras de Levítico e os eventos contemporâneos do retorno do exílio para explicar mais completamente o propósito e o cumprimento daqueles setenta anos mencionados por Jeremias.

Sendo assim, sabendo que essa era uma abordagem bíblica e judaica para citar as Escrituras do Antigo Testamento, o que Mateus estava fazendo? Vamos olhar mais de perto.

Jeremias, Zacarias e Mateus 27:9-10. Tendo em mente o que vimos em nosso exemplo do Antigo Testamento, vamos examinar a citação de Mateus novamente, lado a lado com a fonte primária em Zacarias.

Mateus	Zacarias
"Tomaram as trinta moedas de prata"	"tomei as trinta moedas de prata".
"preço em que foi avaliado pelo povo de Israel"	"o ótimo preço pelo qual me avaliaram!"
"e as usaram para comprar"; "do Oleiro"	"Lance isto ao oleiro"; "as atirei no templo do SENHOR, para o oleiro"
"como o Senhor me havia ordenado"	"E o SENHOR me disse"

Assim como o autor de 2 Crônicas parafraseou o conteúdo de Levítico, Mateus claramente fez o mesmo, mas os detalhes dessa passagem em Zacarias estão todos presentes. No entanto, isso ainda nos deixa com a pergunta: por que conectar isso com Jeremias? Assim como 2 Crônicas estava se baseando nas passagens dos "setenta anos" de Jeremias, Mateus parece estar se baseando nas "profecias do oleiro" de Jeremias.

Jeremias e o oleiro. A referência de Mateus relaciona a compra do campo do oleiro não apenas com o oleiro de Zacarias, mas também com uma longa porção de Jeremias. Jeremias 18-19 fornece uma extensa narrativa profética envolvendo uma visita à loja de um oleiro. A abertura é a seguinte:

Esta é a palavra que veio a Jeremias da parte do SENHOR: "Vá à casa do oleiro, e ali você ouvirá a minha mensagem". Então fui à casa do oleiro, e o vi trabalhando com a roda. Mas o vaso de barro que ele estava formando estragou-se em suas mãos; e ele o refez, moldando outro vaso de acordo com a sua vontade. (*Jeremias 18:1-4, "Nova Versão Internacional"*).

Deus usou isso como uma analogia. Se Deus planeja julgar e punir uma nação, mas essa nação se arrepende, ele pode transformá-la em uma nação abençoada (ou vice-versa). Deus então enviou Jeremias para apelar a Judá:

Agora, portanto, diga ao povo de Judá e aos habitantes de Jerusalém: "Assim diz o SENHOR: estou preparando uma desgraça e fazendo um plano contra vocês. Por isso, converta-se cada um de seu mau procedimento e corrija a sua conduta e as suas ações." Mas eles responderão: "Não adianta. Continuaremos com os nossos próprios planos; cada um de nós seguirá a rebeldia do seu coração mau." (*Jeremias 18:11-12, "Nova Versão Internacional"*).

Jeremias 18:18-23 continua descrevendo a conspiração dos líderes judeus contra Jeremias em palavras como "Venham! Façamos planos contra Jeremias, pois não cessará o ensino da lei pelo sacerdote nem o conselho do sábio nem a mensagem do profeta." Não é difícil ver os paralelos entre isso e a trama em que Judas se envolveu para trair Jesus. Jeremias então retorna ao oleiro:

Assim diz o SENHOR: "Vá comprar um vaso de barro de um oleiro. Leve com você alguns líderes do povo e alguns sacerdotes e vá em direção ao vale de Ben-Hinom, perto da entrada da porta dos Cacos. Proclame ali as palavras que eu disser a você. Diga: 'Ouçam a palavra do SENHOR, reis de Judá e habitantes de Jerusalém.' Assim diz o SENHOR dos Exércitos, Deus de Israel: 'Sobre este lugar trarei desgraça tal que fará retinir os ouvidos daqueles que ouvirem isso.'" (*Jeremias 19:1-3, "Nova Versão Internacional"*).

O vaso de barro é usado posteriormente para representar isto:

Depois quebre o vaso de barro diante dos homens que o acompanharam, e diga-lhes: "Assim diz o SENHOR dos Exércitos: 'Assim como se quebra um vaso de oleiro, que não pode ser mais restaurado, quebrarei este povo e esta cidade, e os mortos em Tofete serão sepultados até que não haja mais lugar. Assim farei a este lugar e aos seus habitantes'", declara o SENHOR, "tornarei esta cidade como Tofete." (*Jeremias 19:10-12, "Nova Versão Internacional"*).

Como eles escolheram continuar na iniquidade em vez de se arrepender, Deus iria puni-los, derrubar Jerusalém e destruir o templo. Isso era verdade nos dias de Jeremias e era igualmente verdade nos dias de Jesus. Mateus já havia chamado a atenção para isso, como quando relatou as palavras de Jesus:

Jerusalém, Jerusalém, você, que mata os profetas e apedreja os que são enviados a vocês! Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vocês não quiseram. Eis que a casa de vocês ficará deserta. (*Mateus 23:37-38, “Nova Versão Internacional”*).

Mateus explicou que a rejeição e morte injusta de Jesus foi o ponto culminante da rejeição e perseguição de todos os profetas anteriores, como na parábola do proprietário de terras e da vinha (*Mateus 21:33-46*), ou quando Jesus disse:

E, assim, sobre vocês recairá todo o sangue justo derramado na terra, desde o sangue do justo Abel, até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem vocês assassinaram entre o santuário e o altar. (*Mateus 23:35, “Nova Versão Internacional”*).

Assim, **a rejeição e a perseguição de Jeremias seguida pela destruição de Jerusalém nos dias de Jeremias representavam antecipadamente a futura rejeição do Messias e a subsequente destruição de Jerusalém no primeiro século**. Os paralelos se conectam mesmo em questões menores. A passagem do oleiro em Jeremias pronuncia o julgamento: “[...] encheram este lugar com o sangue de inocentes” (*Jeremias 19:4*). Em Mateus, Judas jogou o dinheiro ao templo porque ele pecou ao trair sangue inocente (*Mateus 27:4*). Jeremias escreveu que “não mais chamarão este lugar Tofete ou vale de Ben-Hinom, mas vale da Matança” (*Jeremias 19:6*). Em Mateus, quando o campo do oleiro é comprado, somos informados de uma mudança de nome semelhante: “Por isso, aquele campo é chamado, até o dia de hoje, Campo de Sangue” (*Mateus 27:8*).

Muito mais poderia ser dito. No entanto, como pode ser visto através dessa breve demonstração, **Mateus conectou os eventos de rejeição, traição e morte de Jesus com uma longa seção de Jeremias (longa demais para ele citar diretamente, mas sem dúvida bastante familiar aos seus leitores judeus), relacionando ambos a outra profecia em Zacarias**. Nisso, ele estava seguindo a tradição dos próprios escritores do Antigo Testamento, como foi o caso de 2 Crônicas 36:20-21 e o Livro de Levítico.

Mas por que Mateus 27:9-10 menciona um campo?

Um detalhe na citação de Mateus que não é claramente tirado de Zacarias ou das profecias do oleiro em Jeremias é a referência ao campo de um oleiro. Por que Mateus 27:9-10 insere a ideia de um campo na citação composta desses dois profetas? Há duas explicações possíveis.

A primeira e mais simples é que Mateus está apenas explicando mais exatamente como as palavras de Zacarias foram cumpridas. Zacarias mencionou que trinta moedas de prata foram “lançadas ao oleiro”, mas ele não explicou por que elas foram lançadas (em vez de simplesmente entregues), e nem a razão por terem sido lançadas ao oleiro. Ao conectar as palavras a Judas, entendemos a razão para a prata ter sido lançada. Mateus também esclareceu que a prata foi dada ao oleiro para a compra do campo dele. A citação de Mateus claramente não pretende ser uma citação palavra por palavra, então ele poderia estar apenas explicando por que as trinta moedas de prata vão para o oleiro, ou seja, para a compra de um campo.

No entanto, também é plausível que a referência à compra de um campo também se destine a conectar essa citação com uma promessa em Jeremias. No capítulo 32, Jeremias (por ordem de Deus) pesa uma quantidade de peças de prata para comprar e resgatar um campo. Curiosamente, Jeremias 32 conecta a detenção e encarceramento de Jeremias e os avisos sombrios da destruição iminente de Jerusalém com a promessa de uma futura restauração. A compra do campo é usada como um lembrete de que um dia Deus trará seu povo do exílio para casa.

E Jeremias disse: “O SENHOR dirigiu-me a palavra nos seguintes termos: ‘Hanameel, filho de seu tio Salum, virá ao seu encontro e dirá: ‘Compre a propriedade que tenho em Anatote, porque, sendo o parente mais próximo, você tem o direito e o dever de comprá-la’”. Conforme o SENHOR tinha dito, meu primo Hanameel veio ao meu encontro no pátio da guarda e disse: “Compre a propriedade que tenho em Anatote, no território de Benjamim, porque é seu o direito de posse e de resgate. Compre-a!” Então, compreendi que essa era a palavra do SENHOR. Assim, comprei do meu primo Hanameel a propriedade que ele possuía em Anatote. Pesei a prata e lhe paguei dezessete peças de prata. (*Jeremias 32:6-9, “Nova Versão Internacional”*).

Assim, se Mateus pretendeu que a compra do campo com a prata também trouxesse essa passagem à mente, na verdade trouxe uma mensagem de esperança! Mesmo que nossas mãos estejam manchadas com sangue inocente de justos, há esperança de perdão e restauração se nós, ao contrário de Judas ou dos endurecidos líderes judeus, nos arrependermos e nos convertermos a Cristo.

A conclusão: escritores antigos, incluindo escritores bíblicos, nem sempre citavam fontes da maneira direta que estamos acostumados hoje. Mateus não é exceção. No entanto, quando paramos para entender o que ele está fazendo, podemos ver que não houve erro aqui. Mateus estava cuidadosamente, até mesmo brilhantemente, reunindo os eventos de seu tempo com passagens ricas e longas dos profetas que seriam muito longas para serem citadas na íntegra. Sua abordagem o permitiu, em apenas algumas palavras, conectar e mostrar o cumprimento final de numerosas passagens do Antigo Testamento de uma forma que faria sentido para seus leitores originais (principalmente judeus). Certamente não há erro nem engano em Mateus 27:9-10.

1.7. SALOMÃO TINHA 4.000 OU 40.000 ESTÁBULOS DE CAVALOS?

Salomão possuía quatro [a Nova Versão Internacional redigiu como quatro, mas o texto massorético registra quarenta] mil cocheiras para cavalos de carros de guerra, e doze mil cavalos (*1 Reis 4:26, “Nova Versão Internacional”*).

Tinha também Salomão quarenta mil cavalos em estrebarias, para os seus carros, e doze mil cavaleiros. (*1 Reis 4:26, “Almeida Revista e Atualizada”*).

Salomão possuía quatro mil estábulos para cavalos e carros e doze mil cavalos, dos quais mantinha uma parte nas guarnições de algumas cidades e a outra perto dele, em Jerusalém. (*2 Crônicas 9:25, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “No Livro de 2 Crônicas, Salomão tinha 4.000 estábulos para cavalos, mas no Livro de 1 Reis ele tinha 40.000 estábulos.”

Antes de afirmar com tanta certeza que a Bíblia é falsa por causa de uma aparente contradição na contagem de estábulos de cavalos do rei Salomão, como sempre, é necessária uma examinação cuidadosa em vez de parar na simples comparação de versículos.

Se isso fosse realmente uma contradição, seria impressionante que tivesse sido deixada sem correção/omissão em milênios de transmissão das Escrituras. Além do mais, a Nova Versão Internacional colocou o número de cocheiras para cavalos como 4.000, e não 40.000. Por quê? **Crítica textual** – leia o segundo estágio deste estudo (integridade). Ao serem comparados os diversos manuscritos bíblicos disponíveis, é perfeitamente possível “contornar” vários dos chamados “erros” da Bíblia.

Há pelo menos três explicações razoáveis para explicar essa discrepância:

- Ocorreu um erro de copista;
- 2 Crônicas 9:25 afirma que os estábulos eram para “cavalos e carros”;
- A diferença nos números é devida ao tempo: 2 Crônicas 9:25 se refere ao final do reino de Salomão, no qual o registro de estábulos pode ter sido reduzido em 36.000 em relação ao início de seu reinado registrado em 1 Reis 4:26.

A explicação mais provável é que ocorreu um erro de copista, uma vez que os livros de crônicas apresentam erros de copista em outras áreas. Esses tipos de “erros” em valores numéricos são relativamente comuns na transmissão de documentos antigos ao longo das eras (às vezes uma “escorregada de pena” pode fazer “mudar” uma letra ou número). É provável que a mesma coisa tenha ocorrido aqui.

Isso, no entanto, não significa que a Bíblia é contraditória ou falsa. Esses tipos de “erros” podem ser explicados pelo uso da crítica textual, conforme explicado no segundo estágio deste estudo (integridade). As Bíblias mais modernas, como a Nova Versão Internacional, realizam as “correções” e colocam notas de rodapé informando o que estava contido nos manuscritos considerados. Algumas Bíblias mais antigas, tais como a Almeida Revista e Atualizada no caso de 1 Reis 4:26, podem não ter sido “corrigidas”.

Outra possibilidade é que vários dos estábulos de Salomão não eram somente para cavalos, mas também para carros de guerra. Se Salomão teve estábulos diferentes, alguns apenas para cavalos e outros e para cavalos e carros combinados, isso poderia explicar a diferença entre os números em 1 Reis 4:26 e 2 Crônicas 9:25.

A terceira possibilidade é que, no início do reinado de Salomão (1 Reis 4:26), tenham sido contabilizados quarenta mil estábulos, mas no final de seu reinado tenham sido contabilizados quatro mil (2 Crônicas 9:25). Assim, ao longo do tempo do reinado de Salomão, pode ter ocorrido uma redução no número de estábulos nas contagens.

Outra coisa importante a lembrar, frequentemente negligenciada pelos críticos, é que **muitas listas contidas na Bíblia – como listas das quantidades de estábulos de Salomão – não são palavras de Deus. São apenas listas administrativas que escritores bíblicos tomaram como base para fins de registro.** Ainda que as listas fossem de fato contraditórias, isso não colocaria em ameaça a origem divina da Bíblia e nem influenciaria na salvação das pessoas. O erro estaria nos registros dos administradores da ocasião, não na Bíblia.

Vários outros “erros” da Bíblia podem ser explicados de forma similar a esse caso. Veja o segundo estágio do estudo (integridade).

1.8. O REI ZEDEQUIAS ERA IRMÃO OU TIO DO REI JOAQUIM?

Fez Matanias, tio de Joaquim, reinar em seu lugar e mudou o nome dele para Zedequias. (2 Reis 24:17, “Nova Versão Internacional”).

Na primavera, o rei Nabucodonosor mandou levá-lo para a Babilônia, com objetos de valor retirados do templo do Senhor, e proclamou Zedequias, tio de Joaquim, rei sobre Judá e sobre Jerusalém. (2 Crônicas 36:10, “Nova Versão Internacional”).

Na primavera do ano, mandou o rei Nabucodonosor levá-lo à Babilônia, com os mais preciosos utensílios da Casa do Senhor; e estabeleceu a Zedequias, seu irmão, rei sobre Judá e Jerusalém. (2 Crônicas 36:10, “Almeida Revista e Atualizada”).

Objeção em consideração: “A Bíblia tem contradições porque afirma em 2 Reis que Zedequias era tio de Joaquim, mas em 2 Crônicas diz que ele era irmão de Joaquim!”

O nome de Zedequias era originalmente Matatias. Seu nome foi mudado pelo rei Nabucodonosor da Babilônia. Zedequias/Matatias era tio de Joaquim, o rei anterior de Judá, como informado em 2 Reis 24:17. No entanto, em algumas traduções da Bíblia, ele foi apresentado em 2 Crônicas 36:10 como “irmão” de Joaquim.

A questão é que a palavra “irmão” em 2 Crônicas 36:10 tem o sentido de “parente”, e não “filho dos mesmos pais”. Zedequias era parente de Joaquim, sendo o parentesco específico “tio de Joaquim”. Por essa razão, algumas traduções da Bíblia, como a Nova Versão Internacional, apresentam 2 Crônicas 36:10 com a expressão “tio de Joaquim” ao invés da palavra “irmão”. Zedequias/Matatias era parente de Joaquim, sendo especificamente o tio dele. Não há contradição.

Em Gênesis, há referências que informam que Ló era “irmão” de Abraão (por exemplo, Gênesis 13:8 na versão Almeida Revista e Corrigida), sendo que o parentesco específico era sobrinho de Abraão. É o mesmo caso: o termo “irmão” foi usado com o sentido de “parente”. Ló era parente de Abraão, sendo especificamente o sobrinho dele.

1.9. POR QUE OS NÚMEROS NAS LISTAS DE ESDRAS E NEEMIAS SÃO DIFERENTES? [4]

Objeção em consideração: “Os números nas listas de pessoas que voltaram para Jerusalém dos livros de Esdras e de Neemias é diferente.”

Esdras 2 e Neemias 7 oferecem listas quase idênticas das pessoas que voltaram da Pérsia para Jerusalém com Zorobabel para reconstruir o templo. A soma dos números listados em Esdras dá um total de 29.818 homens (Esdras 2:1-58). A soma de Neemias é de 31.089 homens (Neemias 7:5-61). A discrepância entre as duas listas é de 1.271 pessoas.

Primeiramente, devemos reconhecer que ambos os livros concordam com o número total da congregação de Israel: 42.360, mais cantores e servos, o que resultaria um total de cerca de 50.000 pessoas (Esdras 2:64; Neemias 7:66). É nos detalhes das duas listas de exilados que as diferenças começam a aparecer. Em segundo lugar, devemos lembrar que os livros de Esdras e Neemias eram originalmente um só livro e provavelmente foram escritos por um autor, Esdras, que usou os registros de Neemias para compilar o relato hoje conhecido como o Livro de Neemias. É impossível que Esdras, cuja profissão era escriba, não soubesse que alguns dos números estavam diferentes. Em terceiro lugar, devemos lembrar que os eventos de Neemias e Esdras ocorreram com até noventa e três anos de diferença.

Trinta e três unidades familiares são mencionadas tanto em Esdras 2 como em Neemias 7, com o número de pessoas de cada família especificado. Tanto Esdras quanto Neemias incluem pessoas não mencionadas no outro relato: Esdras lista 494 pessoas não listadas em Neemias, e Neemias tem 1.765 pessoas que Esdras não contabiliza. Adicionando os “extras” de Neemias à lista de Esdras, chegamos a 31.583, o mesmo total obtido adicionando os “extras” de Esdras à lista de Neemias. Ainda assim, 31.583 é quase 11.000 a menos do que o total geral que Esdras e Neemias informam (42.360).

Existem duas explicações potenciais que podem ajudar a explicar as diferenças nessas listas. A primeira é que as listas podem ter sido originalmente as mesmas, mas variações textuais podem ter surgido na cópia dessas listas. A mudança em um único traço de pena em hebraico pode mudar um número de dezenas para centenas. Embora essa explicação seja possível, é improvável que tenha resultado em tantas variações.

Uma segunda explicação, a mais provável, considera as circunstâncias em que as listas foram criadas. A lista de Esdras foi compilada por Zorobabel enquanto os exilados ainda estavam na Babilônia, antes da viagem a Jerusalém. A lista de Neemias foi compilada quase um século depois, em Jerusalém, depois que os muros foram reconstruídos. As diferenças de tempo e localização podem ter resultado em números diferentes para cada família.

A lista maior, encontrada em Neemias, pode ter sido diferente em parte por causa do aumento no número de famílias que se mudaram para Jerusalém para reconstruir as muralhas – as pessoas tiveram filhos desde a partida de Zorobabel da Babilônia. Além disso, Neemias pode ter incluído pessoas que se estabeleceram em regiões próximas, e não apenas na Jerusalém propriamente dita. As pessoas listadas por Esdras e omitidas por Neemias podem ter morrido entre os registros das duas listas.

Uma consideração adicional está relacionada à idade dos homens contados. Pode ser que o registro de Neemias contasse todos os homens, e Esdras listasse apenas homens de 20 anos ou mais (como era comum).

Ainda temos a diferença entre o total geral (42.360 homens) listado em Esdras 2:64 e Neemias 7:66 com a soma ajustada de ambas as listas quando reconciliadas (31.583 homens). Como explicamos os 10.777 que faltam? A explicação mais provável é que Esdras e Neemias deram detalhes família por família apenas para Judá e Benjamim. A congregação inteira somava 42.360. No entanto, desse total, 10.777 eram pessoas de outras tribos ou clãs. Sabemos que servos e cantores eram contados separadamente, então faria sentido que as tribos menores também fossem contadas separadamente.

Em resumo, aqui está o que parece ser mais provável: Esdras registrou as famílias de Judá e Benjamim que deixaram a Babilônia em 538 a.C. sob a liderança de Zorobabel. Esse total foi de 29.818 homens. Mais tarde, em 445 a.C., Neemias trouxe outro grupo de exilados de volta a Jerusalém. Naquela época (cerca de 93 anos depois de

Zorobabel), o número em Jerusalém havia crescido para 31.089 homens. A diferença nas duas listas pode ser atribuída ao falecimento e nascimento de membros de cada família. Quando todas as tribos de Israel foram incluídas na contagem, a congregação totalizou 42.360, além de servos e cantores.

1.10. LUCAS ERROU SOBRE A ÉPOCA EM QUE JESUS NASCEU? HERODES MATOU BEBÊS? [5]

Naqueles dias, César Augusto publicou um decreto ordenando o recenseamento de todo o império romano. Este foi o primeiro recenseamento feito quando Quirino era governador da Síria. E todos iam para a sua cidade natal, a fim de alistar-se. Assim, José também foi da cidade de Nazaré da Galileia para a Judeia, para Belém, cidade de Davi, porque pertencia à casa e à linhagem de Davi. Ele foi a fim de alistar-se, com Maria, que lhe estava prometida em casamento e esperava um filho. Enquanto estavam lá, chegou o tempo de nascer o bebê, e ela deu à luz o seu primogênito. Envolveu-o em panos e o colocou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria. (*Lucas 2:1-7, “Nova Versão Internacional”*).

Quando Herodes percebeu que havia sido enganado pelos magos, ficou furioso e ordenou que matassem todos os meninos de dois anos para baixo, em Belém e nas proximidades, de acordo com a informação que havia obtido dos magos. (*Mateus 2:16, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “Lucas errou sobre a época do nascimento de Cristo porque, de acordo com Mateus e Lucas, Jesus nasceu durante o governo de Herodes, o Grande... Mas Lucas disse que José e Maria tiveram que ir a um censo realizado enquanto Quirino governava a Síria, enquanto Maria ainda estava grávida, e esse censo foi datado em 6 d.C., dez anos após a morte de Herodes, o Grande! E o conhecido historiador Josefo nunca documentou a matança de bebês inocentes, embora tenha escrito bastante sobre Herodes, o Grande – Josefo deveria ter escrito algo sobre a matança dos bebês se isso realmente tivesse acontecido!”

É importante notar que Lucas mencionou que o referido censo ao qual ele se foi o **primeiro** censo feito enquanto Quirino governava. Isso parece indicar que, no momento em que Lucas escreveu, os leitores precisariam distinguir entre vários censos. Lucas especificou que aquele censo foi o primeiro.

Além disso, o termo usado para o governo de Quirino no Evangelho de Lucas não é específico para uma determinada posição. Então, é bem possível que Quirino ocupou um cargo no início e, depois, foi promovido a um cargo de governo e também fez um censo.

Por causa dessas considerações, não se deve vincular o censo que foi mencionado por Flávio Josefo a esse primeiro censo que ocorreu quando Quirino estava em posição de governo, ao contrário do que muitos fazem. Isso é, na melhor das hipóteses, incerto. Estando quase 2.000 anos afastados do evento, nossos dados históricos e nossa compreensão certamente não são os mesmos que teriam sido para os leitores do primeiro século do relato de Lucas. É duvidoso que Lucas tenha criado uma inconsistência tão flagrante. Se realmente houvesse tal inconsistência, os leitores daquela época certamente teriam levantado objeções contra ela e teriam descartado a narrativa. De fato, havia muitos naqueles dias que adorariam expor o cristianismo como falso se tivessem a chance.

Resolvemos essa aparente discrepância quando abandonamos a suposição de que havia apenas um censo mencionado por Lucas e que ele deveria estar conectado ao censo mencionado por Josefo e, também, quando entendemos que Lucas não forneceu uma posição específica para Quirino ao mencionar seu “governo”.

Passemos agora para a explicação detalhada. No relato bíblico de Lucas 2:1-7, sabemos que estes fatos são apresentados:

- César Augusto ordenou um censo;
- Quirino estava “governando” a Síria (*hegemoneuontos tes Syrias Kyreniou*);
- Cada família devia se registrar em sua cidade familiar de origem.

Além disso, o capítulo 2 de Mateus relata que Herodes, o Grande, ordenou a matança de “todos os meninos de dois anos para baixo, em Belém e nas proximidades” (*Mateus 2:16*). Sabemos que Herodes morreu em

4-2 a.C., então o nascimento de Jesus deve ter ocorrido antes da morte desse Herodes – provavelmente por dois ou mais anos. Dados esses fatos, os estudiosos geralmente datam o nascimento de Jesus em algum lugar entre 6 a.C. a 4 a.C.

Voltemos nossa atenção para a passagem de Josefo. Em Antiquidades Judaicas 17.13.5, Josefo escreveu: “Assim, o país de Arquelaus foi transferido para a província da Síria; e Cyrenius, que havia sido cônsul, foi enviado por César para fazer contas dos bens do povo na Síria e vender a casa de Arquelaus.” Desse relato de Josefo derivamos os seguintes fatos:

- César ordenou um censo;
- Cyrenius (Quirino) foi enviado para “fazer contas dos bens do povo na Síria e vender a casa de Arquelaus”;
- Cyrenius (Quirino) “tinha sido cônsul”.

Também sabemos por outros registros históricos que Herodes Arquelaus foi deposto em 6 d.C., então esse censo deve ter ocorrido por volta de 6 ou 7 d.C., como atestado em um documento chamado “Titulus Venetus”, o qual mencionamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade). Então, o problema é: se Herodes, o Grande, morreu em 4 a.C., e Josefo nos disse que o censo de Quirino não ocorreu até 6 ou 7 d.C., será que Lucas se contradisse? Ele errou a época do nascimento de Jesus?

Mais do que um censo. Embora aparentemente pareçamos ter uma dificuldade aqui, há várias coisas que devemos considerar antes de chegar à conclusão de que Lucas e Josefo estavam falando sobre o mesmo evento. De fato, parece que César Augusto era o tipo de líder que ordenava muitos censos em sua época. Existem registros para mostrar que o Egito controlado pelos romanos começou um censo já em 10 a.C. e foi repetido a cada 14 anos. E o próprio Augusto observa em sua “Res Gestae” (“Os feitos de Augusto”) que ele ordenou três censos generalizados de cidadãos romanos: um em 28 a.C., um em 8 a.C. e um em 14 d.C. [6]. No meio desses censos há vários outros censos que aconteceram localmente em Roma. O relato de Lucas corrobora a ideia de múltiplos censos para a Judeia quando ele escreveu “Este foi o primeiro recenseamento feito quando Quirino era governador da Síria”. Certamente, a palavra “primeiro” implica que mais de um censo aconteceu.

Em outra ocasião, aconteceu um alistamento de todo o povo do império para fazer um juramento de fidelidade a César. No capítulo 34 da Res Gestae, Augusto declarou: “Quando administrei meu décimo terceiro consulado (2 a.C.), o senado, a ordem equestre e o povo romano me chamaram de pai do país e votaram para que ele fosse inscrito no vestíbulo de meu templo”. Josefo também mencionou uma época quando “todas as pessoas boas davam garantia de sua boa vontade a César” [7]. Esses tipos de tributos também exigiam a inscrição de indivíduos de todo o império. Orósio, um historiador do quinto século, relacionou esse registro com o nascimento de Jesus dizendo que “todos os povos das grandes nações deveriam prestar juramento” [8].

Juntando tudo isso, temos pelo menos três censos na área da Judeia – um em 8-7 a.C., outro começando por volta de 2 a.C. e um em 6-7 d.C. O único ponto que está realmente em questão, então, é se Lucas estava errado ao atribuir esse censo à época em que Quirino estava no cargo de governador da Síria. Como Quirino não foi governador da província síria até depois que Arquelaus foi deposto, os céticos afirmam que Lucas identificou erroneamente o censo como sendo o censo menor que aconteceu cerca de 8 a 10 anos após a morte de Herodes, o Grande. Assim, os céticos alegam que ou Lucas estava errado em sua data do nascimento de Jesus, ou Mateus inventou a história de Herodes matando as crianças. Mas será que essa objeção é correta?

O governo de Quirino. Ao ser estudado esse problema, há duas soluções principais que estudiosos oferecem, e cada uma tem mérito. O primeiro ponto é a terminologia que Lucas usou ao escrever sobre o governo de Quirino sobre a Síria. Ao afirmar que Quirino controlava a área síria, Lucas não usou o título político oficial para “governador” (*legatus*), mas o termo mais amplo *hegemon*, o qual significa um “oficial governante” ou “procurador”. Isso significa que Quirino pode não ter sido o governador oficial da Judeia, mas estava encarregado do censo porque era um servo de Roma mais capaz e confiável do que o mais inepto Saturnino.

A obra “Apologética” de Justino Mártir apoia essa visão, afirmando que Quirino era um “procurador”, e não exatamente o governador da área da Judeia [9]. Como escreveu Gleason Archer: “a fim de garantir eficiência e despacho, pode muito bem ter sido que Augusto colocou Quirino como encarregado do registro do censo na Síria entre o fim da administração de Saturnino e o início do mandato de Varo em 7 a.C. Sem dúvida foi por causa de seu tratamento competente do censo de 7 a.C. que Augusto mais tarde o colocou no comando do censo de 7 d.C.” [10]. Archer também afirmou que a história romana registra Quirino liderando o esforço para reprimir os rebeldes naquela área exatamente naquela época. Sendo assim, esse arranjo político não é um exagero.

Uma vez que Quirino manteve tal posição, não temos contradição. O primeiro censo foi feito na época do nascimento de Jesus, mas o censo que Josefo mencionou ocorreu mais tarde.

A matança dos bebês por Herodes. Se Herodes cometeu uma atrocidade tão grande como matar todos os bebês do sexo masculino com dois anos de idade ou menos, como Mateus relatou, por que historiadores, como Josefo, não mencionaram o evento? Pensemos sobre isso por um momento. Belém, na época do nascimento de Jesus, era uma cidade muito pequena, com não mais do que alguns milhares de pessoas. O número total de crianças que teriam sido assassinadas sob o decreto de Herodes poderia ter sido bem baixo. Como James Patrick Holding escreveu em seu artigo “Is the Account of the Slaughter of the Innocents Historical?”:

Quantos meninos de dois anos ou menos poderia haver dentro e ao redor da pequena cidade de Belém? Cinco? Dez? Mateus não dá um número. Josefo diz que Herodes assassinou um grande número de pessoas, e foi tão cruel com aqueles que não matou que os vivos consideravam os mortos como tendo sorte. Assim, indiretamente, Josefo nos conta que houveram muitas atrocidades que Herodes cometeu que ele não menciona em suas histórias – e é provável que a autorização da matança das presumivelmente poucas crianças do sexo masculino nas proximidades de Belém foi uma mancha minúscula da escuridão que foi o reinado de Herodes. Sendo que os eventos do reinado de Herodes envolveram praticamente uma atrocidade após a outra – e é observado por um escritor, com um mínimo de hipérbole, que dificilmente um dia em seu reinado de 36 anos passou sem que alguém fosse condenado à morte – por que algum evento em particular deveria ter desencadeado uma rebelião, quando outros em particular, incluindo aqueles registrados por Josefo, não o fizeram? [11].

Essas discussões nos ajudam a entender melhor as dificuldades que os historiadores enfrentam ao tentar juntar os eventos de registros limitados do passado. Certamente, não há nenhuma evidência definitiva de que os relatos bíblicos estejam errados aqui. De fato, devemos lembrar que **os relatos bíblicos são documentação histórica e, portanto, têm mérito histórico em si mesmos.** O fato de termos corroboração externa da possibilidade de múltiplos censos fortalece o relato de Lucas sobre os eventos conforme ele os escreveu.

Dizer que Mateus ou Lucas erraram é um erro prematuro.

1.11. A BÍBLIA APOIA A ESCRAVIDÃO? [12]

Objeção em consideração: “Há vários casos de escravidão na Bíblia, era lícito ter escravos no antigo Israel, e os apóstolos não exigiram a libertação dos escravos. Parece que a Bíblia dá apoio à escravidão humana.”

Como aqueles que foram redimidos da escravidão do pecado, os seguidores de Jesus Cristo deveriam ser os principais defensores do fim da escravidão humana no mundo de hoje. Porém, surgem as questões: por que a Bíblia não fala fortemente contra a escravidão? Por que a Bíblia parece apoiar a prática da escravidão humana?

Antes de tudo, a chave para entender a questão é que **a escravidão, em si, não é algo inerentemente ruim. O problema é o tratamento que os escravos recebem. As pessoas imediatamente associam a escravidão com maus tratos e condições desumanas, e a Bíblia de fato é contra isso. No entanto, nem sempre a escravidão e maus tratos e condições desumanas estão associados. A Palavra de Deus transforma as pessoas e, com isso, o real problema é eliminado.** Ser um escravo pode, na verdade, ser uma coisa boa! Os cristãos são escravos de Cristo (1 Coríntios 7:22) e servos (escravos) da justiça (Romanos 6:18-22).

Ao invés de imediatamente entendermos que escravos são pessoas sempre sujeitas a um regime de trabalho exploratório e desumano, podemos entender que escravos são “servos trabalhando para seus senhores em

tempo integral". Se os senhores concederem boas condições de trabalho e bons tratamentos para seus servos (até mesmo com períodos de folga e lazer), esses servos, na verdade, serão gratos por esse tipo de trabalho! Até mesmo existiam leis em Israel que permitiam que um escravo pudesse servir seu senhor de forma vitalícia se ele assim desejasse. Assim, **a ideia de que um escravo é alguém sendo maltratado e explorado simplesmente desaparece ao ser aplicado o bom tratamento ao próximo que a Bíblia ensina. Portanto, o real problema não é a escravidão, mas a forma como se trata o próximo.**

A posse de escravos era uma prática comum muito antes do tempo em que a Lei de Moisés foi dada a Israel. Assim, a lei não instituiu a escravidão, e nem acabou com ela, mas a regulamentou. A Lei de Moisés deu instruções sobre como os escravos deveriam ser tratados (a verdadeira questão), mas não proibiu a escravidão.

Hebreus com escravos hebreus. A lei permitia que hebreus se vendessem como escravos a outro hebreu. Porém, eles só poderiam servir por seis anos – no sétimo ano eles seriam libertados (Êxodo 21:2). “Se alguém do seu povo empobrecer e se vender a algum de vocês, não o façam trabalhar como escravo. Ele deverá ser tratado como trabalhador contratado ou como residente temporário; trabalhará para quem o comprou até o ano do Jubileu” (Levítico 25:39-40). A lei também especificava isto: “E, quando o fizer, não o mande embora de mãos vazias. Dê-lhe com generosidade dos animais do seu rebanho e do produto da sua eira e do seu tanque de prensar uvas. Dê-lhe conforme a bênção que o SENHOR, o seu Deus, tem dado a você” (Deuteronômio 15:13-14). O escravo liberto tinha a opção de permanecer com seu senhor e se tornar um “servo vitalício” (Êxodo 21:5-6).

Hebreus com escravos gentios. Quando os israelitas conquistaram a terra de Canaã, eles deveriam ter expulsado ou destruído todos os antigos habitantes. No entanto, essa ordem não foi totalmente obedecida e muitos gentios permaneceram na terra. Deus permitiu que os hebreus levassem escravos dentre aquela população: “Os seus escravos e as suas escravas deverão vir dos povos que vivem ao redor de vocês; deles vocês poderão comprar escravos e escravas. Também poderão comprá-los entre os filhos dos residentes temporários que vivem entre vocês e entre os que pertencem aos clãs deles, ainda que nascidos na terra de vocês; eles se tornarão sua propriedade. Vocês poderão deixá-los como herança para os seus filhos e poderão fazê-los escravos para sempre, mas sobre os seus irmãos israelitas vocês não poderão dominar impiedosamente” (Levítico 25:44-46). Assim, a Lei de Moisés permitia a escravidão.

Várias leis que regulavam a escravidão aparecem em Êxodo 21. Essas leis deram alguns direitos básicos aos escravos e restringiram as ações dos senhores de uma forma historicamente sem precedentes. No mundo antigo fora de Israel, os escravos não tinham direitos. Mas a Lei de Moisés estendia aos escravos o direito de manterem cônjuges (Êxodo 21:3), o direito de não serem vendidos a estrangeiros (Êxodo 21:8), o direito de serem adotados em uma família por casamento (Êxodo 21:9) e o direito à alimentação e vestimentas (Êxodo 21:10). A lei também limitava a aplicação de punição física (Êxodo 21:20,26-27).

Entenda que Deus trabalhava dentro de um contexto social e cultural já estabelecido, e ele não mudava esse contexto de forma abrupta: o foco era a transformação interior de cada pessoa (a verdadeira questão).

Gentios com escravos hebreus. Se as circunstâncias econômicas assim exigissem, a Lei de Moisés permitia a um hebreu se vender como escravo a um gentio que vivesse em Israel (Levítico 25:47). A lei também previa a redenção do escravo a qualquer momento (Levítico 25:48-52). E o tratamento do escravo hebreu deveria ser considerado: “Ele deverá ser tratado como um empregado contratado anualmente; não permitam que o seu senhor domine impiedosamente sobre ele” (Levítico 25:53). Ainda que não houvesse redenção, os escravos ainda eram libertados, com suas famílias, no ano do Jubileu (Levítico 25:54).

A Bíblia não exigia que todo dono de escravos emancipasse imediatamente seus escravos nem mesmo na era do Novo Testamento. Em vez disso, **os apóstolos lidaram com o real problema: deram instruções aos escravos e seus senhores sobre o comportamento piedoso dentro daquele sistema social.** Os senhores são advertidos a respeito do tratamento adequado de seus servos. Por exemplo, em Efésios 6:9 está escrito aos senhores: “Vocês, senhores, tratem seus escravos da mesma forma [com bondade]. Não os ameacem, uma vez que vocês sabem que o Senhor deles e de vocês está nos céus, e ele não faz diferença entre as pessoas.” Em Colossenses 4:1, o mandamento é: “Senhores, deem aos seus escravos o que é justo e direito, sabendo que vocês também têm um Senhor nos céus.”

Jesus e os apóstolos não condenaram abertamente a escravidão. Eles não precisavam. O efeito do evangelho é que vidas são transformadas, uma a uma, e essas vidas transformadas, por sua vez, trazem transformação para famílias, clãs e culturas inteiras. O cristianismo nunca foi concebido para ser um movimento político ou social, embora com o tempo tenha influenciado a política e sociedade. Alexander MacLaren escreveu que o evangelho “não se intromete diretamente em arranjos políticos ou sociais, mas estabelece princípios que irão afetá-los profundamente” [13].

As sementes da emancipação dos escravos estão na Bíblia, a qual ensina que todos os homens são criados por Deus e feitos à sua imagem (Gênesis 1:27), que condena quem sequestra e vende uma pessoa (Êxodo 21:16, conforme 1 Timóteo 1:8-10), e que mostra que um escravo pode ser verdadeiramente “um irmão no Senhor” (Filemom 1:16).

Alguns criticam a Bíblia porque ela não exige a derrubada imediata da escravidão. Porém, como Warren Wiersbe apontou, “O Senhor escolhe mudar as pessoas e a sociedade gradualmente, por meio do ministério do Espírito Santo e da proclamação da verdade da Palavra de Deus” [14].

1.12. A BÍBLIA ESTÁ CHEIA DE TEXTOS MACHISTAS E É A RAIZ DO PATRIARCADO OCIDENTAL?

Objecção em consideração: “A Bíblia está repleta de textos machistas e é nela que se encontram as raízes do patriarcado ocidental.”

A Bíblia é acusada de ter influenciado profundamente nossa sociedade e de ter afetado negativamente as mulheres. Alguns chegam até mesmo a ponto de dizer que a situação das mulheres teria sido diferente ao longo da história se a fé dos egípcios, dos gregos ou até mesmo dos antigos caçadores/coletores tivesse se tornado o *status quo* há milhares de anos antes do presente.

Primeiramente, textos bíblicos que parecem “machistas” quando confrontados com a mente e os valores da sociedade moderna devem ser estudados levando-se em conta o local, época e cultura em que foram aplicados. **Quando avaliados da maneira adequada, iremos constatar que, na verdade, os textos bíblicos revelam proteção para as mulheres.**

Outra chave para entender a questão é que **a Bíblia trata homem e mulher como sendo de igual valor em termos de ser, uma vez que tanto o homem quanto a mulher vêm de Deus e um não é superior ao outro** (1 Coríntios 11:11-12; Gálatas 3:28). Deus não trata as pessoas com parcialidade (Romanos 2:11). O que a Bíblia faz é **definir funções e papéis diferentes para homem e mulher.**

A questão dos papéis e funções pode ser bem ilustrada com o caso da hierarquia militar. Por acaso um soldado tem um valor menor como ser humano do que um oficial de patente mais alta, como um general? As funções e papéis de um general são diferentes das funções e papéis de um soldado, porém nenhuma dessas coisas torna um melhor do que o outro. Nem mesmo a mais alta patente do general, nem sua liderança, o torna melhor, como ser humano, do que o soldado. Uma pessoa com perfil de general é melhor do que uma pessoa com o perfil de soldado para realizar as funções que o cargo de general exige, mas não se pode dizer que, como seres humanos, um é melhor do que o outro. Da mesma forma, a capacidade do soldado de ser um “melhor” combatente na frente de batalha não o torna um ser humano melhor do que o general, o qual frequentemente lidera sem se expor diretamente ao combate. Enfim, é apenas uma questão de funções e papéis, com responsabilidades, benefícios e ônus diferentes. Em uma guerra, para vencer, são necessários tanto bons soldados quanto bons generais.

Se o mundo se tornou “patriarcal demais” e “machista demais”, não é por causa da Bíblia. Como sempre, isso é por causa da falha do ser humano em compreender e aplicar adequadamente o conteúdo bíblico. **Não são os papéis bíblicos que causaram um “mundo machista”, mas o abuso deles.** Como estudado no terceiro estágio deste estudo (veracidade), as pessoas frequentemente interpretam mal a Bíblia e, frequentemente, nem os críticos da Bíblia, nem mesmo professores cristãos, sabem (ou querem saber?) o que a Bíblia realmente ensina.

É muito fácil julgar a Bíblia como “machista” ao se tomar versículos isolados, esquecer dos seus contextos, e confrontá-los com ideologias humanas. Isso, no entanto, apenas reflete uma análise pobre e inadequada.

1.13. A BÍBLIA É MACHISTA NO RELATO DA CRIAÇÃO DO SER HUMANO?

Objeção em consideração: “A Bíblia é machista já no início da criação!”

Há quem alegue que o Deus do cristianismo aparentemente odeia mulheres e que ele já era machista desde o início da criação, quando Eva foi formada de uma costela de Adão:

Com a costela que havia tirado do homem, o SENHOR Deus fez uma mulher e a levou até ele. (*Gênesis 2:22, “Nova Versão Internacional”*).

O fato de Deus ter criado a mulher a partir de uma parte do próprio corpo do homem não significa que ela é menos importante do que o homem. Muito pelo contrário, indica igualdade. O que se observa pelo contexto maior da passagem é que a mulher foi criada como uma dádiva divina para viver com o homem, uma maravilha que deveria ser cuidada e muito estimada, pois ela é parte viva do próprio homem.

Deveríamos mesmo reclamar que a mulher é inferior porque ela foi formada a partir de uma costela do homem? Pelo menos ela foi criada de algo vivo. Lembre-se que o homem foi criado a partir do pó inanimado da terra! Se usarmos a lógica dessa objeção, teríamos que dizer que o homem é inferior por ter sido feito do pó do chão – algo que representa, em muitos textos bíblicos, humilhação! Por exemplo, a serpente, ao ser punida por Deus, foi condenada a “comer pó por todos os dias de sua vida” (*Gênesis 3:14*).

É absurdo dizer que Deus é “machista” por causa da ordem da criação ou por causa da forma em que ele criou homem e mulher. Na verdade, desde o início, observa-se que tanto o homem quanto a mulher foram criados à imagem e semelhança de Deus: “Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (*Gênesis 1:27*). O primeiro termo “homem” nesse versículo tem o sentido de “humanidade”, e não se refere apenas ao ser humano do sexo masculino. Mesmo hoje usamos o termo “homem” se referindo a todos os seres humanos. Assim, a humanidade – homem e mulher – foi criada à imagem e semelhança de Deus. **Não há tratamento de pessoas com parcialidade aqui: a criação estabeleceu homem e mulher como de igual valor como seres criados, mas tendo funções e papéis diferentes.**

1.14. EVA FOI APRESENTADA COMO FRACA E A COMO A RESPONSÁVEL PELO PECADO DE ADÃO?

Objeção em consideração: “A Bíblia apresenta a mulher como fraca ao ser enganada pela serpente e afirma que a pecaminosidade dela tentou o ‘inocente’ homem.”

A Bíblia é criticada porque, no relato da queda do ser humano, a serpente tentou Eva a desobedecer a ordem de Deus. Alega-se que ela foi apresentada como fraca ao sucumbir à tentação e, mais ainda, pecaminosa ao fazer o “inocente” homem pecar (*Gênesis 3:1-6*).

Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o SENHOR Deus tinha feito. E ela perguntou à mulher: “Foi isto mesmo que Deus disse: ‘Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim?’” Respondeu a mulher à serpente: “Podemos comer do fruto das árvores do jardim, mas Deus disse: ‘Não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim, nem toquem nele; do contrário vocês morrerão’”. Disse a serpente à mulher: “Certamente não morrerão! Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal”. Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido, que comeu também. (*Gênesis 3:1-6, “Nova Versão Internacional”*).

O texto bíblico não afirma nada sobre a mulher “ser a mais fraca” e o homem “ser inocente”. O relato da queda do ser humano é descritivo da ocorrência, e não construído de forma a suportar uma “ideologia machista”. Sinceramente, se alguém lê o texto bíblico e enxerga isso, deveria realmente considerar que pode ter uma raiz de amargura no coração e, se for o caso, deve lançar isso fora (*Hebreus 12:15*). Novamente, Deus não trata pessoas com parcialidade (*Romanos 2:11*).

Tanto Adão quanto Eva foram criados em um estado de inocência. Não foi apenas um ou apenas o outro, ambos estavam no mesmo nível. Na verdade, qualquer um dos dois que fosse tentado pela serpente teria a mesma probabilidade de sucumbir, uma vez que Satanás é mais astuto do que qualquer ser humano. **Ser homem ou ser mulher não significa ter maior ou menor resistência ao pecado.**

Eva foi tentada primeiro, mas não por ser a “mais fraca”. Foi por causa da astúcia de Satanás. Como afirmamos acima, a mulher foi criada como uma [dádiva divina](#) para viver com o homem, uma maravilha que deveria ser cuidada e muito estimada, uma vez que ela era uma parte viva do próprio homem. Satanás tentou-a primeiro justamente por causa do grande valor pelo qual ela foi estimada por Adão. Eva foi visada como alvo por Satanás para que o estrago fosse maior do que se ele tivesse tentado Adão primeiro.

É visível o quanto Adão se encantou por receber a mulher que foi formada de seu próprio tecido vivo (Gênesis 2:23), ainda mais quando se considera que, apesar de o Jardim do Éden ser paradisíaco, não se encontrava nenhuma criatura que pudesse viver intimamente com Adão (Gênesis 2:20). Portanto, Satanás astutamente escolheu tentar Eva primeiro por raciocinar que Adão poderia nem tentar resistir se fosse sua tão estimada esposa que desse a ele o fruto proibido. O resultado foi como esperado: **ao contrário de Eva, a qual pelo menos reconheceu diante da serpente que o fruto foi proibido por Deus (Gênesis 3:2-3), Adão simplesmente tomou o fruto sem demonstrar nenhuma resistência (Gênesis 3:6)! Se um dos dois foi “mais fraco”, talvez devêssemos acusar Adão!**

Além do mais, **todos os três tiveram punições como consequência do pecado: Eva, Adão e Satanás. Se Adão fosse “inocente” ou “menos culpado” do que Eva, por que ele foi punido com o mesmo banimento do Éden, tendo ainda que trabalhar duro para ter alimento?** A terra foi amaldiçoada por causa de Adão (Gênesis 3:17). A humanidade sofre até hoje em decorrência de seguir o mesmo caminho de Adão, escolhendo aceitar o pecado (Romanos 5:12). Afirmar que o relato bíblico é “machista” por considerar Adão de alguma forma “mais forte”, “mais inocente” ou “menos pecador” do que Eva é um absurdo.

1.15. A BÍBLIA É MACHISTA POR APRESENTAR A MENSTRUÇÃO COMO ALGO SUJO?

Tudo sobre o que ela se deitar durante a sua menstruação ficará impuro, e tudo sobre o que ela se sentar ficará impuro. (*Levítico 15:20, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “A Bíblia é machista porque apresenta a menstruação, que nada mais é do que um processo resultante da fisiologia do corpo da mulher, como algo inerentemente sujo.”

Alguns criticam a Bíblia ao apontar que a Lei de Moisés apresenta a menstruação como algo inerentemente sujo (Levítico 15:20). Para esses críticos, isso resultou que gerações de mulheres permaneceram em casa durante o período da menstruação e tiveram que ser cuidadosas ao tocar nos arredores. Então, o período menstrual se tornou um tabu e hoje temos o que restou: muitas mulheres no vigésimo primeiro século ainda têm vergonha de sua menstruação. Até mesmo se alega que a menstruação era sagrada na Grécia antiga, no Egito antigo e em muitas sociedades de antigos caçadores/coletores. O que se quer dizer com isso é que as culturas pagãs antigas eram “menos machistas” do que a Bíblia.

A Bíblia não é “machista” por trazer leis em relação à menstruação, uma vez que não o faz apenas para os fluxos do corpo da mulher, mas também do homem. Não há discriminação nenhuma em relação ao gênero da pessoa: as leis eram para regulamentar os fluxos dos corpos humanos, quer tenham sido de homens ou de mulheres! Se a Lei de Moisés fosse de fato “machista”, por que trazer leis similares ao fluxo seminal do homem?

Falem aos filhos de Israel e digam-lhes: qualquer homem que tiver fluxo seminal do seu corpo ficará impuro por causa do fluxo. Esta, pois, será a sua impureza por causa do seu fluxo: se o seu corpo vazou o fluxo ou se o seu corpo o estanca, esta é a sua impureza. Toda cama em que se deitar o que tiver fluxo ficará impura; e tudo sobre que ele se assentar ficará impuro. (*Levítico 15:2-4, “Nova Versão Internacional”*).

Esta é a lei a respeito daquele que tem o fluxo, daquele que tem emissão de sêmen e que, por causa dela, fica impuro, da mulher em sua menstruação, daquele que tem o fluxo, seja homem ou mulher, e do homem que se deita com mulher impura. (*Levítico 15:32-33, “Nova Versão Internacional”*).

Se a “lógica” dessa objeção realmente funcionasse, poderíamos citar apenas os textos que falam dos fluxos do homem e ele teria que ser considerado “sujo”, e a lei seria “feminista”! Obviamente, o objetivo da lei levítica era lidar com os fluxos do corpo humano, e não afirmar que a mulher, ou o homem, são sujos. Mais uma vez, tanto homem quanto mulher estão no mesmo nível em relação à lei divina – Deus não trata as pessoas com parcialidade (*Romanos 2:11*). Havia formas distintas de tratar cada tipo de emissão de fluxo. É ridículo acusar a Bíblia de ser “machista” por causa da lei levítica.

Por mais estranhas que nos pareçam as leis levíticas, lembre-se de que eram direcionadas a um povo específico, com uma cultura específica, em um contexto específico, de épocas específicas. Essas leis tinham um objetivo de apresentar “lições em objeto” para que o povo tivesse várias noções de santidade, sendo que essas leis tinham correspondentes espirituais. É bastante profundo. Para melhor compreender como isso funciona, sugerimos que seja estudado o Livro de Levítico com cristãos experientes nesse livro (isso está fora do escopo deste estudo, por questões de tempo e espaço). De qualquer forma, desde a morte e a ressurreição de Cristo, ninguém está sob a Lei de Moisés. Seu propósito foi cumprido em Cristo.

1.16. A BÍBLIA OBRIGA QUE UMA VÍTIMA DE ESTUPRO SE CASE COM O ESTUPRADOR? [15]

Se um homem se encontrar com uma moça sem compromisso de casamento e a violentar, e eles forem descobertos, ele pagará ao pai da moça cinquenta peças de prata e terá que casar-se com a moça, pois a violentou. Jamais poderá divorciar-se dela. (*Deuteronômio 22:28-29, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “A Bíblia ordena que uma mulher vítima de estupro se case com seu estuprador!”

A Bíblia é criticada porque alega-se que ela declara que uma mulher sem compromisso de casamento que seja vítima de um estuprador é obrigada a casar com esse estuprador (*Deuteronômio 22:28-29*). Então, alega-se que, ao contrário desse tipo de “punição contra a vítima”, no antigo Egito e na antiga Babilônia os estupradores eram castrados ou condenados à morte. Em outras palavras, alega-se que, em termos de leis antigas, até mesmo as leis dos antigos pagãos eram “menos machistas” do que as leis bíblicas.

Será que a Bíblia realmente ordenou que uma mulher violentada se case com seu estuprador, ou há circunstâncias que esclarecem o que realmente estava acontecendo? **Temos aqui o caso de uma objeção que, para ser adequadamente respondida, requer estudo mais profundo no contexto.**

Em uma cultura de casamentos arranjados, homens e mulheres às vezes transgrediam as normas e “se adiantavam” tendo relações íntimas antes das negociações do casamento deles – negociações que eram realizadas entre os pais dos dois. Às vezes, homens e mulheres praticavam a relação íntima antes do casamento, fosse pelo homem ter se “encontrado com a mulher” e tivesse “se apoderado dela”, fosse pelo homem ter seduzido a mulher aos poucos. Como o erro dos dois era resolvido? Nesses casos, a Lei de Moisés intervinha e orientava os juizes e o pai da mulher.

Devemos primeiro considerar o contexto cultural. A grande maioria das pessoas no antigo Israel vivia em comunidades agrárias ou pequenas cidades, com produções em “casas de campo” ou produtos feitos em suas casas, como tecer e cultivar um jardim. As cidades estavam bem compactadas, casa contígua a casa. As pessoas se conheciam. O conhecido texto de *Provérbios 31* que exalta a mulher virtuosa mostra bem isso:

Faz cobertas para a sua cama; veste-se de linho fino e de púrpura. Seu marido é respeitado na porta da cidade, onde toma assento entre as autoridades da sua terra. Ela faz vestes de linho e as vende, e fornece cintos aos comerciantes. Reveste-se de força e dignidade; sorri diante do futuro. Fala com sabedoria e ensina com amor. Cuida dos negócios de sua casa e não dá lugar à preguiça. (*Provérbios 31:22-27, “Nova Versão Internacional”*).

Observe que o marido da mulher virtuosa é bem conhecido na cidade (aldeia). Ela também tem seu próprio “negócio doméstico”, uma “indústria caseira”. Por causa de seu negócio, ela também é bem conhecida em sua comunidade. Agora imagine que essa mulher trabalhadora e virtuosa e seu marido tenham uma filha que está na idade de se casar, mas não está noiva porque seu pai ainda não arranjou um casamento para ela – e essa negociação era realizada com um morador da mesma aldeia que seja pai de um jovem.

Então, por favor, não vamos imaginar uma enorme cidade moderna onde um estuprador vai de lugar em lugar procurando sua próxima vítima. O contexto é a intimidade social na época e cultura das Escrituras, como veremos a seguir.

A expressão “forem descobertos” em Deuteronômio 22:28. Essa expressão significa “se forem encontrados tendo relação íntima”, o que **afasta a situação de um estupro, algo forçado contra a vontade da mulher.** O caso em vista se trata mais de uma sedução da parte do homem.

A expressão “sem compromisso de casamento” em Deuteronômio 22:28. Essa expressão significa que a ofensa é contra uma moça que não foi contratada para se casar com alguém. Nos versos anteriores, são apresentados casos em que as mulheres estão noivas (um compromisso sério com negociações e um contrato). Os noivos são tratados como se fossem casados. Portanto, a pena por adultério é irreversível. Aqui, ao contrário, a moça ainda não está noiva, então a penalidade por má conduta é diferente. Isso indica que o homem poderia vir a pensar que ela estaria disponível e poderia ser seduzida.

A redação de algumas versões da Bíblia, no entanto, passa a ideia de relação íntima forçada. É o caso da Nova Versão Internacional: “Se um homem se encontrar com uma moça sem compromisso de casamento e a violentar”. O termo “violentar”, o qual também é traduzido como “se apoderar dela” ou “ter relações com ela”, é importante. Será que esse termo significa estupro (algo forçado) ou é apenas uma expressão para contato físico em relação íntima?

Comentaristas da Netbible.org [16] afirmam que se trata do verbo hebraico *taphas*, o qual significa “apreender” ou “agarrar”. Em seguida, eles se referem a versículos onde o termo tem o significado de “capturar” ou “prender” ou “atacar”. No entanto, em outros versículos, o termo significa “segurar” ou “manusear”, como no caso de manusear um objeto como um instrumento musical, uma arma ou um pergaminho. Além disso, Deuteronômio 22:28 é o único caso em que o termo *taphas* é usado para descrever uma mulher (como objeto direto do verbo) em um contexto sexual. Assim, os comentaristas analisaram cuidadosamente o contexto e concluíram, cautelosamente, que essa pode ser a única vez em que o termo *taphas* não significa agressão sexual, mas o contato físico próximo da relação íntima (algo como “tocá-la de forma a seduzi-la e fazê-la praticar relação íntima”). O verbo *taphas* também é usado em Gênesis 39:12, onde a mulher de Potifar agarra (*taphas*) a roupa de José, mas isso ocorreu em um contexto de sedução, dentro de uma casa. Observe que eles se conheciam muito bem. O contexto era íntimo. Eles não eram estranhos.

Em Gênesis 34:1-7, Diná, a filha que Jacó teve com sua primeira esposa Lia, foi seduzida e forçada a ter relação íntima com Siquém, o heveu, e o verbo para a agressão nesse texto é *anah* (“humilhação por estupro”), o qual tem um significado mais restrito do que *taphas*. Após o ato, Siquém se apaixonou por Diná e pediu a seu pai, Hamor, que negociasse com Jacó um casamento entre Diná e Siquém. O ponto é que o verbo *taphas*, em contraste com *anah*, pode não significar estupro em Deuteronômio 22:28-29, mas pode ter um significado expandido de “tocá-la de forma a seduzi-la e fazê-la praticar relação íntima”.

Quando o verbo *taphas* aparece em contextos depois que a Lei de Moisés foi escrita, não é usado para estupro. Em vez disso, o verbo *chazaq* é usado, o qual significa estupro [17]. O escopo de *chazaq* é muito mais restrito, enquanto o verbo *taphas* tem um significado mais amplo, dependendo do contexto.

Em outro caso bíblico, Amnom, filho de Davi, estuprou (*anah*) sua meia-irmã Tamar (2 Samuel 13). Porém, ela não foi obrigada a se casar com Amnom porque seu pai, Davi, estava furioso com isso e, obviamente, não permitiu (2 Samuel 13:21, veja Êxodo 22:16-17, o qual explicaremos a seguir). No entanto, pouco antes de ela ser forçada, ela mesma pediu a Amnom para que ele se casasse com ela. Mas por quê? Porque não ter filhos nem

marido era uma humilhação social muito séria naquela época. Ela preferia ser casada com seu meio-irmão do que ser solteira e sem filhos. No entanto, o irmão de Tamar a vingou e mandou matar Amnom (2 Samuel 13:32-33).

Na verdade, não há nenhum caso em toda a Bíblia em que uma mulher teve que se casar com seu “estuprador” contra a sua vontade. E a Bíblia não endossa esse caso sórdido, apenas relata as ocorrências.

É importante destacar um ponto principal nesse caso: a violação acontecia em um contexto social íntimo. As partes se conheciam. Da mesma forma, não devemos acreditar que em Deuteronômio 22:28-29 o homem era um estuprador em série desconhecido que ia de aldeia em aldeia procurando sua próxima vítima, como vemos nos programas policiais de hoje em dia. Em vez disso, é muito mais provável que o homem, a mulher e seus pais morassem perto um do outro, tivessem contato próximo e se conhecessem. O mesmo se aplica ao caso de Siquém, o qual se relacionou com Diná. Embora ela não morasse na mesma vizinhança, eles eram próximos o suficiente para que os homens de Siquém tentassem arranjar casamentos com as mulheres do grupo de Jacó. Em ambos os casos, os pais estavam envolvidos (ou Jacó/Israel foi consultado), e as mulheres que tiveram relações não precisaram se casar com seus “estupradores”.

Em outro texto próximo, Deuteronômio 22:25, um homem encontra uma mulher com compromisso de casamento e tem relações com ela, e o verbo hebraico é novamente *chazaq*, o que significa claramente relação íntima forçada, ou agressão sexual. O crime foi cometido no campo, e os gritos da mulher não foram ouvidos, então apenas o homem é culpado. Voltando a Deuteronômio 22:28, o homem e a mulher são “descobertos”, mas ela não gritou por socorro, o que, mais uma vez, indica relação íntima consensual na vizinhança das famílias, e não em um campo longe das pessoas. Em contraste com *chazaq*, o verbo *taphas* pode significar apenas “tocá-la de forma a seduzi-la e fazê-la praticar relação íntima” em vez de significar relação íntima forçada, e o autor de Deuteronômio quis que seus leitores vejam as diferenças sutis entre os dois verbos nesses dois versículos.

Em Deuteronômio 22:28-29, a pena imposta ao homem é menor do que nos casos anteriores, onde ele é condenado à morte, indicando novamente que o ato é consensual. A mulher não estava noiva, então o que foi cometido não foi adultério, mas fornicação (relação íntima antes do casamento). Também por isso a pena não foi a morte.

A expressão “forem descobertos” no final de Deuteronômio 22:28 também é usada em Deuteronômio 22:22, caso em que o cenário é relação íntima consensual. Isso é mais uma dica de que a relação íntima em Deuteronômio 22:28-29 é consensual, e não um estupro.

A pena de não permitir que o homem se divorcie da mulher por toda a vida é a mesma do caso do homem que difama sua esposa como impura sem ter provas (Deuteronômio 22:19). Nesse caso, o caluniador deve cuidar dela e nunca se divorciar dela. Assim também acontece em Deuteronômio 22:29: o homem não deve caluniá-la alegando que ela não é mais virgem, uma vez que foi ele mesmo que tirou a virgindade dela! O homem deve se casar com a mulher e não pode se divorciar dela – muito pelo contrário, deve cuidar dela. Isso elimina a severa vergonha social da mulher daquela cultura e época de não ter filhos e não se casar.

Aquela época e cultura tinha casamentos arranjados e dotes que o homem pagava ao pai da mulher com quem ia se casar. Cinquenta peças de prata era uma quantia enorme, portanto, sem dúvida, o homem teria que pagar sua pena por muitos anos, e isso trabalhando para a família do pai da mulher. Pense dentro do contexto: se o homem que seduziu essa mulher realmente não a amasse, mas estivesse trabalhando para a casa do pai dela, isso causaria um efeito arrepiante em todos os outros homens daquela vila/comunidade agrícola que estivessem pensando em se relacionar com uma mulher antes do casamento. Ou seja, é um bom alerta para pensar duas vezes antes de agir.

A razão pela qual Deuteronômio 22:29 afirma que o homem a “violentou”. Esse termo “violentou” da Nova Versão Internacional, o qual é melhor expresso por “humilhou” (como na Nova Almeida Atualizada), é no sentido de que o homem tirou a virgindade da mulher sem ela ser casada, o que trazia a consequência de a mulher ser vista com uma “má reputação” que reduzia o valor do seu dote. A questão é que, efetivamente, o homem acabou violando toda a casa da mulher. Com essa “má reputação”, era bem provável que ela não conseguisse se casar, ou seja, por toda a vida, ela teria sido “condenada” a ser “uma solteirona sem filhos”. Naquela época e

cultura, ser solteira e sem filhos tinha uma terrível reprovação social. Isso explica a razão pela qual o homem que a seduziu devia se casar com ela e nunca poderia se divorciar dela.

Êxodo 22:16-17 é uma passagem paralela importante que lança luz sobre o caso:

Se um homem seduzir uma virgem que ainda não tenha compromisso de casamento e deitar-se com ela, terá que pagar o preço do seu dote, e ela será sua mulher. Mas, se o pai recusar-se a entregá-la, ainda assim o homem terá que pagar o equivalente ao dote das virgens. (*Êxodo 22:16-17, “Nova Versão Internacional”*).

Os dois pontos importantes nessa passagem são: (1) é um caso de sedução, e (2) o pai da mulher tem voz no assunto. Ele pode não permitir que o homem se case com sua filha (como Davi não permitiu que Tamar se casasse com Amnom), mas esse homem ainda deveria pagar o preço de dote de noiva. Não é exagero acreditar que, em Deuteronômio 22:28-29, o pai e os juízes também teriam a palavra final sobre se era um caso de “sedução” ou de forçá-la. De qualquer maneira, o pai poderia não permitir que o sedutor (ou estuprador) se casasse com sua filha. Mas o homem ainda teria que pagar uma multa enorme.

Observamos nos casos de Diná e Tamar que as mulheres violentadas não precisavam se casar com seus estupradores, e elas não foram seduzidas – elas realmente foram forçadas. Portanto, esses cenários eram mais graves do que o caso em Deuteronômio 22:28-29. Nos casos de Diná e Tamar, seus pais, Jacó e Davi, souberam sobre o crime, então eles estavam envolvidos. Portanto, é bem provável que o pai da mulher no caso de Deuteronômio 22:28-29 também estivesse envolvido e podia fazer cumprir a lei: exigir que o homem se casasse com sua filha e pagasse a multa, ou podia insistir que o sedutor (ou estuprador) pagasse a multa trabalhando para ele, sem se casar com sua filha. Se o homem pudesse pagar a multa na hora, o pai da mulher podia mandá-lo embora.

Finalmente, embora pareça surpreendente para nossos ouvidos modernos, **esses versos em Deuteronômio de fato têm o propósito de proteger a mulher, uma vez que ninguém se casaria com ela depois de uma relação fora do casamento.**

Como afirmamos, no antigo Oriente Próximo, as pessoas viviam muito próximas, em comunidades. Os jovens homens e mulheres se viam trabalhando no campo ou em suas casas. Eles se conheciam. De vez em quando, os jovens se envolviam em relações íntimas antes do casamento, sem sequer estarem em noivado. No caso dos dois se envolverem em relação íntima, quer tenha sido sedução ou um “estupro”, como se saberá a verdade? Como legislar sobre isso? A Lei de Moisés interveio e esclareceu as opções para os juízes e o pai. Sem dúvida, os dois pais se conheciam. Os casamentos eram arranjados, mas nesse caso a lei arranjou o casamento para seus filhos. O homem tem que se casar com a mulher e tem que pagar uma multa enorme, o que provavelmente o obriga a trabalhar para o pai da mulher por muito, muito tempo. **O homem tinha que assumir a responsabilidade por suas ações.**

Nos casos de Diná e Tamar, seus pais não permitiram que suas filhas se casassem com seus estupradores, mesmo antes de seus irmãos intervirem e matarem esses estupradores. É provável que, em Deuteronômio 22:28-29, assim como observamos na passagem paralela de Êxodo 22:16-17, o pai tinha a palavra final. Se o homem e a mulher se conheciam, o que é muito provável no antigo Israel (uma vez que as pessoas viviam em comunidades muito unidas), então o pai poderia permitir ou não que o sedutor (ou estuprador) se casasse com ela. E é claro que a filha poderia dizer a seu pai que não gostaria de fazê-lo. Casamentos arranjados e preços de dotes de noivas aconteciam naquela época. Culturalmente falando, a lei de Deuteronômio 22:28-29 não teria sido vista como estranha. Ou, como em Êxodo 22:16-17, o pai da mulher poderia ter aceitado o valor da multa e mandado embora o homem sem exigir que ele se casasse com sua filha.

Tendo em vista todas essas considerações, a Lei de Moisés forneceu uma solução razoável para sua própria época e cultura. Não devemos ser esnobes e zombar dela. Ela regulava os pecados das pessoas em seus próprios termos e em sua própria cultura.

Lembre-se também que, desde a morte e a ressurreição de Cristo, ninguém está sob a Lei de Moisés. Seu propósito foi cumprido.

A Bíblia não obriga uma vítima de estupro a casar com seu esturador e nem é “mais machista” do que as leis dos antigos pagãos – a Bíblia é a Palavra de Deus, e Deus não trata pessoas com parcialidade.

1.17. MULHERES MORRIAM POR CAUSA DE UM TESTE DE VIRGINDADE QUE NÃO FUNCIONA? [18]

Se um homem casar com uma mulher, e, depois de ter tido relações com ela, passar a odiá-la, e lhe atribuir atos vergonhosos, e a difamar, dizendo: “Casei com esta mulher e, quando tive relações com ela, descobri que não era virgem”, então o pai e a mãe da moça levarão as provas da virgindade da moça aos anciãos da cidade, junto ao portão. O pai da moça dirá aos anciãos: “Dei minha filha por mulher a este homem, porém ele passou a odiá-la. Eis que lhe atribuiu atos vergonhosos, dizendo: ‘Descobri que a sua filha não era virgem.’ Mas aqui estão as provas da virgindade de minha filha.” E estenderão a roupa dela diante dos anciãos da cidade, os quais pegarão o homem, o açoitarão e o condenarão a pagar cem barras de prata ao pai da moça, porque difamou uma virgem de Israel. Ela ficará sendo mulher dele, e ele não poderá mandá-la embora durante a sua vida. Porém, se isso for verdade, ou seja, se ficar provado que a moça não era virgem, então a levarão à porta da casa de seu pai, e os homens de sua cidade a apedrejarão até que morra, pois cometeu um ato infame em Israel, prostituindo-se na casa de seu pai. Assim vocês eliminarão o mal do meio de vocês. (*Deuteronômio 22:13-21, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “Se um marido estivesse desconfiado de que a mulher com quem casou não fosse virgem e a acusasse diante dos juízes, a Bíblia permitia que essa mulher morresse (e [apedrejada!](#)) com base em um teste de virgindade que não funciona.”

A Lei de Moisés é criticada porque é alegado que um homem poderia desconfiar de sua esposa caso notasse que ela tinha o hímen rompido e, portanto, se supunha que ela deve ter se deitado com outro homem. Isso atestaria que ela se prostituiu e a mulher seria apedrejada.

O cerne da crítica é que o “teste de virgindade” de se basear em um “hímen rompido” é falho e poderia levar mulheres inocentes à morte, pois: (1) o hímen pode se desgastar naturalmente com o tempo; (2) há mulheres que nascem sem hímen; (3) dançar, andar a cavalo ou outras atividades esportivas podem causar o desgaste do hímen; e (4) a condição do hímen pode não ter nada a ver com virgindade. E assim se alega que “se esses fatos fossem conhecidos, teríamos matado muito menos mulheres em nome de Deus”.

O “pano” usado como “prova da virgindade” da esposa era o material que continha sangue de seu hímen rompido. Essa evidência era coletada na noite de núpcias por outras pessoas e guardada pelos pais da noiva. A questão é o quão confiável era tal evidência. A noiva poderia não ter sangrado durante a relação íntima, ou seu hímen poderia ter sido rompido anteriormente por quaisquer outros meios.

Lembre-se que, para interpretar e entender corretamente uma situação bíblica, é imperativo que a situação seja avaliada em seu contexto textual, cultural e histórico – devemos considerar as normas culturais e as condições sociais nas quais uma situação particular foi abordada. O significado primário e mais aplicável de qualquer passagem é o significado pretendido para os leitores originais. Todos os outros significados, interpretações e aplicações são secundários a esse significado primário e nunca podem contradizer, negar ou anular esse significado primário. Com isso em mente, devemos avaliar o “teste de virgindade” de Deuteronômio 22:13-21 em seu contexto apropriado.

O contexto textual do “teste de virgindade”. Observa-se imediatamente em Deuteronômio 22:13-14 que é possível que a acusação feita contra a mulher seja simplesmente uma desculpa. O marido “não gostou” da esposa e, por algum motivo, insatisfeito com ela, usa o pretexto de sua suposta falta de virgindade para caluniá-la e puni-la. O que a Lei de Moisés fez foi **estender proteção às mulheres falsamente acusadas de infidelidade**. Se houvesse evidência de sua virgindade na noite de núpcias, uma mulher não poderia ser punida.

Além disso, a mesma lei **punia o marido por mentir**. A lei deixava claro que, se a “prova de virgindade” estivesse presente, o próprio marido enfrentaria uma **penalidade severa** (Deuteronômio 22:18-19)! Seria tolice que ele fizesse uma alegação tão séria e assumisse que a “prova de virgindade” não apareceria. Ele teria que ter algo mais tangível e universalmente aceitável em suas mãos para fundamentar suas alegações do que se basear em meras acusações!

Com isso em mente, observe que há dois requisitos que devem ser cumpridos antes que a mulher seja punida: **“se isso for verdade, ou seja, se ficar provado que a moça não era virgem”** (Deuteronômio 22:20). Antes de tudo, a acusação deve ser verdadeira. Em segundo lugar, não deve haver prova da virgindade da mulher. Ou seja, a primeira parte desse versículo indica que **seria realizada uma investigação** para provar a denúncia. Essa investigação seria então **complementada pela ausência da prova de virgindade**, se existisse.

A mulher não era imediatamente mandada à morte pela acusação do homem e pela falta da “prova”. Somente se a investigação corroborasse a acusação e se não houvesse a “prova de virgindade” que a mulher seria considerada culpada. O julgamento não era inteiramente baseado na presença ou ausência da “prova”. A evidência física sem dúvida teria uma influência importante no caso, mas o “teste de virgindade” do “pano” provavelmente não seria o único meio de estabelecer a culpa ou inocência da mulher.

O “teste de virgindade” no contexto social e histórico. Muitas vezes entendemos mal as situações bíblicas porque olhamos para as situações da perspectiva das normas culturais e sociais modernas. Precisamos lembrar que a Lei de Moisés foi dada aos israelitas logo depois que eles saíram da escravidão no Egito. A instrução de Deuteronômio 22 foi dada ao povo de Israel, uma comunidade conservadora e fechada, há cerca de 3.500 anos antes do presente.

Naquele período de tempo e naquelas condições, quais atividades as meninas israelitas poderiam ter realizado para romperem seus hímens? Não havia esportes, ou passeios a cavalo, ou outras atividades que poderiam resultar em rompimento do hímen. No Egito, as meninas teriam sido principalmente confinadas em suas senzalas. Em sua viagem para Canaã, elas teriam permanecido perto de seus acampamentos e completado as tarefas domésticas – ou seja, não haveria muita chance de existirem atividades extenuantes a ponto de romper um hímen. Além disso, quaisquer motivos para a moça não ter o hímen seriam conhecidos pelos seus pais e viriam à tona na **investigação** do caso.

Portanto, o “teste de virgindade” prescrito pela Lei de Moisés teria sido **consideravelmente mais exato do que poderíamos esperar para aquele contexto antigo**. Sem instalações médicas, sem ginecologistas, sem pesquisas sobre virgindade e sem liberdade social ou familiar para permitir a promiscuidade sexual, os israelitas tiveram que confiar no teste mencionado na lei. É claro que essa “evidência de virgindade” não era infalível. Mas **nas condições e circunstâncias daquela época e cultura, não havia nenhum método prontamente disponível para confirmar a virgindade, exceto pelo “pano” da primeira noite da esposa**. E, como já informamos, a ausência dessa “prova” não era incriminatória por si só. Qualquer acusação contra a mulher teria de ser **totalmente investigada** antes que um veredito final pudesse ser pronunciado.

Casos de maridos suspeitando de imoralidade ou infidelidade de suas esposas não eram comuns. Não há registro bíblico de que alguma mulher tenha sido apedrejada até a morte com base nessa lei, muito menos qualquer caso em que mulher que tenha sido injustamente executada devido ao rompimento do hímen antes da relação íntima com o marido.

A morte por apedrejamento como consequência por não ser virgem. A “prostituição na casa de seu pai” não era o único pecado que era considerado tão seriamente. Outros pecados, como seduzir alguém a adorar um ídolo (Deuteronômio 13:1-11), blasfêmia (Levítico 24:11-16), trabalhar no sábado (Números 15:32-36), rebelar-se contra os pais (Deuteronômio 21:18-21), assassinato premeditado (Êxodo 21:12-14), adultério ou homossexualidade ou bestialidade (Levítico 20:10-16), sequestro (Êxodo 21:16), e mentira em uma investigação (Deuteronômio 19:15-21), também eram crimes para os quais a pena era a morte. Eles também estavam todos relacionados a um dos dez mandamentos. Abordamos sobre [a questão do apedrejamento](#) em outro lugar, mas Deuteronômio 22:21 explica a razão dessa pena capital: **“Eliminem o mal do meio de vocês”**. O povo escolhido de Deus deveria viver de maneira diferente daqueles povos ao seu redor.

Muitas vezes somos rápidos em criticar a severidade dos castigos de Deus na Lei de Moisés. Porém, na verdade, nossas críticas não revelam a “crueldade de Deus” – elas revelam nossa **fácil aceitação do pecado** (1 Pedro 1:16).

1.18. A BÍBLIA É MACHISTA POR ORDENAR QUE A ESPOSA SEJA SUBMISSA AO MARIDO?

Mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, como ao Senhor, pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres estejam em tudo sujeitas a seus maridos. (*Efésios 5:22-24, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “A Bíblia dá aos homens o direito de possuírem suas esposas como se fossem objetos descartáveis. As mulheres devem se submeter, não importa o que seus maridos façam.”

A Bíblia é muito criticada por ordenar que as esposas devam ser submissas a seus maridos, e isso é até mesmo ligado ao “estupro marital” que foi legal até 1993 nos Estados Unidos e até o final dos anos 80 na Europa. Alega-se também que até mesmo em alguns “países cristãos” esse “estupro marital” nem sequer é reconhecido.

Críticos alegam que a lógica que os maridos têm em mente é algo como o seguinte: “o ‘estupro’ originalmente significa ‘roubar’, mas como os maridos são donos de suas esposas, é impossível ‘roubar’ qualquer coisa delas”. Críticos também alegam que as mulheres não eram “propriedade dos homens” em inúmeras civilizações antigas, mas elas eram iguais.

Primeiramente, **nenhuma conduta de “estupro marital” ou consideração da mulher como “propriedade do homem” é aprovada nas Escrituras.** Isso é uma questão de interpretação bíblica falha, o que abordamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade). Da mesma forma, a alegação de que antigas civilizações pagãs tratavam as mulheres de forma melhor do que a Bíblia apenas reflete falta de conhecimento bíblico e falha na aplicação dos mandamentos de Deus.

Entenda que submissão não indica inferioridade. O maior exemplo disso é o caso de Jesus Cristo. Até mesmo Jesus se submeteu a Deus Pai, entretanto ambos, Pai e Filho, participam igualmente da natureza divina. Um não é inferior ao outro, ambos são Deus. Do mesmo modo, marido e esposa têm igual valor como pessoas:

No Senhor, todavia, a mulher não é independente do homem nem o homem independente da mulher. Pois, assim como a mulher proveio do homem, também o homem nasce da mulher. Mas tudo provém de Deus. (*1 Coríntios 11:11-12, “Nova Versão Internacional”*).

Todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, pois os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram. Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus. E, se vocês são de Cristo, são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa. (*Gálatas 3:28, “Nova Versão Internacional”*).

A questão é que a Bíblia ordena diferentes papéis para homem e mulher. O papel de liderança foi dado ao homem. Assim como Jesus é submisso ao Pai, mas não inferior ao Pai, a esposa é submissa ao marido, mas não inferior ao marido. Deus ordena que o marido guie a família. Deus criou Adão antes de formar Eva, e assim ordenou uma diferença de autoridade que continua desde o princípio (*1 Timóteo 2:12-13*). A responsabilidade de liderança masculina inclui a relação de marido e esposa no lar. Mesmo se o marido for descrente, a mulher deve obedecê-lo (*1 Pedro 3:1-2*), a não ser que isso viole a vontade de Deus (*Atos 5:29*).

A submissão, na verdade, é uma constante na vida do discípulo de Cristo. Devemos ser submissos a Deus. Devemos ser submissos ao governo e às autoridades. Devemos ser submissos aos patrões. Devemos ser submissos aos pais. **Não há nada de “machismo” ou “inferioridade” em ser submisso.** Na hierarquia militar há postos de maior e menor patente, e postos de menor patente são submissos aos de maior patente, independentemente de gênero. Não é muito diferente em organizações e empresas. E nem por isso a pessoa de menor patente é inferior em relação à pessoa de maior patente. É uma questão de funções e papéis.

Quando Paulo escreveu sobre as responsabilidades dos cônjuges e observou que as esposas devem ser submissas a seus maridos, ele ordenou ainda mais: que os esposos deveriam amar suas esposas assim como Cristo ama a igreja (*Efésios 5:25-29*). Esse amor (na língua grega *ágape*) não é amor de puro sentimento, ou mesmo a expressão de palavras vazias. Antes, é o resultado de uma escolha moral que se expressa em ação. Amar a esposa

como Cristo ama a igreja significa que o papel de marido para com sua esposa chega a ponto de fazer sacrifício pessoal, até mesmo da própria vida – assim como Cristo se entregou na cruz para salvar sua igreja.

Elcana, pai do profeta Samuel do Antigo Testamento, evidentemente amava profundamente sua esposa Ana (1 Samuel 1:1-8). Ele expressou seu amor por ela através de sua generosidade. Além do mais, esse tipo de amor busca o bem estar de outros independente do tratamento com que eles retribuem.

O apóstolo Paulo descreveu o caráter desse amor em 1 Coríntios 13:4-7. As responsabilidades de amor e submissão incluem outras situações específicas. Por exemplo, para amar sua esposa, o marido tem que se comunicar com ela. Para procurar o melhor bem estar da esposa, ele precisa entender as necessidades e desejos dela. Mais uma vez, observando o exemplo de Elcana e Ana, quando ela estava triste por causa de sua esterilidade e da provocação de sua rival, Elcana procurou descobrir a causa de sua angústia (1 Samuel 1:4-5,8). Se o marido comunicar a razão para suas decisões, torna-se muito mais fácil para a esposa se submeter. Sem comunicação adequada entre cônjuges, é extremamente difícil, talvez impossível, ter um bom casamento. Comunicação franca entre marido e esposa permite a cada um entender melhor o outro, evitando muitos desentendimentos. A participação nas opiniões, sonhos e temores por meio da comunicação permite uma intimidade que ajuda a unir o casal. Não é diferente no caso de nossa submissão a Deus.

É de grande importância, porém, reconhecer uma diferença fundamental entre a soberania divina e a autoridade humana. Deus nunca erra e nunca ordena algo errado. Devemos obedecer a tudo que ele ordena, sem discussão ou exceção. Mas os líderes humanos, sejam presidentes, maridos, patrões, pastores ou pais, são homens imperfeitos capazes de errar. Devemos respeitar as pessoas que exercem autoridade sobre nós, mas com entendimento dos **limites da autoridade humana**. As esposas devem obedecer a vontade de seus esposos em tudo, **exceto quando essa vontade contradiz a Palavra de Deus**. Note o princípio de Atos 5:27-29:

Tendo levado os apóstolos, apresentaram-nos ao Sinédrio para serem interrogados pelo sumo sacerdote, que lhes disse: “Demos ordens expressas a vocês para que não ensinassem neste nome. Todavia, vocês encheram Jerusalém com sua doutrina e nos querem tornar culpados do sangue desse homem”. Pedro e os outros apóstolos responderam: **“É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens!”** (Atos 5:27-29, “Nova Versão Internacional”).

Normalmente, obediência às autoridades humanas é, ao mesmo tempo, obediência a Deus. Mas quando essas autoridades exigem algo que seria pecado contra Deus (como aconteceu com os apóstolos em Atos 5:27-29), Deus fala mais alto. Nesses casos, e exclusivamente nesses casos, devemos obedecer a Deus e desobedecer às ordens humanas.

Assim, se um desses líderes pedirem que seus subordinados pequem contra Deus, os subordinados são obrigados a desobedecer a esses líderes e obedecer ao Senhor. Se o marido pedir para a esposa matar seu vizinho, ela deve desobedecer! Se o patrão pedir para o empregado mentir, isso deve ser recusado. Se pais tentarem impedir a obediência dos filhos a Cristo, os filhos ainda devem ser fiéis ao Senhor. Se seu pastor tentar conduzir você, ou a igreja toda, para um caminho diferente daquele revelado nas Escrituras, fuja desse líder cego enquanto há tempo (Mateus 15:14).

Encontramos vários exemplos desse tipo de desobediência na Bíblia. José foi um servo obediente na casa de Potifar, mas recusou quando a mulher desse homem pediu que José tivesse relação íntima com ela (Gênesis 39:7-9). Sadraque, Mesaque, Abede-Nego e Daniel foram servos fiéis aos reis pagãos que dominaram os israelitas, mas recusaram abandonar sua fé para participar das práticas religiosas daqueles líderes (Daniel 3:18; 6:6-10).

Por causa do seu respeito para com Deus, os servos do Senhor deveriam ser os melhores cônjuges, cidadãos, empregados e filhos. Eles não devem se levantar em rebeldia contra o governo. Não devem se rebelar contra os pais. Devem procurar fazer bem todo o serviço solicitado por seus superiores em uma empresa. Devem obedecer aos homens porque já têm um compromisso de respeitar o próprio Senhor.

Sempre devemos nos lembrar da soberania do Senhor. A autoridade que homens exercem sobre nós foi determinada por Deus, e continua sempre sujeita à autoridade superior dele.

1.19. A BÍBLIA É MACHISTA POR NÃO PERMITIR QUE A MULHER ENSINE O HOMEM?

Não permito que a mulher ensine nem que tenha autoridade sobre o homem. Esteja, porém, em silêncio. (1 Timóteo 2:12, “Nova Versão Internacional”).

Objecção em consideração: “A Bíblia não trata as mulheres como iguais aos homens porque não as permite ensiná-los e nem ter posições de autoridade sobre eles.”

Críticos da Bíblia afirmam que ela definiu o papel de algumas gerações no passado e isso tem consequências até hoje: as mulheres ainda falam muito menos do que os homens durante reuniões, elas são mais propensas a serem interrompidas, e suas ideias são levadas menos a sério. Alega-se que as mulheres em posições de poder ainda estão sub-representadas em boa parte por causa da Bíblia, a qual contribuiu para que as mulheres permanecessem quietas e submissas por séculos.

Alguns desses críticos chegam até mesmo a afirmar que as mulheres foram consideradas iguais aos homens em muitas civilizações antigas, incluindo os egípcios. Em outras palavras, querem dizer: “os antigos pagãos tratavam melhor as mulheres do que a Bíblia”. Para esses críticos, a Bíblia ensina que “boas garotas sorriem e ficam quietas, mas garotas barulhentas não são legais e Deus não as ama”.

De forma muito similar à [objecção anterior](#), a questão aqui não é que a Bíblia suporta alguma inferioridade da mulher em relação ao homem, mas uma questão de **respeitar a autoridade estabelecida por Deus**. Deus concedeu o papel de liderança e ensino, com suas responsabilidades, ao homem. De forma alguma isso significa alguma inferioridade da mulher – apenas indica que não é o papel dela ensinar ou exercer autoridade sobre o homem adulto. No entanto, elas podem – e devem – ensinar outras mulheres e crianças (Tito 2:3-5; 2 Timóteo 1:5), e podem auxiliar os homens em suas atribuições de liderança e ensino (Atos 18:26).

É bem claro que a Bíblia trata homens e mulheres como iguais, além de tratar as mulheres com honra e coerdeiras da vida eterna:

No Senhor, todavia, a mulher não é independente do homem nem o homem independente da mulher. Pois, assim como a mulher proveio do homem, também o homem nasce da mulher. Mas tudo provém de Deus. (1 Coríntios 11:11-12, “Nova Versão Internacional”).

Todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, pois os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram. Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus. E, se vocês são de Cristo, são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa. (Gálatas 3:28, “Nova Versão Internacional”).

Do mesmo modo vocês, maridos, sejam sábios no convívio com suas mulheres e tratem-nas com honra, como parte mais frágil e co-herdeiras do dom da graça da vida, de forma que não sejam interrompidas as suas orações. (1 Pedro 3:7, “Nova Versão Internacional”).

As razões que Paulo ofereceu para a mulher não exercer autoridade sobre o homem e nem ensinar o homem não estão limitadas a uma cultura. Ele baseou seu ensinamento na ordem da criação (1 Timóteo 2:13-14). O fato de que Deus criou primeiro o homem mostra sua intenção para que ele seja o guia.

Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. (1 Timóteo 2:13-14, “Nova Almeida Atualizada”).

Note as consequências de quando a mulher tomou a direção e o homem a seguiu. Eva foi enganada porque creu na mentira. Adão não foi enganado, ele [comeu o fruto mesmo sabendo que estava errado](#) para agradar a esposa! Assim ocorreu o primeiro pecado. Basicamente, as mulheres têm um “poder especial” para induzir um homem a fazer algo e, por isso, não devem liderá-lo ou ensiná-lo.

Claro que as mulheres têm tanta habilidade quanto os homens para ensinar. Alguns dizem que, por isso, seria errado se elas se mantivessem caladas. Porém, **a questão não é habilidade, mas autoridade**. Paulo não disse

que a mulher não é capaz. Disse que não é permitida. Sem a permissão de Deus para ensinar homens adultos, ela não deve ensiná-los.

É verdade que Deus deu à mulher talentos que devem ser usados em seu serviço, porém **tais talentos devem ser usados de uma maneira aprovada por Deus. Nunca é certo violar as Escrituras.** Tanto os homens quanto as mulheres são úteis no serviço ao Senhor, mas cumprindo funções diferentes.

Como já explicamos, estar sob uma autoridade superior não significa inferioridade, uma vez que Jesus, ainda que participante da natureza divina, está abaixo da autoridade de Deus Pai. Tanto Deus Pai quanto Jesus são Deus – são iguais – e, no entanto, Jesus se coloca à sujeição do Pai. Isso não o torna inferior de qualquer forma. Outro exemplo seria um aluno cursando faculdade e que sabe mais do que o professor. Ainda que esse aluno saiba mais do que o professor que está ensinando a matéria, o aluno está na posição de aluno e o professor está na posição de ensinar. Com a permissão do professor, o aluno poderia até mesmo utilizar seu conhecimento para de alguma forma ajudar o professor para que outros alunos aprendam bem a matéria, mas mesmo assim esse aluno sábio teria que respeitar a posição em que ele está e a posição em que o professor está.

Estar sob uma autoridade superior é uma constante na vida do discípulo de Cristo e, na verdade, de qualquer pessoa. Estamos sob a autoridade de Deus. Estamos sob a autoridade de governantes e magistrados. Estamos sob a autoridade de nossos patrões. Isso não significa que somos inferiores aos outros seres humanos que estão em postos hierárquicos mais elevados do que nós. **A questão é respeitar a ordem que Deus estabeleceu.**

Mais uma vez, se os seres humanos distorceram princípios bíblicos para de alguma forma subverterem as mulheres, isso não é culpa de Deus ou da Bíblia, mas do próprio ser humano, o qual persiste em mal interpretar e mal aplicar os mandamentos bíblicos, conforme estudamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

1.20. A BÍBLIA É UM OBSTÁCULO AOS DIREITOS DAS MULHERES? [19]

Objeção em consideração: “A Bíblia é uma das razões pelas quais as mulheres têm sido maltratadas na história e é um obstáculo aos direitos das mulheres.”

Algumas pessoas afirmam que a Bíblia é uma das razões pelas quais as mulheres têm sido tratadas injustamente. Outras apontam para a Bíblia como plantando as sementes da libertação para as mulheres. Vamos considerar os “direitos das mulheres” à luz da Bíblia.

Antes de examinar o que a Bíblia tem a dizer sobre questões sociais, devemos sempre entender o contexto de uma determinada passagem e o público a quem ela foi dirigida. A Bíblia é uma coleção de livros, cada um inspirado por Deus, mas escrito por diferentes autores, em diferentes épocas, para diferentes propósitos (2 Pedro 1:21; 2 Timóteo 3:16). Por exemplo, a ordem de Deus aos israelitas para [destruir totalmente os cananeus](#) (Deuteronômio 10:17) não foi escrita para os cristãos. Não podemos agir de acordo com esse comando pela simples razão de que ele não foi concebido para nós. Em vez disso, aprendemos com ele e procuramos entender os propósitos de Deus nele. Da mesma forma, alguns elementos do Antigo Testamento que soam aos nossos ouvidos ocidentais como se Deus desrespeitasse as mulheres precisam ser considerados à luz da cultura do antigo Oriente Próximo.

O que sabemos das Escrituras é que Deus criou a mulher como um complemento e um presente para o homem (Gênesis 2:18,22). Ela deve ser valorizada, protegida e servida desinteressadamente da maneira como Cristo ama e serve a sua igreja (Efésios 5:25-30; 1 Pedro 3:7). Porém, o ser humano perverte o que Deus criou. Com o tempo, o ideal de Deus para a mulher foi destruído e ela se tornou pouco mais que um objeto, uma cuidadora de crianças e até mesmo escrava do homem. Esse não era o plano de Deus, assim como guerra, doença e sofrimento não eram seu plano. Mas Deus permite que a humanidade tenha livre arbítrio para escolher entre honrar seus mandamentos ou desafiá-los. No entanto, as consequências vêm com a escolha. Uma consequência que resultou do mau uso que o homem fez da mulher que Deus deu a ele é que metade de sua imagem (Gênesis 1:27) foi abusada, subjugada, desrespeitada e violada ao longo da história.

Quando Deus deu a Lei de Moisés aos israelitas (Êxodo 24:12), ele **trabalhou dentro da estrutura social que eles já conheciam**. Civilizações antigas eram muitas vezes violentas, idólatras, supersticiosas e más (Gênesis 6:5-6). Deus chamou um povo e começou a ensiná-lo sobre si mesmo, ajudando-o a se separar das nações pagãs ao seu redor e mostrando a ele uma maneira melhor de viver (Jeremias 32:38-39). Um aspecto de sua lei elevou o *status* de mulheres e crianças a novos patamares. **Deus trabalhou dentro da estrutura social vigente** para garantir direitos às mulheres, isto é, na Lei de Moisés as mulheres eram protegidas, recebiam tratamento justo e eram providas de recursos de modo que nenhuma mulher pudesse ser usada e depois descartada, como era a prática em outras nações do antigo Oriente Próximo. Deus implementou leis específicas para proteger viúvas, órfãos e mulheres solteiras que não tinham provisão que vinha do sexo masculino (Êxodo 22:22; Deuteronômio 27:19; Josué 17:3-4).

O problema com a expressão “direitos das mulheres” é que ela implica que certos grupos podem exigir “direitos” que Deus não concedeu. Outros grupos geralmente se aproveitam dessa expressão benigna. Por exemplo, a demanda por “direitos das mulheres” é geralmente equiparada à “agenda pró-escolha”, cujos ativistas sustentam que parte do “direito” de uma mulher é a soberania sobre seu próprio corpo, mesmo que esse corpo esteja abrigoando um ser humano separado. Mas não podemos criar nossos próprios “direitos”. Temos direito à vida porque Deus a concedeu a nós. Temos o direito de evitar o perigo e o abuso sempre que possível porque nosso corpo é o templo de Deus (1 Coríntios 6:19-20). Temos o direito de escolher obedecer ou não a Deus — e o direito de receber as consequências dessa escolha. Mas não temos o “direito” de infringir quaisquer direitos pertencentes a outra pessoa.

Apresentamos a seguir uma lista de direitos que Deus deu às mulheres:

1. Uma mulher tem o direito de ser tratada como mulher da maneira que Deus a criou. Em outras palavras, ninguém tem o “direito” de forçar uma mulher a se comportar como homem e desafiar seu gênero dado por Deus. Deus colocou beleza e graça na alma feminina – coisas diferentes das características que deu aos homens (Deuteronômio 22:5). Uma mulher que não consegue aceitar a forma como Deus a concebeu precisa ser amada e aconselhada sobre o que realmente significa ser mulher. Lesbianismo e cirurgias de mudança de sexo não são “soluções” que Deus endossa.
2. Uma mulher tem o direito de nutrir e proteger seu próprio bebê crescendo dentro de seu corpo. Ninguém tem o direito de forçar uma mulher a abortar seu filho e, da mesma forma, nenhuma mulher tem o direito de forçar a morte de seu bebê (Salmo 139:13).
3. A mulher tem o direito de prosperar e crescer dentro dos limites que Deus criou para ela, assim como o homem. O homem não tem o direito de inibir esse crescimento e liberdade, como foi feito no passado e ainda é praticado em muitas partes do mundo (Colossenses 3:19).
4. Uma mulher tem direito a um tratamento justo porque ela é coerdeira do dom da graça da vida (1 Pedro 3:7). Isso inclui igualdade de oportunidades para possuir propriedade (Provérbios 31:16), receber educação, tomar decisões pessoais por si mesma, receber pagamento igual por trabalho igual (Deuteronômio 24:17) e casar ou não como ela escolher (Números 36:6).
5. Uma mulher tem o direito de servir ao Senhor de acordo com seus dons e dentro dos limites que Deus estabeleceu (Tito 2:3-5; 1 Timóteo 3:11).
6. A mulher tem o direito de competir em igualdade de condições com o homem em oportunidades não relacionadas ao gênero. No entanto, esperar que empresas e instituições alterem seus padrões para que as mulheres tenham uma “chance melhor” não é igualdade de forma alguma. Por exemplo, não se pode esperar que não existam restrições baseadas em gênero para todas as atividades: não se deveria disponibilizar uma vaga para trabalho de construção pesada para uma mulher de menos de 1,50 m de altura e menos de 50 kg de massa corporal. O gênero nunca deve ser levado em consideração para admissão em faculdades, cursos de medicina ou o mundo dos negócios, uma vez que as qualidades femininas de uma mulher não afetam de forma alguma o desempenho dela nessas funções.

7. Uma mulher tem direito a tudo que o homem reivindica como seu direito, contanto que honre as distinções dadas por Deus entre os sexos (Gálatas 3:28). Nem gênero nem raça devem ser usados como desculpa para oprimir ou excluir uma pessoa de qualquer coisa que Deus permite.

Quando a expressão “direitos das mulheres” concorda com os direitos instituídos por Deus e com a forma como ele criou a mulher, então a Bíblia apoia plenamente esses direitos. Quando essa expressão é sequestrada para incluir o mal que Deus nunca endossou, então esses chamados “direitos” não são direitos de forma alguma.

1.21. MAS A BÍBLIA CONTÉM PASSAGENS SEXISTAS! [20]

Objeção em consideração: “Não se pode negar que a Bíblia contém passagens sexistas!”

O sexismo ocorre quando um gênero, geralmente o masculino, tem domínio sobre o outro gênero, geralmente o feminino. A Bíblia contém passagens que, para a mentalidade moderna, soam discriminatórias em relação às mulheres. Mas temos que lembrar que quando a Bíblia descreve uma ação, isso não significa necessariamente que a Bíblia endossa essa ação. A Bíblia descreve casos de homens tratando mulheres como pouco mais do que propriedade, mas isso não significa que Deus aprova essa ação – é apenas o relato de uma ocorrência. A Bíblia está muito mais focada em reformar nossas almas do que nossas sociedades. Deus sabe que um coração mudado resultará em um comportamento mudado.

Durante os tempos do Antigo Testamento, praticamente todas as culturas do mundo inteiro tinham uma estrutura patriarcal. Esse *status* da história é muito claro – não apenas nas Escrituras, mas também nas regras que governavam a maioria das sociedades. Para o sistema de valores modernos e o ponto de vista mundano, isso é chamado de “sexista”.

Foi Deus que ordenou a ordem na sociedade, e não o ser humano. Deus é o autor do estabelecimento dos princípios de autoridade. No entanto, como tudo mais, o ser humano corrompeu essa ordem. Isso resultou na desigualdade da posição de homens e mulheres ao longo da história. A exclusão e a discriminação que encontramos em nosso mundo não são novidade. É o resultado do pecado na vida do ser humano. Portanto, **podemos dizer com razão que o termo e a prática do sexismo é fruto do pecado.** A revelação progressiva da Bíblia nos leva à cura do sexismo e de todas as práticas pecaminosas da raça humana.

Para encontrar e manter um equilíbrio espiritual entre as posições de autoridade ordenadas por Deus, devemos olhar para as Escrituras. O Novo Testamento é o cumprimento do Antigo Testamento, e nele encontramos princípios que nos dizem a linha correta de autoridade e a cura para o pecado, o mal de toda a humanidade, e isso inclui a discriminação baseada em gênero.

A cruz de Cristo é o grande equalizador. João 3:16 afirma: “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.” A expressão “todo o que nele crer” é uma declaração abrangente que não deixa ninguém de fora com base em posição na sociedade, capacidade mental ou gênero. Também encontramos em Gálatas 3:26-28 algo que fala de nossa oportunidade igual de salvação: “Todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, pois os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram. Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus. E, se vocês são de Cristo, são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa.” Não há sexismo na cruz.

A Bíblia não é sexista quando retrata com exatidão os resultados do pecado tanto em homens quanto em mulheres. A Bíblia registra os tipos de pecado e as falhas de seus maiores heróis. No entanto, também nos dá a resposta e a cura para aqueles pecados contra Deus e contra sua ordem estabelecida: um relacionamento correto com Deus. O Antigo Testamento ansiava pelo sacrifício supremo, e cada vez que um sacrifício pelo pecado era feito, ensinava a necessidade de reconciliação com Deus. No Novo Testamento, “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (veja João 1:29) nasceu, morreu, foi sepultado e ressuscitou, e então ascendeu ao seu lugar no céu, e lá ele intercede por nós. É por meio da fé obediente e operante nele que se encontra a cura para o pecado, e isso inclui o pecado do sexismo.

A acusação de sexismo na Bíblia é baseada na falta de conhecimento das Escrituras. Quando homens e mulheres de todas as idades assumem seus lugares ordenados por Deus e vivem de acordo com o “assim diz o Senhor”, então há um equilíbrio maravilhoso entre os gêneros. Esse equilíbrio é o que Deus começou, e é com o que ele terminará. Há uma quantidade excessiva de atenção dada aos vários produtos do pecado, mas não à raiz dele. É somente quando há reconciliação pessoal com Deus por meio do Senhor Jesus Cristo que encontramos a verdadeira igualdade. “E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará” (João 8:32).

Também é muito importante entender que **o fato de a Bíblia atribuir papéis diferentes a homens e mulheres não constitui sexismo**. A Bíblia deixa bem claro que Deus espera que os homens assumam o papel de liderança. Isso torna as mulheres inferiores? Absolutamente não. Isso significa que as mulheres são menos inteligentes, menos capazes ou vistas como inferiores aos olhos de Deus? Absolutamente não! O que isso significa é que, em um mundo estragado pelo pecado, deve haver estrutura e autoridade. Deus instituiu os papéis de autoridade para o nosso bem. O sexismo é o abuso desses papéis, não a existência deles.

1.22. MAS HÁ MISOGINIA NA BÍBLIA! [21]

Objeção em consideração: “A Bíblia contém passagens onde há misoginia!”

Um misógino é uma pessoa que odeia ou despreza as mulheres. O termo “misoginia” geralmente se refere a atitudes e comportamentos que degradam, insultam ou abusam de mulheres com base em seu gênero. Exemplos de misoginia seriam tratar as mulheres como moralmente ou intelectualmente inferiores aos homens, permitir o abuso feminino, ou referir-se a mulheres usando linguagem odiosa ou abusiva. Os críticos do cristianismo às vezes afirmam que há misoginia na Bíblia, mas tais afirmações são contrariadas pelas Escrituras.

Infelizmente, aqueles que procuram expor a misoginia na Bíblia costumam usar a mesma abordagem equivocada daqueles que procuram justificar a misoginia com a Bíblia. Ou seja, arrancam versos isolados de seu contexto, impõem convenções culturais modernas às culturas antigas e negligenciam a mensagem geral que está sendo apresentada.

Uma simples consideração do contexto elimina a maioria das alegações de misoginia na Bíblia. Um exemplo perfeito disso é Efésios 5:22-24, o texto que diz que [as esposas devem ser submissas a seus maridos](#) “como ao Senhor”. Críticos e misóginos preferem citar essas palavras – fora do contexto – para apoiar a afirmação de que a Bíblia ensina que as mulheres devem ser subjugadas pelos homens. No entanto, as próximas palavras ordenam aos maridos que amem suas esposas “assim como Cristo amou a igreja” (Efésios 5:25) e as amem “como a seus próprios corpos”, de forma que os homens deem a elas provisão e cuidado assim como Cristo faz com sua igreja (Efésios 5:28-30). Considerando que Cristo agiu como servo de seus discípulos (João 13:5) e nos ordenou a fazer o mesmo (João 13:13-16) – chegando a ponto de sacrificar sua vida por causa deles (João 15:12-14) – é impossível para justificar uma interpretação misógina de Efésios 5.

A misoginia é diametralmente oposta ao ensino da Bíblia. De acordo com as Escrituras, todas as pessoas são absolutamente iguais aos olhos de Deus, independentemente de gênero, raça e habilidade (Gálatas 3:28). Além disso, as mulheres eram tratadas como pessoas valorizadas e respeitadas tanto por Cristo quanto pela igreja primitiva. Jesus resgatou uma mulher culpada de seus acusadores (João 8:9-11), foi chamado de “mestre” por Maria e Marta (João 11:28) e ensinou abertamente a mulher samaritana sem levar em conta as pressões sociais daquele contexto (João 4:9-10). A igreja primitiva não apenas atraiu mulheres seguidoras (Atos 8:12; 17:12), mas muitas delas auxiliaram com a proclamação do evangelho (Filipenses 4:3).

De muitas maneiras, a Bíblia se opôs ao tratamento verdadeiramente misógino das mulheres nos tempos antigos, e os efeitos dessa visão de mundo radical se refletem na história. Aqueles que criticam a Bíblia por sua atitude em relação às mulheres devem considerar o *status* das mulheres nas culturas dos amorreus, cananeus, heteus, ferezeus, heveus e jebuseus do Antigo Testamento. Da mesma forma, deve-se considerar a horrível misoginia de indústrias como a pornografia e o comércio sexual, ambas as quais existem em oposição direta aos mandamentos bíblicos.

Tal como acontece com muitas outras questões sociais, o cristianismo bíblico estabelece uma base que conduz inescapavelmente a ideias como valor, igualdade e liberdade para as mulheres. A ética enraizada em uma visão de mundo cristã resultou em níveis de igualdade feminina e oportunidades que as culturas não cristãs nunca ofereceram ou consideraram somente sob pressão de culturas com noções cristãs.

Também é importante observar a diferença entre a misoginia descrita e a misoginia endossada. Os livros de história podem detalhar os horrores do Holocausto e da peste negra, mas não vemos isso como uma aprovação da editora a Hitler ou a uma doença epidêmica. Certamente existem descrições de misoginia na Bíblia, mas esses atos são condenados. Um exemplo é o estupro e assassinato da concubina em Juízes 19:25-29, um ato tão terrível que desencadeou uma guerra civil. Críticos da Bíblia apontam para tais incidentes sem mencionar que o ato em questão é apenas descrito, e não encorajado.

Da mesma forma, questões sobre misoginia na Bíblia precisam ser separadas do mal uso que pessoas fazem das Escrituras a fim de justificar seus preconceitos. Os homens também tentaram, às vezes, reforçar a misoginia usando a ciência, a história e até mesmo as leis nacionais, mesmo quando tais interpretações são ridículas. Nem os israelitas, nem Jesus, nem a igreja cristã primitiva exibiam misoginia, e a estrutura ética da Bíblia não deixa espaço para isso. Dessa forma, a Bíblia não pode ser acusada de misoginia, nem pode ser usada para justificá-la. Para alegar misoginia na Bíblia, no mínimo, é necessário divorciar as passagens do contexto, do restante do texto, e do próprio cristianismo.

1.23. MAS OS CRISTÃOS SE OPÕEM À TEOLOGIA FEMINISTA! [22]

Objeção em consideração: “Os cristãos são machistas porque se opõem à teologia feminista!”

Cristãos devem se opor a qualquer coisa que não é bíblica.

O próprio termo “feminismo” está sujeito a muitas interpretações diferentes, com diferentes graus de apoio bíblico ou rejeição bíblica. A “teologia feminista”, no entanto, apresenta uma série de problemas importantes. Observe que há temas dentro do feminismo que a Bíblia endossa fortemente. O ponto aqui não é que todas as ideias feministas ou pró-feministas são inerentemente antibíblicas – algumas são extremamente bíblicas. **A questão é que reinterpretar a Bíblia em prol do “empoderamento feminino” ou de uma agenda política feminista é um exercício falho e insustentável.**

“Teologia” deveria significar o “estudo sobre Deus” – estudo bíblico fiel. Em primeiro lugar, adicionar qualquer “descriptor filosófico” à “teologia” é automaticamente suspeito. Implica que a “teologia” está sendo interpretada com a intenção deliberada de apoiar uma ideologia, ou seja, a ideologia vem primeiro. Isso está invertido, pois devemos ajustar nossa filosofia para corresponder às palavras de Deus, e não o contrário. Quando alguém prega a “teologia X”, isso é distorcer a “interpretação teológica” para apoiar “X”. Esse é o caso da chamada “teologia feminista”, **um termo usado para descrever várias tentativas diferentes de alterar a Bíblia em direção a uma conclusão preferida.**

A “teologia feminista” vem em diferentes níveis e em diferentes áreas. Quatro tópicos são mais frequentemente desafiados em prol do “empoderamento feminino”: (1) o uso da linguagem masculina para Deus; (2) a submissão feminina no casamento; (3) a ordenação de mulheres; e (4) os direitos reprodutivos. Os defensores da “teologia feminista” podem apontar para apoio legítimo para pelo menos parte de suas ideias, mas o problema ocorre quando o que a Bíblia diz é ampliado, tirado do contexto ou mesmo ignorado por causa da “interpretação feminista”.

A “teologia feminista” frequentemente critica o uso de pronomes masculinos para Deus. De acordo com essa posição, referir-se a Deus como “ele” ou “Pai” degrada o *status* das mulheres. Como alguns defensores dessa ideia diriam: “Se Deus é um homem, então os homens são deuses”. A alternativa, dizem eles, é referir-se a Deus apenas usando termos neutros em termos de gênero, ou equilibrar os termos ofensivos com equivalentes femininos.

Nesse assunto, porém, a “teologia feminista” se opõe a algo que a própria Bíblia não diz. A Bíblia não apresenta Deus como literalmente e biologicamente masculino. Tampouco indica que as mulheres são moralmente ou espiritualmente inferiores. A escolha de Deus de se referir a si mesmo usando palavras masculinas não implica de forma alguma que os homens sejam superiores às mulheres. Além disso, a Bíblia não “equilibra” a terminologia masculina e feminina com respeito a Deus. Deus às vezes é descrito usando ilustrações femininas (Salmo 57:1; Isaías 42:14; 66:13), mas ele nunca é referido usando palavras de gênero feminino. Quando Deus se refere a si mesmo, ele sempre o faz usando termos masculinos. A melhor interpretação é que há algo particular no papel de “Pai” que melhor descreve o relacionamento pretendido por Deus conosco, mais do que o papel de “Mãe”. Mudar as palavras de Deus apenas para satisfazer uma preferência de gênero neutro é uma forma perigosa de edição bíblica.

A [submissão das esposas aos maridos](#) também é alvo da teologia feminista. Uma vez que a Bíblia adverte os cristãos a se submeterem uns aos outros (Efésios 5:21) e indica que homens e mulheres são espiritualmente iguais (Gálatas 3:28), a “teologia feminista” afirma que as mulheres não devem realmente se submeter a seus maridos. Alguns chegam a afirmar que a submissão conjugal torna as mulheres inferiores aos homens.

Mais uma vez, esse aspecto da “teologia feminista” não apenas desafia o que a própria Bíblia diz, mas também cria contradições teológicas. Se o mandamento de “se submeter um ao outro” for levado ao absoluto, como sugere a “teologia feminista”, então os filhos devem esperar submissão da parte de seus pais. Da mesma forma, se uma pessoa não pode ser subordinada a outra sem ser inferior, isso significaria que Jesus Cristo não é realmente Deus, nem igual a Deus, pois ele se submeteu à vontade do Pai (Lucas 22:42). Há um mandamento bíblico para as esposas se submeterem aos maridos. Claro, a Bíblia também diz que os maridos devem amar suas esposas como Cristo amou a igreja (Efésios 5:25-26), o que significa amá-las humildemente (Filipenses 2:8), sacrificialmente (Gálatas 2:20). e com coração de servo (João 13:4-5,14-15). A Bíblia não dá aos homens licença para ser tiranos sobre suas esposas, mas prescreve papéis únicos e importantes para homens e mulheres.

A ordenação de mulheres como pastoras ou diaconisas é outra área em que a “teologia feminista” entra em conflito com os sólidos ensinamentos bíblicos. Usando os mesmos argumentos gerais acima, a “teologia feminista” afirma que as mulheres devem assumir as mesmas posições de liderança espiritual que os homens, sem distinção de papéis. É claro que essa afirmação se baseia menos em interpretação da Bíblia do que em rejeição flagrante de seu ensino como desatualizado ou inválido. O papel das mulheres na igreja e no lar não é inferior ao papel dos homens em nenhum sentido, mas esse papel não inclui a liderança (1 Timóteo 2:12). A Bíblia indica que títulos como “pastor” e “diácono” não podem ser legitimamente assumidos por mulheres.

Talvez o ataque menos baseado na Bíblia da “teologia feminista” envolva o conceito de “direitos reprodutivos”, um termo comum, mas extremamente enganoso. A princípio, “direitos reprodutivos” significaria que uma mulher tem o direito de escolher se quer ou não ter filhos, e com quem. Dito dessa forma, é um conceito bíblicamente correto. No entanto, na prática, o termo “direitos reprodutivos” é quase sempre um eufemismo para o direito ao aborto sob demanda. Mais uma vez, para apoiar esse ramo da “teologia feminista”, muito do que a Bíblia diz deve ser totalmente abandonado. O assassinato de crianças não nascidas sob o pretexto de “direitos reprodutivos” é patentemente antibíblico.

Muitos aspectos da “teologia feminista” são reinterpretações ou interpretações equivocadas de ideias bíblicas. A Bíblia valoriza, protege e apoia as mulheres tanto quanto qualquer ser humano. Aspectos do feminismo podem encontrar apoio na Palavra de Deus, mas a “teologia feminista” que busca remodelar a Bíblia de acordo com uma agenda política ou uma preferência pessoal não tem apoio bíblico.

2. OBJEÇÕES SOBRE O CARÁTER DE DEUS

Examinemos a seguir algumas objeções sobre o caráter de Deus. Veja o quarto tópico especial deste estudo (o que os descrentes realmente pensam?), o quinto tópico especial deste estudo (o que é mais importante para os descrentes?) e o sexto tópico especial deste estudo (como melhorar o argumento para descrença?).

2.1. DEUS CRIOU O MAL?

Eu formo a luz e crio as trevas; promovo a paz e crio os conflitos; eu, o SENHOR, faço todas estas coisas. (Isaías 45:7, “Nova Versão Internacional”).

Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu, o SENHOR, faço todas estas coisas. (Isaías 45:7, “Almeida Revista e Atualizada”).

Objeção em consideração: “O próprio Deus afirmou que ele criou o mal!”

Algumas pessoas têm usado esse versículo para definir o caráter de Deus como um ser mau. Porém, conforme estudamos no sétimo tópico especial deste estudo (estudo sobre o livre arbítrio), Deus é perfeitamente bom e não contém nada de maldade: “A mensagem que dele ouvimos e que anunciamos a vocês é esta: Deus é luz, e não há nele treva nenhuma” (1 João 1:5). “Tu não és um Deus que tenha prazer na injustiça; contigo o mal não pode habitar. Os arrogantes não são aceitos na tua presença; odeias todos os que praticam o mal” (Salmo 5:4-5).

A resposta é que Deus não “criou o mal” em um sentido moral. A palavra “mal” em Isaías 45:7, traduzida como “conflitos” na Nova Versão Internacional, vem de uma palavra original que pode ter vários sentidos. Nesse contexto, e em outros onde Deus faz ou traz o mal, a palavra tem o significado de “calamidade” ou “punição”. Deus “criou o mal” no sentido de que um Deus justo e santo se afasta do pecador e o castiga por sua iniquidade. Ele traz as [consequências do pecado](#).

O mal existe no mundo porque a capacidade de escolha entre fazer o certo (a vontade de Deus) e fazer o errado (não fazer a vontade de Deus) foi dada ao ser humano. Se o ser humano não possuísse livre arbítrio, ele não poderia amar verdadeiramente, uma vez que o [amor verdadeiro é voluntário](#). O problema é que **o ser humano persiste em violar a vontade de Deus desde o início**. Veja o sétimo tópico especial deste estudo (estudo sobre o livre arbítrio).

Em poucas palavras, **o mal existe por causa do pecado**.

2.2. DEUS MISERICORDIOSO QUE MANDA MATAR POVOS E DESTRUIR CIDADES?

Estou na metade do Gênesis e bastante chocado com o comportamento vergonhoso de todos os personagens envolvidos, incluindo Deus. (J. R. Ackerley).

A doutrina fundamental do credo de um fanático é que seus inimigos são inimigos de Deus. (Andrew Dickson White).

Objeção em consideração: “Como pode um Deus ‘misericordioso’ ordenar a Israel que destruísse certos povos e cidades?”

Antes de tudo, por mais que alguém não goste de ouvir isso, há uma questão de **autoridade** envolvida no assunto. “Matar” é um termo genérico para tirar a vida. **Há diferenças em como se tira uma vida**. O termo genérico “matar” é tipicamente usado quando há justificativa em tirar uma vida (legítima defesa, guerra, pena capital, etc.). “Assassinar” ocorre quando uma vida é tirada por alguém que não tem justificativa. **Deus nunca pode “assassinar” ninguém pois ele é soberano sobre toda a vida**.

Algumas pessoas veem Deus no Antigo Testamento como severo e vingativo e no Novo Testamento como paciente e amoroso. Céticos concluem que essa aparente inconsistência é prova de que a Bíblia não é o que afirma, isto é, que não é divina e é de construção claramente falível.

A ideia de que dois deuses diferentes estão sendo retratados é um erro. Tal percepção provavelmente decorre de não ser observado o amor de Deus no Antigo Testamento e/ou não ser observado seu julgamento no Novo Testamento.

O Antigo Testamento revela que Deus ordenou a Israel que atacasse e destruísse certos povos e cidades. Em todos esses casos, o povo ou cidade alvo da destruição foi repreendido por Deus centenas de anos antes e instado a se arrepender. Como criador, Deus não estava sendo cruel e incomum ao puni-los por meio da guerra, mas foi gracioso e paciente ao dar a eles várias gerações para que buscassem seu perdão.

Além disso, a punição específica de Deus a esses povos e cidades por meio do uso dos exércitos da nação de Israel estava realizando outra coisa. Estava trabalhando para trazer Israel ao lugar, condição e circunstâncias em que o Messias (o meio de salvação da humanidade) chegaria.

Mesmo Israel não estava acima de ser punido pela destruição ou cativo por outras nações quando foi encontrado em rebelião impenitente e persistente contra o Senhor. Isso aconteceu inúmeras vezes.

Entenda que não é a intenção de Deus exercer paciência infinita com a humanidade ou tolerar rebelião sem limites contra sua autoridade. Essa é uma lição ensinada em pelo menos metade dos livros da Bíblia.

Em suas próprias palavras de sabedoria, os escritos de Thomas Jefferson, encontrados nas paredes de seu memorial em Washington D.C., advertem cuidadosamente a própria nação dos Estados Unidos sobre esse limite da paciência de Deus que está esquecido: “Podem as liberdades de uma nação serem garantidas quando removemos a convicção de que essas liberdades são um dom de Deus? Tremo por meu país quando penso que Deus é justo e que sua justiça não pode dormir para sempre.” Veja mais sobre os escritos de Thomas Jefferson no sexto estágio deste estudo (história) quando falamos sobre a Lei Pública 97-280.

Mas por que Deus condena à morte?

Concepção de certo ou errado. Quando questionamos o ato de condenar à morte, em primeiro lugar, tomamos uma base de crença do que é certo e errado – uma virtude primária – e com isso se encontram aquelas velhas questões que podemos encontrar desde Platão, passando por todos os pensadores. Ou seja, comparamos a algo que acreditamos ser o certo. Todavia, o que é esse algo?

Para evitar uma longa discussão, em última análise, as concepções para julgar que “condenar à morte” é algo errado somente têm algum sentido quando se usa de fonte a visão de mundo bíblica – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?). Não encontraremos um verdadeiro padrão de certo e errado fora de Deus – nem com o ateísmo, nem com o naturalismo, nem com religiões inventadas pelo ser humano ou por suas filosofias. **Deus é o próprio padrão de certo.** Como o apóstolo Paulo escreveu em Romanos 7:7, não conheceríamos o pecado se não fosse mediante lei divina. Não sendo a lei divina a fonte, não há outra fonte que verdadeiramente possamos usar de contrapeso na balança da justiça para avaliar se “condenar a morte” é algo justo ou não, se é certo ou não.

Ou seja, **partindo da premissa que queiramos acusar a Bíblia de ser falsa e acusar Deus de ser falso, mediante a acusação de que ele é injusto por condenar à morte, isso somente pode ser realizado se termos como base a própria Bíblia que queremos refutar! É uma contradição argumentativa.**

Todavia, ainda podemos questionar se Deus está sendo contraditório e volátil consigo mesmo. Ou seja, poderíamos comparar Deus com aquilo que ele mesmo afirma nas Escrituras. Essa é uma abordagem muito mais honesta.

A suposta contradição. Voltando à questão de se Deus é um Deus de amor, como afirmado que “Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito” (João 3:16), ou de um Deus que deu o mandamento de não matar em Êxodo 20:13, ou que deu ensinamentos como “ame ao próximo como a você mesmo” (Mateus 22:37-40) e “ame seus inimigos e ore por eles” (Mateus 5:43-44), como Deus pôde ordenar explicitamente na Bíblia a matança de mulheres e crianças, aniquilando toda uma cidade ou nação? Isso não é uma total contradição?

A quem são destinados os mandamentos? É um erro de lógica quando negligenciamos que a lei divina foi feita por Deus para os seres humanos, e não para si mesmo. Ou seja, tomando como exemplo os dez mandamentos, não faria sentido se os atribuímos para o próprio Deus guarda-los:

1. Não ter outros deuses: Deus não pode ser idólatra, ele não pode adorar falsos deuses, uma vez que ele mesmo é Deus.
2. Não fazer imagem de esculturas: não faz o menor sentido Deus adorar uma imagem de qualquer deus pela mesma razão descrita acima. Não faz sentido o criador adorar a criatura.
3. Não tomar o nome de Deus em vão (blasfemar): não faz nenhum sentido que Deus banalize a si mesmo ou falte com respeito a si mesmo. Muito pelo contrário, como Deus, ele deve fazer justiça à sua própria posição de Deus.
4. Guarda do sábado: sendo Deus atemporal, ou seja, não estando preso à dimensão do tempo, a guarda de um dia não faz sentido. Dias são marcos da criatura para com o criador, como disse Jesus em Marcos 2:27: “O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado. Assim, pois, o Filho do homem é Senhor até mesmo do sábado”.
5. Honrar pai e mãe. Deus é autoexistente e não possui um pai ou uma mãe. Apenas Jesus, durante sua encarnação terrestre, teve pai e mãe humanos, e sim, ele os honrou.
6. Não matar: eis a questão. Voltaremos a isso em breve.
7. Não adulterar: Deus irá trair a sua mulher? Ter relações com outra? Deus tem uma mulher? Obviamente não.
8. Não roubar: o que Deus roubaria, se tudo é seu? Tudo foi obra de sua criação, a ele pertencem todas as coisas, inclusive a vida.
9. Não mentir: se Deus mentisse, a própria definição de verdade seria perdida e simplesmente nada faria sentido.
10. Não cobiçar coisas dos outros: o que Deus cobiçaria se tudo é seu e ele tem onipresença, onipotência e onisciência? Ele é autossuficiente em si mesmo.

Sem entrarmos em uma discussão mais longa sobre o decálogo, está claro que pelo menos nove dos dez mandamentos não fazem sentido se os atribuirmos como regras para Deus seguir. Sendo assim, com que direito iríamos obrigar Deus a guardar o sexto mandamento (não matar)? Se Deus é o criador dos mandamentos, obviamente ele tem direito sobre eles. Ele é o legislador, o rei e o juiz (Isaías 33:22) e a lei divina foi destinada aos seres humanos.

Podemos comparar seres humanos e a lei divina. Criatura se compara a criatura. Todavia, Deus é Deus, ele é único, de uma categoria única. Ou o comparamos a si mesmo, ou não o comparamos a nada. Não há nada “do tamanho de Deus” para que possamos usar de contrapeso na “balança da justiça”. Simplesmente, por definição, não há como comparar Deus a nada mais além de ele mesmo.

Criaturas podem morrer, o ser humano pode morrer – logo, um mandamento relacionado à morte faz sentido. Deus não pode morrer. Deus é vida, ele é o gerador da vida. Quem pode matar a Deus? Uma lei relacionada a matar a si mesmo não faz o menor sentido. Nenhum de nós chega perto de estar no lugar de Deus. Como podemos ter entendimento ou conhecimento pleno sobre ele, sobre seus pensamentos, de forma a poder julgá-lo? Não sabemos o que ele pensa, não sabemos o que ele conhece, não sabemos o que ele faz, não sabemos sobre os dilemas pelos quais ele passa... Simplesmente não o conhecemos perfeitamente. Logo, querer julgá-lo é um erro. Ele, por outro lado, tem por contado cada fio de cabelo nosso, sabe quantos caíram e que cairão em cada dia da nossa vida, conhece nossos pensamentos, sentimentos, dúvidas, capacidades, conhecimento, entendimento, cada coisa pela qual passamos na vida, nossa família, cada dor, cada alegria, cada detalhe – ele nos conhece melhor do que conhecemos a nós mesmos. O que sabemos sobre ele que nos capacita a julgá-lo como pecador quando ele mandou matar suas criaturas?

O direito de Deus. Segundo a Bíblia, Deus nos concede o fôlego de vida (espírito), o qual junto ao nosso corpo nos torna uma alma vivente, um ser vivo (Gênesis 2:7). Além disso, a vida apenas está com ele. Ele é o dono da vida, ele é a fonte da vida. Nós não somos vivos por poder próprio. Não somos de nós mesmos. Não temos a capacidade de nos trazer à existência por nós mesmos para que sejamos de nós mesmos. Por isso, quando pecamos, destruimos algo que é de Deus e temos “dívida” com ele. Quem nos concede a vida, como um dom, é o próprio Deus. Nele está a vida. **Deus tem direito de dar e tomar a vida!**

Se não temos o poder de dar vida a quem merece viver, como podemos condenar Deus quando ele condena à morte alguém que merece morrer?

Deus ressuscitou os mortos, assim como deu a vida à sua nova criatura no Éden. Deus tem esse direito, o poder, a sabedoria e a justiça para ver perfeitamente os dois lados. Ninguém mais pode fazer isso. Além disso, se existe a morte, então existe a necessidade de uma morte justa. Assim, existe a necessidade de que um ser justo, doador da vida, possa privar alguém da vida, ao mesmo tempo que também possa restituí-la. O próprio senso de uma morte justa, em si, impõe a necessidade de um ser como Deus, que pode dar a vida e tirá-la com justiça. E, logicamente, nenhuma criatura tem o direito sobre seu criador. Do mesmo modo, apenas alguém com os atributos de Deus pode ser esse juiz, pois a ele pertence a vida.

Evitar que a influência maligna excessiva se espalhe. Uma razão pela qual Deus intervém destruindo povos corruptos é a mesma razão que um cirurgião tem para remover um tumor canceroso maligno do corpo de alguém. Deus eliminou povos e nações extremamente corrompidos para impedir que o “câncer espiritual” se espalhasse para outras comunidades adjacentes. Sociedades não funcionavam isoladamente. Populações eram mantidas pelo comércio com comunidades vizinhas. Se Deus não tivesse agido da maneira que agiu, a malignidade espiritual dos povos condenados inevitavelmente teria se espalhado e tornado o mundo ainda pior do que já é.

Os seres humanos merecem a morte. Segundo a Bíblia, o homem foi criado puro, perfeito, sem pecado, e Deus colocou uma prova no Éden, uma única árvore cujo fruto era proibido de ser comido. Se fosse desobedecida a vontade de Deus, o homem morreria. Como Deus é o doador da vida, quando transgredimos sua vontade, estamos nos afastando dele, pois o pecado é separação de Deus. O salário do pecado é a morte (Romanos 6:23). Todo aquele que escolhe se separar da vida, por definição, abraça a morte. E não podemos afirmar que houve um único ser humano que jamais tenha pecado e que não mereça a morte, exceto Jesus Cristo.

A verdade é que nenhum de nós merece estar vivo. Deus poderia ter tirado a vida de Adão e de Eva assim que pecaram (afinal de contas, eles se separaram dele, a própria vida), ou até mesmo poderia ter tirado a vida de Satanás. Mas o não fez. Portanto, lembre-se de uma coisa: **a partir do momento que você pecou, você já deveria ter sido morto! O simples fato de você estar vivo é a misericórdia de Deus sobre você!**

Deus não é impaciente, ou apressado, em dar a merecida condenação ao ser humano. Antes, ele dá tempo e oportunidades para as pessoas verem os seus erros, se conscientizarem desses erros, se arrependem, e seguirem o caminho dele... Ainda que estejam se dirigindo ao oposto da vida. Tudo isso por piedade e por amor.

Há vários casos na Bíblia em que Deus, por longo tempo, alertou as pessoas do juízo vindouro caso não se arrependessem, adiando sua “ira” (a consequência pelos erros do povo). Um dos melhores exemplos disso foram os alertas de vários dos profetas contra Jerusalém, a qual acabou sendo destruída pela Babilônia de Nabucodonosor em 586 a.C., culminando no exílio de 70 anos e, depois, o povo retornando à terra santa com um remanescente.

Os casos em que Deus aplicou a pena. Não é difícil contabilizar todos os casos em que Deus deu ordem para matar alguém, ou outros povos e nações. São relativamente **poucos** os casos relatados na Bíblia em que em que Deus ordenou isso. Os poucos que foram mortos pela ordem de Deus foram alertados, tolerados por um tempo considerável, e não faltou a eles chance de arrependimento e conversão enquanto Deus mostrava sua piedade e longanimidade.

Pensemos em alguns exemplos. No caso de Nínive, Deus enviou Jonas pregando juízo, o povo se arrependeu, e então Deus o perdoou e suspendeu a desgraça. No caso de Sodoma e Gomorra não há muitos

detalhes, mas os mensageiros celestes de Deus que foram anunciar a destruição foram recebidos por aquele povo com um desejo de estuprá-los! E, depois de um longo diálogo, Deus mostrou a Ló que, no meio daquele povo, apenas ele e sua família não estavam corrompidos a ponto de receberem a execução da sentença. O caso dos amorreus nos deixa isso ainda mais claro: “Na quarta geração, os seus descendentes voltarão para cá, porque a maldade dos amorreus ainda não atingiu a medida completa” (Gênesis 15:16).

É bastante evidente que a paciência de Deus tem um limite e que não é a intenção dele deixar pecados impunes. Há uma medida para cada um e, quando ela se enche (o que diante da paciência e longanimidade de Deus é algo difícil), vem o justo juízo. Isso é bem evidente no caso dos amorreus, um povo pagão que fazia atrocidades e maldades que fariam Adolf Hitler não parecer tão mau.

Como alguém pode acusar Deus de ser injusto, ou sanguinário, ou de ter sede de sangue e matança? Foram justamente essas coisas que fizeram chegar um ponto em que Deus não podia mais adiar o juízo para aqueles povos.

Sinceramente, qual pessoa em sã consciência chamaria isso de injustiça ou de crueldade da parte de Deus? Tais pessoas, no mínimo, teriam que ser complacentes com a causa de exemplos cruéis como Nero, a Inquisição, Hitler, Stalin, etc., e sustentar que Deus teria que tolerar as atrocidades deles.

O oferecimento do perdão de Deus. Quando Deus, por meio de Moisés, deu leis em que a punição seria a morte para o próprio povo de Israel, em momento algum a Bíblia afirma que as pessoas deveriam ser imperativamente executadas com morte imediata. Pelo contrário, o chamado ao arrependimento para perdão e piedade era sempre a ideia central das leis. Até mesmo havia ordenanças com respeito ao perdão, como ofertas feitas em prol de um arrependimento, e a cerimônia anual do perdão.

Para aplicação das leis em Israel, as pessoas, antes de serem condenadas, eram submetidas a um período considerável de julgamento, com testemunhas. Então, os juízes deveriam julgar o caso e, com extrema reflexão, dar uma sentença. Na Bíblia, há vários casos em que muitas pessoas se arrependeram e foram perdoadas, como o próprio rei Davi, o qual, certa vez, cometeu um pecado cruel de adulterar com a mulher de outro homem, matá-lo, e tomar a mulher como sua esposa. Deus poupou a vida de Davi, mas ele teve consequências temporais amargas em sua vida e família por causa dessa atrocidade.

Observa-se que até mesmo houve paciência da parte dos mestres da lei com Jesus, por mais errados que estivessem. Jesus se proclamava como Deus, como quem podia perdoar pecados, e essas coisas eram blasfêmia para eles, e a condenação disso era a morte. Mesmo assim, por mais que quisessem matá-lo, não o fizeram de imediato – levou um bom tempo até que realmente tramassem um modo de matar Jesus (ainda que não fosse realmente por causa da lei que o mataram, mas pela inveja e ódio).

A execução da pena capital. Deus deixou bem explícito na Bíblia como era para ser a aplicação da condenação à morte, e qual deveria ser o sentimento de todo aquele que a aplicasse. Se Deus ordenasse alguém que matasse outra pessoa, ou outro povo, isso não deveria ser motivo de alegria. É como o [exemplo de Abraão](#), quando Deus ordenou a ele que sacrificasse seu próprio filho. Foi a única vez que houve um pedido assim em toda a história bíblica. E Abraão, com lágrimas nos olhos, estava prestes a executar a ordem quando, de última hora, um anjo enviado por Deus o impediu. Deus quis dar uma grande lição para Abraão e toda a humanidade: que o sentimento de Deus ao executar a pena capital para uma criatura sua é como matar o próprio filho a qual muito se ama. Além disso, em prol de toda humanidade, Deus enviou seu Filho, Jesus, para o matadouro e assistiu à sua tortura e morte a favor da humanidade.

A aplicação da pena capital é uma triste cena, para a qual um coração puro e sincero choraria por ter que executar, não apenas por ter que matar alguém a quem se tentou conduzir ao arrependimento, mas porque a pessoa recusou isso. É o triste fim de alguém obstinando na própria maldade, e **Deus, sendo a própria justiça, não pode deixar de aplicar a punição em um caso em que não há mais o que fazer.**

2.3. POR QUE DEUS MANDOU MATAR CRIANÇAS SE ELAS SÃO INOCENTES?

Portanto, vá e ataque os amalequitas, destruindo totalmente aquilo que eles tiverem. Não poupe ninguém. Mate homens e mulheres, meninos e crianças de peito, bois e ovelhas, camelos e jumentos. (1 Samuel 15:3, “Nova Versão Internacional”).

Então Davi disse a Natã: “Pequei contra o SENHOR!” E Natã respondeu: “O SENHOR perdoou o seu pecado. Você não morrerá. Entretanto, uma vez que você insultou o SENHOR, o menino morrerá”. (2 Samuel 12:13-14, “Nova Versão Internacional”).

De Jericó Eliseu foi para Betel. No caminho, alguns meninos que vinham da cidade começaram a caçar dele, gritando: “Suma daqui, careca!” Voltando-se, olhou para eles e os amaldiçoou em nome do SENHOR. Então, duas ursas saíram do bosque e despedaçaram quarenta e dois meninos. De Betel prosseguiu até o monte Carmelo e dali voltou a Samaria. (2 Reis 2:23-25, “Nova Versão Internacional”).

Objeção em consideração: “Como Deus pode ser bom se ele manda matar crianças inocentes que não são culpadas pelos erros de seus pais?”

No caso das crianças de povos condenados por Deus, **uma vez que todos os habitantes se tornaram corruptos a um ponto sem volta, temos que ser realistas ao entender que não há esperança nem mesmo para as crianças vivendo em tal povo.** As crianças nascidas em um povo em que os habitantes estão entregues à corrupção desse nível são como células saudáveis que estão expostas a um tumor canceroso maligno que se espalha muito rápido. As crianças vão crescer em meio à maldade e se tornarão corruptas da mesma forma. Isso é bem claro ao se observar [quanto tempo Deus esperou para que as nações que foram alertadas sobre o juízo se arrependessem](#), e elas não o fizeram. Tempos passaram e as novas gerações continuaram perversas, ou seja, as crianças se tornaram em adultos maus, como seus pais. Para as crianças em tal situação, não há escapatória. Assim como um cirurgião remove um tumor maligno para que não se espalhe pelo organismo, Deus remove uma nação que chegou a um ponto de corrupção sem volta. Isso, na verdade, evidencia amor para aqueles que foram poupados daquele nível de corrupção.

Claro que alguém poderia objetar e dizer que Deus poderia ter ordenado aos israelitas que tomassem aquelas crianças e as criassem como se fossem suas. A questão é, será que os israelitas, os quais também tinham um coração duro, iriam de bom grado criar filhos que não eram deles? Há várias outras questões, tais como:

- Será que as famílias de israelitas teriam condições econômicas e logísticas de sustentarem mais crianças?
- Será que as mães ou pais israelitas amariam os filhos adotivos tanto quanto os filhos naturais?
- Será que as crianças estrangeiras seriam alvo de preconceito da parte das crianças israelitas e isso geraria uma futura guerra civil?
- Será que as crianças estrangeiras, quando crescerem e descobrirem suas origens, e descobrirem que Israel eliminou seu povo de origem, não se revoltariam e teriam desejo de exercer vingança?

Mais questões podem ser levantadas, mas o ponto é que **Deus sabe de todas as possibilidades e riscos, e sabe como avaliar isso tudo, de forma justa, com o contexto em que aquelas pessoas viviam.** Para aquelas situações específicas, foi “menos ruim” eliminar os povos corruptos juntamente com suas crianças.

Temos que lembrar também que **crianças estão seguras do ponto da salvação eterna, pois elas não são condenadas pelo pecado dos pais**, como estudamos no sétimo tópico especial deste estudo (estudo sobre o livre arbítrio). O profeta Ezequiel registrou que Deus claramente explicou que o pecado não é passado de pai para filho, mas cometido por cada um, individualmente, e que um pecador pode ser justificado por Deus independentemente da iniquidade dos progenitores (Ezequiel 18:20-23). Jesus usou as crianças como exemplo da pureza inocente que todos nós precisamos adquirir (Mateus 19:13-15). 1 João 3:4 afirma que o pecado é cometido, mas não afirma nada de ser herdado. Romanos 5:12 afirma que todos nós participamos da morte que Adão sofreu, não porque herdamos

seu pecado, mas porque cometemos nossos próprios pecados, à semelhança de Adão, isto é, seguimos o caminho de Adão.

Crianças não nascem pecadoras e não serão condenadas ao banimento da presença de Deus por causa de pecados de outras pessoas. Elas apenas seriam condenadas quando se tornarem responsáveis pela prática de suas próprias iniquidades.

Apenas Deus pode saber quando uma criança é responsável por uma iniquidade que cometeu, uma vez que isso depende de muitos fatores que não podemos conhecer. E é justamente pelo fato de Deus saber quando um menino é responsável por seus atos que ele pode condená-lo. **O fato de ser um menino não o isenta de ser um pecador. Deus não trata pessoas com parcialidade** (Romanos 2:11). Lembre-se que [todo ser humano que peca já merece ser morto](#). No caso dos meninos que insultaram Elizeu no texto de 2 Reis 2:23-25 citado acima, não eram crianças pequenas que não sabiam diferenciar o bem do mal. Eram meninos já responsáveis por seus atos. Insultaram maliciosamente um servo do Senhor. Isso não era um caso de uma brincadeira inocente de criança, mas era uma repetida afronta a um servo fiel de Deus. O insulto se repetiu tanto, e foi tão ofensivo para Elizeu, que Deus ouviu a prece de seu servo fiel e permitiu que duas ursos matassem vários meninos. Imagine também o impacto educativo sobre as pessoas daquele vilarejo ao saberem que a afronta a um servo de Deus resultou em tamanha catástrofe.

Quanto ao filho do rei Davi que morreu por causa do pecado horrível que Davi cometeu, o que foi narrado no texto de 2 Samuel 12:13-14 acima citado, **Deus não estava punindo a criança – estava de fato punindo amargamente a Davi!** A dor do rei foi tão severa que seus servos pensaram que ele próprio poderia morrer. Quanto ao bebê, mais uma vez, crianças incapazes de discernir o bem do mal não estão eternamente perdidas, mas estarão com o Senhor no céu. [Deus tem direito sobre a vida e pode dá-la e tomá-la como bem entender, e ele o faz de forma justa.](#)

Como se não bastasse a amargura do rei Davi pela morte do seu filho, a dura punição de Deus ainda estabeleceu que Davi nunca mais teria paz em sua casa e seria envergonhado publicamente por seu pecado. Naquela cultura baseada em honra (como era o caso no antigo Oriente Próximo), algumas coisas eram piores do que a morte, como a humilhação pública. A desonra já seria ruim o suficiente para um cidadão comum, porém, como Deus fez questão de lembrar a Davi, ele não era um cidadão comum — ele era o rei. Embora Deus não tenha matado Davi por suas más ações, os castigos que ele recebeu o levaram a viver na vergonha. O profeta Natã delineou os três juízos de Deus sobre o rei, e a Bíblia registra o quanto Davi sofreu pela morte do filho:

“Por isso, a espada nunca se afastará de sua família, pois você me desprezou e tomou a mulher de Urias, o hitita, para ser sua mulher.” Assim diz o SENHOR: “De sua própria família trarei desgraça sobre você. Tomarei as suas mulheres diante dos seus próprios olhos e as darei a outro; e ele se deitará com elas em plena luz do dia. Você fez isso às escondidas, mas eu o farei diante de todo o Israel, em plena luz do dia.” Então Davi disse a Natã: “Pequei contra o SENHOR!” E Natã respondeu: “O SENHOR perdoou o seu pecado. Você não morrerá. Entretanto, uma vez que você insultou o SENHOR, o menino morrerá.” Depois que Natã foi para casa, o SENHOR fez adoecer o filho que a mulher de Urias dera a Davi. E Davi implorou a Deus em favor da criança. Ele jejuou e, entrando em casa, passou a noite deitado no chão. Os oficiais do palácio tentaram fazê-lo levantar-se do chão, mas ele não quis e recusou comer. Sete dias depois a criança morreu. Os conselheiros de Davi ficaram com medo de dizer-lhe que a criança estava morta e comentaram: “Enquanto a criança ainda estava viva, falamos com ele, e ele não quis escutar-nos. Como vamos dizer-lhe que a criança morreu? Ele poderá cometer alguma loucura!” (2 Samuel 12:10-18, “Nova Versão Internacional”).

Portanto, quaisquer argumentos nas linhas de que “Deus puniu o bebê” e “Deus não foi duro o bastante com Davi” não se sustentam.

2.4. POR QUE DEUS PERMITE O SOFRIMENTO? [23]

Objeção em consideração: “Por que acontecem coisas ruins? Se Deus é tão bom, bem como todo-poderoso, por que ele não evita o sofrimento?”

Tudo começa com o pecado do ser humano. Deus criou o homem à sua própria imagem (Gênesis 1:26). Isso não quer dizer que o homem se pareça fisicamente com Deus, pois Deus não tem um corpo carnal (João 4:24; Lucas 24:39). Isso significa que **o homem tem um espírito capaz de se comunicar com seu criador**, além de possuir **consciência racional e livre arbítrio** para determinar seus próprios atos. **Essa liberdade explica por que o sofrimento se originou.**

Quando Deus criou Adão e Eva, ele os colocou em um paraíso, cheio de frutos bons. Ele os autorizou a comer de todas as árvores, exceto uma. Mas a existência perfeita deles foi destruída porque decidiram comer da única árvore proibida. Seu pecado levou Deus a expulsá-los do maravilhoso jardim e a puni-los trazendo o sofrimento sobre eles e seus descendentes (Gênesis 3). Este mundo cheio de sofrimento por causa do pecado não é o lugar que Deus desejava para o seu povo.

Não poderia Deus ter evitado que o homem pecasse? Certamente. Ele poderia ter criado robôs ou bonecos que recitassem “Eu te amo” sempre que ele quisesse. Porém, em vez disso, [Deus preferiu criar os homens à sua imagem, com livre arbítrio, e isso para que pudesse existir amor verdadeiro.](#) É logicamente impossível dar aos homens livre escolha e não permitir a eles a capacidade de decidir livremente.

Mas não poderia Deus ter dado aos homens livre escolha e apenas eliminar as más consequências que resultassem dessas escolhas? Talvez, mas ainda é duvidoso que escolha sem consequência seja realmente autêntica. De qualquer modo, consequências sofridas são frequentemente bênçãos. A sensação de dor quando tocamos em um objeto quente nos ensina a não tocarmos em um fogão quente. Se não fosse sentida a dor, certamente o resultado seria dano maior.

O sofrimento resulta do pecado humano, direta ou indiretamente. Por exemplo, a fornicção frequentemente causa doenças transmitidas sexualmente, e vem daí o sofrimento. A ira descontrolada faz com que outros sofram. Algum sofrimento é o resultado indireto do pecado, porque não vivemos mais no paraíso, mas em um ambiente contaminado por causa do pecado. A conclusão é que **o sofrimento acontece porque Deus deu ao ser humano a capacidade de decisão, e o ser humano persiste em pecar.**

Sofrimento de boas pessoas. Por que pessoas boas, inocentes, sofrem? Algumas vezes pessoas boas erram e sofrem as consequências de seus pecados. Outras vezes elas sofrem por causa de erros cometidos por outras. E, às vezes, elas sofrem porque vivem em um mundo que sofre em consequência dos pecados da humanidade. Mas aqueles que amam a Deus podem sempre encontrar benefício no sofrimento: “Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito” (Romanos 8:28). Como pode o sofrimento ajudar os cristãos fiéis?

Castigo. A dor é uma grande ferramenta de ensino. Hebreus 12 revela que Deus disciplina os filhos que ele ama. Pais terrenos também disciplinam seus filhos porque os amam e querem exercitá-los no caminho certo. Em vez de nos ressentirmos contra a disciplina de Deus, devemos apreciar que ele tenha bastante cuidado para conosco a ponto de nos corrigir. “Nenhuma disciplina parece ser motivo de alegria no momento, mas sim de tristeza. Mais tarde, porém, produz fruto de justiça e paz para aqueles que por ela foram exercitados” (Hebreus 12:11). O salmista reconheceu o valor do sofrimento em sua própria vida: “Antes de ser castigado, eu andava desviado, mas agora obedeço à tua palavra” (Salmo 119:67). “Foi bom para mim ter sido castigado, para que aprendesse os teus decretos” (Salmo 119:71).

Crescimento espiritual. O sofrimento ajuda os cristãos a se tornarem mais fortes. Jó era um homem devoto, mas pela aflição ele “cresceu” e se tornou um servo de Deus mais forte e mais humilde. Assim como o ouro é purificado ao passar pelo fogo, assim um cristão é purificado e fortalecido quando passa pela aflição (1 Pedro 1:6-9). O que sai da fornalha é melhor do que aquilo que nela entrou. Esse sofrimento, então, não é porque temos errado, mas porque podemos fazer melhor.

O sofrimento nos ajuda espiritualmente de vários modos:

1. **Confiança.** Paulo aprendeu a confiar mais em Deus por causa das circunstâncias perigosas (2 Coríntios 1:8-9). Experimentar tempos difíceis nos faz mais cômicos de nossa necessidade de Deus e assim desenvolvemos confiança nele, não em nós mesmos.

2. **Humildade.** Deus deu a Paulo um espinho na carne, um mensageiro de Satanás, para impedi-lo de se exaltar (2 Coríntios 12:7-9). A arrogância invade sutilmente nossos corações, mas as aflições ajudam a resistir essa tentação.
3. **Perspectiva.** Deus quer que vivamos como peregrinos aqui, entendendo que o céu é o nosso verdadeiro lar (Colossenses 3:1-4; Filipenses 3:20). Mas quando as coisas vão bem para nós nesta vida, sentimo-nos em casa no mundo e deixamos de almejar estar com o Senhor. As aflições nos ajudam a visar a verdadeira meta.

O plano de Deus. Algumas vezes o sofrimento nos capacita a contribuir para o plano de Deus referente ao mundo. Jesus sofreu para ajudar os outros, sacrificando sua vida para reconciliar os homens com Deus. José sofreu para que sua família pudesse ser salva da fome (Gênesis 45:5-7; 50:20). A prisão de Paulo, surpreendentemente, resultou em maior progresso do evangelho (Filipenses 1:12-18), tanto porque deu a ele oportunidade para ensinar os guardas que estavam acorrentados a ele quanto porque outros irmãos foram encorajados a pregar a Palavra de Deus mais ousadamente por causa da atitude dele. Os sofrimentos de Paulo também o qualificaram para confortar outros que estavam sofrendo (2 Coríntios 1:3-5).

Lidando com o sofrimento. Há bons exemplos bíblicos que ajudam a lidar com o sofrimento:

- **Entenda que Deus também sofre.** Enquanto Deus olhava para seu Filho em angústia na cruz, ele sofria. Esse sofrimento não era causado pela fraqueza de Deus. Não era como se Jesus tivesse esgotado todos os seus esconderijos e seus inimigos finalmente o tivessem apanhado e executado contra sua vontade. Não, Jesus entregou sua vida voluntariamente (João 10:17-18). Ele decidiu voltar ao mesmo lugar onde sabia que Judas poderia encontrá-lo (João 18:1-2). Ele se recusou a chamar os anjos para que o salvassem, ainda que legiões deles estivessem à sua disposição (Mateus 26:53). Ele nada disse para se defender durante o julgamento, ainda que, se tivesse feito isso, sem dúvida teria escapado da cruz. Cristo sofreu porque decidiu sofrer. Sofreu porque nos amava. O fato de que o Senhor sofre conosco nos assegura de sua compaixão e auxílio, e nos dá forças para enfrentar nossas dificuldades (Hebreus 2:14-18; 4:14-16; 5:7-10);
- **Paulo e seu espinho.** A reação de Paulo quanto ao espinho em sua carne é um excelente modelo para se lidar com o sofrimento. Talvez Deus tenha deixado indefinida a natureza do espinho na carne de Paulo para que possamos usar esse modelo a fim de nos ajudar em qualquer tipo de sofrimento que enfrentamos. Observe como Paulo lidou com sua dificuldade:

Para impedir que eu me exaltasse por causa da grandeza dessas revelações, foi-me dado um espinho na carne, um mensageiro de Satanás, para me atormentar. Três vezes roguei ao Senhor que o tirasse de mim. Mas ele me disse: “Minha graça é suficiente a você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza”. Portanto, eu me gloriarei ainda mais alegremente em minhas fraquezas, para que o poder de Cristo repouse em mim. Por isso, por amor de Cristo, regozijo-me nas fraquezas, nos insultos, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias. Pois, quando sou fraco, é que sou forte. (2 Coríntios 12:7-10, “Nova Versão Internacional”).

Não sabemos todas as respostas. Muito sofrimento permanece sem explicação. Jó passou seus dias implorando a Deus que desse audiência a ele e explicasse a ele qual a razão por ele sofrer daquela forma. Quando Deus finalmente apareceu, ele demonstrou que Jó não tinha capacidade nem para entender a resposta, muito menos para discutir com seu criador. E, no final, Jó aprendeu a simplesmente confiar em Deus. Algumas vezes, o sofrimento é inexplicável no momento, mas é facilmente compreendido mais tarde. Por que Deus permitiu que José fosse vendido como escravo e depois definhasse na prisão por manter sua pureza? Mais tarde o propósito se tornou claro. Deus nunca prometeu que explicaria satisfatoriamente tudo o que acontece no mundo. Mas podemos confiar nele.

O sofrimento nos leva a Deus. O sofrimento, a consequência do mal, é um sinal do que seria a vida sem Deus. Dando-nos um vislumbre do tipo de mundo que haveria se Deus estivesse ausente, o sofrimento nos mostra que precisamos de Deus. Certamente não queremos estar naquele lugar onde o mal reina soberanamente e onde Deus não está.

2.5. POR QUE DEUS ORDENOU EXECUÇÃO POR APEDREJAMENTO?

Certo dia, quando os israelitas estavam no deserto, encontraram um homem recolhendo lenha no dia de sábado. Aqueles que o encontraram recolhendo lenha levaram-no a Moisés, a Arão e a toda a comunidade, que o prenderam, porque não sabiam o que deveria ser feito com ele. Então o SENHOR disse a Moisés: “O homem terá que ser executado. Toda a comunidade o apedrejará fora do acampamento”. Assim, toda a comunidade o levou para fora do acampamento e o apedrejou até a morte, conforme o SENHOR tinha ordenado a Moisés. (*Números 15:32-36, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “Como Deus pode ser bom se ordenou que pessoas morressem por um método tão cruel e bárbaro como o apedrejamento?”

Muitas pessoas são incomodadas pela Bíblia conter a pena de morte por apedrejamento. Essa forma de pena capital é condenada por ser dolorosa, torturante, demorada e efetuada publicamente por várias pessoas. Na concepção dos críticos, um Deus de amor não permitiria e não ordenaria tal coisa. Para eles, caso fosse realmente necessária a pena de morte, ela deveria ser rápida ou instantânea, quase sem dor ou indolor, e efetuada por uma só pessoa em local privado.

Antes de saltar à conclusão que Deus é mau por ter prescrito esse tipo de pena capital, vamos refletir sobre o assunto no contexto bíblico.

Processo torturante de morte. É inegável que morrer apedrejado deve ser algo muito torturante. Nosso corpo suporta várias pancadas. Uma vez que uma pessoa típica não aguenta levantar pedras pesadas, tampouco arremessá-las, o peso dessas pedras deveria ser relativamente leve. Considerando as condições climáticas e a região, provavelmente não era comum encontrar muitas pedras com ângulos agudos ou retos. Assim, deveria ser mais difícil encontrar pedras que causassem uma “boa perfuração” de forma a facilitar uma morte mais rápida. Portanto, a morte deveria ocorrer após muitas pedradas. Talvez, com sorte, alguém receberia uma pedrada na cabeça de modo que rapidamente perdesse a consciência.

É difícil dizer o que seria um método de morte “mais agradável” quando se pensa em como se deve efetuar a pena capital. Houve várias formas de tornar isso “menos cruel” ao longo da história, tais como asfixia, afogamento, lançamento de um penhasco (o que talvez seja bem prático, mas não é sempre que um penhasco por perto está disponível), apunhalar o coração, cortar o crânio no meio, decapitação, degolamento, etc. Porém, muitas vezes esses métodos eram “pouco eficazes”: às vezes as pessoas não morriam, mas ficavam gravemente feridas. Até mesmo a sangria não garantia uma morte mais “humana”. As espadas não eram afiadas como nos filmes, e causar um ferimento mortal não era algo muito frequente. Por mais sanguinários que possamos imaginar que fossem os carrascos e aqueles que eram incumbidos de matar, era uma tarefa desagradável de qualquer forma.

No decorrer da história, muitos outros modos para matar foram desenvolvidos. A guilhotina da Idade Média veio posteriormente ao enforcamento. Porém, até mesmo com a guilhotina ocorriam situações em que a lâmina se tornava cega, ou não era fatal no primeiro golpe, o que criava cenas perturbadoras, sendo necessários vários golpes para finalmente matar, e isso quando o dispositivo não emperrava. No futuro mais distante surgiu a cadeira elétrica, a qual continuava sendo um modo brutal para morrer. Surgiu depois o uso de drogas injetáveis, as câmaras de gás, entre outros. Todos esses métodos de matar têm seus problemas para garantir uma morte mais “humana”. Até hoje há dificuldade em aplicar a tão ideal “pena capital instantânea e indolor”!

Pensando no contexto do mundo antigo, é muito difícil dizer quais seriam as possibilidades de um modo rápido e indolor de aplicar a pena capital. Se fosse feita uma lista dos processos menos cruéis possíveis para aplicar no mundo antigo, em qual posição o apedrejamento estaria? Talvez o degolamento fosse o menos ruim pelas condições da época, mas ainda assim era brutal, rude e tenso.

Porém, certamente havia algum aspecto especial no apedrejamento para que Deus o tivesse prescrito na Lei de Moisés. Ainda que consideremos que esse modo de matar era doloroso, lento e torturante, será que os outros métodos disponíveis no mundo antigo realmente fariam uma diferença significativa? Talvez o apedrejamento fosse “menos ruim” pela possibilidade de a pessoa desmaiar no meio do processo, ainda que fosse algo horrível.

Pena capital pública com a participação de várias pessoas. Pensando no método por apedrejamento, é fácil perceber que deveria ser executado por várias pessoas, até mesmo para ser menos torturante. Certamente seria trabalho demais para uma só pessoa. Seria bem possível que o lançador das pedras estivesse com o braço tão cansado a ponto de não conseguir mais arremessar pedras e o condenado ainda estaria vivo. Isso certamente aumentaria ainda mais a agonia do condenado.

Mas qual é a razão para Deus ter prescrito o apedrejamento?

É difícil saber ao certo o motivo pelo qual foi escolhido esse método de aplicação de pena capital. Cabe, no entanto, primeiramente lembrar que o apedrejamento era uma forma de punição descrita na Torá que precisava ter duas ou três testemunhas e um julgamento. Não era fácil “sair por aí apedrejando pessoas” no Israel antigo.

O apedrejamento era prescrito para as seguintes violações da lei: relações sexuais com animais; blasfêmia contra Deus; relações sexuais com uma virgem comprometida; relações sexuais com enteada, madrasta e/ou mãe; amaldiçoar os pais; rebeldia constante contra os pais; prática de idolatria; instigar pessoas à idolatria; necromancia (consulta aos mortos) e feitiçaria; desrespeito do sábado; adultério; sacrifícios humanos a deuses estranhos; homossexualismo; pitonismo (uma prática pagã em que mulheres que se tornavam como “sacerdotisas dos oráculos”).

Há didáticas envolvidas na questão da punição por apedrejamento:

- 1. Mostrar o quão repugnante o pecado é para Deus e o quão destrutivo Deus o considerava para a sociedade.** Mesmo nos dias de hoje há crimes que consideramos piores e mais graves do que outros. Atualmente, as principais formas de punição são duas: dinheiro e retenção. Ou seja, a pessoa tem que pagar uma quantia de dinheiro e/ou cumprir uma quantidade de tempo de retenção em uma prisão, ou em exílio. Quanto mais grave se considera a infração, maiores são as quantidades de dinheiro e tempo de retenção. Na Bíblia, do mesmo modo, tudo começou com o pecado – a separação do ser humano de Deus. A punição foi a morte. A morte passou a ocorrer desde o primeiro pecado. O surgimento da morte é a demonstração primária máxima de como o pecado é repugnante para Deus. Note, por exemplo, que a mentira não está na lista de punição por apedrejamento, mas as questões que agridem a família estão, tais como relações sexuais inapropriadas, ofensa grave aos pais e homossexualismo. Sendo assim, o simples fato de uma pessoa pensar na terrível punição para o crime mostraria o quanto esse ato é ofensivo para a lei e para Deus – o quanto esse ato é errado. E testemunhar a punição a convenceria de vez.
- 2. O lado educativo da punição.** Há países em que não é aplicada a pena de morte, mas algumas punições para certas coisas são do tipo de prisão praticamente até o fim da vida. Em alguns estados dos Estados Unidos é aplicada a pena capital para algumas coisas. Entre essas penas máximas, por exemplo, se encontra o homicídio, ou ser um grande traficante de drogas. Todas essas coisas são extremamente repugnantes para Deus. E, como Paulo escreveu, “eu não saberia o que é pecado, a não ser por meio da lei” (Romanos 7:7) – é por meio da lei que podemos reconhecer um pecado. Ou seja, é a partir da norma divina que podemos reconhecer o que está contra tal coisa. Porém, vamos ainda mais a fundo: apenas a partir da punição é que podemos saber, ou reconhecer, de um modo mais claro e didático, o quão grave é determinada ofensa. Ou seja, suponha que a punição para o adultério fosse “dar água para os camelos”. Se fosse assim, certamente as pessoas iriam considerar essa questão como não sendo de muita importância. Mas se a punição para adultério for morte, certamente as pessoas considerariam a questão como muito grave. Outro exemplo seria um país querendo elevar a punição para quem dirigir com uma concentração de álcool não permitida no sangue. Por que elevar a punição? Para fazer as pessoas pensarem muitas vezes antes de ingerirem bebidas alcoólicas antes de dirigir.
- 3. O lado simbólico da punição.** É impressionante como vemos certas relações na Bíblia que esclarecem outras. Nessa questão do apedrejamento, uma grande luz vem à mente no Livro de Daniel, no capítulo 2, quando se descreve o sonho profético de Nabucodonosor. Nesse sonho, resumidamente, uma estátua representava os poderosos reinos do mundo da antiguidade, até que então uma **pedra** que não foi lançada por mão alguma acertou os pés dessa estátua (os quais representam o último reino poderoso da antiguidade, o Império Romano) e a derrubou. E essa pedra instaurou um reino para sempre. Mais à

frente, a própria Bíblia descreve que a **pedra** angular é Jesus (Atos 4:11). Mas não é só isso. A pedra é usada como uma figura por diversas vezes na Bíblia. O altar em que foi feita a oferta de Elias era composto por 12 pedras (1 Reis 18:30-32). Da pedra Moisés tirou a água para saciar o povo (Números 20:10-11). Davi atirou uma pedra em Golias para o derrotar (1 Samuel 17:49). Samuel colocou uma pedra entre Mispá e Sem dizendo: “Até aqui nos ajudou o SENHOR” (1 Samuel 7:12). A Bíblia está repleta de exemplos nos quais a pedra representa um claro poder de Deus no sentido de subjugar/vencer o mal, o pecado. Pensando no apedrejamento, as pedras que seriam lançadas contra os merecedores da punição eram arremessadas com este sentido: o símbolo de aniquilamento de um grande mal.

4. **A distorção dessa punição.** Quando pensamos em casos de apedrejamentos na Bíblia, não lembramos de mulheres, nem de crianças – mas lembramos de Estevão (Atos 7:54-60). No Evangelho de João, vemos Jesus mostrando claramente que os homens que pretendiam apedrejar a mulher estavam com uma visão totalmente distorcida a respeito dessa punição e da Lei de Moisés, uma vez que eram pessoas que, a rigor, mereciam tanta punição, ou mais, do que aquela mulher. Eram homens que não estavam limpos do pecado. Eram homens que estavam com ódio (e Jesus ensinou em Mateus 5:21-22 que aquele que tem pensamentos ruins para com seu irmão já o assassinou).
5. **A negligência do plano do perdão.** Na Bíblia há mais ênfase sobre perdão do que punição. Para haver uma punição tal qual apedrejamento, de acordo com a lei, deveria haver um considerável período de julgamento com testemunhas. Um período no qual sacerdotes, levitas, mestres da lei, familiares e até mesmo o povo era envolvido, de forma a buscar fazer de tudo para a pessoa ter um motivo para não sofrer tal punição e, sobretudo, levar a pessoa ao arrependimento, se retratar, etc. Apenas em última circunstância, quando todas as tentativas foram tomadas, depois do processo (cujo tempo era considerável), se tudo não adiantou para retirar a obstinação pelo pecado de tal pessoa, aí então o recurso do apedrejamento deveria ser usado (e certamente com bastante pesar, assim como deveria ser a dor de um pai em matar seu filho, como foi [o caso de Abraão](#)). A própria Bíblia diz que há apenas um único tipo de pecado imperdoável, o chamado pecado contra o Espírito Santo, o qual, em última análise, é a obstinação total – permanecer totalmente surdo para ouvir a voz de Deus e escolher se tornar 100% escravo do pecado, negando toda possibilidade de arrependimento e retratação. Isso porque a própria Bíblia afirma que o Espírito Santo tem a função de convencer as pessoas do pecado (João 16:7-8). Ou seja, o único pecado imperdoável é aquele pecado no qual a pessoa não quer se arrepender de forma alguma.
6. **Uma parte de todos.** Há um motivo para a punição aplicada de forma coletiva. Muitas pessoas não gostam nem um pouco da ideia de muitas pessoas jogarem as pedras ao invés de apenas uma. Porém, note que todo o povo era chamado a uma unidade. Era algo muito importante em que todos deveriam tomar parte. Todos tinham a responsabilidade. Quando uma pessoa toma parte na punição, ela está enfrentando a lei que diz que “da mesma forma que julgarem, vocês serão julgados; e a medida que usarem, também será usada para medir vocês” (Mateus 7:2). Aqueles que arremessariam as pedras deveriam pensar: “Será que fiz tudo por tal pessoa? Procurei ser o melhor exemplo? Procurei fazer de tudo para convencê-la de seu erro? Orei por ela?” E a pessoa que iria participar de um apedrejamento, algo tão duro, deveria estar convencida da gravidade da ofensa. Assim, não haveria um carrasco, mas seria todo o povo, ou representantes do povo, que teriam que aplicar a punição. No final das contas, perceba que é uma punição de um povo – é uma obra tremendamente didática.
7. **Mostrar o lado de Deus.** Até vir a punição por apedrejamento, havia dois grandes momentos nos quais Deus deu uma lição do que significava o mal, do que ele faria pelo ser humano, do que ele faria para pôr fim no mal, e o quão desagradável, duro e pesado seria para ele punir o pecador. O primeiro exemplo está em Gênesis, quando foram sacrificados animais em favor do casal pecador, Adão e Eva (Gênesis 3:21). O segundo exemplo foi o de [Abraão e o sacrifício seu filho](#) (Gênesis 22:1-19). E, então, veio esse exemplo de matar uma pessoa a pedradas. Isso, para alguém com coração amável, bondoso, misericordioso, piedoso, com amor ao próximo, deveria ser muito duro, triste e penoso (lembre-se que tal ação não deveria ser tomada por alguém rancoroso, bêbado, fora de si, violento – pessoas para as quais isso talvez até soasse como um “divertimento”).

8. **A deturpação que se espalhou.** Ao considerarmos o Antigo Testamento e o Novo Testamento, torna-se claro que as pessoas têm deturpado a lei de Deus e suas punições. Quantas pessoas que julgam também cometem atos reprováveis? Antes de tudo, deveriam orar pelos seus inimigos, amá-los, e fazer de tudo para poder ajudar a libertar os outros do pecado e conduzi-los a Deus, ao arrependimento, à luz da lei do Senhor, às consequências dos atos, e fazer o possível para absolvê-los. Aqueles que iriam efetuar a punição por apedrejamento deveriam fazê-lo com coração contrito, como no caso de um pai ter que tirar a vida do próprio filho (pense em Deus Pai e Jesus), ao invés de simplesmente matar a pessoa.

2.6. QUÃO AMOROSO É UM DEUS QUE DESEJA QUE ABRAÃO SACRIFIQUE SEU FILHO?

Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. (1 João 4:10, “Nova Versão Internacional”).

As necessidades de muitos superam as necessidades de poucos... Ou de um. (*Jornada nas Estrelas II: A Ira de Khan*).

Pela fé Abraão, quando Deus o pôs à prova, ofereceu Isaque como sacrifício. Aquele que havia recebido as promessas estava a ponto de sacrificar o seu único filho, embora Deus lhe tivesse dito: “Por meio de Isaque a sua descendência será considerada”. Abraão levou em conta que Deus pode ressuscitar os mortos e, figuradamente, recebeu Isaque de volta dentre os mortos. (*Hebreus 11:17-19, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “Quão amoroso é um Deus que deseja que Abraão sacrifique seu filho?”

Você pode notar, no capítulo 22 de Gênesis, que Abraão disse a seus servos que ele e o menino voltariam, que o Senhor faria com que um sacrifício adequado fosse encontrado nas proximidades e que um anjo estava por perto para impedir que Abraão matasse seu filho. Em outras palavras, Deus não pretendia a morte de Isaque. Em vez disso, Deus estava permitindo que Abraão demonstrasse sua fé dessa maneira específica por uma razão muito importante e simbólica.

Mais importantemente, as ações físicas de Abraão simbolizaram, para o bem de todas as gerações futuras, o sacrifício que o próprio Deus planejou fazer: o sacrifício de seu próprio Filho por nossa causa. A cena de Abraão e Isaque, devidamente compreendida, não é um exemplo da “crueldade de Deus”, mas do sacrifício pessoal de Deus e do amor de Cristo por nós ao confiarmos e obedecermos tão completamente ao Pai.

2.7. DEUS QUE EXIBE RAIVA OU VINGANÇA?

Objeção em consideração: “Minha concepção de divindade resiste à concepção de um Deus que exhibe raiva ou vingança.”

Às vezes, há um desejo de retratar Deus como “legal” ou “bonzinho” – sempre prestativo, sempre agradável, nunca zangado e nunca punitivo. Claro, nossos preconceitos sobre como Deus deveria ser não alteram a realidade de quem Deus é.

Deus é realmente um Deus que equilibra misericórdia e justiça, ou ele compactua com o mal e as atrocidades?

Essa objeção, em outras palavras, entende que os horrores infligidos às pessoas por Deus – pessoas que ele criou em primeiro lugar – parecem estranhos quando é dito que Deus é amoroso. Mas isso não passa no “teste do cheiro” (uma avaliação instintiva sobre se alguém ou algo é ético e genuíno ou enganoso e corrupto).

Talvez o que passaria no “teste do cheiro” fosse uma vida após a morte que resultasse em mentes desencarnadas suspirando algo como: “Ah, então era isso o que estava acontecendo. Não estamos todos com tudo esclarecido agora, e não é bom que no fim tudo deu certo para todos? Sim, havia algo na vida, mas ninguém realmente tinha ideia sobre o que estava acontecendo. É justo.”

Mas não é justo. Nós provavelmente valorizamos vidas virtuosas e vemos o bem tangível como resultado da virtude, tanto para nós mesmos quanto para a sociedade. Não é ilusão que reconheçamos que vidas assassinas são prejudiciais à vida e à sociedade em muitos níveis, e afetam mais do que apenas os indivíduos envolvidos. Neste mundo há alegria e dor, e a alegria é melhor do que a dor.

Nós ouvimos falar de homens-bomba em Beslan que massacraram centenas de crianças, e ouvimos falar das crianças que foram alvos de tiros e golpes de baioneta. E imaginamos que a sua concepção de divindade não teria uma entidade ou poder acolhendo cada um, assassinos e vítimas, em pé de igualdade, todos rindo muito sobre isso agora. Isso não seria bom, e Deus não é apenas grande, ele é bom. **Se Deus é amor, haverá misericórdia. Se Deus é bom, haverá justiça. Deus é amor, e ele é bom. Não há contradição.**

Não temos uma analogia perfeita para isso, mas considere a analogia a seguir. Ela tem “buracos teológicos”, mas se destina apenas para o ponto no final.

A ilustração da fazenda de formigas. Suponha que, em sua capacidade divina, você inicie uma fazenda de formigas. Você coloca as formigas no vidro e estabelece suas regras: “Vocês são minhas e eu estou no comando. Fiquem comigo e vivam como rainhas, ou corram soltas e morram.” Em cinco minutos elas estão por toda a casa. Você realmente as ama, então ainda não impõe as consequências prometidas, mas por enquanto exige que elas retornem ao vidro onde você ainda quer fazer delas rainhas. Você incumbe suas ouvintes a espalhar a palavra dessa grande segunda chance para as outras.

As famílias de formigas crescem e sua palavra é transmitida. Algumas formigas voltam, outras não. Àquelas que retornaram, você promete guardar e manter para sempre. E das formigas que não retornam, algumas têm uma tendência para escapar de qualquer maneira e nunca seriam felizes dentro dos limites que você impôs. Outras não entendem suas palavras, ou não acreditam que as palavras foram suas. A julgar pelas aparências, as formigas que não retornam parecem tão protegidas quanto as formigas que estão sob seus cuidados. No entanto, claro, isso é porque elas conseguiram encontrar sua própria provisão – destruindo a estrutura das paredes de sua casa.

Agora, se a sala desmoronar como resultado dos danos, não apenas as formigas na parede serão esmagadas, mas também aquelas que estão no vidro. No entanto, você prometeu proteção às formigas que retornaram ao vidro e prometeu morte às formigas que partiram. Se você submeter o destino de sua casa às formigas errantes, então você não está no comando como disse. E se você deixar as formigas perambulantes estragarem a estrutura da sua casa, isso não está protegendo as formigas no vidro, como você prometeu. Mesmo que pudesse proteger a estrutura, você prometeu matar as formigas do lado de fora do vidro. Ter que matar as formigas na parede deixa você com raiva e parte seu coração, mas fazer isso...

1. **Salva a vida das formigas que humildemente retornaram.**
2. **Mantém sua promessa de uma segunda chance para aquelas formigas.**
3. **Exerce sua autoridade declarada sobre sua casa, e...**
4. **Cumpe sua promessa de morte a todas as formigas que saíram e permaneceram fora do vidro.**

Aqui está o ponto: quão inconcebível é esperar que você cumpra suas próprias promessas? É completamente concebível. Assim, talvez sua concepção de divindade possa acomodar um Deus que, equilibrando misericórdia e justiça, também cumpra suas próprias promessas.

2.8. O DEUS QUE ABENÇO A E ENVIA EXÉRCITOS É O MESMO QUE ENVIU SEU FILHO?

Objeção em consideração: “O Deus que abençoou os exércitos e os enviou é o mesmo Deus que nos deu seu Filho?”

Deus no Antigo Testamento é frequentemente retratado pelos críticos como sendo diferente em caráter de Deus no Novo Testamento. Essa declaração é uma observação válida?

Isso levanta a ideia de que Deus age de uma forma (“sedento de sangue”) no Antigo Testamento e de outra (“amoroso”) no Novo Testamento. O ponto maior nessa suposta inconsistência sugere o seguinte:

1. Ao contrário do que as Escrituras afirmam, o caráter de Deus realmente muda porque as duas ações são inconsistentes, e/ou...
2. A Bíblia contém erro ao incluir falsamente ambos os temas se apenas um deles é característico de Deus. De qualquer maneira, parece que a Bíblia perde. Também é questionada a bondade básica de Deus.

Primeiramente, os registros de Deus usando Israel como (essencialmente) uma [ferramenta de seu julgamento](#), a cena com [Abraão e Isaque](#), Cristo vindo para salvar os pecadores e não para julgar, etc., têm sido parte da Bíblia desde que ela estava em formação. Se esses registros fossem contradições óbvias (entenda: erros), então é surpreendente que ninguém os tenha removido, ou que os registros tenham sido aceitos em primeiro lugar. Eles não foram removidos porque não são contradições. Esperamos que você entenda a justificativa para isso ao continuar neste estudo.

Em segundo lugar, acreditar que Deus é apenas vingança no Antigo Testamento é esquecer sua libertação e cuidado com os israelitas fora do Egito, suas bênçãos e perdão para com Davi, seus incontáveis resgates de Israel de suas muitas capturas e ocupações, a glória terrena dada a Salomão, etc.

Da mesma forma, crer que Deus é apenas amor no Novo Testamento é esquecer sua promessa de retornar em julgamento flamejante, o lançamento de muitíssimas pessoas no inferno, a condenação de Jesus aos fariseus, Jesus expulsando cambistas e outros para fora do templo com um “chicote”, as advertências solenes de Jesus para todos aqueles que não o seguem, e muito mais. Portanto, **acreditar que Deus foi retratado como preto e depois branco nas respectivas metades da Bíblia é uma falsa percepção.**

À luz do que foi exposto acima, é correta a afirmação de que não há consistência com Deus?

Há consistência em seu caráter, embora admitamos que pode ser necessário um pouco de estudo para ver isso claramente. Considere que Deus advertiu Adão e Eva no início que o pecado traria a morte. A obediência resultaria em bênçãos. Você colhe o que planta – um tema bíblico constante. Bem, eles pecaram. A maior parte do bem que eles e seus ancestrais receberam depois do ponto em que o pecado foi consumado pode ser considerada a misericórdia de Deus, e a maior parte do mal, apenas justiça. Um juiz que faz cumprir a lei também pode ser um juiz que ama. As ações tomadas em nome da justiça ou do amor podem ser diferentes, mas não são incoerentes ou incompatíveis.

2.9. DEUS AMALDIÇOIA PESSOAS POR CAUSA DOS PECADOS DE OUTRAS?

Aquele que pecar é que morrerá. O filho não levará a culpa do pai nem o pai levará a culpa do filho. A justiça do justo lhe será creditada, e a impiedade do ímpio lhe será cobrada. (*Ezequiel 18:20, “Nova Versão Internacional”*).

Não te prostrarás diante deles nem lhes prestarás culto, porque eu, o SENHOR, o teu Deus, sou Deus zeloso, que castigo os filhos pelos pecados de seus pais até a terceira e quarta geração daqueles que me desprezam, (*Êxodo 20:5, “Nova Versão Internacional”*).

Cristo nos redimiu da maldição da Lei quando se tornou maldição em nosso lugar, pois está escrito: “Maldito todo aquele que for pendurado num madeiro” (*Gálatas 3:13, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “Deus amaldiçoa pessoas por causa do pecado de outras pessoas?”

Ezequiel afirmou claramente que Deus não amaldiçoa as pessoas pela culpa dos outros, enquanto Moisés parece ter afirmado que Deus amaldiçoa. Então qual dos dois está certo? A resposta correta é que **Deus não amaldiçoa pessoas por causa do pecado de outras pessoas.**

Passagens como encontradas no Livro de Êxodo que afirmam que Deus “castiga” ou “visita a iniquidade” dos pais nos filhos até a terceira ou quarta geração se referem às **consequências dos pecados** dos pais. O pecado (iniquidade) não tem consequências apenas para o pecador, mas também para aqueles ao seu redor, especialmente a família, e essas consequências podem não estar apenas confinadas à geração em questão. Os efeitos do pecado podem ser duradouros. Poucos pensam nisso quando pecam, então a advertência de Deus é válida.

Não é como se seu pai matasse alguém e então Deus dissesse que você também é um assassino. É mais como se o ato de seu pai resultasse em você crescer sendo provocado, assediado e desenvolvendo um complexo de inferioridade, e Deus aponta para a situação para dizer: “Aqui estão mais razões pelas quais não quero que nenhum de vocês mate.” **Ele não está passando a culpa de uma pessoa para outra, ele está apenas permitindo os efeitos. Esses efeitos podem ser ruins e multigeracionais, mas isso faz parte do motivo pelo qual não devemos pecar. Estamos juntos nisso.**

Os efeitos dos pecados de pais sobre filhos e netos podem ser ilustrados da seguinte forma: uma família se muda de um estado isento de impostos sobre vendas para um estado onde há impostos sobre vendas. As crianças dessa família sentiriam a redução dos recursos familiares que antes eram direcionados para elas por causa do pagamento do imposto – e isso não como uma penalidade pela decisão dos pais, mas como consequência dessa decisão. Se essas crianças crescerem e continuarem morando nesse mesmo estado, e tiverem seus próprios filhos, esses filhos também pagariam o imposto sobre vendas. Nesse caso, a consequência da ação da família se mudar para o estado que cobra impostos sobre vendas é sentida pelos netos dos pais. Não há nenhuma parcialidade da parte de Deus nisso.

Outro exemplo: se um pai ou uma futura mãe se tornar alcoólatra ou viciado(a) em drogas, seus filhos vão sofrer. A devastação de alguma forma passará para seus próprios filhos. Os efeitos de tais vícios são, portanto, “visitados sobre as gerações”. Realisticamente, se você se embriagar e bater em seus filhos, tem certeza de que a culpa é de Deus se eles chorarem porque seus colegas de escola caçoaram deles por causa dos olhos roxos que você deixou neles?

Você pode imaginar os efeitos do pecado procedendo de nós como ondulações em um lago. Neste ponto da história em que estamos, muitas ondulações surgiram, por muito tempo, e os problemas sociais são tão instáveis quanto esperávamos que fossem. Ondulações sobre ondulações ofuscam suas origens e tornam as soluções difíceis, senão impossíveis de aplicar.

Mas é justo que Deus permita que as consequências de um pecado de uma pessoa afetem outra pessoa?

Sim, pois Deus advertiu Adão e Eva, antes de qualquer um deles pecar, que ações específicas têm consequências específicas. Deus instruiu a eles, e a muitos outros, a transmitir suas advertências, e eles o fizeram – tanto verbalmente quanto por escrito. De qualquer forma, Adão e Eva pecaram, e agora nós estamos lidando com as consequências disso até hoje. Não somos entidades discretas que não exercem influência ou efeito uns sobre os outros. Eles, e nós, não podem dizer que não foram avisados.

2.10. DEUS NÃO SE ARREPENDE, MAS SE ARREPENDE?

Aquele que é a Glória de Israel não mente nem se arrepende, pois não é homem para se arrepender. (1 Samuel 15:29, “Nova Versão Internacional”).

E sucedeu que o SENHOR arrependeu-se do mal que ameaçara trazer sobre o povo. (Êxodo 32:14, “Nova Versão Internacional”).

Objeção em consideração: “A Bíblia afirma que Deus não se arrepende e afirma que ele se arrepende!”

Esse é outro caso clássico de paradoxo bíblico – dois versículos aparentemente contraditórios. O fato de nenhum dos versículos ter sido retirado dos textos bíblicos sugere que, se esses textos foram julgados há muito tempo como inspirados, em parte por suas consistências, deve haver uma boa razão. Qual é?

O livro de 1 Samuel afirma que Deus não se arrepende, enquanto a passagem em Êxodo afirma que ele se arrepende. Parece ruim para a Bíblia. Qual é o problema?

A afirmação em 1 Samuel e outras passagens, em primeiro lugar, é que **o caráter de Deus absolutamente não muda**. Se isso é uma característica de Deus, como a maioria das passagens realmente afirma, então a mudança de caráter parece tecnicamente impossível. Vale uma breve explicação:

1. Se Deus realmente existe na eternidade, então não existe um “antes” e um “depois” para ele se mover distintamente de um para outro.
2. Mudança de caráter implica em melhoria ou piora. Mas se Deus é perfeito, então ele não pode mudar para melhor ou para pior.
3. Se Deus é onisciente, então não se pode dizer que algum conhecimento novo veio subitamente à luz para justificar uma atitude diferente.

Então, se tudo isso deduz firmemente que Deus é absolutamente imutável em caráter, o que está acontecendo em Êxodo?

O povo de Israel começou a adorar um ídolo em violação do que Deus havia instruído. Qual é a penalidade pelo pecado? É a morte prescrita pela característica de Deus de ser justo e prometer que o pecado será punido. Mas depois que Deus disse que eles seriam destruídos, Moisés intercedeu e implorou em nome de seu povo. Então, qual é o fruto da penitência e da humildade? É a misericórdia prescrita pela característica de Deus de mostrar misericórdia ao penitente. Assim como se desvia de volta para a estrada um carro que estava indo para um penhasco, **Moisés mudou a direção em que os israelitas estavam indo**.

Em um minuto o Grand Canyon ameaça a vida de quem dirige nele, no próximo o está abençoando com uma vista espetacular. Mas não é o desfiladeiro que continua se movendo de um lado do carro para o outro – é o maluco controle do volante que dá essa impressão. Assim é com Deus.

Se alguém for incrédulo, Deus promete rejeitar. Após o incrédulo se arrepender, Deus promete salvar. Não é que Deus seja justo em um minuto e misericordioso no minuto seguinte. Ele é sempre os dois. É apenas o relacionamento da pessoa com ele que determina a “mudança”. **O julgamento de Deus sobre essa pessoa nesse caso está condicionado à sua ação. A mudança está na pessoa.**

No que diz respeito ao texto da Nova Versão Internacional, a expressão “o SENHOR arrependeu-se” é de natureza um tanto fenomenológica (isto é, como um observador percebe um evento), como o termo “nascer do sol”. Sabemos que o Sol não está verdadeiramente se movendo em torno de nosso planeta, apenas parece que é assim. Da mesma forma, a mente de Deus não muda em relação a como ele julga certas ações que tomamos, mas às vezes é descrito dessa forma.

Além disso, **podemos ter a certeza de que o autor não quis retratar Deus como realmente pretendendo destruir Israel na citação de Êxodo acima?** Sim, porque, semelhantemente à situação de [Abraão e Isaque](#), Deus tinha planos específicos para a continuação das mesmas pessoas que antes estavam se dirigindo à destruição – principalmente no tocante à profetizada linhagem de Cristo. Não era o plano de Deus destruir Israel. Era seu plano que Moisés intercedesse. E isso é estabelecido pelo fato de que o autor que predisse a vinda da linhagem do Messias é o mesmo autor que escreveu “o SENHOR arrependeu-se”.

2.11. POR QUE DEUS CRIOU PESSOAS CAPAZES DE PECAR?

Objeção em consideração: “Se o pecado é tão terrível, por que Deus a criou pessoas capazes de pecar? Não seria melhor criar pessoas incapazes de pecar, ou não criar coisa alguma?”

Não é fácil responder a essa pergunta. Provavelmente apenas Deus pode respondê-la com exatidão. Vamos, no entanto, arriscar uma resposta. Precisamos nos colocar na perspectiva de Deus e raciocinar com as pistas encontradas na Palavra de Deus.

Sabemos que Deus é autossuficiente e pleno em si mesmo – ele não precisa de nada (Salmo 90:2; Atos 17:24-25; Romanos 11:34-35). Assim, ele não criou por causa de uma alguma necessidade dele mesmo. Porém, mesmo sendo autossuficiente, Deus criou tudo o que existe. Qual a razão? A Bíblia declara que Deus criou tudo o que existe para sua glória (Salmo 19:1; Romanos 11:36).

Provavelmente, o motivo para criar tem a ver com a bondade e o amor de Deus. O amor e a bondade são coisas que tendem a se espalhar. Quem conhece e sente o amor quer divulgá-lo o máximo que puder. O amor é algo que nunca se esgota.

Sendo Deus o amor infinito (1 João 4:8), provavelmente, ele criou para espalhar sua bondade e seu amor. Se ele continuasse a existir sem criar nada mais, seu amor estaria limitado a si mesmo.

Uma vez que o amor tende a se espalhar, não seria contraditório se o próprio amor se limitasse a si mesmo? Se fosse assim, Deus não poderia ser considerado como egoísta? Não poderia isso ser ainda agravado no caso de Deus, uma vez que apenas ele tem poder para criar de forma a espalhar amor?

Aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz, peca (Tiago 4:17). Portanto, no caso específico de Deus, se ele se omitisse a criar, tal omissão poderia ser uma contradição ao seu próprio caráter de amor.

No entanto, se for assim, será que Deus já não teria pecado durante o período que passou antes de ele ter criado? Não, porque o próprio tempo é uma coisa criada e, antes da criação, não existia tempo. Isso é um conceito difícil para entendermos, pois somos finitos e temporais. Porém, basta entender que Deus não é sujeito ao tempo.

Então, se Deus criou tudo para espalhar sua bondade e amor, isso teve implicações importantes para sua criação:

- **Deus teve que criar seres com capacidade de raciocinar.** Se os seres fossem criados sem intelecto, não poderiam conhecer a Deus;
- **Deus teve que criar seres com vontade própria.** Se os seres fossem desprovidos de livre arbítrio, não poderiam amar a Deus voluntariamente. O amor verdadeiro é voluntário, jamais forçado. Veja o sétimo tópico especial deste estudo (estudo sobre o livre arbítrio);
- Para que suas criaturas o amem, **Deus teve que criar o ambiente ao redor delas de forma que comunique seus atributos divinos** (Romanos 1:20).

É fácil observar essas implicações na realidade. Elas ajudam a compreender o conceito bíblico de que Deus criou o mundo para sua glória. No entanto, será que “criar para sua glória” não acabaria sendo considerado algo narcisista ou egocêntrico?

Deus não poderia ter criado com uma motivação egoísta ou narcisista, pois, simplesmente, tais coisas não fazem parte de seu caráter. Caso contrário, Deus pecaria. Se ele pecasse, não teria base para julgar ninguém e seria o fim do padrão do que é certo.

O narcisismo implica em visão doentia, irrealista e egocêntrica de si mesmo – um desejo de ser elogiado sem merecer. Deus é amor e teve que criar para não limitar o amor a si mesmo. A criação e sua sustentação não são para o benefício de Deus, mas para o benefício de suas criaturas. Nada disso se enquadra em narcisismo ou egocentrismo.

Não há problemas no desejo de Deus que sua criação o glorifique. Ele é a fonte perfeita, onisciente e onipotente de toda a vida no universo. Como criador, Deus merece glória, louvor e amor. É justo que ele seja glorificado por sua criação (Apocalipse 4:11). A definição mais básica de justiça é “dar a cada um o que é devido”.

Ao que tudo indica, dar glória a Deus é, além de uma questão de amor, uma questão de fazer justiça a ele mesmo como Deus. Logo, se Deus não criasse, provavelmente estaria em contradição com a natureza do amor, além de não fazer justiça a si mesmo.

As pessoas não têm problemas em dar glória àqueles a quem admiram (pais, celebridades, superiores, etc.). Então, não deveriam ter problemas em dar glória, amor e louvor para aquele que as criou e as sustenta.

Há pessoas que pensam: “Se eu estivesse no lugar de Deus, faria tudo certo”. Tal pensamento implica que Deus falhou. No entanto, é justamente esse pensamento que é falho! Provavelmente, o aparecimento do pecado é inevitável, não importa se outro “estivesse no lugar de Deus”. Os seres têm que ser criados com vontade própria para poder amar, e isso significa que eles podem escolher pecar. Veja o sétimo tópico especial deste estudo (estudo sobre o livre arbítrio).

2.12. DEUS NÃO PODERIA CUMPRIR SEU PLANO SEM USAR A TERRÍVEL CRUCIFICAÇÃO?

Mas ele foi traspassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados. (*Isaias 53:5, “Nova Versão Internacional”*).

Ele mesmo levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, a fim de que morrêssemos para os pecados e vivêssemos para a justiça; por suas feridas vocês foram curados. (*1 Pedro 2:24, “Nova Versão Internacional”*).

tendo os olhos fitos em Jesus, autor e consumidor da nossa fé. Ele, pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus. (*Hebreus 12:2, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “Se Deus é onipotente, ele não poderia ter encontrado uma maneira menos horrível do que a cruz para realizar seu plano?”

Essa é uma questão interessante. É claro que, sendo menos do que onipotentes, nenhuma alternativa que possamos conceber responderá adequadamente a essa pergunta.

É melhor afirmar que não sabemos. Não sendo nem onipotentes nem oniscientes, dificilmente estaremos em posição de julgar as alternativas de Deus ou a escolha que ele fez. Diremos que a disposição de Deus de assumir o horror da cruz pode servir como uma ilustração do horror de nosso pecado e até onde Deus está disposto a ir para nos salvar. Ele faz isso.

Além disso, a palavra “onipotência” deve ser cuidadosamente entendida em relação a como ela descreve Deus. Há coisas que Deus não pode fazer. Entre elas estão: Deus não pode agir de forma contrária à sua natureza, não pode ignorar o pecado, não pode tolerar a injustiça para sempre, não pode quebrar suas promessas e não pode mentir.

2.13. E QUANTO ÀQUELAS LEIS QUE DEVERIAM VIGORAR PARA SEMPRE?

Objeção em consideração: “E quanto a todas aquelas leis que deveriam estar vigorando para sempre?”

O Antigo Testamento contém referências a muitas leis que não são aplicadas hoje. Isso significa que os cristãos estão errados ao não obedecê-las, ou que a Bíblia não é mais relevante, ou algo mais?

Leis relativas à moralidade, as quais você provavelmente está mais familiarizado, ainda estão em vigor hoje. Isso porque são características do próprio Deus. Se são características de Deus, e o caráter de Deus é eternamente imutável, então essas leis também devem ser eternamente imutáveis.

A lei de Deus que foi dada para Moisés repassar ao povo de Israel, comumente chamada de Lei de Moisés, incluía leis relativas a rituais, leis dietéticas e leis sociais/cíveis. Essa lei era **apenas para o povo de Israel e não vigora mais desde que Cristo morreu e ressuscitou, pois ele, como o Messias, cumpriu o propósito dela** (“Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir”, Mateus 5:17).

Embora sejam encontradas referências à Lei de Moisés com o uso dos termos “para sempre” e “perpétua”, esses termos do Antigo Testamento não significam, necessariamente, que essas leis não têm fim. Há muitas práticas que Deus disse serem “para sempre”, mas que definitivamente têm cessado (por exemplo, o sacrifício de animais e o sacerdócio levítico). A expressão “para sempre”, nesses casos, se refere ao que haveria de durar por um período de tempo indefinido: a duração de uma era. O contexto de Êxodo 31:13,16 define isso melhor, significando “nas gerações de Israel”. Essa expressão foi também utilizada para muitas outras práticas que cessaram porque as gerações de Israel, como nação física escolhida por Deus, cessaram.

Desde a morte e ressurreição de Jesus, a humanidade está sob a “Lei de Cristo” (1 Coríntios 9:21) ou a “Nova Aliança” (2 Coríntios 3:6; Jeremias 31:31-34), isto é, os ensinamentos de Cristo e dos apóstolos. Ninguém mais hoje está sujeito à Lei de Moisés. Porém, estudá-la revela aspectos e princípios importantes de Deus para a humanidade.

Falando resumidamente sobre a Lei de Moisés, suas leis relativas a rituais prefiguravam a obra redentora de Deus na cruz, como os sacrifícios – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?). As leis dietéticas serviram principalmente para separar Israel e os israelitas do restante do mundo. Essas leis foram exemplos materiais ilustrando a santificação espiritual que o povo de Deus deve exibir em meio a um mundo incrédulo, ou “lições em objeto”. As leis sociais/cíveis eram para a operação da antiga nação de Israel em seu contexto de época, local e cultura.

2.14. A GLÓRIA DE DEUS É DITA COMO GRANDE, MAS NÃO A VEJO

É como um dedo apontando o caminho para a Lua. Concentre-se no dedo e você perderá toda aquela glória celestial. (*Bruce Lee, “Enter the Dragon”*).

Eu, Jesus, enviei o meu anjo para dar a vocês este testemunho concernente às igrejas. Eu sou a Raiz e o Descendente de Davi, e a resplandecente Estrela da Manhã. (*Apocalipse 22:16, “Nova Versão Internacional”*).

Como nós, astrônomos, somos sacerdotes do Deus supremo em relação ao livro da natureza, convém que pensemos não na glória de nossas mentes, mas antes, acima de tudo, na glória de Deus. (*Johannes Kepler*).

Objeção em consideração: “Diz-se que a glória de Deus é muito grande, mas não a vejo.”

A luz das estrelas e galáxias distantes são tão fracas quando chegam a nós que essa luz é abafada até mesmo pela vela mais fraca. Se elas são trilhões de vezes mais brilhantes, como isso acontece?

É possível que a glória de Deus seja igualmente mascarada pela luz deste mundo? Que sua verdadeira grandeza de alguma forma seja obscurecida?

O que é mais largo: a galáxia de Andrômeda ou a ponta do seu dedo? A galáxia de Andrômeda, é claro. Então, como você pode posicionar seu dedo próximo a ela no céu e bloqueá-la de vista? Como você pode mover o dedo para frente e para trás, bloqueando e desbloqueando alternadamente um objeto muito maior? Como isso é possível?

A resposta é a distância, mas não se distraia com a matemática. Em vez disso, concentre-se no que seu incrível dedo acabou de fazer.

A galáxia de Andrômeda mede entre 165.000 a 260.000 anos-luz de diâmetro, contém talvez 200 bilhões de estrelas e reside em algum lugar entre 2,2 a 2,5 milhões de anos-luz de distância. Como parece que nem todas as estrelas têm planetas, mas aquelas que têm planetas têm mais de um, Andrômeda provavelmente também tem um trilhão de planetas, ainda mais luas e inúmeros outros objetos. No entanto, está ao seu alcance encerrar a incrível jornada de uma porção da luz coletiva disso tudo com um dedo.

Pense na jornada que a luz fez – dois milhões e meio de anos a caminho, a apenas o comprimento de um braço de ser vista por seus olhos, e um dedo levantado ou um virar da cabeça é tudo o que é preciso para não ver essa luz.

A galáxia inteira de Andrômeda contra você, e Andrômeda perde. Não parece justo, não é? A glória de Andrômeda é tudo o que poderia ser visto se você pudesse discernir seus raios de luz que parecem ser apenas um ponto. Essa seria a cena de todos os dias ensolarados em todos os planetas em todos os sistemas de Andrômeda que não fossem obscurecidos por um objeto intermediário. Alguma parte chegou até você. Ainda assim, essa glória incrível não é párea para a incapacidade ou falta de vontade de vê-la. Ou, em outras palavras, a glória de Andrômeda tem a humildade de não arrancar do observador casual sua descrença de que é algo mais do que apenas um ponto.

Então, o que você vê quando olha para o céu noturno – pontos sem sentido? Ou você vê mundos rodopiantes de todas as cores, vastos oceanos de metano líquido ou sóis vermelhos profundos com 160 milhões de milhas de diâmetro?

Aqueles que olharam suficientemente de perto e da maneira certa encontraram exatamente essas coisas. Físicos e astrônomos discerniram e registraram essa glória para compartilhá-la conosco. Embora seu olho nu não possa distinguir os mesmos detalhes desses estudos em primeira mão, compreender que essas vistas incríveis são o que está em exibição todas as noites é inspirador.

Tal é a glória de Deus, e tal é a glória de Jesus Cristo como vista na Bíblia.

Em certo sentido, Deus também é um imenso poder distante por um abismo insondável. Mas a glória de Deus nos convida a olhar mais de perto. Leia os relatos em primeira mão daqueles que experimentaram sua presença (os relatos contidos nas Escrituras). Então o que eles viram, embora talvez seja um ponto sem sentido para você agora, pode se tornar uma visão mais clara da glória de Deus. A glória de Deus é a soma de tudo o que ele é: poder infinito, amor infinito, graça e misericórdia; seu criador, conselheiro e amigo. Como a luz de Andrômeda, a glória de Deus brilha, esteja você olhando ou não.

Outra pergunta: o que é mais divertido – uma televisão suspensa em um avião ou um único diodo vermelho no painel de controle da cabine? A televisão. Mas devemos perguntar: qual tem maior importância?

A luz mais importante é a menor – é aquela para a qual as pessoas devem ser treinadas para dar prioridade máxima. Isso é alarmante porque não é instintivo. A televisão é grande e se esforça para mostrar o que você quer ver. O diodo é pequeno e pode indicar coisas que você deseja ou não deseja ver. O diodo pode indicar uma colisão iminente ou pode indicar que o piloto automático acabou de ser acionado com segurança. Os diodos às vezes dão garantias, outras vezes solicitam que você responda.

A Bíblia, em sentido semelhante, é um desses diodos. Não é divertida em comparação com algumas outras coisas na vida. E não arranca de nós mais atenção do que estamos dispostos a dar. Não fala mais alto do que a comoção ao nosso redor, mas nada disso significa que a Bíblia não seja mais importante ou uma fonte maior de segurança.

Deus fez conhecida a sua vontade para você e forneceu evidências de sua existência e um vislumbre de sua glória. Mas ele oferece a você esses vislumbres de si mesmo de tal maneira que você ainda pode se afastar, se for isso que realmente deseja.

A luz da glória de Deus veio do céu e da eternidade passada até o comprimento do seu braço. Tudo o que está em questão é se você vai olhar ou não. E, uma vez olhando, você vai ver?

“Se virar um pouco a cabeça, senhor, verá no monitor que preparei para que a nação da Austrália soletre seu nome com velas. Acredito que o satélite esteja passando por cima agora.” “Bah! Não tenho tempo.” (*Waylon Smithers e Sr. Burns em “Os Simpsons”*).

2.15. DEUS ENGANOU ALGUNS PROFETAS?

Então eu disse: “Ah, Soberano SENHOR, como enganaste completamente este povo e a Jerusalém dizendo: ‘Vocês terão paz’ quando a espada está em nossa garganta.” (*Jeremias 4:10, “Nova Versão Internacional”*).

SENHOR, tu me enganaste, e eu fui enganado; foste mais forte do que eu e prevaleceste. Sou ridicularizado o dia inteiro; todos zombam de mim. (*Jeremias 20:7, “Nova Versão Internacional”*).

E, se o profeta for enganado e levado a proferir uma profecia, eu, o SENHOR, terei enganado aquele profeta e estenderei o meu braço contra ele e o destruirei, tirando-o do meio de Israel, o meu povo. (*Ezequiel 14:9, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “Como se pode dizer que Deus não engana ninguém se ele mentiu para alguns profetas (conforme Jeremias 4:10; 20:7; Ezequiel 14:9)?”

Os versos de Jeremias acima citados (Jeremias 4:10; 20:7), na verdade, não afirmam que Deus engana as pessoas, uma vez que são simplesmente reclamações de Jeremias a Deus em momentos de profunda amargura. Essas duas passagens específicas são geralmente consideradas objeções contra Deus influenciadas por emoções, semelhantes àquelas dadas por outros líderes na história de Israel, tal como ocorreu com Moisés (Êxodo 5:22; Números 11:11) ou com Jó (Jó 27.1; 30:20-23). Jeremias havia confundido a promessa da presença de Deus com a garantia de que nenhum mal ou escárnio viria sobre ele ou seu ministério.

Jeremias 4:10 é algo que veio do próprio senso de Jeremias da destruição iminente (como evidenciado pela expressão “em nossa garganta”), uma vez que ele próprio era um residente da teimosa Jerusalém que estava prestes a ser exilada. Os estudiosos do Antigo Testamento consideram isso como apenas uma de uma série de tais “reclamações”. Tal declaração não é um julgamento ponderado, mas a reação espontânea de um homem que sentiu profundamente as tragédias da vida, sejam as suas próprias ou as dos outros. A mesma tendência se repete nas manifestações posteriores de Jeremias diante de Deus. **A Bíblia é verdadeira ao retratar os sentimentos de pessoas fiéis, ainda que esses sentimentos se voltem contra Deus em algum momento.**

Jeremias 20:7 ilustra muito bem esse ponto. Considere algumas coisas sobre a passagem e seu contexto:

1. Em Jeremias 1:6-8, Deus chamou Jeremias para seu ministério profético: “Mas eu disse: ‘Ah, Soberano SENHOR! Eu não sei falar, pois ainda sou muito jovem.’ O SENHOR, porém, me disse: ‘Não diga que é muito jovem. A todos a quem eu o enviar, você irá e dirá tudo o que eu ordenar a você. Não tenha medo deles, pois eu estou com você para protegê-lo’, diz o SENHOR.” Note que Jeremias tinha uma expectativa de sempre ser livrado, ainda que Deus em outro lugar tenha dito a ele que haveria dificuldades (Jeremias 1:19).
2. Em Jeremias 20:7, o profeta observou amargamente que seu livramento da parte de Deus está ausente. Ele reclama de como é ridicularizado pelo povo.
3. Em outra passagem, Jeremias acusou Deus de ser um “riacho seco” para ele, conforme Jeremias 15:18: “Por que é permanente a minha dor, e a minha ferida é grave e incurável? Por que te tornaste para mim como um riacho seco, cujos mananciais falham?” É óbvio aqui que “riacho seco, cujos mananciais falham” significa “não produz os resultados esperados”. Em outras palavras, Deus o convenceu a se tornar um profeta, com promessa de proteção, porém, no entendimento do profeta, nenhum livramento foi realizado (o que não era verdade, pois no seu livro está evidente quantas vezes ele tinha sido livrado por Deus). Evidentemente, Jeremias pensou que a Palavra de Deus levaria o povo ao arrependimento, mas foi um choque para ele que as mensagens de Deus estavam trazendo calúnia e abuso.

- Jeremias 20:7 usa uma forma especial de verbo que é ligeiramente diferente de “enganar”, mas muito mais forte do que “persuadir” – é a forma usada para **“seduzir” em Êxodo 22:16**. O segundo verbo em Jeremias 20:7 na expressão “foste mais forte do que eu e prevaleceste” é uma palavra que também é usada para “sedução” no Antigo Testamento (Deuteronômio 22:25; 2 Samuel 13:11,14).

O termo para “enganar” em Jeremias 20:7, na verdade, é tão ousado e ofensivo que alguns com uma “sensibilidade religiosa” tentaram suavizá-lo ao traduzi-lo como “persuadir” ou “seduzir”, de modo que o verso não parecesse beirar a blasfêmia. Em sua forma intensiva (como no presente caso), o verbo significa “seduzir”, assim como uma virgem é seduzida (conforme Êxodo 22:16; 1 Reis 22:20-22). **O termo não acusa Deus de mentir ou deturpar, mas o que ele se refere como sedução é a compulsão divina no espírito do profeta.**

Portanto, um bom entendimento de Jeremias 20:7 é que Jeremias estava alegando que o Senhor o persuadiu com muita força a ser um profeta, coisa que Jeremias não queria. Ele alegou que, embora o Senhor tenha superado sua resistência ao chamado para ser profeta (conforme Jeremias 1:4-10), ele acreditou nas promessas do Senhor, mas mesmo assim estava sendo abandonado à vergonha.

Um ponto importante sobre o contexto é que **os governantes não estavam realmente interessados nas mensagens verdadeiras de Deus – eles queriam mentiras!** Os seus falsos profetas praticaram a falsidade e os governantes gostavam disso (Jeremias 5:31). Os governantes chegaram a ponto de dizer a Jeremias para não falar em nome do Senhor (Jeremias 11:21)! Eles disseram ao povo para não dar atenção a ele (Jeremias 18:18). Quando Jeremias profetizou, em vez de eles considerarem o que ele disse como algo que poderia ser verdade, eles espancaram Jeremias (Jeremias 20:1) e tentaram executá-lo (Jeremias 26:7). Jeremias também é o livro que tem a famosa cena em que o rei queima as profecias de Jeremias enquanto ele as lê (Jeremias 26). **Aqueles governantes absolutamente não estavam interessados na verdade – eles queriam e amavam as mentiras dos falsos profetas.**

Outro ponto importante sobre o contexto é que os governantes ainda tinham uma escolha. Pelo próprio fato de que Jeremias os estava alertando sobre os falsos profetas, aqueles governantes ainda foram expostos com argumentos de ambos os lados (a verdade proferida por Jeremias e as mentiras proferidas pelos falsos profetas). Deus não os deixou apenas ouvindo as mentiras – ele testemunhou a verdade para eles até o fim por meio de Jeremias.

Quanto a Ezequiel 14:9, primeiramente examinemos o contexto (Ezequiel 14:1-11):

Algumas das autoridades de Israel vieram e se sentaram diante de mim. Então o SENHOR me falou: “Filho do homem, estes homens ergueram ídolos em seus corações e puseram tropeços ímpios diante de si. Devo deixar que me consultem? Ora, diga-lhes: ‘Assim diz o Soberano, o SENHOR: quando qualquer israelita erguer ídolos em seu coração e puser um tropeço ímpio diante do seu rosto e depois for consultar um profeta, eu o SENHOR, eu mesmo, responderei a ele conforme a sua idolatria.’ Isto farei para reconquistar o coração da nação de Israel, que me abandonou em troca de seus ídolos. Por isso diga à nação de Israel: ‘Assim diz o Soberano, o SENHOR: arrependa-se! Desvie-se dos seus ídolos e renuncie a todas as práticas detestáveis!’ Quando qualquer israelita ou qualquer estrangeiro residente em Israel separar-se de mim, erguer ídolos em seu coração e puser um tropeço ímpio diante de si e depois for a um profeta para me consultar, eu, o SENHOR, eu mesmo, responderei a ele. Voltarei o meu rosto contra aquele homem e farei dele um exemplo e um objeto de zombaria. Eu o eliminarei do meio do meu povo. E vocês saberão que eu sou o SENHOR. E, se o profeta for enganado e levado a proferir uma profecia, eu, o SENHOR, terei enganado aquele profeta e estenderei o meu braço contra ele e o destruirei, tirando-o do meio de Israel, o meu povo. O profeta será tão culpado quanto aquele que o consultar; ambos serão castigados. Isso para que a nação de Israel não se desvie mais de mim nem mais se contamine com todos os seus pecados. Serão o meu povo, e eu serei o seu Deus. Palavra do Soberano, o SENHOR.” (Ezequiel 14:1-11, “Nova Versão Internacional”).

Observe algumas coisas sobre a passagem em sua totalidade:

- O versículo 5 afirmou que Deus responde ao idólatra “conforme a sua grande idolatria”: a punição será compatível com o crime.
- O homem que buscar uma mensagem do falso profeta será eliminado do meio do povo do Senhor e se tornará um “exemplo e objeto de zombaria” (Ezequiel 14:8). Essa última expressão é uma cláusula de

punição em Deuteronômio 28:37, a qual foi especificada para uma rejeição radical do acordo de aliança feito entre Deus e Israel quando o povo entrou em Canaã.

3. Deus estimularia alguns falsos profetas a falar, aparentemente para que Deus também pudesse julgá-los, “destruindo-os” dentre o povo de Israel.
4. Curiosamente, não há nenhuma menção real de enganação na passagem. Não temos “dados concretos” da própria passagem para assumir que esses profetas proferiram falsidades, mas temos uma abundância de dados de outras passagens em Ezequiel de que muitas de suas profecias não eram de Deus (Ezequiel 13) e até mesmo de que eles “encobriam” o mal feito pelos governantes opressores da terra (Ezequiel 22:28-30).
5. A imagem da punição de Deuteronômio 28 acima mencionada tem algumas implicações interessantes. Uma das punições para a rebelião de Israel mencionada em Deuteronômio 28 é a “confusão” (Deuteronômio 28:20,28). A confusão é vista como um castigo de Deus! A “confusão”: (1) faz parte do julgamento prometido por Deus sobre as nações de Canaã (Êxodo 23:27; Deuteronômio 23:27); (2) é usada como uma “arma” no julgamento de Deus contra os exércitos que lutaram contra Israel durante o êxodo do Egito e na conquista da terra prometida (Êxodo 14:24; Josué 10:9; 1 Samuel 14:20); (3) é buscada pelo salmista como um julgamento pessoal de Deus sobre aqueles que procuram prejudicá-lo (Salmo 71:24; 35:26; 40:14; 70:2); e (4) é profetizada como um julgamento sobre Israel na era messiânica (Isaías 6:9-12).
6. Sendo assim, Deus pune a nação apóstata concedendo a ela falsos profetas que a levam à sua condenação.

Novamente, como na época de Jeremias, **o povo simplesmente não estava interessado na verdade!** Isso conforme a passagem alarmante em Ezequiel 33:30: “Quanto a você, filho do homem, seus compatriotas estão conversando sobre você junto aos muros e às portas das casas, dizendo uns aos outros: ‘Venham ouvir a mensagem que veio da parte do SENHOR’. O meu povo vem a você, como costuma fazer, e se assenta para ouvir as suas palavras, mas não as põe em prática. Com a boca eles expressam devoção, mas o coração deles está ávido de ganhos injustos. De fato, para eles você não é nada mais que um cantor que entoia cânticos de amor com uma bela voz e que sabe tocar um instrumento, pois eles ouvem as suas palavras, mas não as põem em prática.” A audiência de Ezequiel não tinha uma paixão ou compromisso com a verdade.

Note também que, mais uma vez, a audiência de Ezequiel ainda tinha uma escolha. Ezequiel estava alertando as pessoas sobre os falsos profetas. Elas ouviram a mentira e a verdade – Deus não as deixou apenas com as mentiras. Por meio de Ezequiel, o testemunho da verdade da parte de Deus foi manifestado.

Portanto, quando se lê em Ezequiel 14:9 “se o profeta for enganado e levado a proferir uma profecia, eu, o SENHOR, terei enganado aquele profeta”, isso **não significa que Deus mentiu para o profeta, mas que Deus permitiu que aqueles que gostam da mentira fossem enganados, recebendo exatamente aquilo que queriam.** Isso é o que o apóstolo Paulo afirmou que Deus faz com aqueles que rejeitam a verdade e desejam a mentira:

Portanto, a ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens que **suprimem a verdade pela injustiça, pois o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles**, porque Deus lhes manifestou. (*Romanos 1:18-19, “Nova Versão Internacional”*).

Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém. (*Romanos 1:25, “Nova Versão Internacional”*).

Além do mais, **visto que desprezaram o conhecimento de Deus, ele os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem o que não deviam.** (*Romanos 1:28, “Nova Versão Internacional”*).

A vinda desse perverso é segundo a ação de Satanás, com todo o poder, com sinais e com maravilhas enganadoras. Ele fará uso de todas as formas de engano da injustiça para os que estão perecendo, porquanto rejeitaram o amor à verdade que os poderia salvar. **Por essa razão Deus lhes envia um poder sedutor, a fim**

de que creiam na mentira e sejam condenados todos os que não creram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça. (2 Tessalonicenses 2:9-12, “Nova Versão Internacional”).

A conclusão é que **Deus não mente para ninguém. Ele “engana” no sentido de permitir que as pessoas que tanto querem a mentira a recebam e sejam enganadas.** A ação de Deus não foi enganosa nem moralmente coercitiva. Proferir falsas profecias é exatamente o que os falsos profetas gostam de fazer. Portanto, não há coerção da parte de Deus em induzi-los a exercer seus ofícios. O Deus soberano ordenou as circunstâncias de tal forma que esses homens maus iriam, por sua própria vontade, proferir falsas profecias que revelariam seu verdadeiro caráter e os levariam à sua condenação final. Uma vez que não amaram a verdade, Deus os entregou ao erro e à sua consequência final, a destruição.

2.16. DEUS NÃO MENTE, MAS ENGANA OS ÍMPIOS?

E o SENHOR disse: “Quem enganará Acabe para que ataque Ramote-Gileade e morra lá?” E um sugeria uma coisa, outro sugeria outra, até que, finalmente, um espírito apresentou-se diante do SENHOR e disse: “Eu o enganarei”. “De que maneira?”, perguntou o SENHOR. Ele respondeu: “Irei e serei um espírito mentiroso na boca de todos os profetas do rei”. Disse o SENHOR: “Você conseguirá enganá-lo; vá e engane-o”. E o SENHOR pôs um espírito mentiroso na boca destes seus profetas. O SENHOR decretou a sua desgraça. (1 Reis 22:20-23, “Nova Versão Internacional”).

Objeção em consideração: “Como pode ser que Deus não seja mentiroso e ao mesmo tempo engane os ímpios?”

A resposta é a mesma da [objeção anterior](#): Deus não mente a ninguém, mas permite que aqueles que querem a mentira a recebam e sejam enganados. Nesse ponto, Satanás e espíritos enganadores possuem uma função permitida por Deus: enganar aqueles que querem a mentira e que não possuem o amor pela verdade (2 Tessalonicenses 2:9-12). É nesse sentido que Deus “engana” os ímpios, os quais, por sua própria vontade, aceitam o erro e caminham para a destruição.

A profecia em 1 Reis 22:20-23 acima citada é contra o rei Acabe, um rei particularmente perverso do reino do norte do povo de Israel durante a época do reino dividido. Ele normalmente reunia falsos profetas ao seu redor para ouvir o que queria e reclamava do profeta Micaías (o profeta de Deus que proferiu a profecia em questão) que apenas falava “coisas ruins” sobre o rei. Por isso, Acabe não o consultava muito (1 Reis 22:8,18).

Como examinamos no caso anterior de Jeremias e Ezequiel, os governantes apenas ouviam “profetas politicamente aceitáveis” para eles. Não queriam a verdade. Então, Deus permitiu que recebessem a mentira que queriam e, nesse sentido, o “Senhor os enganou”. Compare o caso do profeta Isaías, cronologicamente situado entre Micaías e Jeremias, em Isaías 30:10-14:

Eles dizem aos videntes: “Não tenham mais visões!” e aos profetas: “Não nos revelem o que é certo! Falem-nos coisas agradáveis, profetizem ilusões. Deixem esse caminho, abandonem essa vereda e parem de confrontar-nos com o Santo de Israel!” Por isso diz o Santo de Israel: “Como vocês rejeitaram esta mensagem, apelaram para a opressão e confiaram nos perversos, este pecado será para vocês como um muro alto, rachado e torto, que de repente desaba, inesperadamente. Ele o fará em pedaços como um vaso de barro, tão esmigalhado que entre os seus pedaços não se achará um caco que sirva para pegar brasas de uma lareira ou para tirar água da cisterna”. (Isaías 30:10-14, “Nova Versão Internacional”).

Deus já havia julgado Acabe e decretado sua morte em 1 Reis 21:19, por causa, entre outras coisas, da morte inocente de Nabote (1 Reis 22:1-19). O envio do “espírito mentiroso” foi para eventualizar o julgamento de Acabe (1 Reis 22:20).

O termo real para “enganar” em 1 Reis 22:20-23 é a palavra “seduzir” que vimos no [caso de Jeremias 4:10; 20:7](#). Deus perguntou quem iria “seduzir” Acabe para que ele se dirigisse para a morte (na verdade não há nenhuma menção de “engano”). Um espírito se oferece para ser um “espírito mentiroso” na boca dos profetas de Acabe, e Deus concede a ele permissão para fazer isso. A sedução não inclui necessariamente o engano – no caso, seduzir significa apenas a condução de um ímpio para o destino que já escolheu. Havia outras formas do verbo e outras palavras que poderiam ter trazido o significado de mentira se a intenção do escritor bíblico fosse realmente transmitir a ideia que Deus mente, mas essas palavras mais específicas não foram usadas.

Essa ação de Deus de “colocar o espírito mentiroso” na boca dos falsos profetas é o que expresso como “O SENHOR decretou a sua desgraça” em 1 Reis 22:23. Isso é um outro [caso de “confusão” ou “falsas decisões” como julgamento da parte de Deus](#).

Nessa passagem, é ainda mais óbvio do que nos [casos de Jeremias e Ezequiel](#) que as pessoas recebem tanto as mentiras da parte do mal quanto a verdade da parte de Deus, e podem fazer a escolha. Note que a profecia de Micaías (a verdade) está sendo dada bem diretamente a Acabe. Micaías, na presença dos falsos profetas e até mesmo do rei do reino do sul do povo de Israel (Judá), descreveu essa visão em detalhes para o rei Acabe. **Acabe teve todas as oportunidades para rejeitar o “espírito mentiroso” e aceitar a verdadeira mensagem de Deus!**

Esse princípio é confirmado quando notamos que a passagem em questão é uma visão que Micaías revelou a Acabe. **É como se Deus estivesse dizendo a Acabe: “Estou permitindo que seus profetas mintam para você.”** Em certo sentido, Deus está revelando mais verdades a Acabe do que permitindo que mentiras cheguem a ele. Se Deus estivesse realmente tentando colocar Acabe em uma situação de risco de vida, ele não teria revelado o plano ao rei, muito menos de forma tão direta! **Mesmo assim, Acabe se recusou a seguir a verdade de Deus e seguiu o conselho de seus falsos profetas de qualquer maneira.**

O mesmo princípio se aplica à recusa de crer na Bíblia por qualquer objeção que se possa imaginar, sejam as objeções abordadas neste estudo, sejam quaisquer outras. Nenhuma objeção é verdadeiramente um motivo para não crer na Bíblia. Não caia no mesmo erro dos antigos governantes de Israel e de Acabe.

2.17. DEUS ENVIA A MENTIRA PARA AS PESSOAS SEREM CONDENADAS?

Por essa razão Deus lhes envia um poder sedutor, a fim de que creiam na mentira e sejam condenados todos os que não creram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça. (2 Tessalonicenses 2:11-12, “Nova Versão Internacional”).

Objeção em consideração: “Deus envia a mentira para as pessoas para ter motivo para condená-las.”

Essa objeção pode ser respondida da mesma forma que as objeções no [caso dos profetas Jeremias e Ezequiel](#) e no [caso do rei Acabe](#). O envio do erro da parte de Deus é para que as pessoas que rejeitam o amor pela verdade manifestem seu próprio caráter e recebam a consequência de suas próprias escolhas, isto é, tornar manifesto que elas preferem a mentira e rejeitam a verdade.

Examinemos o contexto maior da passagem:

A vinda desse perverso é segundo a ação de Satanás, com todo o poder, com sinais e com maravilhas enganadoras. Ele fará uso de todas as formas de engano da injustiça para os que estão perecendo, porquanto rejeitaram o amor à verdade que os poderia salvar. Por essa razão Deus lhes envia um poder sedutor, a fim de que creiam na mentira e sejam condenados todos os que não creram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça. (2 Tessalonicenses 2:9-12, “Nova Versão Internacional”).

O contexto é que um perverso que opera segundo a ação de Satanás iria aparecer, enganando a muitos, inclusive “com sinais e maravilhas enganadoras”. Note que esse poder engana aqueles “que estão perecendo”. São pessoas que já estão perecendo de alguma forma. Elas já foram confrontadas com a verdade e a rejeitaram. Agora, esse “novo engano” vem na sequência da rejeição anterior, e elas o acolhem. Não é diferente do [caso dos governantes de Israel](#) mencionado anteriormente.

Observa-se também que a razão do perecimento dessas pessoas não é Deus, mas a rejeição da verdade da parte delas. Esse foi o mesmo erro dos antigos governantes de Israel que amavam a mentira, como o [rei Acabe](#).

O ponto de 2 Tessalonicenses 2:9-12 é que as pessoas teriam sido salvas se tivessem amado a verdade. As poderosas forças de Satanás, embora muito convincentes, não teriam convencido as pessoas se elas amassem a verdade. As forças do mal têm uma função no plano de Deus: manifestar quem são aqueles que confiam na verdade de Deus e quem são aqueles que preferem qualquer outra coisa que não seja Deus.

O que se evidencia aqui é que **o enganado é ligado causalmente à recusa em amar a verdade**, e isso é ligado judicialmente ao julgamento/condenação, como no caso em que Deus pune os desobedientes com a “[confusão](#)” no Antigo Testamento.

Portanto, o engano e a consequente condenação são para aqueles que já haviam rejeitado a verdade por não possuírem amor pela verdade. Se você está buscando objeções para servir de desculpa para não você crer na Bíblia, você pode estar cometendo o mesmo engano.

Tendo em vista o que estudamos sobre as objeções que alegam que Deus engana as pessoas, temos o seguinte resumo:

- Se você rejeitar a verdade, ou se nem sequer se interessar por ela, então você obterá (ou seja, Deus dará a você) exatamente o que você deseja (“cuidado com o que você deseja, pode se realizar”);
- Alguma confusão (não toda a confusão) pode ser um julgamento de Deus, de acordo com Romanos 1:25 (suprimir a verdade de Deus pela injustiça) e Romanos 1:28 (rejeitar tanto o conhecimento de Deus a ponto de Deus entregar a uma mente depravada), mas esse julgamento está sempre de acordo com o que queremos;
- Deus parece fazer uso de uma “ética de permissão” para deixar as pessoas serem enganadas. Em alguns casos, ele permitiu que falsas mensagens e falsos mensageiros tivessem acesso ao ouvinte (como o [rei Acabe](#) e a [audiência de Jeremias](#)). Em alguns casos, Deus permite que fortes evidências acompanhem essas mensagens de engano (2 Tessalonicenses 2:11-12). Ele permite influências enganosas na vida das pessoas porque: (1) elas pedem por essas influências, e (2) muitas vezes como julgamento pela rejeição da verdade;
- Quando os demônios em Mateus 8:30 pediram permissão para entrar nos animais, Jesus simplesmente permitiu. Isso não o torna um patrocinador ativo do mal. Quando ele disse a Judas para fazer sua traição rapidamente, isso não o implicou em sua própria traição. Deus nos permite escolher a ignorância. Ele parece protelar por um tempo, mas se nos tornarmos cada vez mais desonestos em como lidamos com as informações sobre ele e outras verdades, eventualmente ele será eticamente levado a nos punir – permitindo que nos tornemos como a pessoa que nossas escolhas refletem;
- Pela bondade de Deus, de alguma forma, juntamente com as forças enganosas, Deus fornece informações sobre elas. Ele forneceu a verdade até mesmo para aqueles sob a “confusão”, de forma que pudessem aceitar a verdade e mudar seus caminhos. Se Deus realmente fosse mau, como explicar esses atos de fornecer discernimento e explicação até mesmo para aqueles que receberam mensagens enganosas? Se fosse assim, Deus estaria frustrando seus próprios “juízos maus”! Deus verdadeiramente é misericordioso e justo. Ele realmente quer que o conheçamos.

3. OBJEÇÕES SOBRE A EXISTÊNCIA DE DEUS

Examinemos a seguir algumas objeções sobre a existência de Deus. Veja também o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

3.1. COMO PODEMOS CRER EM DEUS SEM VÊ-LO?

Não tenho evidências para provar que Deus não existe, mas suspeito tanto que ele não existe que não quero perder meu tempo. (*Isaac Asimov, autor do “Guia de Isaac Asimov para a Bíblia”*).

A ideia de que Deus é um homem branco enorme com uma barba esvoaçante que se senta no céu e registra a queda de cada pardal é ridícula. (*Carl Sagan*).

Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor está aperfeiçoado em nós. (*1 João 4:12, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “Até vemos unicórnios cor-de-rosa, assumimos que eles não existem. Então, até vemos Deus, como podemos acreditar que ele existe?”

Essa é uma pergunta extremamente razoável cuja resposta está espalhada por três dos sete estágios deste estudo. Leia o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?), o segundo estágio deste estudo (integridade) e o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Muitos descrentes enfatizam que não sabem se Deus existe porque não estão suficientemente convencidos de sua existência. Eles razoavelmente argumentam que é uma prática padrão para qualquer pessoa, incluindo os cristãos, geralmente assumir a inexistência de algo a menos que existam provas suficientes para mostrar o contrário.

Por exemplo, é razoável supor que não existem unicórnios cor-de-rosa a menos e até que tenhamos boas razões para acreditar que existem. Esse raciocínio é sólido, mas a controvérsia reside na quantidade e no tipo de evidência e na definição de suficiência de cada uma.

Os cristãos sustentam que há provas suficientes para concluirmos racionalmente que existe um Deus e que ele se manifestou em Jesus Cristo. Quanto ao que constitui evidência suficiente, isso é discutido no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?), mas os cristãos acreditam que a evidência inclui inúmeras provas históricas, arqueológicas, teleológicas, médicas, científicas e teológicas (este estudo não aborda muitas das evidências teleológicas ou médicas).

3.2. DEUS FOI CRIADO POR OUTRO DEUS MAIOR?

Por que presumir tão loquazmente que o Deus que presumivelmente criou o universo ainda o está administrando? Certamente é concebível que ele o tenha terminado e depois o entregue a deuses menores para operar. (*H. L. Mencken*).

Ouçã, ó Israel: o SENHOR, o nosso Deus, é o único SENHOR. (*Deuteronômio 6:4, “Nova Versão Internacional”*).

Disse Filipe: “Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta”. Jesus respondeu: “Você não me conhece, Filipe, mesmo depois de eu ter estado com vocês durante tanto tempo? Quem me vê, vê o Pai. Como você pode dizer: ‘Mostra-nos o Pai?’” (*João 14:8-9, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “Quem pode dizer que Deus não foi criado por algum deus ainda maior?”

Essa pergunta pode ser feita como uma ofuscação da questão real sobre a Bíblia e Cristo. A resposta fornecida é sucinta e pode ajudar a colocar a discussão de volta nos trilhos.

Ao ouvir que o universo foi criado por Deus, os aficionados por filosofia podem levantar a questão: “E quem criou Deus?” Postula-se fora dos círculos judaico-cristãos que o próprio Deus da Bíblia poderia ser uma criação de um deus ainda maior, que por sua vez é a criação de um deus ainda maior, e assim por diante.

Em resposta a isso, a Bíblia proclama que Deus é um e é eterno. Além disso, é esse mesmo Deus que a Bíblia revela ser nosso criador e nosso juiz. Portanto, mesmo que existisse uma plethora de criadores superiores ou inferiores, isso não mudaria a questão, ou seja, a afirmação de Jesus de ser a manifestação física do único Deus verdadeiro. A questão de se o Deus da Bíblia foi ou não criado por um deus ainda maior é irrelevante.

Quando estamos no trabalho, nós respondemos ao nosso supervisor imediato, independentemente de quem seja seu supervisor. Da mesma forma, seríamos responsáveis perante Deus, que está imediatamente acima de nós, ainda que existisse algum outro que fosse “seu superior”. Portanto, **não importa o que se postule sobre os “níveis de deuses”, o Deus que conhecemos, aquele que se deu a conhecer a nós, é aquele que precisamos respeitar.**

3.3. DEUS NÃO TEM LUGAR NA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Objeção em consideração: “A religião não pode ser provada nem refutada, então Deus não tem lugar na investigação científica.”

As ciências materiais admitiram limitações no que diz respeito a revelar informações sobre um Deus imaterial. Então, a busca da verdade é mais bem servida ao omitir Deus da ciência por completo?

[...] temos um compromisso prévio com o materialismo [...] para criar um aparato de investigação e um conjunto de conceitos que produzam explicações materiais, não importa o quão contraintuitivo pareça. (Richard Lewontin).

Quão objetivo você julgaria esse “pensador livre” em relação a possibilidades imateriais, como Deus? E quão comprometido você diria que ele está em “seguir as evidências onde quer que elas levem”?

É aqui que a palavra “religião” – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) – carrega muita bagagem negativa na mente de muitas pessoas, embora seja um termo útil. A religião, em certo sentido, pode ser descrita como a atividade humana que busca preencher a “necessidade de Deus”. Nesse sentido, alguém está certo ao dizer que a religião e suas potenciais tendências não fazem parte da investigação científica.

No entanto, a ciência – veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade) – não pode descartar a possibilidade de que a existência de Deus seja uma realidade. Fazer isso é correr o risco de cegar a ciência para certas verdades ou conclusões possíveis. **Se a visão sobre ciência de alguém for encontrar a verdade onde quer que as evidências possam levar, então nenhuma conclusão potencial pode ser excluída de consideração.**

É claro que percebemos que a Bíblia descreve Deus como espírito e que as ciências materiais tratam daquilo que não é espiritual, mas a **preocupação primordial é encontrar a verdade**. Abordamos essa implicação no terceiro estágio deste estudo (veracidade) e, provavelmente, em todos os outros estágios deste estudo.

A “religião” cristã depende absolutamente de certas verdades: Jesus andou na Terra, Jesus ressuscitou da morte, Deus criou os céus, Deus criou a humanidade, e muito mais. Na medida em que existe alguma evidência dessas coisas, então Deus, pelo menos como uma conclusão potencial, tem uma parte na investigação científica. Se o cristianismo tem uma teoria que explica com sucesso o mundo ao nosso redor, por que não o investigar, pelo menos até onde a evidência permite? Veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Dizemos tudo isso e ainda podemos concordar com Kepler que olhar para o divino não deve ser a primeira atitude de um cientista. Mesmo José não fez isso quando ouviu pela primeira vez que Maria estava grávida de Jesus. Pois Deus é capaz de trabalhar tanto de forma transparente quanto de forma visível.

3.4. NÃO SE PODE COMEÇAR COM A HIPÓTESE DE QUE DEUS EXISTE

Objeção em consideração: “Não se pode começar com a hipótese de que Deus existe.”

Quando alguém começa a considerar o cosmos, quer um criador divino esteja envolvido ou não, é impróprio partir da premissa de que Deus pode existir? A única premissa permitida é aquela que diz que Deus não existe?

Embora não seja necessário no estudo da autenticidade da Bíblia começar com a premissa de que Deus existe, como acontece com o **argumento cosmológico para a existência de Deus** mostrado no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?), é desnecessariamente restritivo começar com a premissa de Deus não existe, como alguns ateus podem fazer. A possível existência ou inexistência de Deus, se não deve ser aceita como premissa, pode ou deve ser resultado de um raciocínio lógico, e não de um pressuposto pelo qual as evidências são filtradas.

Na lógica, o que você acredita ser verdade no começo tem um efeito direto no que você conclui no final, e discutimos isso no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?). No que diz respeito à Bíblia, se você começar com a crença de que não existe um Deus que possa ter inspirado os autores bíblicos, realizado suas obras, ou aparecido como Jesus Cristo, então a sua conclusão da evidência – qualquer evidência – está fixada independentemente de qualquer análise. Você se torna obrigado a considerar que a Bíblia não é inspirada, é mitológica em seus registros, e que Jesus não era divino.

Exatamente o oposto do que se descreveria como “pensamento livre”, uma premissa restritiva como essa não é livre para seguir evidências em busca da verdade onde quer que elas possam levar. Em vez disso, canaliza o raciocínio em uma rota predeterminada que é garantida desde o início para chegar ao ateísmo. Apenas uma premissa que permite mais de uma conclusão possível é livre para chegar à verdade por mérito próprio. Caso contrário, não é preciso ser um profeta para prever qual conclusão sobre a Bíblia provavelmente será alcançada se a premissa de alguém for “Deus não existe, não pode existir”.

Um leitor digno comentou o seguinte sobre a observação do autor do estudo original (www.provethetbible.net) de que a ciência não pode descartar um possível criador: “Também não pode descartar que em um universo paralelo as panquecas tenham olhos.” Nota: essa é uma afirmação que “não está provada”. Aqui, em contraste, está algo que “não foi comprovado” (uma pequena, mas importante diferença): “Se existe um universo paralelo, as panquecas podem ou não ter olhos.” Essa última afirmação evita a falácia de assumir certos fatos que não estão em evidência, enquanto a primeira assume coisas demais (obviamente excetuando que ambas as afirmações assumem panquecas em universos alternativos).

Não sabemos sobre panquecas em universos alternativos, portanto não podemos fingir ter certeza de suas características. No entanto, **estaremos abertos à possibilidade de sua existência, preocupando-nos com elas na proporção da evidência que nos é mostrada sobre sua probabilidade.** Os ateus não deveriam, pelo menos, conceder o mesmo para Deus?

3.5. OUTROS TEMORES SÃO MAIS PODEROSOS E CRÍVEIS DO QUE O TEMOR DE DEUS

Não tenham medo dos que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Antes, tenham medo daquele que pode destruir tanto a alma como o corpo no inferno. (*Mateus 10:28, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “Tenho temores muito mais poderosos do que o temor de Deus porque os considero muito mais críveis.”

Acreditamos que as pessoas têm medos que aparecem com mais destaque em suas mentes do que não retribuir o amor de Deus. As perguntas são: quais medos são realmente críveis e o que fazemos a respeito deles?

Há a questão de definir e reconhecer uma “ameaça crível”. Qual apelido foi dado para a época dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 – uma época que conhece bem o custo de ter uma sensação de falsa segurança?

Se você ainda não examinou as evidências a respeito de Jesus ou da Bíblia, e não sabe por que deveria, veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

Se você concorda que deveria examinar essas evidências, mas ainda não decidiu por onde começar, revise a introdução deste estudo, a qual demonstra um caminho de estudo muito lógico que o ajudará a restringir sua pesquisa, concentrando-se nos tópicos de maior interesse para você. Veja em qual estágio do estudo está o assunto que você gostaria de saber e se oriente pelo sumário.

Se você já pesquisou muitas evidências e ainda acha que a Bíblia é inacreditável, considere ler pacientemente todos os estágios e tópicos especiais deste estudo.

4. OBJEÇÕES SOBRE FÉ, RAZÃO E CRENÇA

Examinemos a seguir algumas objeções sobre fé, razão e crença. Veja também o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

4.1. CRER SIGNIFICA ACREDITAR QUE ALGO É VERDADE SEM PROVA OU LÓGICA?

A crença é quando outra pessoa faz o trabalho de pensar. (*Buckminster Fuller*).

Crença significa não querer saber o que é verdadeiro. (*Friedrich Nietzsche*).

Antes, santifiquem Cristo como Senhor em seu coração. Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que pedir a razão da esperança que há em vocês. (1 Pedro 3:15, "Nova Versão Internacional").

Objeção em consideração: "‘Crer’ significa manter algo como verdade sem haver prova ou lógica!"

Os escritores ateus às vezes podem ser bastante persistentes em sua afirmação de que a Bíblia é antirrazão e antiprova. Essa afirmação é falsa, mas não é uma surpresa. Não se deve esperar que pessoas que não dedicam parte de sua vida ao estudo da Bíblia saibam o que ela diz.

A literatura não cristã geralmente interpreta o uso do termo "crer" da parte de cristãos como "considerar verdadeiro sem prova ou raciocínio lógico". Alguns profanos cristãos podem de fato usar a palavra exatamente dessa maneira, mas manter uma fé não evidenciada não é uma posição bíblica.

Deus não forneceu profecias, evidências, milagres, ressurreição, os testemunhos dos apóstolos, o próprio testemunho do cristão e as próprias Escrituras para que seu povo pudesse andar por aí e dizer que crê nele sem um bom motivo. Os cristãos devem declarar no que eles creem, no contexto do motivo pelo qual creem, especialmente ao abordarem aqueles que duvidam da existência de Deus ou da credibilidade da Bíblia.

A fé cristã tem excelentes evidências empíricas e argumentos lógicos. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o terceiro estágio deste estudo (veracidade). Um cristão que falha em compartilhar essas coisas não mostra ao descrente sincero a prova que ele professa estar esperando. No entanto, até que os descrentes vejam essas evidências, eles devem se abster de saltar para a conclusão de que não há prova ou evidência ou lógica.

4.2. PESSOAS SÃO PUNIDAS POR USAREM A RAZÃO OU QUESTIONAREM A FÉ?

Estou muito satisfeita por não acreditar mais em um deus que declara a razão um pecado [...]. (*Ruth Hurmence Green*).

"Venham, vamos refletir juntos", diz o SENHOR. "Embora os seus pecados sejam vermelhos como escarlate, eles se tornarão brancos como a neve; embora sejam rubros como púrpura, como a lã se tornarão." (*Isaías 1:18*, "Nova Versão Internacional").

A religião [sempre] foi anti-humana, antimulher, antívvida, antipaz, antirrazão e anti-ciência. (*Madalyn Murray O'Hair*).

Não destruímos a religião destruindo a superstição. (*Cícero*).

"Muitas vezes esse espírito o tem lançado no fogo e na água para matá-lo. Mas, se podes fazer alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos." "Se podes?", disse Jesus. "Tudo é possível àquele que crê." Imediatamente o pai do menino exclamou: "Creio, ajuda-me a vencer a minha incredulidade!" (*Marcos 9:22-24*, "Nova Versão Internacional").

Objeção em consideração: "As pessoas são punidas pelo uso da razão ou pelo questionamento da fé?"

Pessoas foram condenadas por dúvidas de fé e outras coisas semelhantes na Idade Média, mas por líderes corruptos de uma organização que professava ser “igreja” – não por Deus ou pela Bíblia. Veja o sexto estágio deste estudo (história).

Dada a implementação de crimes de pensamento e punições semelhantes ao longo da história (pelo comunismo, fascismo, marxismo, stalinismo, etc.), parece que o problema não está ligado às ideias de alguém sobre Deus, mas à prática bem humana chamada “opressão”.

Nos dias da **Inquisição** – veja o sexto estágio deste estudo (história) – a igreja de Roma perseguia numerosos grupos de pessoas, incluindo grupos que professavam ser cristãos. Os professos adoradores de Cristo foram incluídos na perseguição porque se opunham à alegação da igreja romana de autoridade singular. Um dos objetivos dessa ação da igreja de Roma era se colocar como a única intérprete das Escrituras.

Em uma tentativa de impor suas interpretações peculiares das Escrituras, a igreja de Roma definiu como heresia o questionamento da autoridade da igreja romana, o questionamento das interpretações de Roma e o fracasso em abraçar seus dogmas papais. A certa altura, chegou a declarar que possuir uma Bíblia em qualquer linguagem diferente do latim era uma heresia. **Essas chamadas “heresias” foram definidas pela instituição da igreja romana medieval – não são crimes definidos na Bíblia.**

É uma noção incorreta afirmar que questões difíceis sobre Deus ou fé são, ou foram, proibidas pela Bíblia, ou que a punição pelo questionamento ou dúvida é característica do cristianismo. Tais proibições e punições eram peculiares à igreja romana da Idade das Trevas [24]. Em contraste, **a Bíblia não tem oposição ao pensamento racional, dúvidas honestas ou investigação da veracidade de suas afirmações.** De fato, pode-se argumentar que as Escrituras endossam claramente o pensamento racional, convidam à exploração de sua veracidade e, até certo ponto, honram a dúvida sincera.

Uma passagem que pode ilustrar como Deus lida com as pessoas que têm dúvidas sinceras sobre ele ou que acham difícil segui-lo é o capítulo 21 do Evangelho de João (começando com o versículo 15). Pedro já havia negado conhecer Jesus três vezes no julgamento antes da crucificação dele. Mas Jesus ressuscitou dos mortos, voltou para seus discípulos e confrontou Pedro.

Jesus perguntou a Pedro se ele realmente o amava mais do que amor dos outros discípulos por Jesus. Pedro respondeu que sim e que Jesus sabia que ele o amava. Três vezes Jesus perguntou e três vezes Pedro respondeu. E cada vez Jesus confirmou Pedro exortando-o a apascentar as ovelhas de Jesus, isto é, continuar em seu discipulado e continuar fazendo a igreja crescer.

Jesus não condenou Pedro por suas falhas, ou por duvidar dele, ou por não o amar o suficiente para confessar publicamente sua fé. Jesus aceitou o retorno de Pedro para ele e, além disso, afirmou a continuação de Pedro na responsabilidade e privilégio de cuidar da igreja.

João Batista é outro exemplo. João proclamou corajosamente a vinda do Cristo, até mesmo reconhecendo-o e batizando-o. Mais tarde, João foi preso enquanto o ministério de Jesus começava e, depois de algum tempo, João pediu a um de seus discípulos que perguntasse a Jesus se ele era aquele que havia de vir ou se deveria esperar outro (Mateus 11:3). Claramente tão seguro de Jesus quanto João tinha sido antes, ele então fez uma pergunta que sugere certa dúvida.

Como Jesus respondeu? Ele não apenas forneceu referências bíblicas afirmativas para amenizar a dúvida de João, mas também disse isto à multidão diante dele:

Enquanto saíam os discípulos de João, Jesus começou a falar à multidão a respeito de João: “O que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? Ou, o que foram ver? Um homem vestido de roupas finas? Ora, os que usam roupas finas estão nos palácios reais. Afinal, o que foram ver? Um profeta? Sim, eu digo a vocês, e mais que profeta. Este é aquele a respeito de quem está escrito: ‘Enviarei o meu mensageiro à tua frente; ele preparará o teu caminho diante de ti’. Digo a verdade a vocês: **do meio dos nascidos de mulher**

não surgiu ninguém maior do que João Batista; todavia, o menor no Reino dos céus é maior do que ele.”
(Mateus 11:7-11, “Nova Versão Internacional”).

A partir desses exemplos, saiba que podemos nos aproximar de Jesus e da Bíblia, não com medo de punição, mas com expectativa de recepção favorável quando reconhecemos, com honestidade, o humilde grau de fé – grande ou pequeno – que sabemos possuir. Tenha muita fé.

4.3. ATEUS E ATEÍSMO NÃO TÊM NADA A VER COM TER ESPERANÇA

Objeção em consideração: “Ateus e ateísmo não têm nada a ver com ter esperança.”

Acreditando que Deus não existe, os ateus também podem acreditar que a esperança é um conceito estranho para eles? Não é bem assim.

Primeiramente, concordamos que o ateísmo não é somente esperança. Os ateus, no entanto, ainda praticam a esperança no sentido básico de que a “esperança” significa “preferir” ou “desejar”, ou “confiar em um resultado específico para uma determinada situação ou cenário”. A esperança para os cristãos, por exemplo, inclui o desejo de que Jesus os reúna após a morte e cumpra as outras promessas que fez enquanto esteve na Terra. A Bíblia chama os cristãos a confiar nisso.

Para isso, um ateu pode dizer: “Bem, eu não tenho esperança – ponto final – porque não acredito em Jesus, na vida após a morte, etc.” É verdade que um ateu pode não ter nenhuma expectativa de existência após a morte. **Mas os ateus esperam, ou “preferem”, que não encontrem problemas inescapáveis e terríveis após a morte se encontrarem um Deus como descrito na Bíblia.** Essa era a esperança do autor do estudo original (www.provethetbible.net) quando um tópico semelhante foi levantado para ele enquanto ele estava sentado no saguão da K-State’s Farrell Library há mais de trinta anos antes do presente.

Portanto, com relação à questão de saber se rejeitar a Cristo resultará em uma condenação agonizante ou em nenhum dano, os praticantes do ateísmo devem realmente admitir ter um resultado preferido e, de fato, confiar nele. Os ateus realmente têm esperança – a esperança de não serem julgados por Deus.

Em segundo lugar, quanto ao valor da esperança ou das esperanças, mesmo as falsas esperanças fornecem algo positivo, ainda que fugazes ou imaginadas. “Espero que o piloto saiba o que está fazendo.” “Espero que esta pizza congelada tenha um sabor tão bom quanto a pizza entregue em caixa.” Em última análise, porém, a esperança de alguém não é melhor do que o objeto ou o desejo dessa esperança.

Talvez se possa dizer que os ateus, em grande parte, não veem valor nas esperanças de um cristão porque olham para as várias evidências e não veem Deus, o objeto dessas esperanças. Os cristãos olham para as mesmas evidências e o veem. Então, faça o que fizer, definitivamente olhe para essas evidências, de perto, para que você possa se encontrar entre o grupo ao qual você realmente pertence.

Em terceiro lugar, há a ideia do orgulho de um não teísta em tentar ser autossuficiente versus esperar em Deus. A visão bíblica de Deus é que ele trabalha através de nós, não apenas para nós. A autossuficiência é excelente na medida em que nenhum de nós se deve permitir se tornar um fardo para os outros, ou, de um modo geral, não esperar nada em troca. Mas é ruim no contexto de acreditar que podemos ou devemos nos qualificar para a salvação, ou acreditar que o mundo é desprovido da influência de Deus.

Qualquer cristão que dirige na estrada e diz “Deus é meu copiloto” e depois solta o volante está ignorando todos os ensinamentos das Escrituras. Isso não é agir em cooperação com a vontade de Deus, mas tentar a Deus. Essa atitude está mais para uma expectativa tola de ser atendido.

Outro conceito falso é uma vida após a morte que consiste em permanecer deitado nas nuvens tocando harpa e sendo servido por anjos. A Bíblia diz que fomos criados para adorar a Deus e cuidar de sua criação. Praticamos isso em parte agora, e esperamos que haja uma realização muito maior e mais gratificante por vir.

Por outro lado, uma pessoa que afirma que “não há influência divina no mundo” provavelmente é como um peixe que diz “não me sinto molhado”. A influência divina está aqui, assim como a água envolve o peixe. Simplesmente são as pessoas não reconheceram. O conceito de influência realmente remonta ao tópico das **origens** que é abordado no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

4.4. AS PESSOAS NÃO SE INTERESSAM PELA FÉ CRISTÃ

Eu gosto do seu Cristo, mas não gosto dos seus cristãos. Seus cristãos são muito diferentes do seu Cristo. (*Mahatma Gandhi*).

Pois, como está escrito: “O nome de Deus é blasfemado entre os gentios por causa de vocês”. (*Romanos 2:24, “Nova Versão Internacional”*).

Assim, pelos seus frutos vocês os reconhecerão! Nem todo aquele que me diz: “Senhor, Senhor”, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: “Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?” Então eu lhes direi claramente: nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês que praticam o mal! (*Mateus 7:20-23, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “As pessoas não se interessam pela fé cristã, portanto os cristãos deveriam deixar os não cristãos em paz.”

Sendo a Bíblia a Palavra de Deus, ela é autoritativa sobre o ser humano, conforme estudamos no quinto estágio deste estudo (autoridade). A mensagem dela tem consequências eternas e é de suma importância. Por isso deve ser anunciada a todas as pessoas. Considere ler com atenção a analogia do transatlântico afundando que foi apresentada no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e no quinto estágio deste estudo (autoridade).

A Bíblia, no entanto, não ordena que sua mensagem seja forçada para uma pessoa que demonstrou não querer ouvir. Na verdade, exemplos bíblicos mostram que não se deve insistir em “doutrinar” pessoas que não possuem interesse, mas pregar a mensagem para outras pessoas. É claro que, se uma pessoa que antes não tinha interesse na mensagem Bíblia passar a ter interesse posteriormente, essa pessoa deve ser acolhida e direcionada a Deus. Esse foi o exemplo de Cristo e dos apóstolos. **As pessoas devem se dirigir a Deus de forma voluntária, mas ainda assim o evangelho deve ser anunciado.**

Uma pergunta bastante oportuna é: **quais são os verdadeiros motivos para os não cristãos não se interessarem pelo cristianismo?**

A McCrindle Research realizou uma pesquisa abrangente em 2017 na Austrália sobre a percepção de mais de mil adultos sobre Jesus, a igreja e o cristianismo em geral. A pesquisa da McCrindle foi bastante interessante, pois pediu aos participantes que identificassem problemas, comportamentos e atitudes que os impediriam de ter interesse pela fé cristã. Os entrevistados puderam marcar mais de uma opção. As onze questões mais citadas, em ordem da mais frequente para a menos frequente, foram as seguintes:

1. **Abuso infantil.**
2. **Hipocrisia.**
3. **Guerras religiosas.**
4. **Julgamentalismo.**
5. **Questões relacionadas ao dinheiro.**
6. **Atitudes em relação à comunidade LGBTQIAP+.**

7. **Inferno e condenação.**

8. **O problema do sofrimento.**

9. **Papéis de gênero ultrapassados.**

10. **A Bíblia.**

11. **Ciência e evolução.**

Curiosamente, questões concernentes à Bíblia e à ciência e evolução, as quais se poderia esperar como liderando a lista, foram as últimas! O resultado da pesquisa da McCrindle Research mostrou que não é Cristo que repele as pessoas daquilo que é percebido como a “fé cristã”, mas aquilo que é percebido como “dogma cristão”, “sistema cristão”, “abusos de poder da parte de cristãos” e certos comportamentos e atitudes que lamentavelmente se tornaram associados aos cristãos.

Abuso infantil. Cerca de 57% dos entrevistados identificaram o abuso infantil como o principal impedimento para se interessarem pelo que é percebido como a “fé cristã”. A principal razão por isso ser repugnante para “líderes de igrejas” é que há uma expectativa de que eles possuam o mais alto nível de integridade, uma vez que pretendem de alguma forma representar o próprio Deus – uma expectativa que é frustrada por causa de uma pequena minoria.

Obviamente, a Bíblia é totalmente contra abuso infantil, assim como o [abuso de qualquer ser humano](#) – ou qualquer pecado, falando de forma mais abrangente. No entanto, não cristãos erram ao usar o princípio de “culpa por associação” quando veem uma minoria de professos cristãos cometendo esses crimes e estendem a culpa para todos os cristãos. Isso é ainda mais acentuado quando se considera quem verdadeiramente é cristão – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?). Dessa forma, não cristãos também têm problemas de **judgmentalismo**.

Hipocrisia. Cerca de 47% dos entrevistados identificaram que a hipocrisia que observaram em professos cristãos é um grande obstáculo para se interessarem pelo que é percebido como a “fé cristã”. É comum ver vários professos cristãos que proclamam elevados padrões morais, e às vezes os impõem aos outros, enquanto eles mesmos não vivem de acordo com esses padrões.

Jesus repreendeu os fariseus por essa razão. A Bíblia deixa claro que a vida do cristão deve corresponder aos ensinamentos de Cristo. Não se deve usar o princípio de “culpa por associação” para condenar todos os cristãos por causa de professos cristãos que agem de forma hipócrita. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

Guerras religiosas. Cerca de 45% dos entrevistados identificaram que guerras religiosas são um grande obstáculo para se interessarem pelo que é percebido como a “fé cristã”. Mas a “religião” não é a causa raiz de tantas guerras quanto as pessoas podem pensar. De acordo com a Encyclopedia of Wars, de 1.763 conflitos históricos conhecidos/registrados, apenas 123 (6,98%) tiveram a “religião” como causa primária. Como veremos adiante em outra objeção, a [“religião” não é a responsável pelos maiores assassinatos da história](#). A noção de que “religião causa atrocidades” é mais popularizada por causa das cruzadas e da Inquisição – veja o sexto estágio deste estudo (história).

O problema maior parece ser a “discórdia por causa de religião” presente em muitas comunidades, famílias e “igrejas”. Divergências religiosas têm causado vários tipos de ações reprováveis. No entanto, a história tem mostrado que pessoas têm se envolvido em ações reprováveis por praticamente qualquer motivo. É o mal uso da Bíblia que resulta em “ações reprováveis em nome do cristianismo”, e não a Bíblia em si. Não se deve usar o princípio de “culpa por associação” para condenar todos os cristãos, ou a Bíblia, por causa de professos cristãos que agem dessa forma. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

Julgamentalismo. Cerca de 43% dos entrevistados identificaram que atitudes julgamentalistas de professores cristãos são um grande obstáculo para se interessarem pelo que é percebido como a “fé cristã”. É muito comum que não cristãos se lembrem de Jesus ensinando “não julgue” enquanto observam muitos professores cristãos que parecem ser críticos demais.

No entanto, o que ocorre é uma falha tanto da parte de não cristãos quanto de professores cristãos em entender a aplicação dos ensinamentos bíblicos sobre como julgar. Basicamente, o cristão deve ser uma testemunha daquilo que Deus já julgou como errado – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o segundo tópico especial deste estudo (princípios do julgamento de Deus). Não se deve usar o princípio de “culpa por associação” para condenar todos os cristãos como julgamentalistas por causa dos professores cristãos que não sabem aplicar os ensinamentos bíblicos sobre julgamento. Nesse aspecto, não cristãos também cometem atitudes julgamentalistas – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

Questões relacionadas ao dinheiro. Cerca de 40% dos entrevistados identificaram que questões relacionadas ao dinheiro são um grande obstáculo para se interessarem pelo que é percebido como a “fé cristã”. Especificamente, há uma percepção de que “a igreja quer o meu dinheiro”.

A Bíblia ensina que ofertas devem ser voluntárias e o dinheiro ofertado à igreja deve ser utilizado de formas autorizadas no Novo Testamento. Desnecessário dizer que a imensa maioria das professoras “igrejas” não obedecem a esses ensinamentos. O maior problema ocorre quando “igrejas” insinuam que a doação de fundos de alguma forma desbloqueará a bênção de Deus: “quanto mais você der, maior será a bênção”. Isso é comumente conhecido como “evangelho da prosperidade”, mas não passa de uma deturpação do evangelho bíblico. O problema ainda maior é que professoras “igrejas” nem sequer podem ser chamadas de igrejas, uma vez que falham na aplicação de vários ensinamentos bíblicos (não apenas em questões de dinheiro) – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?). De qualquer forma, não se deve usar o princípio de “culpa por associação” para condenar os cristãos por causa das professoras “igrejas” que não aplicam os ensinamentos bíblicos.

Atitudes em relação à comunidade LGBTQIAP+. Cerca de 33% dos entrevistados indicaram que as atitudes de professores cristãos em relação à comunidade LGBTQIAP+ os impediriam de se interessar pelo que é percebido como a “fé cristã”. Não cristãos acreditam que cristãos demonstram desprezo excessivo e atitudes desamorosas em relação à essa comunidade, tornando a orientação sexual das pessoas em um pecado maior do que qualquer outra coisa. Uma grande parte da sociedade se moveu em direção à aceitação total da comunidade LGBTQIAP+ e os não cristãos têm uma visão de que “a igreja ficou para trás”.

A Bíblia ensina que cada ser humano deve bem ser tratado e respeitado. No entanto, Deus é específico, e taxativo, com sua ordem de que um homem deve se relacionar com uma mulher. Qualquer prática que se desvie disso é pecado. Mais especificamente, trata-se de um desrespeito para com a ordem que Deus instituiu, isto é, uma afronta à sua autoridade, e, em última análise, tal atitude recai em rebelião contra Deus.

Não é o padrão de Deus que deve se conformar aos padrões da sociedade – é a sociedade que deve se conformar aos padrões de Deus. Um homossexual não é um maior pecador do que um mentiroso, mas o perigo dos pecados sexuais é que são notórios por serem difíceis de abandonar.

No fim das contas, todos somos pecadores. Não importa o tipo de pecado, qualquer pecado que não for justificado por Deus levará para o mesmo destino: o banimento da presença de Deus. Felizmente, a salvação é para todos os seres humanos, independentemente da orientação sexual. No entanto, a pessoa que deseja a salvação deve abandonar a prática do pecado – qualquer pecado. E Deus capacita a pessoa a fazer isso. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?). De qualquer forma, não se deve usar o princípio de “culpa por associação” para condenar os cristãos por causa de professores cristãos que maltratam outras pessoas por causa de orientações sexuais.

Inferno e condenação. Cerca de 24% dos entrevistados indicaram que a maneira como a “igreja” usa a [ameaça do inferno](#) para coagir as pessoas a assumirem compromissos de fé é um grande problema. De fato, muitos professam terem “aceitado Jesus como Senhor e Salvador” principalmente por causa do seguinte sermão: “Se você

morresse esta noite, onde passaria a eternidade?” Não cristãos veem a recorrência ao medo e à culpa como uma estratégia reprovável de recrutamento para a “igreja”.

Embora o medo da condenação seja uma razão válida para buscar a Deus, não é a razão principal para a conversão verdadeira a Cristo. De fato, muitos professos cristãos fazem mal uso disso. No entanto, não se deve usar o princípio de “culpa por associação” para condenar os cristãos por causa de professas “igrejas” que são fracas em evangelizar (pior ainda quando nem ao menos ensinam corretamente sobre a salvação). O verdadeiro evangelismo envolve muito mais do que o medo da punição – envolve principalmente o entendimento do que é o pecado e do amor e justiça de Deus. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

O problema do sofrimento. Cerca de 24% dos entrevistados tropeçaram na questão do sofrimento: “[Se Deus é tão bom, por que há tanto sofrimento no mundo?](#)” Esse é um problema existencial para pessoas de todos os tipos de fé, e até mesmo para pessoas que alegam não possuir fé. No entanto, os não cristãos não veem bem as respostas padronizadas, muitas vezes até mesmo banais, como esta: “Deus trabalha de maneiras misteriosas. É tudo por causa do pecado. Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus. Apenas tenha fé.”

A visão de mundo cristã oferece as respostas mais satisfatórias a essa questão preocupante – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?). Não se deve usar o princípio de “culpa por associação” para condenar cristãos por causa da fraqueza de alguns em elaborar melhor a resposta sobre a questão do sofrimento.

Papéis de gênero ultrapassados. Cerca de 21% dos entrevistados listaram os papéis de gênero como um impedimento para se interessarem pelo que é percebido como a “fé cristã”. Os homens possuem autoridade sobre a esposa e os filhos. Apenas homens podem ser líderes da igreja. As mulheres devem ser submissas a seus maridos, pais e presbíteros/bispos/pastores. Porém, os não cristãos veem o “mundo ocidental moderno” como se dirigindo à “igualdade” e as “[estruturas e sistemas patriarcais](#)” são vistos como inaceitáveis e ultrapassados.

Primeiramente, se alguém deseja seguir a Cristo, deve deixar de lado suas preferências pessoais. Deus ordenou papéis diferentes para homens e mulheres e, assim como qualquer outro mandamento divino, isso deve ser obedecido. Não é a sociedade que dita os padrões de Deus, é Deus que dita os padrões da sociedade. Não é à toa que Jesus ordenou isto: “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Marcos 8:34).

Em segundo lugar, [a submissão da parte das mulheres a seus maridos](#) e a [proibição para que mulheres ensinem homens adultos](#) de forma alguma indicam alguma [inferioridade da mulher em relação ao homem](#). **Submissão não significa inferioridade. Todos nós, em pelo menos algum grau, somos submissos a alguém, mas ainda assim somos todos seres humanos e temos o mesmo valor para Deus.** Jesus Cristo é Deus Filho, mas é submisso a Deus Pai – e isso não o torna inferior a Deus Pai, ambos possuem a mesma divindade.

Em terceiro lugar, a “igualdade” pregada pelo “mundo ocidental moderno” parece mais se dirigir à uma **confusão e inversão de valores** e até mesmo incentiva ao menos algum grau de **vitimismo** – não é à toa que a sociedade está em uma situação deplorável. A Bíblia proíbe qualquer tipo de maltrato contra seres humanos, sejam homens, mulheres ou crianças. Mas afirmar que algum desses tem maior valor do que o outro é tratar as pessoas com parcialidade, coisa que Deus não faz (Romanos 2:11). **O histórico de abuso contra mulheres não ocorreu por causa dos papéis bíblicos para gêneros, mas por causa do abuso deles.**

A Bíblia. Cerca de 20% dos entrevistados listaram a própria Bíblia como um problema que os impediria de se interessarem pelo que é percebido como a “fé cristã”. A objeção mais específica diz respeito a dois assuntos. Em primeiro lugar, é difícil para não cristãos aceitarem vários relatos da Bíblia como verdade literal e histórica. Em segundo lugar, alguns dos eventos e ações na Bíblia parecem moralmente repreensíveis aos olhos da sociedade moderna.

A Bíblia é a Palavra de Deus e todos os seus relatos são verdadeiros, seja literalmente ou simbolicamente – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o terceiro estágio deste estudo (veracidade). É

importante lembrar que muitos dos relatos chamados de “moralmente repreensíveis” são apenas relatados em termos de descrições de ocorrências históricas, não recebendo aprovação bíblica. Instâncias como [apedrejar até a morte](#), [genocídio](#), [estupro](#), [misoginia](#), entre outras, aparecem na Bíblia, mas devem ser analisadas no contexto para serem entendidas corretamente. Os críticos da Bíblia insistem em condená-la citando essas coisas, mas falham miseravelmente em compreender (ou simplesmente não querem compreender) o que a Bíblia realmente ensina. Os estágios e tópicos especiais deste estudo mostram que não há razão verdadeira para não crer na Bíblia.

Ciência e evolução. Cerca de 18% dos entrevistados listaram a ciência e a evolução como razões pelas quais não se interessariam pelo que é percebido como a “fé cristã”. Os não cristãos veem a “igreja” como tendo muitas vezes se estabelecendo como inimiga da ciência.

O grande problema é que tanto os críticos da Bíblia quanto professos cristãos falham em entender o que a Bíblia ensina. O primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o terceiro estágio deste estudo (veracidade) demonstram como a Bíblia não está contra a ciência. O terceiro tópico especial deste estudo (liberdade de investigação) demonstra como a ciência não pode conceder todas as respostas para o entendimento da realidade e que outras ferramentas de aquisição de conhecimento são necessárias.

Sendo assim, na pesquisa da McCrindle Research, essas foram as onze razões mais citadas pelos entrevistados para o desinteresse na “fé cristã”. Uma observação final da pesquisa: **o fator número um que atraiu as pessoas ao cristianismo foi observar alguém realmente vivendo uma fé genuína.**

Podemos resolver à questão “gosto de Cristo, mas não de cristãos” ao retornar às verdades simples comunicadas pelo Deus todo-poderoso que veio na pessoa de um humilde carpinteiro na Palestina do primeiro século, o qual morreu para restaurar a comunhão perdida entre Deus e o ser humano. Deve ser muito triste para ele que a “igreja” seja vista pelas pessoas como um dos maiores obstáculos à verdadeira fé cristã. Apesar disso, **não use o princípio de “culpa por associação” como desculpa para não buscar o verdadeiro Jesus Cristo.** Veja o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

5. OBJEÇÕES A RESPEITO DO INFERNO

Examinemos a seguir algumas objeções sobre um assunto considerado bastante desagradável por muitos – o inferno.

5.1. UMA ETERNIDADE NO INFERNO É PUNIÇÃO JUSTA?

A ideia de que um bom Deus enviaria as pessoas para um inferno ardente é totalmente condenável para mim. Os delírios da insanidade! A superstição acabou! Não quero ter nada a ver com esse Deus. (*Luther Burbank*).

As maiores mágoas são aquelas que causamos a nós mesmos. (*Sófocles*).

Naquela ocasião Miguel, o grande príncipe que protege o seu povo, se levantará. Haverá um tempo de angústia como nunca houve desde o início das nações até então. Mas naquela ocasião o seu povo, todo aquele cujo nome está escrito no livro, será liberto. Multidões que dormem no pó da terra acordarão: uns para a vida eterna, outros para a vergonha, para o desprezo eterno. (*Daniel 12:1-2, “Nova Versão Internacional”*).

Aqueles cujos nomes não foram encontrados no livro da vida foram lançados no lago de fogo. (*Apocalipse 20:15, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “Uma eternidade no inferno é uma punição justa? A condenação eterna é uma punição justa por alguém não crer que Jesus morreu por causa de seus pecados?”

Uma eternidade de punição por talvez não mais do que setenta ou oitenta anos de incredulidade muitas vezes foi sugerida como bastante injusta. Há uma resposta muito boa a essa falsa percepção de que Deus é injusto. Considere nosso próprio sistema de justiça.

Se alguém fosse condenado por ter participado de uma matança de dez minutos, quanto tempo a lei exigiria que ele passasse na prisão? Dez minutos iguais? Obviamente não. **A punição para qualquer crime determinado aborda a qualidade do crime, não apenas o aspecto quantitativo do crime.**

No caso da Bíblia, **o principal crime que manda alguém para o inferno é a incredulidade.** A incredulidade rejeita o sacrifício final de Deus e é, de fato, equivalente a crucificar Jesus Cristo. De uma perspectiva posicional, o espírito de alguém ou está na cruz crucificado com Cristo – veja o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?) – ou está fora de Cristo, ao lado do mundo que exigiu sua morte e arcando com sua própria dívida de pecado. **Assim, em certo sentido, é por causa da qualidade infinita da vida de Cristo que a punição pela incredulidade exige uma consequência correspondentemente infinita. Uma sentença infinitamente longa para um crime infinitamente ruim.** Matemática simples – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

Em contraste, a recompensa da vida eterna, mesmo para a vida mais curta vivida na crença verdadeira, tem uma aparência muito maior de ser injusta – injusta com Deus, queremos dizer. Sem surpresa, não há objeção a esse lado da moeda. Considere o ladrão que confessou sua crença momentos antes de morrer na cruz ao lado de Cristo. Ele recebeu uma recompensa infinita pelo quê? Pela crença simples e verdadeira. **Ele recebeu uma consequência infinitamente boa pela crença verdadeira, graças apenas à qualidade infinitamente boa da vida de Jesus Cristo – o objeto dessa crença.**

5.2. QUEM SE ESFORÇA PARA CRER, MAS NÃO CONSEGUE, VAI PARA O INFERNO?

Nós todos merecemos. (*Clint Eastwood, “Os Imperdoáveis”*).

Pois todos nós devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba de acordo com as obras praticadas por meio do corpo, quer sejam boas quer sejam más. (*2 Coríntios 5:10, “Nova Versão Internacional”*).

Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado. (*Marcos 16:16, “Nova Versão Internacional”*).

Aquele servo que conhece a vontade de seu senhor e não prepara o que ele deseja, nem o realiza, receberá muitos açoites. Mas aquele que não a conhece e pratica coisas merecedoras de castigo, receberá poucos açoites. A quem muito foi dado, muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito mais será pedido. (*Lucas 12:47-48, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “Se depois de uma pessoa exercer seus melhores esforços sinceros para acreditar na Bíblia, mas não puder aceitá-la, ela ainda merece queimar no inferno?”

Se, depois de tentar ao máximo, alguém simplesmente não consegue aceitar a crença de que uma linha de energia com faíscas é perigosa, e se agarra a uma, ainda corre o risco de levar um choque elétrico? E se esse alguém for muito, muito legal? E se ele tinha boas intenções? E se era o aniversário dele? E se fosse depois de uma boa leitura do horóscopo?

A resposta para todas as questões acima é sim.

Primeiramente temos o texto bíblico: “pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus” (Romanos 3:23). Nós nos achamos corrompidos por causa de nossos próprios pecados. A Bíblia também diz: “o salário do pecado é a morte” (Romanos 6:23). Esse é o caráter justo de Deus, e cada um de nós é culpado de vários graus de injustiça.

A isso um descrente pode responder: “Sim, mas eu realmente quero o bem e Deus não deveria olhar principalmente para nossos corações?”

Deus olha para o coração, e o que ele provavelmente encontra é um crítico, talvez tentando muito, muito mesmo, construir sabedoria e autossuficiência – mas ainda não fazendo o que ele diz. A sabedoria é grande. O

conhecimento é ótimo. A autossuficiência, em muitos aspectos, é ótima. Mas **deixar de se submeter ao que nos foi passado por Deus é o que faz toda a diferença.**

Pensemos em outro tipo de [analogia de e-mail de chefe](#). Se no trabalho recebemos um *e-mail* de uma secretária afirmando falar em nome do chefe, e a mensagem dela exibe as palavras “venham se reunir no meu escritório antes de eu chegar”, o que fazemos?

Algumas pessoas simplesmente iriam para o escritório, mas não você. Na sua vida você sempre se pergunta: “Como sei que isso é real?” Você não tinha visto nenhum chefe e, pelo que sabia, a secretária também não. Você perguntou, verificou as propriedades do *e-mail*, e até conversou com alguns técnicos do setor de tecnologia de informação. Você até tinha aberto seu computador uma ou duas vezes, mas finalmente cedeu e foi para o escritório do chefe. Apesar de todas essas perguntas, você julgou que o chefe, quando chegar, não ficaria menos ou mais feliz em ver você do que ver aqueles que foram ao escritório dele antes de você.

Por outro lado, outros duvidaram, como você, mas ainda estão interrogando amigos de primos para descobrir se existe uma secretária. Coletando tantas explicações alternativas quanto possível para explicar aquele *e-mail*, eles estão trabalhando duro e de forma sincera para dissecar suas placas-mãe e conversar sobre o que cada chip faz.

Alguns outros foram para salas diferentes, acreditando terem ido para o verdadeiro escritório do chefe. Outros ainda duvidaram da autenticidade do *e-mail*, citando a probabilidade de ser *spam* ou uma transmissão distorcida, ou duvidando da existência do chefe, ou mesmo duvidando de que eles próprios trabalham na empresa. Todas essas pessoas serão pegadas desprevenidas entre pilhas de manuais, diplomas e diagramas 3D bem usados quando o chefe chegar de repente e disser a eles: “Vocês não estão no meu escritório – vocês estão demitidos.”

Mas espere, olhe para aqueles diagramas de circuitos complexos que eles elaboraram! Veja o quanto a mais eles aprenderam sobre cabeamento entre escritórios do que muitos outros. E não se esqueça dos erros ortográficos que a irmã da secretária pode ter cometido na terceira série. Certamente o chefe entenderá quando mostrarem a ele todas as diferentes maneiras pelas quais as letras em seu *e-mail* podem ser reorganizadas para significar outras coisas. Ou seja, eles trabalharam muito! **O que eles poderiam ter feito que não fizeram?**

Não fizeram uma coisa muito simples: aquilo que o chefe disse para eles fazerem!

Bem, você pode dizer que talvez um chefe não seja justo, mas Deus deve ser justo. Ele é, e talvez seja por isso que a salvação não é baseada em conquistas. **Não é o quanto você conhece, mas a quem você ama. “Eu nunca os conheci” são as últimas palavras que os incrédulos ouvirão de Deus.** Deus realmente nos quer muito de perto.

Vá em frente, verifique tudo o que você tem dúvida, mas faça isso o mais rápido possível e junte-se àqueles que foram ao escritório do chefe. Pois ele não está vindo para nos questionar sobre nosso conhecimento, mas para liquidar o negócio (na verdade, a empresa!) e dividir seus ganhos com todos os seus participantes – e você recebeu um convite, assim como o restante de nós.

E quanto à natureza do inferno? Existem algumas ideias diferentes sobre ele. As palavras e figuras que as Escrituras usam para descrevê-lo variam ligeiramente, o que sugere que talvez alguns aspectos clássicos possam ser melhor interpretados metaforicamente. Aspectos que são consistentes são a **separação de Deus** e um **remorso terrível**.

Pode ser que o inferno seja um tormento resultante de muitas de emoções ruins por causa do banimento da presença de Deus, uma vez que todas as coisas agradáveis e desejáveis são de Deus (amor, alegria, felicidade, realização, comunhão, justiça, bondade, etc.) e os banidos não terão nada disso – apenas suas emoções ruins torturantes. Tudo o que pode existir é escuridão, separação, remorso e uma autoaversão cada vez maior por causa da negligência de tudo o que se poderia ter com Deus, coisas que sempre se saberá que os justificados por Deus estarão desfrutando sem fim.

Qualquer que seja a autoaversão sem esperança, isso pode ser o que é retratado nas Escrituras como o “verme que não morre” ou a “chama que não cessa”. A possibilidade é que, no inferno, Deus não está se preocupando em atormentar ativamente as pessoas, nem pode haver algum algoz por perto para fazer companhia às pessoas em sua agonia. Deus, no final, simplesmente lançou cada uma dessas almas nas trevas exteriores e se comprometeu a tomar uma decisão consciente de nunca mais considerá-las. **O inferno que elas sofrerão pode acabar sendo autoinfligido porque, ao morrerem sem Cristo, elas saberão com certeza que mereceram.**

Quanto à existência ou não de chamas, qualquer grau de sofrimento multiplicado por duração infinita parece equivaler a sofrimento infinito. Claro, para os piores pecadores, as Escrituras afirmam que haverá uma punição pior. Então, matematicamente falando, embora cada pessoa condenada sofra uma quantidade infinita, os infratores piores acumularão sofrimento em um grau maior. De qualquer forma, você não pode dizer que não foi avisado.

5.3. SE UM NÃO CRISTÃO QUE É BOM MORRER, VAI PARA O INFERNO?

Objeção em consideração: “Se um não cristão morrer e for uma boa pessoa, irá para o inferno?”

Não temos todos nós bons amigos? Amigos que são simplesmente boas pessoas, mas que não seguem a Jesus? É concebível que a eles fosse negado o mesmo céu prometido àqueles por quem Jesus morreu – pessoas que talvez não sejam melhores?

Essa pergunta comum coloca o destino de um bom não cristão nas mãos do que certamente deve ser um Deus justo e sugere: “Por que não deixar bons não cristãos entrarem no céu?”

Existem várias pressuposições curiosas na questão. Pode-se pressupor que há claramente pessoas boas no mundo e elas simplesmente merecem ir para o céu. Pode-se pressupor que o céu é uma recompensa dada por Deus para quem ele julga ser bom, ou pelo menos bom o suficiente. Pode-se pressupor que o céu é uma realização para qual Deus meramente observa os indivíduos falhando ou sendo bem-sucedidos por conta própria. Porém, o pior é que isso tudo pressupõe que Jesus Cristo é periférico ou secundário para nós: “Independentemente de quem foi Jesus ou por que ele veio, eu sou bom – por que não me deixar entrar?”

Bem, como alguém entra no céu? Pela fé na provisão de Deus. Primeiro, porque somos pecadores, terrivelmente imperfeitos e necessitados de provisão, e segundo porque somente Deus pode, deseja e providencia essa provisão, isto é, a própria morte substitutiva de Deus na cruz na pessoa de Jesus Cristo. **Jesus pagou a pena pelo pecado do cristão. A dívida do pecado do não cristão ainda permanece. A ira de Deus ainda repousa sobre tal pessoa, independentemente de seu comportamento. Somente a morte de Cristo pode propiciar ou remover o pecado e resgatar alguém da ira vindoura de Deus.**

“E a nossa bondade?” Ninguém é bom – verdadeiramente bom – mas somente Deus (Lucas 18:19). Todos pecaram e carecem da glória de Deus (Romanos 3:23). Deus é santo, santo, santo (Isaías 6:3) e, como tal, qualquer coisa que não seja de igual santidade é um anátema à sua presença. Lembre-se de que foi somente sobre Jesus que Deus disse que estava satisfeito (Mateus 17:5). Somente recebendo a justiça de Jesus um indivíduo pode ser considerado por Deus e aceito no céu (Mateus 5:20; Romanos 3:21).

Considere também a situação do jovem rico em Lucas 18:18-23:

Certo homem importante lhe perguntou: “Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” “Por que você me chama bom?”, respondeu Jesus. “Não há ninguém que seja bom, a não ser somente Deus. Você conhece os mandamentos: ‘Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, honra teu pai e tua mãe.’” “A tudo isso tenho obedecido desde a adolescência”, disse ele. Ao ouvir isso, disse-lhe Jesus: “Falta ainda uma coisa. Venda tudo o que você possui e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro nos céus. Depois venha e siga-me”. Ouvindo isso, ele ficou triste, porque era muito rico. (*Lucas 18:18-23, “Nova Versão Internacional”*).

Aqui estava uma pessoa “boa” que queria entrar no céu. Seus últimos comentários trazem o fato de que ele pensava que sua vida era “boa”, o que parece que Cristo mostra que não é o caso, logo no início. O que Cristo fez ao sugerir que ele vendesse tudo não foi estabelecer um novo requisito para entrar no céu, mas tornar óbvio para esse homem que ele não era verdadeiramente bom como ele julgava ser. Ele pensava algo como: “Estou bem – obedeço a tudo o que Deus diz!” Jesus disse algo como: “Ainda falta algo, então, obedeça a isto: venda tudo o que tem e siga-me.” Mas o jovem rico não pôde fazer isso. Sua bondade não era tanta assim.

Uma incontável quantidade de chamados “bons não cristãos” serão lançados no inferno. Haverá mais [ex-assassinos no céu](#) que se verdadeiramente se converteram a Jesus do que “pessoas super boas” que, ao longo da vida, nunca creram e se comprometeram a obedecer ao Senhor – **“pessoas super boas” que nunca estiveram preocupadas em lidar com seus pecados** (Mateus 7:17-23). O destino do inferno é trágico, e é trágico pelo menos por esse motivo.

Sabemos com certeza que Cristo morreu para salvar todos aqueles que verdadeiramente se converteram a ele – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?). É difícil imaginar como Deus Pai se sentiu, depois de estar unido a Cristo por toda a eternidade, quando se afastou dele na cruz enquanto ele carregava nossa penalidade pelo pecado. Mas ele o fez, e Jesus passou pelo sacrifício e por muitíssima dor. Jesus orou tanto no jardim do Getsêmani para que se Deus quisesse ele fosse poupado de todo aquele terror (Mateus 26:39), mas as Escrituras nos dizem que ele suportou a cruz pela alegria que foi proposta a ele (Hebreus 12:2). Se ao menos fôssemos melhores em deixar isso nos motivar a compartilhar o evangelho com tantos amigos não salvos... Muitas vezes isso é demais para a nossa bondade lamentável.

6. OBJEÇÕES SOBRE JESUS E MILAGRES

Examinemos a seguir algumas objeções sobre Jesus e milagres. Veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade) e o quarto estágio deste estudo (divindade).

6.1. MESMO ACEITANDO QUE MILAGRES ACONTECERAM, ISSO PODE NÃO CONVENCER

Objeção em consideração: “Mesmo que eu aceitasse que um milagre aconteceu, não tenho certeza se isso me convenceria de alguma coisa.”

“Se eu visse um milagre, então estaria convencido”, dizem alguns. Mas nem todos que testemunharam os milagres da Bíblia creram. Alguns sim, outros não. Por que pensar que reagiríamos de maneira diferente hoje?

Concordamos com esse questionador. Dependeria do milagre (o quão “impossível” ele é) e das circunstâncias. Se a ressurreição, por exemplo, acontecesse de repente, seria impressionante, mas seria algo pelo que todos nós estaríamos impressionados por algum tempo e, depois, voltariamos para casa e logo a vida voltaria ao normal.

Mas ao se considerar que o milagre se encaixa no padrão de algo previsto há muito tempo, mais o boato de que o próprio Jesus o predisse, mais o fato de que todos os seus seguidores mais próximos morreram afirmando que era verdade, seria algo não apenas para estar impressionado, mas para querer saber mais a respeito. Veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

6.2. SER CRUCIFICADO É UMA COISA, SER DIVINO É OUTRA

Quase nenhuma pessoa educada nos dias de hoje duvida que Jesus viveu. Alguns o aceitam pela fé, outros pelo testemunho de cronistas antigos, tanto cristãos quanto romanos. (*“Time Online Edition”, 30 de outubro de 2002*).

Objeção em consideração: “Uma coisa é dizer que um homem foi crucificado, outra é considerá-lo divino.”

Antigas fontes judaicas e romanas escreveram suas queixas contra Cristo e seus seguidores – veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade). Em vez de descartá-lo como mítico, deve-se admitir que um homem chamado Jesus andou pela Terra, como confirmam esses escritos. Então, as perguntas que permanecem, e são boas perguntas, são: quem foi ou é Jesus realmente? E como descobrimos?

Certamente não é a mesma coisa dizer que um homem foi crucificado e que ele é divino. Aceite por um momento que um homem chamado Jesus andou pela Terra, foi crucificado e vários historiadores antigos registraram com exatidão pessoas adorando-o como se ele fosse Deus – veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade). Mas apenas porque tudo isso aconteceu, foi assim mesmo? Ele era/é realmente Deus? Como chegamos a uma conclusão razoavelmente exata?

Comece com a aceitação de que é possível que exista um criador. Negar positivamente isso no início do raciocínio seria predeterminar uma conclusão negativa antes mesmo de considerar as evidências. Então digamos que devemos ouvir o próprio reclamante – a Bíblia.

Segue uma análise geral do testemunho. No terceiro estágio deste estudo (veracidade) apresentamos uma ótima estratégia que o advogado inglês John Warwick Montgomery estabeleceu para determinar a verdade dentro do âmbito da lei, testemunho, testemunhas, etc. Aplica-se muito bem à Bíblia (entre as leituras recomendadas está sua obra “Evidence for Faith”).

Depois disso há uma confirmação desse testemunho, isto é, a Bíblia reflete com exatidão o que sabemos ser verdade da história, ciência, arqueologia, etc.? Essa é a essência de todo o terceiro estágio deste estudo (veracidade), contendo também um foco nas profecias a respeito de Jesus, sua ressurreição, associados mais próximos, não cristãos que viveram próximos aos dias de Jesus, e muito mais. O quarto estágio deste estudo (divindade) tem ainda mais considerações sobre a divindade de Jesus. Depois de tudo o que foi dito e feito, cabe a você – como um júri – responder.

6.3. A NAVALHA DE OCCAM NÃO SUPORTA A RESSURREIÇÃO

Eu não fazia ideia... Não fazia ideia... (Jodie Foster, “Contato”).

Objeção em consideração: “A navalha de Occam diz para aceitar a explicação mais simples, e a ressurreição dos mortos certamente não é a explicação mais simples.”

O túmulo de Jesus foi encontrado vazio. Por quê? Qual é a resposta mais simples? A resposta estará correta por ser a mais simples?

Primeiramente, a navalha de Occam não exige aceitação da explicação mais simples. É apenas um princípio orientador afirmando uma preferência por tal explicação. Veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Pessoas primitivas, como um exemplo clássico, poderiam ver e ouvir um telefone via satélite e pensar que é uma caixa com um homenzinho morando dentro. Um de nós então conta a eles sobre satélites, sinais e circuitos digitais abrindo e fechando milhões de vezes por segundo. Se o primitivo acreditasse que a navalha de Occam é um juiz de veracidade, ele concluiria que um homenzinho morando dentro seria a resposta mais correta, pois é a mais simples.

A resposta mais simples nem sempre é a correta. Isso é verdade na ciência e é ainda mais verdadeiro na história. A largura dos trilhos da ferrovia é o que é por causa da decisão arbitrária de um fabricante de trem ou porque remonta ao espaçamento das rodas em uma carruagem romana – especificamente uma que foi projetada para caber na largura de dois cavalos atrelados lado a lado? A segunda alternativa é a correta – justamente a mais complicada.

Em segundo lugar, é mais simples dizer que “X” aconteceu em vez da ressurreição? Bem, “X” deve primeiro ser declarado e depois avaliado por seus próprios méritos. Pode ou não ser mais simples. No entanto, novamente, a resposta mais simples não é inerentemente a correta.

Em terceiro lugar, em resposta a um leitor em particular, esperamos que existam religiões que se formaram em torno de alguma história convincente de “milagre” sem a necessidade de (ou talvez crença em) intervenção sobrenatural. Mas a alegação dos cristãos não é que a Bíblia tenha a história mais convincente ou as alegações de intervenção mais espetaculares. Eles acreditam que a Bíblia é um relato verdadeiro da história, de Deus e de Jesus Cristo. Refute isso e os cristãos não têm nada.

Para sua informação, os chamados “cristãos liberais” ou “não ortodoxos”, como aqueles dentro do movimento Jesus Seminar, pedem uma reescrita da Bíblia para remover relatos de milagres, alegações de divindade por parte de Jesus e coisas do gênero. Cristãos verdadeiros argumentariam, de forma convincente, que essas pessoas deveriam parar de chamarem a si mesmas de cristãos – isso apenas confunde as coisas. Veja o que é um cristão no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

6.4. COMO JESUS PODE SER ONISCIENTE SEM SABER A DATA DE SEU RETORNO?

Quanto ao dia e à hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai. (*Mateus 24:36, “Nova Versão Internacional”*).

Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade, (*Colossenses 2:9, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “Se Jesus é totalmente Deus, assim como totalmente humano, então como ele pode ignorar qualquer coisa, já que Deus é onisciente? Existem coisas que Deus Pai sabe, mas que o Filho é ignorante?”

É perigoso concluir que Deus sabe algo que o Filho não sabe, uma vez que ambos são Deus e são oniscientes. Considere João 21:17:

Pela terceira vez, ele lhe disse: “Simão, filho de João, você me ama?” Pedro ficou magoado por Jesus lhe ter perguntado pela terceira vez “Você me ama?” e lhe disse: “**Senhor, tu sabes todas as coisas** e sabes que te amo”. (*João 21:17, “Nova Versão Internacional”*).

Note que Jesus não corrigiu Pedro. Ele não disse “espere Pedro, eu não sei de todas as coisas”. Ele deixou Pedro continuar com sua declaração de que Jesus sabia todas as coisas. Portanto, deve ser verdade.

Agora, se temos um versículo que aparentemente diz que Jesus não sabia de todas as coisas e outro que aparentemente diz que ele sabe de todas as coisas, temos uma contradição? Não, não temos.

Antes da crucificação e ressurreição de Jesus, ele disse que somente o Pai sabia o dia e a hora de seu retorno. Porém, **enquanto estava em seu ministério neste mundo, Jesus estava cooperando com as limitações de ser homem**. Foi depois de sua crucificação e ressurreição que ele disse que toda a autoridade foi concedida a ele (*Mateus 28:18*). No entanto, ele ainda era um homem: totalmente homem e totalmente Deus (*Colossenses 2:9; 1 Timóteo 2:5*) – veja o quarto estágio deste estudo (divindade). Após sua ressurreição, ele pôde aparecer e desaparecer à vontade, e isso não é a habilidade normal de um homem – é, aparentemente, a habilidade normal de um homem ressuscitado e glorificado. Jesus estava diferente depois da ressurreição. Houve uma mudança. Ele ainda era um homem e sabia todas as coisas.

Se Jesus não for Deus porque, como dizem os críticos, “ele não sabia de algo”, então isso representaria um problema para Deus? Considere Apocalipse 19:12:

Seus olhos [de Jesus] são como chamas de fogo, e em sua cabeça há muitas coroas e **um nome que só ele conhece, e ninguém mais**. (*Apocalipse 19:12, “Nova Versão Internacional”*).

Com essa lógica, se Jesus for literalmente o único que conhece seu nome por causa da expressão “e ninguém mais”, nem Deus Pai nem o Espírito Santo conhecem esse nome. Então Deus Pai e o Espírito Santo não podem ser Deus? Claro que não. Está bem óbvio que essa lógica utilizada pelos críticos não é boa.

O entendimento que parece mais adequado em relação ao que Jesus disse em Mateus 24:36 (“Quanto ao dia e à hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai”) é que ele estava dizendo, por um lado, que seus discípulos não podem, não devem e não irão saber o dia ou a hora exata da sua segunda vinda. Por outro lado, Jesus usou a expressão “ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai” com referência à sua submissão ao Pai em relação ao momento de seu retorno.

Em outras palavras, é como se Jesus dissesse: “Não é meu papel como Filho determinar ou anunciar a hora de minha vinda – esse é um aspecto do papel do Pai”. Isso está de acordo com outra resposta de Jesus aos discípulos, resposta na qual ele disse que não competia aos discípulos saber sobre tempos ou datas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade (Atos 1:6-7):

Então os que estavam reunidos lhe perguntaram: “Senhor, é neste tempo que vais restaurar o reino a Israel?” Ele lhes respondeu: “**Não compete a vocês saber os tempos ou as datas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade.**” (Atos 1:6-7, “Nova Versão Internacional”).

No contexto de Mateus capítulo 24, os discípulos estão esperando uma resposta de Jesus para saber a hora exata do seu retorno (Mateus 24:3). Assim, Jesus respondeu algo como: “Isso não compete a vocês saberem e, em certo sentido, também não me compete dizer isso a vocês. Eu virei quando for a hora do Pai para que eu venha. Para mim, anunciar a hora da minha vinda com antecedência é desrespeitar a autoridade do Pai.”

Assim, não é que Jesus literalmente não saiba, ou não possa saber, o dia de seu retorno, mas anunciar quando isso ocorrerá não é consistente com seu papel como Filho.

6.5. JESUS TEM DUAS GENEALOGIAS DIFERENTES? MATEUS CONTOU ERRADO AS GERAÇÕES? [25]

Registro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão: Abraão gerou Isaque; Isaque gerou Jacó; Jacó gerou Judá e seus irmãos; Judá gerou Perez e Zerá, cuja mãe foi Tamar; Perez gerou Esrom; Esrom gerou Arão; Arão gerou Aminadabe; Aminadabe gerou Naassom; Naassom gerou Salmom; Salmom gerou Boaz, cuja mãe foi Raabe; Boaz gerou Obede, cuja mãe foi Rute; Obede gerou Jessé; e Jessé gerou o rei Davi. Davi gerou Salomão, cuja mãe tinha sido mulher de Urias; Salomão gerou Roboão; Roboão gerou Abias; Abias gerou Asa; Asa gerou Josafá; Josafá gerou Jorão; Jorão gerou Uzias; Uzias gerou Jotão; Jotão gerou Acáz; Acáz gerou Ezequias; Ezequias gerou Manassés; Manassés gerou Amom; Amom gerou Josias; e Josias gerou Jeconias e seus irmãos no tempo do exílio na Babilônia. Depois do exílio na Babilônia: Jeconias gerou Salatiel; Salatiel gerou Zorobabel; Zorobabel gerou Abiúde; Abiúde gerou Eliaquim; Eliaquim gerou Azor; Azor gerou Sadoque; Sadoque gerou Aquim; Aquim gerou Eliúde; Eliúde gerou Eleazar; Eleazar gerou Matã; Matã gerou Jacó; e Jacó gerou José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado Cristo. Assim, ao todo houve catorze gerações de Abraão a Davi, catorze de Davi até o exílio na Babilônia, e catorze do exílio até o Cristo. (Mateus 1:1-17, “Nova Versão Internacional”).

Jesus tinha cerca de trinta anos de idade quando começou seu ministério. Ele era considerado filho de José, filho de Eli, filho de Matate, filho de Levi, filho de Melqui, filho de Janai, filho de José, filho de Matatias, filho de Amós, filho de Naum, filho de Esli, filho de Nagai, filho de Máate, filho de Matatias, filho de Semei, filho de Joseque, filho de Jodá, filho de Joanã, filho de Ressa, filho de Zorobabel, filho de Salatiel, filho de Neri, filho de Melqui, filho de Adi, filho de Cosã, filho de Elmadã, filho de Er, filho de Josué, filho de Eliézer, filho de Jorim, filho de Matate, filho de Levi, filho de Simeão, filho de Judá, filho de José, filho de Jonã, filho de Eliaquim, filho de Meleá, filho de Mená, filho de Matatá, filho de Natã, filho de Davi, filho de Jessé, filho de Obede, filho de Boaz, filho de Salmom, filho de Naassom, filho de Aminadabe, filho de Ram, filho de Esrom, filho de Perez, filho de Judá, filho de Jacó, filho de Isaque, filho de Abraão, filho de Terá, filho de Naor, filho de Serugue, filho de Ragaú, filho de Faleque, filho de Éber, filho de Salá, filho de Cainã, filho de Arfaxade, filho de Sem, filho de Noé, filho de Lameque, filho de Matusalém, filho de Enoque, filho de Jared, filho de Maalaleel, filho de Cainã, filho de Enos, filho de Sete, filho de Adão, filho de Deus. (Lucas 3:23-38, “Nova Versão Internacional”).

Objeção em consideração: “Jesus tem duas genealogias diferentes e contraditórias, e a genealogia de Mateus apresenta erro na contagem de gerações.”

Ao que tudo indica, Mateus enfatiza a linhagem real de Jesus, traçando sua ascendência de Davi até Abraão, enquanto Lucas enfatiza sua humanidade comum voltando até Adão.

Qualquer um que estude as genealogias notará imediatamente que as genealogias são declaradas como sendo de José, não de Jesus. Mateus 1:16 afirma: “e Jacó gerou José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado Cristo”, enquanto Lucas 3:23 afirma: “Jesus tinha cerca de trinta anos de idade quando começou seu ministério. Ele era considerado filho de José, filho de Eli”. Ambas as genealogias afirmam claramente que José é o último elo da genealogia, com alguma separação mostrando que José não era o pai biológico de Jesus.

No entanto, Mateus e Lucas parecem discordar sobre quem era o pai de José – José era filho de Jacó ou Eli? Na verdade, as genealogias de Mateus e Lucas se dividem em Davi, listando José como descendente de dois filhos diferentes de Davi, com linhagens completamente diferentes.

Existem várias explicações para isso, algumas começando muito cedo na história da igreja. Por exemplo, John Gill, escrevendo nos anos 1700 d.C., disse: “É verdade que José era filho de Eli, tendo se casado com sua filha; Maria era filha de Eli, e assim os judeus falam de uma Maria, filha de Eli, por quem eles parecem designar a mãe de nosso Senhor” (“Luke 3” em “Gill’s Exposition of the Whole Bible”).

Uma solução que parece muito provável é que Lucas está realmente relatando a genealogia de Maria e, portanto, está mostrando como Jesus está biologicamente ligado a Adão. Provavelmente, os pais de Maria não tiveram filhos homens, possibilitando que José tenha sido considerado seu filho adotivo.

Esses relacionamentos adotivos eram tão reais quanto os relacionamentos biológicos. Por exemplo, antes de Abraão ter um herdeiro biológico, ele planejou deixar sua propriedade para Eliézer de Damasco. E algumas gerações depois, Jacó adotou seus netos Efraim e Manassés como uma forma de dar a José uma porção dobrada da herança. Isso é importante porque Jesus está qualificado para ser o herdeiro de Davi, uma vez que seu pai adotivo, José, era o próximo na linhagem. Jesus, quando começou seu ministério algum tempo depois da provável morte de José, era o herdeiro aparente, embora José tenha tido filhos biológicos com Maria (como Tiago e Judas).

Assim, a provável explicação para as duas genealogias de José é que a genealogia de Mateus reflete a linhagem biológica de José, a qual torna Jesus o herdeiro por causa de adoção, enquanto a linhagem de Lucas é a linhagem biológica de Maria (mas é declarada como sendo de José por meio de um processo adotivo, uma vez que os pais de Maria não tiveram filhos homens). Como as linhagens adotivas são tão reais quanto as biológicas, e como a linhagem é contada pela linha do pai, e não pela linha da mãe, **ambas as genealogias legais de José se tornam as genealogias legais de Jesus**. Embora Jesus não tivesse um pai biológico, uma vez que foi concebido milagrosamente pelo Espírito Santo que cobriu Maria quando ela era virgem, **a Bíblia trata José como o verdadeiro pai de Jesus por adoção**.

Mas o que dizer da contagem de gerações de Mateus?

Mateus 1:17 afirma: “Assim, ao todo houve catorze gerações de Abraão a Davi, catorze de Davi até o exílio na Babilônia, e catorze do exílio até o Cristo.” No entanto, se compararmos a genealogia de Mateus com a lista real de reis do Antigo Testamento, há algumas omissões.

Os reis Acazias, Joás e Amazias foram eliminados entre Jorão e Uzias. Eles podem ter sido omitidos porque eram particularmente perversos e estavam ligados a Acabe e Jezabel. Dois dos três eram notoriamente maus, e todos os três morreram violentamente [26]. Além disso, Jeoaquim foi eliminado entre Josias e Joaquim.

Também não há exatamente catorze gerações em cada um dos agrupamentos de Mateus. Se contarmos Abraão, há catorze gerações de Abraão a Davi. Então, há catorze gerações entre Salomão e Jeconias. Mas há apenas treze gerações entre Sealtiel e Jesus. Criar três grupos de catorze requer contar alguém duas vezes. Existem algumas maneiras possíveis de resolver isso. Carson sugere esta explicação:

A explicação mais simples – a que melhor se ajusta ao contexto – observa que o valor numérico de “Davi” em hebraico é catorze. Por meio desse simbolismo, Mateus indica que o prometido “filho de Davi” (Mateus 1:1), o

Messias, veio. E se o terceiro conjunto de catorze tem um membro a menos, talvez isso sugira a alguns leitores que, assim como Deus abrevia o tempo de angústia por causa de seus eleitos (Mateus 24:22), também ele misericordiosamente abreviou o tempo do exílio para Jesus, o Messias [27].

O fato de que Mateus omitiu nomes de sua genealogia, qualquer que seja a razão, é um problema? As genealogias existem nas Escrituras por vários motivos, e é importante examinar o que uma determinada genealogia significa para uma determinada situação. A genealogia de Mateus existe para traçar a linhagem real de Davi até Jesus por meio de seu pai adotivo, José. A genealogia teria sido válida para seu público judeu, caso contrário não haveria sentido em incluí-la. **O objetivo da genealogia de Mateus é mostrar como Jesus descende de Abraão e Davi, e isso foi bem-sucedido.**

Isso implica que pode haver gerações perdidas em outras partes das genealogias bíblicas? Algumas genealogias conectam uma pessoa principalmente à sua tribo por meio de seus ancestrais não imediatos. Não importa se há gerações perdidas nesses casos, a genealogia ainda é verdadeira, mesmo que não seja exaustiva – veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Mas Jesus era descendente biológico do rei Davi?

Um dos títulos messiânicos mais comuns para Jesus era “Filho de Davi”, mas ele era descendente biológico de Davi? Embora não haja nenhuma declaração bíblica explícita de que a genealogia de Lucas é a linhagem de Maria, há declarações bíblicas que parecem confirmar que Maria era descendente do rei Davi. Quando o anjo Gabriel anunciou que Maria daria à luz o Filho de Deus, o anjo Gabriel disse: “Ele [Jesus] será grande e será chamado Filho do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de **seu pai Davi**” (Lucas 1:32). Se a expressão “seu pai” se refere a Davi como ascendente de Maria, como parece ser o caso, Jesus é o descendente biológico de Davi, e não apenas descendente legal por adoção. Romanos 1:3 também afirma que Jesus “como homem, era descendente de Davi” – a expressão “como homem” denota a ideia de “na carne”.

Se a genealogia de Lucas registra a linhagem de Maria, há uma explicação que dá muito sentido aos dados bíblicos. Um relacionamento adotivo pode ocorrer quando um casal tem apenas filhas, mas nenhum filho. Quando a filha se casava, o genro podia ser considerado filho adotivo para fins de herança. Quando isso acontecia, a mulher também precisava se casar com alguém de sua própria tribo para que a herança não passasse de uma tribo para outra. A Bíblia não diz explicitamente se esse é o caso de Maria e José, mas é bem provável que tenha sido assim. Isso significaria que José é genro de Eli, caso em que Jesus seria biologicamente descendente de Davi por meio de seu filho Natã e, finalmente, biologicamente descendente de Maria, embora a linha seja traçada por meio de José.

Isso é importante porque as genealogias nas Escrituras nunca passam pela mãe – elas são sempre patrilineares, passando pela linhagem do pai. A inclusão de mulheres em uma genealogia é incomum. Se José foi adotado pelos pais de Maria, então há uma forma “patrilinear oficial” para a genealogia biológica de Jesus ser registrada, bem como sua genealogia real.

Filho de Davi, Filho do Homem. Dois dos títulos mais comuns para Jesus eram “Filho de Davi”, um título abertamente messiânico, e sua autodescrição como “Filho do Homem” – provavelmente uma referência a Daniel 7:13. Mateus mostra como Jesus é o Filho de Davi, pois ele está na linha de sucessão da coroa davídica. Lucas mostra como ele é um “Filho do Homem” – ele é parente de todos nós por meio de nosso antepassado comum, Adão.

Há um verdadeiro tesouro da história bíblica nas genealogias de Jesus. A genealogia de Mateus, passando pela linhagem de José, apresenta Jesus, o Filho de Davi, o Messias real que libertaria seu povo. A genealogia de Lucas, passando pela linhagem de Maria, apresenta Jesus, o “último Adão”, o Filho de Deus que sucederia onde Adão falhou e desfaria a maldição da morte.

Deus interveio muitas vezes para garantir que os descendentes davídicos de Abraão sobrevivessem até que o último Filho de Davi chegasse para cumprir a promessa de Deus de que os descendentes de Davi governariam para sempre. As genealogias de Mateus e Lucas nos levam a celebrar o amor e a provisão de Deus para seu povo por milhares de anos, o que preparou o caminho para o nascimento de Jesus.

7. OBJEÇÕES A RESPEITO DE ESTILO DE VIDA

Examinemos a seguir algumas objeções sobre estilo de vida.

7.1. NÃO É NECESSÁRIO ACREDITAR EM DEUS PARA TORNAR O MUNDO UM LUGAR MELHOR

Objeção em consideração: “Não é necessário acreditar em Deus para tornar o mundo um lugar melhor.”

Sob o tema das objeções dizendo que o teísmo é desnecessário, essa é uma afirmação simples. Simples, até que alguém seja solicitado a definir o termo “melhor” e ponderar as implicações do relativismo moral ou da equivalência moral.

Claro, o termo “melhor” sugere um valor contra o qual algo está sendo julgado. Aqui é onde todos os cristãos, pelo menos em princípio, têm seu padrão universal publicado com o qual todos podem medir.

Os descrentes, por outro lado, normalmente rejeitam absolutos e tendem a confiar mais em seus próprios julgamentos relativos. Supomos que a ambígua “preservação geral da sociedade” seria a medida de “melhor” nesse caso. Esperamos que a medida social escolhida não seja aquela usada na antiga União Soviética, ou na Rússia stalinista, ou em Camboja, ou em Ruanda, ou em Uganda, ou no Sudão, ou na Síria, ou na Coreia do Norte, ou no Tajiquistão, ou no Turquemenistão, ou no Butão, ou na Arábia Saudita, ou na Somália, ou na Mauritània, ou na Líbia, ou em Maldivas, etc.

Alguns desses estados são teístas, outros ateístas, mas todos têm registros terríveis de abuso e opressão. Terrível, isto é, apenas se realmente existir um padrão universal a ser comparado, como os cristãos sustentam.

7.2. VIDA DE VALOR COM CARIDADE E SEM MALDADE

Objeção em consideração: “Tento viver de acordo com os valores que aprendi, sem maldade para ninguém, e caridade para todos.”

Essa é uma alegação nobre e um objetivo admirável (assumindo que o que você aprendeu é piedoso, e que “tentar” queira dizer “fazer”, e que o termo “todos” inclua Deus).

Essa vida de valor com caridade e sem maldade simplesmente não é o suficiente para resultar em Deus algum dia dizendo a você: “Está suficientemente bom.” Recebemos o mandamento de ser perfeitos como nosso Pai celestial é perfeito. Jesus é aquele com quem Deus se agrada, então é a vida conforme ele viveu que precisa ser exibida quando estivermos em julgamento diante dele.

Na medida em que isso possa descrever alguém, isso é honroso e louvável. Mas isso não qualifica ninguém para coexistir com Deus em sua santa perfeição, assim como uma barata recém-lavada não é limpa o suficiente para viver no balcão das nossas cozinhas. Sem ofensa, nenhum de nós é limpo suficiente, exceto se santificados pela obra redentora de Cristo na cruz.

Existem diferentes maneiras de abordar esse tópico, muitas das quais são abordadas em outras partes deste estudo. Entretanto, aqui, permita-nos compartilhar esta passagem de Mateus 19 falando sobre a **insuficiência de viver uma vida decente:**

Eis que alguém se aproximou de Jesus e lhe perguntou: “Mestre, que farei de bom para ter a vida eterna?” Respondeu-lhe Jesus: “Por que você me pergunta sobre o que é bom? Há somente um que é bom. Se você quer entrar na vida, obedeça aos mandamentos”. “Quais?”, perguntou ele. Jesus respondeu: “Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não darás falso testemunho, honra teu pai e tua mãe’ e ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Disse-lhe o jovem: “A tudo isso tenho obedecido. O que me falta ainda?” Jesus respondeu: “Se você quer ser perfeito, vá, venda os seus bens e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro nos céus. Depois, venha e siga-me”. Ouvindo isso, o jovem afastou-se triste, porque tinha muitas riquezas. (*Mateus 19:16-22, “Nova Versão Internacional”*).

O ponto de Jesus não é exatamente sobre o dinheiro, uma vez que alguns personagens bíblicos piedosos tiveram grande riqueza. O ponto de Jesus é sobre a relutância do homem em se entregar completamente ao Senhor (no caso específico desse homem, como para muitos de nós, a relutância ocorre por causa do apego às riquezas). Na verdade, “Senhor” é aquele a quem você deve dizer “sim”. Assim, ao responder “não” à ordem de Jesus, o homem revelou que Jesus não era seu Senhor. Faltou submissão. O fato de faltar alguma coisa a ele, em termos de ser compatível com um Deus perfeito e santo, era suficiente para desqualificá-lo da glória.

Você guardou os mandamentos perfeitamente e se submeteu completamente a seguir o Senhor? Só Jesus Cristo fez isso. **A única maneira de nos qualificarmos para a glória é tendo sobre nós a justiça que Deus nos imputa por meio da fé obediente em Cristo.** Apenas isso é o fundamento sobre o qual continuar a vida nos valores corretos (os valores de Cristo), não exercendo malícia com ninguém e fazendo caridade para com todos (incluindo Deus). Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

7.3. GOSTE OU NÃO, A MORAL É RELATIVA

Objeção em consideração: “Goste ou não, a moral é relativa.”

Pessoas diferentes exibem ações diferentes. Outras pessoas percebem isso e concluem que todas as ações, mesmo opostas, são iguais. Mas iguais em que sentido? E essa é uma conclusão exata?

A moral é relativa **até certo ponto**. Já ouvimos ambos os lados (cristãos e incrédulos) argumentarem (e, na verdade, a moral não é realmente o que está em questão aqui – abordaremos isso a seguir). “Maneiras”, ou “costumes sociais”, são definitivamente um termo de medida relativa – também definido como normativo dentro de uma determinada cultura ou época.

A moral, no entanto, pode ser definida como ações preferidas tomadas com base na definição de “bom” de alguém, e isso gira principalmente em torno de questões de caráter. Em outras palavras, **a moral é absoluta pelo menos no sentido de que ninguém executa uma ação que considera ruim (seja ela qual for) e também a chama de moral.**

Da mesma forma, existem certos atos específicos, como estupro violento ou abuso sexual infantil, que são universalmente considerados maus e, portanto, **imorais** em um sentido absoluto. Molestar sexualmente bebês, por exemplo, parece absolutamente imoral, um ato que ninguém consegue argumentar em contrário.

É possível que alguém perceba o abuso sexual infantil como uma “coisa boa” e, portanto, moral na visão desse alguém? Sim, mas em tal caso nós argumentaríamos que as percepções dessa pessoa extremamente incomum são distorcidas e anormais. Certamente não é um caso no qual nós apostaríamos na aceitação da relatividade moral ou, mais notoriamente, da equivalência moral.

Em outro sentido, também podemos aceitar que a moral é relativa. A moral é relativa no sentido de que a percepção do bem de uma pessoa pode ser diferente da percepção do bem de outra pessoa, e nossas ações preferenciais resultantes, ou morais, seriam então diferentes. Mas isso apenas **transfere a discussão para a definição de “bom”, e esse é o verdadeiro problema.**

Existe um senso absoluto de bem e mal? Definitivamente sim. É um tema bíblico claro, e os argumentos de acordo com as linhas de C. S. Lewis em “Mere Christianity” se encaixam muito bem. Leia esse livro.

7.4. POR QUE A BÍBLIA CONDENA COISAS QUE AS PESSOAS GOSTAM?

Imoralidade: a moralidade de quem está se divertindo. (*H. L. Mencken*).

Adquirimos o hábito de viver antes de adquirir o hábito de pensar. (*Albert Camus*).

A religião causou mais danos do que qualquer outra ideia desde o início dos tempos. Não há nada de bom que eu possa dizer sobre ela. (*Larry Flynt*).

Objeção em consideração: “Por que a Bíblia condena coisas que as pessoas gostam?”

Todo mundo tem suas atividades e prazeres preferidos na vida. Eles mudam e variam muito de pessoa para pessoa. Descrentes coletivamente culpam as Escrituras porque elas condenam preferências como sexo fora do casamento, homossexualismo, sexo com menores, bestialidade, adultério, embriaguez, drogas, aborto, pornografia, lascívia e linguagem grosseira.

Esperamos que poucos descrentes considerem essas coisas como “prazeres”, mas é comum encontrar pessoas que argumentam que simplesmente não podem aceitar as condenações da Bíblia. Dizem que a Bíblia é um livro para o qual questionam seriamente as evidências históricas e científicas. Em resposta a isso, esta pergunta deve ser feita ao descrente: **“O que veio primeiro: sua revisão analítica das evidências históricas e científicas da Bíblia, ou seus prazeres ou aspectos de estilo de vida que você diz que a Bíblia condena?”**

Sejamos sinceros, para as pessoas, prazeres e estilo de vida sempre vêm em primeiro lugar. Somos assim – principalmente preocupados com nós mesmos, e não com a verdade. E continuaremos assim, a menos que uma mudança seja feita em nós. O egocentrismo e a busca do prazer pessoal são exatamente o que buscamos. Em contraste, **o respeito pela autoridade deve ser aprendido.**

Todas as pessoas acabam pecando cedo ou tarde. É somente quando elas recebem o Espírito Santo de Deus ao se converterem a Cristo – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?) – que elas começam uma nova vida espiritual de disciplina para a moralidade bíblica e respeito pela autoridade de Deus.

É incorreto que os ateus pensem que os cristãos não gostam do prazer a ponto de procurarem ensinamentos duros, como aqueles que constam na Bíblia. O que é tentador para o ateu geralmente é tentador para o cristão. De fato, certos prazeres que a Bíblia adverte como tentações destrutivas não teriam necessidade de condenação se não fossem tentadores para todos, pelo menos até certo ponto.

A Bíblia não foi escrita por um bando de odiosos que queriam condenar toda a diversão, liberdade e bons prazeres da vida. A Bíblia foi inspirada por um Deus santo e justo que pensa em nossos melhores interesses.

De acordo com as Escrituras, o que parece divertido, bom e atraente do ponto de vista mundano geralmente parece o mesmo do ponto de vista celestial, mas com uma diferença. A diferença está no fato de que as Escrituras revelam a verdadeira natureza por trás das tentações do mundo, assim como um rótulo de informações nutricionais revela as qualidades invisíveis dos alimentos embalados. O rótulo nutricional informa o que há em sua sobremesa favorita – aquelas coisas que você não pode ver de outra forma. Essa é a informação que seu intelecto usa para equilibrar suas paixões por comer. Da mesma forma, a Bíblia revela a verdadeira natureza das tentações deste mundo para o seu espírito usar para equilibrar suas paixões pela vida.

Tanto o rótulo de informações nutricionais quanto a Bíblia existem para ajudá-lo a fazer escolhas. Nenhum dos dois o força a agir e nenhum deles pode ser culpado por dizer as coisas como são.

7.5. O QUE MEU ESTILO DE VIDA TEM A VER COM AMAR A DEUS?

Fundamentalismo cristão: a doutrina de que existe uma entidade absolutamente poderosa, infinitamente conhecedora, que abrange todo o universo e que está profunda e pessoalmente preocupada com minha vida sexual. (*Andrew Lias*).

Assim como um dia bem aproveitado traz um sono feliz, uma vida bem aproveitada traz uma morte feliz. (*Leonardo da Vinci*).

Objeção em consideração: “O que meu estilo de vida tem a ver com amar a Deus?”

Há uma grande desconexão entre a maneira como algumas pessoas vivem e o que elas professam acreditar. Embora alguém possa falar de brincadeira que a moralidade de uma estrela do *rock* pode ser inversamente proporcional ao tamanho do crucifixo que ela usa, a hipocrisia é um assunto sério. Se você ama a Deus por dentro, também o amará por fora, e essa pergunta ajuda a explicar a razão.

Seguir a Cristo não é aprender a odiar a sobremesa favorita que você adorava. Trata-se de aprender a amar a Deus, confiar em sua sabedoria e respeitar sua autoridade. Isso porque:

- **Quando você ama alguém**, você descobre o que faz essa pessoa feliz e quer fazer isso;
- **Quando você confia em alguém**, você acredita em sua visão e conhecimento quando esse alguém diz a você que algo que você pensou ser bom é na verdade ruim para você, e...
- **Quando você respeita alguém**, você quer fazer o que esse alguém pede por causa de quem ele é, ou o que ele fez, ou o que ele pode fazer. Você sabe que isso é verdade com pais ou amigos. É igualmente verdadeiro com Deus.

Perceba que alguém que o ama deseja o melhor para você e deseja que você obtenha o benefício de sua percepção. Ele equilibrará o respeito pela sua liberdade de amá-lo ou não com o desejo de tornar sua vida para o máximo possível. Em outras palavras, você não está apenas amando a Deus ao passar tempo com ele, buscando sua orientação e obedecendo a ele, mas ele está amando você ao dar a você alegria, sabedoria, paz e perseverança. Tudo isso acabará resultando, se você estiver disposto, em querer amá-lo ainda mais. Amar a Deus é uma situação de ganho para você e para Deus.

Embora todos sejamos capazes de amar a Deus, poucas coisas se interpõem e interferem em nosso caminho tanto quanto a tentação. Um dos incentivos e métodos mais úteis da Bíblia para lidar com a tentação é este: “Da mesma forma, considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus” (Romanos 6:11). Esse versículo é especialmente prático porque reconhece que **muitas vezes a única coisa que podemos mudar neste mundo é nossa resposta a ele.**

Uma sobremesa de ótima aparência, mesmo que esteja cheia de veneno, será sempre isso – ótima aparência. Você pode nunca ser capaz de mudar o quão boa ela parece, mas pode mudar como você olha para ela, reconhecendo que por trás dessa aparência existe veneno mortal.

Você deve ver o pecado como ele é – pecado. Algo que entristece a Deus e é uma ofensa séria. Então você deve substituir seu desejo pelo pecado por desejos pertencentes a Deus e todas as coisas piedosas. Transforme-se em uma pessoa que faz isso renovando sua mente por meio do estudo sério da Bíblia. Concentre-se no fato de que qualquer ação ou sacrifício que sua obediência exija no momento, o Senhor é digno disso. E aumente seu conhecimento e amor ao Senhor, que ele está derramando generosa e continuamente.

7.6. NÃO POSSO MUDAR QUEM SOU!

Adquirimos o hábito de viver antes de adquirir o hábito de pensar. (*Albert Camus*).

Nós somos o que repetidamente fazemos. (*Aristóteles*).

Neste filme, você tem três tipos diferentes de pessoas: pessoas indiferentes, pessoas simpatizantes e pessoas que não dão a mínima para Deus. É assim que as coisas são no mundo. (*Jim Caviezel em “A Paixão de Cristo”*).

Objeção em consideração: “Não posso mudar quem eu sou!”

Você pode mudar coisas em sua vida e melhorar seu caráter, mas não pode se qualificar por si mesmo para a salvação. O que quer que seja antibíblico ou ímpio em sua vida, você tipicamente não consegue mudar. É por isso que de cada 1.000 resoluções de Ano Novo, 999 geralmente terminam em promessas quebradas. Mas a mudança não é onde Deus pede que você o encontre. O que Deus pede a você é que você creia e aja de acordo. Creia que

Deus o ama, que Jesus morreu para garantir a ajuda de Deus para você e que o Espírito de Deus e você juntos mudarão aquilo que você sozinho não consegue.

É por isso que a salvação começa com uma fé simples em vez de grandes ações. Você não pode realizar grandes obras para ganhar o favor de Deus porque **o favor de Deus nunca é conquistado**. Suas obras são o resultado da influência divina, não a causa.

Pense desta maneira: imagine uma criança de dois anos, pulando alguns centímetros do chão tentando alcançar um pote de biscoitos em cima da geladeira, gritando: “Eu faço isso sozinho.” Agora imagine aquela criança de dois anos dizendo: “Papai, não consigo pegar os biscoitos. Ajude-me!” Quão mais cativantes são as atitudes de humildade, respeito e dependência voluntária do que as atitudes de impetuosa independência e desafio.

A humildade e as atitudes que a acompanham são tão cativantes para os pais humanos quanto para Deus, nosso pai espiritual. Portanto, ao contrário do clichê popular, Deus não ajuda aqueles que ajudam a si mesmos, ele ajuda aqueles que admitem sua impotência a ele – veja o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

8. OBJEÇÕES SOBRE RELIGIÃO E CRISTIANISMO

Examinemos a seguir algumas objeções sobre religião e cristianismo. Veja o sexto estágio deste estudo (história).

8.1. A RELIGIÃO É RESPONSÁVEL PELOS MAIORES ASSASSINATOS NA HISTÓRIA

O nome de Cristo causou mais perseguições, guerras e misérias do que qualquer outro nome. (*John E. Remsburg*).

A religião causou mais danos do que qualquer outra ideia desde o início dos tempos. Não há nada de bom que eu possa dizer sobre ela. (*Larry Flynt*).

Às corrupções do cristianismo eu realmente me oponho, mas não aos preceitos genuínos do próprio Jesus. Sou cristão no único sentido de que ele desejou que qualquer um fosse: sinceramente apegado às suas doutrinas de preferência a todas as outras [...]. (*Thomas Jefferson citado em Mayo, Barnes, ed., “Jefferson Himself – The personal Narrative of a many-sided American”, Boston, Houghton Mifflin Co., 1942, p. 235, citado por Millard, Catherine, “The Rewriting of America’s History”, Horizon House Publ., Camp Hill, PA, 1991, p. 92*).

[O homem] transformou o globo em um cemitério ao tentar fazer o melhor para suavizar o caminho de seu irmão para a felicidade e o céu. (*Mark Twain*).

Objeção em consideração: “A religião é a culpada pela maioria dos assassinatos da história.”

A ideia de que a crença em algum tipo de deus é a culpada pela maioria das mortes no mundo é popular, mas incorreta. Essa noção é mais popularizada pelas cruzadas e a Inquisição – veja o sexto estágio deste estudo (história).

Ainda que essa objeção fosse verdade (e não é), seria ilógico concluir que tais ações provam que a Bíblia é falsa ou provam que a Bíblia motivou esses eventos.

A questão da veracidade da Bíblia independe de religião e é independente de qualquer pessoa que afirme ter agido em nome de Deus. É bastante simples estudar a Bíblia e depois julgar se ela realmente foi a motivadora dessas atrocidades.

As motivações religiosas nunca podem ser completamente dissociadas das motivações políticas e, como tal, sofrem esta desvantagem: muitas vezes a religião é para a política o que uma esposa espancada é para um marido abusivo. Ela é repetidamente instruída a não falar e não intervir (por exemplo, “Tire seu Deus, mandamentos,

oração, Bíblia, etc., das escolas”) até o dia em que o marido tiver problemas. Em seguida, o problema é atribuído à religião porque ela não se manifestou ou não interveio (por exemplo, “Onde estava o seu Deus durante o tiroteio em Columbine? Que bem a Bíblia fez?”). Essa é frequentemente a relação entre igreja e estado na América moderna.

Muitas pessoas em geral não gostam de religião organizada, nem sempre, ou não apenas, do cristianismo. Algumas pessoas culpam a religião organizada pela maioria dos assassinatos da história. Às vezes também se afirma que mais pessoas foram mortas em nome de Cristo do que por qualquer outro motivo. Isso é verdade? A culpa é de Cristo ou de seus ensinamentos?

Mortes atribuídas ao cristianismo. É verdade que, na história das crenças e práticas do mundo, houve muitas guerras e crueldades desumanas conduzidas em nome de diferentes religiões e ideologias. Esses eventos notórios são corretamente condenados. **O número total de mortes estimadas devido à má prática do cristianismo pela humanidade é de aproximadamente 17 milhões.** Esse número incluiria guerras antigas, as cruzadas, a Inquisição, várias guerras europeias durante a Idade Média e julgamentos por causa de feitiçaria.

Do outro lado da mesa, **ideologias e visões de mundo ateístas foram responsáveis por sua própria parcela de guerras e desumanidades.** Antes de calcularmos esse número, vamos deixar claro o que as Escrituras têm a ver com as mortes atribuídas ao judaísmo e aos seguidores de Cristo.

Várias passagens do Antigo Testamento registram explicitamente Deus dirigindo o antigo Israel para destruir certos povos ou cidades. Estudo do Antigo Testamento revela que isso era limitado e especificamente direcionado a pessoas a quem Deus havia avisado com gerações de antecedência para mudarem seus caminhos (a discussão detalhada foi abordada na explicação de [outra objeção](#) que abordou essa questão separadamente, a qual também discutiu o caráter de Deus).

Agora, quando uma guerra antiga foi realizada e alguém disse que era em nome de Cristo ou do Deus da Bíblia, em base em que acreditamos nesse alguém? Em outras palavras, quem pode dizer quais mortes foram autorizadas por Deus ou pela Bíblia? Resposta: a Bíblia.

A importância desse ponto é que **os terríveis assassinatos das cruzadas, da Inquisição e dos primeiros períodos da Reforma (todos os assassinatos popularmente atribuídos ao “cristianismo”) não são descritos ou mesmo sugeridos na Bíblia** – veja o sexto estágio deste estudo (história). A maior prova da inocência da Bíblia em relação a essa acusação são, provavelmente, os milhares de profetas cristãos durante a Inquisição que foram queimados na fogueira apenas por possuírem uma Bíblia ou por lerem a Bíblia por conta própria. Garantimos a você que a Bíblia não defende o banimento de si mesma ou a morte de todos os seus leitores.

A Bíblia nunca ordenou a matança de muçulmanos, judeus ou cristãos. As ordens para essas mortes vieram de homens que usaram a admiração da Bíblia da parte dos outros para alcançar seus próprios objetivos egoístas ou políticos. Os crentes europeus respeitavam a Bíblia durante os tempos medievais, mas existiam poucas cópias, a maioria das pessoas não conseguia sequer ler a Bíblia, e muitos dependiam do controle de uma entidade religiosa sobre sua interpretação – veja o sexto estágio deste estudo (história).

Se alguma coisa ligada à Bíblia foi responsável pela matança organizada durante a Idade das Trevas, foi a ignorância das pessoas sobre a Bíblia. John Foxe, escrevendo sobre sua própria época, concordou:

Nessa época o cristianismo estava em um estado triste. Embora todos conhecessem o nome de Cristo, poucos, se é que alguém, entendia a doutrina dele... Em vez disso, a Igreja [de Roma] se preocupava apenas com a cerimônia externa e as tradições humanas. As pessoas passaram toda a vida acumulando uma cerimônia após a outra com a esperança da salvação, sem saber que a salvação era delas apenas por pedir. Pessoas simples e sem educação que não tinham conhecimento nas Escrituras se contentavam em saber apenas o que seus pastores diziam a eles, e esses pastores se preocupavam em ensinar apenas o que veio de Roma – a maioria do qual era para o lucro de suas próprias ordens, não para a glória de Cristo [28].

Por não terem lido ou estudado a Bíblia por si mesmas, as pessoas foram levadas a acreditar no que os outros disseram a elas – uma situação que ironicamente se tornou descritiva dos críticos de hoje, os quais afirmam ser os mais indignados com as atrocidades daqueles tempos antigos.

Mortes atribuídas ao “não cristianismo”. Agora vamos olhar para o número de assassinatos atribuídos ao “não cristianismo”, incluindo o ateísmo e outras forças antirreligiosas. Para sermos conservadores, limitaremos a contagem de assassinatos antirreligiosos para a partir de 1930 d.C.

Primeiramente, desde o início dos anos 1930 até 1945 d.C., a **Alemanha de Hitler** exterminou **6 milhões de judeus** e matou cerca de **9 milhões de cristãos**. Embora Hitler fosse um ocultista, ele escolheu a suástica como emblema da Alemanha, um símbolo usado pelos antigos cristãos alemães (assim como os budistas). A suástica apareceu nos tijolos de uma velha escola de infância que ele frequentou, da qual guardava boas lembranças (“The SS, Alibi of a Nation” de Gerald Reitlinger). Mas Hitler detestava o cristianismo tanto quanto o judaísmo, como afirmou em um de seus estridentes discursos:

Historicamente falando, a religião cristã nada mais é do que uma seita judaica [...]. Após a destruição do judaísmo, logicamente deve se seguir a extinção da moral escravagista cristã [...]. Estamos lutando contra a perversão de nossos instintos mais sólidos. [...] Aquele veneno com o qual judeus e cristãos estragaram e mancharam os instintos livres e maravilhosos do homem e os rebaixaram ao nível de um medo como o medo que um cachorro medroso possui [29].

Em segundo lugar, os **expurgos de Stalin** nas repúblicas russas antes e depois da Segunda Guerra Mundial mataram **cerca de 40 a 60 milhões de pessoas**, quase destruindo todas as igrejas cristãs sob o domínio de Stalin [30].

Em terceiro lugar, após a Segunda Guerra Mundial, a China viu o fim de **mais de 24 milhões de vidas** durante os primeiros dez anos da posse de Mao [31], outros **25 milhões** de mortos ou que intencionalmente morreram de fome entre 1959 e 1962 d.C. [32], além de **22 milhões** de assassinatos adicionais na grande revolução cultural proletária da década de 1970 d.C. [33].

Em quarto lugar, o **Camboja** sofreu mais de **2 milhões** de mortos em sua própria transição sangrenta para o comunismo antirreligioso depois que as forças dos Estados Unidos sofreram a queda do que foi chamado de Saigon e, depois, se retiraram amplamente da região.

Em quinto lugar, os governos mais recentes na **Etiópia, Uganda, Ruanda, Sudão e Iraque** mataram, sistematicamente deixaram passar fome, ou envenenaram quimicamente ou biologicamente, **centenas de milhares** de seus próprios cidadãos. Provavelmente levará décadas até que os números completos sejam contabilizados para essas situações em andamento (uma vez que alguns argumentam que isso é atribuível ao islã, vamos omitir esses números da contagem).

E em sexto lugar, para aqueles que aceitam o **aborto** como assassinato intencional (claramente é, mas o debate é sobre o que realmente está sendo morto), um adicional de **30 milhões** ou mais casos somente nos Estados Unidos poderia ser adicionado ao número de assassinatos irreligiosos (a estimativa para o número total de abortos em todo o mundo no século vinte foi de **aproximadamente um bilhão**) [34].

Portanto, para todos aqueles que estão familiarizados com as instruções da Bíblia para a conduta humana, é óbvio quais ações ao longo da história foram verdadeiramente representativas de Deus e da Bíblia e quais não foram. Qualquer assassinato em nome de Cristo é errado. No entanto, como examinamos, os maiores crimes e assassinatos não foram instigados por pessoas que professam seguir Jesus. Os números:

- “Judaísmo” e “cristianismo” ao longo da história: 17.000.000;
- Forças antirreligiosas ou irreligiosas desde 1930 d.C.: 6.000.000 + 9.000.000 + 40.000.000 + 24.000.000 + 25.000.000 + 22.000.000 + 2.000.000 + 1.000.000.000 = **1.128.000.000**.

Assim, é errôneo afirmar que a religião organizada, ou o nome de Cristo, é a causa de todos, ou mesmo da maioria, dos assassinatos da história. Muito pelo contrário, **a história moderna mostra que as mortes associadas à negação da autoridade divina superam os números de assassinatos causados por “judeus” e “cristãos” em uma ordem superior a 66 para 1.**

8.2. SÃO OS CRISTÃOS QUE SÃO ENGANADOS PELOS TELEVANGELISTAS

Um clero celibatário é uma ideia especialmente boa, porque tende a suprimir qualquer propensão hereditária ao fanatismo. (*Carl Sagan*).

Sentar em um banco [de uma igreja] não faz de você um cristão, assim como sentar em uma garagem não faz de você um carro. (*Billy Sunday*).

Se você contar uma mentira grande o suficiente e continuar repetindo, as pessoas acabarão acreditando. (*Joseph Goebbels*).

Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores. Vocês os reconhecerão por seus frutos. Pode alguém colher uvas de um espinheiro ou figos de ervas daninhas? (*Mateus 7:15-16, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “São os cristãos que são enganados pelos televangelistas!”

Televangelistas ganharam milhões usando o nome de Jesus para comercializar produtos e promessas falsas. Superficialmente, isso sugere que os seguidores de Jesus devem constituir a maior proporção de vítimas. Portanto, raciocina-se que eles não devem ser muito inteligentes e segue-se que a crença na Bíblia é tolice.

Um exame mais atento da situação, no entanto, revela uma conclusão um tanto diferente.

Tem sido sugerido que a habilidade de televangelistas prosperarem é evidência da ignorância do “cristão” típico. Nas palavras de Michael Weisskopf em um artigo de primeira página do *Washington Post* (assunto diferente, mesma ideia), os cristãos são, via de regra, “pobres, sem instrução e fáceis de comandar”. Essa conclusão assume, entre outras coisas, que: (1) os cristãos são ignorantes e (2) são principalmente os cristãos que estão sendo enganados. Isso é verdade?

O que os professos cristãos e os não cristãos muitas vezes falham em fazer é distinguir a adoração e exaltação apropriadas de Cristo do exercício pobre ou fraudulento que a humanidade às vezes faz do cristianismo. Muitas pessoas identificam como cristão qualquer pessoa fazendo a citação de um versículo ou uma profissão de fé não evidenciada – veja sobre a verdadeira conversão a Cristo no primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?) e no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

Se alguém prega que Deus abençoa proporcionalmente à quantidade de cartões de oração mágicos comprados em uma caixa postal em Hollywood, Califórnia, o que torna esse pregador um cristão por qualquer definição bíblica? Se televangelistas afirmam que você pode receber cura física colocando sua mão na tela da TV durante o programa, qual é a referência bíblica para isso? O ponto é que não há suporte bíblico para tais atos de palco.

Então, como esses personagens são confundidos como cristãos? Pela falha em discernir um verdadeiro seguidor de Cristo – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?) – e pela falha em discernir uma interpretação bíblica adequada – veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade). Essas falhas representam perigos para os cristãos, mas talvez contenham perigos ainda piores para não cristãos.

O perigo para os professos cristãos que não conseguem discernir a autenticidade da profissão de fé de alguém é que eles podem acabar seguindo pessoas que não deveriam influenciá-los. Isso pode não apenas levar a grandes erros, como as pessoas se apaixonando por líderes de seitas e televangelistas charlatões, mas também pode

levar a erros mais sutis e comuns de seguir o conselho de amigos sinceros, mas desinformados, ou o ingresso em uma “igreja” cujas doutrinas se desviaram do ensino bíblico.

O perigo para os não cristãos que falham em discernir a autenticidade da profissão de fé de alguém é que correm o risco de associarem erroneamente as ações ou ensinamentos dessa pessoa à crença em Deus ou na Bíblia. Se os não cristãos fizerem tais associações errôneas, conseqüentemente estarão menos inclinados a ler ou estudar a Bíblia por si mesmos. Assim, eles evitarão aprender sobre a verdadeira natureza das Escrituras, a bondade de Deus e todas as bênçãos que podem advir disso.

Pregadores charlatões e falsas organizações enganam milhões de milhões. Porém, na medida em que mais não cristãos estão associando televangelistas com Jesus e a Bíblia do que cristãos bem fundamentados na Bíblia, são os não cristãos que mais estão sendo enganados, impedidos de ouvir a verdadeira mensagem do evangelho e os benefícios derivados dela, tanto agora quanto na vida futura – veja o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

Por fim, saiba que aceitar tudo o que você ouve na televisão ou em mídias sociais como verdade é tolice, independentemente do que você pensa sobre Deus. A televisão, assim como o jornal e o rádio, existe principalmente para vender tempo publicitário – fazer dinheiro. Mídias sociais têm uma tendência tremenda em compartilhar notícias falsas ou meias-verdades. Ainda assim, algumas pessoas ainda colocarão mais fé em uma frase de efeito de dez segundos de quaisquer fontes de lucro que aparecem nesses meios de comunicação, ou de publicações que “viralizaram” em mídias sociais, do que na livre leitura da Bíblia, a qual foi examinada por dentro e por fora nos últimos 3.400 anos. Concordamos que alguém definitivamente está sendo enganado.

8.3. CRISTÃOS TÊM APARÊNCIA DE TER MENTES CELESTIAIS, MAS NÃO SÃO BONS NA TERRA

Objeção em consideração: “Alguns cristãos têm uma mente tão celestial que não são bons na Terra.”

Isso é um clichê que se ouve o tempo todo, mas é verdade?

Isso pode ser uma realidade em alguns casos, mas o problema costuma ser a **religiosidade**. As pessoas ficam presas em coisas externas que acham que demonstram fé, como manter uma frequência perfeita à igreja, apresentar “desfiles de Natal” e outras coisas nas quais se perde completamente o foco do objetivo real, o qual é se tornar um discípulo de Cristo e desenvolver uma caráter semelhante ao dele. A propósito, será que esses professos cristãos são de fato cristãos? Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

Um dos domingos mais espiritualmente gratificantes que o autor do estudo original (www.provethetebible.net) teve foi quando ele se virou depois de sair para ir à igreja e tinha acabado de chegar em casa. Ele percebeu que estava indo somente porque era domingo. Onde estava o coração nisso? Em vez disso, ele leu a Bíblia um pouco, orou e pensou muito sobre qual deveria ser o motivo da adoração. Isso pode ou não ser um exemplo de uma mentalidade celestial de maneira apropriada, mas pelo menos ele estava ciente sobre o que a adoração deveria ser.

Qualquer um que tenha uma mente verdadeiramente celestial será de grande bem na Terra. Você nunca pode conhecer o bastante dessas pessoas.

8.4. CRISTÃOS ACHARAM QUE A ESCRAVIDÃO ERA UMA BOA IDEIA

Objeção em consideração: “A maioria dos cristãos do antigo sul dos Estados Unidos achava que a escravidão era uma boa ideia.”

A proposição é: “Se certos cristãos gostam da escravidão, e a escravidão é errada, então os cristãos gostam do que é errado. E, porque os cristãos gostam do que é errado, e os cristãos gostam da Bíblia, então a Bíblia é errada.” Mas é assim?

Não temos nenhuma informação para julgar a porcentagem de antigos “cristãos” do sul dos Estados Unidos que gostavam da escravidão. Mas podemos ver que se a escravidão era uma vantagem temporal e financeira para eles, isso era uma questão de interpretação bíblica falha, o que abordamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade). Além do mais, [o problema real não é exatamente a escravidão, mas a forma na qual se trata o próximo](#).

Outra pergunta que se faz sobre o assunto é: **“Vários abolicionistas proeminentes não eram pensadores livres?”**

Quanto aos abolicionistas notáveis, William Wilberforce – um professo cristão – sempre figurou com destaque nos estudos do autor do estudo original (www.provethebible.net), juntamente com muitos quakers. Pode ter havido um número de pensadores livres a bordo também (Anti-slaverysociety.addr.com).

8.5. A RELIGIÃO É NECESSÁRIA PARA VIVER UMA VIDA VIRTUOSA?

Disse-lhe o jovem: “A tudo isso tenho obedecido. O que me falta ainda?” Jesus respondeu: “Se você quer ser perfeito, vá, venda os seus bens e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro nos céus. Depois, venha e siga-me”. (*Mateus 19:20-21, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “A religião é necessária para viver uma vida virtuosa?”

Essa é uma boa pergunta, mas “virtuoso” é, em última análise, e mais uma vez, um termo que remonta à **definição do que é bom e o que é mau**. Sua virtude fará bem aos outros e fará bem a você também. Mas será que a qualidade da sua virtude será considerada suficiente aos olhos de Deus para que ele considere o sacrifício de Jesus por causa do seu pecado como sem sentido?

Não. Ateus podem exibir excelência moral, mas é claro que há a questão de como alguém pode medir seu caráter – **vai ser comparado com os padrões de quem?** Só existe um padrão que importa, e esse é o padrão Deus.

Considere o texto de Jesus e o jovem rico: um exemplo de alguém vivendo uma vida virtuosa. Mas Jesus foi capaz de sugerir algo a ele que resultou na verdadeira falta de altruísmo do ser humano sendo exposta. Talvez o jovem rico fosse muito, muito virtuoso, mas não era perfeitamente virtuoso. Ele não estava à altura dos padrões de Deus. Não entenda mal, a virtude é louvável, apenas não é confiável, ou seja, não confie apenas em um alto grau de virtude para entrar no céu. Nossos padrões pessoais não combinam bem com Deus.

Quimicamente falando, se você pegar uma substância pura “A” e misturar nela qualquer outra substância “não A”, sua mistura resultante não será mais pura. Em relação a Deus e a nós, Deus é puro e podemos ser muito virtuosos, mas não somos perfeitamente virtuosos, não somos perfeitamente puros. Portanto, não podemos ser permitidos a contaminar a presença de Deus, pois ele deve permanecer puro. **A menos e até que nossa impureza seja tratada, não seremos compatíveis para nos juntar a Deus no céu.**

Se você está vivendo uma vida virtuosa, na verdade isso faz muito bem às pessoas. No entanto, vindo o julgamento, não será suficiente para fazer bem a você a ponto de Jesus dizer: “Você não precisava de mim.” Sua vida virtuosa pode até nos deixar confortáveis como cidadãos neste mundo. Mas podemos dizer a você que a sua virtude não fará tudo o que você espera. Se isso descreve você, esperamos que um dia você aceite a herança de virtude e retidão que está em Cristo convertendo-se a ele. Veja o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

9. OBJEÇÕES SOBRE SALVAÇÃO

Examinemos a seguir algumas objeções sobre salvação. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

9.1. POR QUE ASSASSINOS EM SÉRIE PODEM IR PARA O CÉU, MAS INCRÉDULOS NÃO?

Uma leitura e compreensão completa da Bíblia é o mais certo caminho mais para o ateísmo. (*Donald Morgan*).

Eu sou meu próprio Deus. Estamos aqui para desaprender os ensinamentos da igreja, do estado e de nosso sistema educacional [...]. Estamos aqui para rir das probabilidades e viver a vida tão bem que a morte tremerá em nos levar. (*Charles Bukowski*).

Objeção em consideração: “Por que os assassinos em série podem ir para o céu, mas os incrédulos não podem?”

O equívoco mais comum que os descrentes têm sobre o céu é acreditar que alguém chega lá sendo bom. Essa noção revela ideias errôneas sobre o céu, sobre por que alguém deve “ser bom” e sobre a natureza e a seriedade da incredulidade.

Embora muito possa ser escrito sobre isso tudo, aqui vamos começar a responder sobre um assunto que é coberto de forma mais completa no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

Um desafio maldoso à verdadeira definição de cristão vem do falecido assassino em série **Jeffrey Dahmer**. Embora Lionel Dahmer se lembre de seu filho fazendo a pergunta muito ateuista “Se não existe um deus, por que não posso fazer minhas próprias regras?”, foi relatado que Jeffrey se converteu após sua prisão. Ele também disse ter lido os escritos do apóstolo Paulo em sua sentença.

Posteriormente, os proponentes anticristãos usaram Jeffrey Dahmer como um garoto propaganda do cristianismo, associando todos os tipos de mal como sendo característicos de Deus e de todos que creem nele. Por trás de toda a falaciosa culpa por associação, uma pergunta muito legítima pode, no entanto, ser levantada: **“Alguém tão horrível quanto um assassino em série pode se tornar cristão – isto é, ir para o céu – e, se for, o que isso diz sobre Deus?”**

Primeiramente, para desânimo dos criminosos que citam a Bíblia em todo o mundo, **a conversão a Cristo não isenta ninguém das consequências terrenas dos pecados de alguém aos olhos de Deus ou do governo.**

Em segundo lugar, **a verdadeira conversão é a ação invisível de Deus dentro de uma pessoa.** Ninguém começa o nascimento espiritual maduro e perfeitamente obediente. Dessa forma, a única evidência visível de conversão que os outros podem esperar ver serão os efeitos externos de uma vida transformada. Portanto, não podemos saber se Dahmer tinha ou não uma profissão de fé sincera, uma vez que sua vida acabou e nenhum comportamento pode ser evidenciado.

Em terceiro lugar, ainda que a conversão de Dahmer tenha sido verdadeira, **a conversão a Cristo não anula a liberdade do cristão de escolher entre pecar ou agradar a Deus.** Os cristãos ainda podem (e vão) pecar, mas com uma importante exceção. A conversão proporciona ao cristão a presença do Espírito Santo. O Espírito Santo dá ao cristão a capacitação de andar nos caminhos de Deus e de ser tão aberto a Deus a ponto de ser preenchido com esse companheiro e professor. Quando os cristãos pecam, entristecem o Espírito Santo dentro deles, sentem essa aflição, e precisam novamente do perdão e justificação da parte de Deus (o cristão precisa se arrepender e confessar seu pecado a Deus, pedindo perdão a ele).

Mas alguém pode perguntar: **“Se os cristãos podem ir contra os ensinamentos de Deus encontrados na Bíblia, mas se sentirão mal por isso pelo Espírito Santo, eles não estariam melhores se permanecessem não cristãos até o leito de morte, para que pudessem pecar até então, e aí se converterem no leito de morte e se sentirem bem pela salvação?”**

Isso pressupõe que o pecado não traz nada além de bons sentimentos. Não é assim. Não somos ordenados a ser fiéis ao nosso cônjuge, a sempre falar a verdade com amor e a abominar o assassinato e o adultério apenas para agradar a Deus – isso também é para nossa própria alegria e bem-estar. Além disso, a vida, assim como o

dinheiro, pode ser gasta rapidamente e descuidadamente. E quem garante que sempre teremos tempo de nos arrepender? De realizar um batismo?

Além disso, se uma conversão no leito de morte for o nosso plano agora (algo como “vou pecar até o último momento e quando estiver próximo à morte me converterei”), como esperamos convencer Deus de nossa sinceridade? Não há nada de sincero em querer viver conforme os ensinamentos de Cristo em um pensamento vil como esse! Ninguém comprará a salvação com uma confissão interesseira, mesmo que seja em leito de morte. A situação de cada um é algo que Deus julgará com perfeita justiça – veja o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

Uma objeção adicional apresentada por descrentes, especialmente em um caso como o de Dahmer, é a percepção da aparente desigualdade quando se considera que um assassinato horrível não pode manter uma pessoa fora do céu, mas a “incredulidade inocente” pode.

O assassinato é horrível. Mas **a incredulidade é ainda mais horrível quando analisada à luz do que Deus fez por nós, à luz da gravidade do pecado, e à luz da enorme quantidade de evidências que Deus forneceu para que possamos crer. A seriedade da incredulidade é sempre difícil de entender até que a pessoa veja a incredulidade como Deus a vê.** Isso pode não ser totalmente apreciado até que a pessoa venha a se converter a Deus e esteja próxima a ele – a ponto de Deus ser como um amigo próximo ou um membro da família. Você conhece um amigo por anos ouvindo-o e conversando com ele. Da mesma forma, você conhece a Deus crendo nele e obedecendo a ele, em uma fé operante, permitindo que a presença de seu Espírito o encha, e interagindo com ele em oração.

É fundamental realmente conhecer a Deus, manter um relacionamento com ele, em vez de apenas saber sobre ele. A diferença é como um condenado no corredor da morte que pode dizer “Eu conheço o governador” versus outro que pode dizer apenas “Eu sei sobre o governador”. Qualquer afirmação pode ser verdadeira, mas apenas uma delas é um relacionamento no qual haverá uma esperança confiante de ver uma diferença positiva no futuro. Esse relacionamento com Deus por meio de Jesus Cristo – a perseverança na fé bíblica após uma conversão verdadeira – é exatamente o que diferencia alguém como cristão. Somente a partir desse relacionamento a incredulidade pode ser verdadeiramente vista como Deus a vê.

9.2. POR QUE A SALVAÇÃO DEPENDE DA CRENÇA EM UM LIVRO TÃO DIFÍCIL E CONTESTADO?

Chamando uma criança, colocou-a no meio deles, e disse: “Eu asseguro que, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no Reino dos céus. Portanto, quem se faz humilde como esta criança, este é o maior no Reino dos céus.” (*Mateus 18:2-4, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “Se Deus realmente deseja que seus filhos sejam salvos, por que tornar a salvação dependente da crença em um documento tão complexo e contestado quanto a Bíblia?”

Cristianismo, salvação, Bíblia, evidências científicas... Tudo pode parecer tão complexo. No entanto, Cristo usou crianças como o exemplo a seguir para aqueles que procuram entrar em seu reino. Existe uma simplicidade que estamos perdendo em algum lugar?

Estudar a Bíblia é difícil em alguns casos, mas **a salvação não é uma coisa difícil de entender** – veja o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?) e o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?). **A Bíblia não foi concebida do jeito que ela é para nos agradar ou nos dar os resultados que esperamos, mas para dar os resultados que Deus quer** (Isaías 55:8-11) – veja essa discussão quando falamos da busca pela verdade em outras religiões ou filosofias no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

O que essa objeção realmente quer dizer é que, de alguma forma, a Bíblia dificulta a salvação. A Bíblia não é um gargalo para a crença em Deus. Ela mostra como Deus concede a salvação.

A salvação depende de uma conversão verdadeira e de estar em um relacionamento com o Deus vivo. E se essa notícia chegou até você por meio de um *post-it*, palavra impressa, rádio, TV, *internet*, pregador, boca a boca,

ou observação da vida e do universo, não importa. Até mesmo a “fé sozinha” não salva, é Jesus quem salva, e a fé é o canal.

Lembrando da [analogia do recebimento do e-mail do chefe](#), manter um emprego não depende da capacidade eletrônica do e-mail de transferir palavras com exatidão. Depende de o empregado fazer o que seu chefe ordena. **Se a salvação parece complexa, é porque alguém a distorceu para parecer assim. A salvação não depende de explicar toda a logística sobre os escritos das Escrituras, mas de estar em um relacionamento correto com Cristo, e as Escrituras ensinam isso.**

Se ainda desconfiássemos de onde vêm as palavras em nossos computadores, poderíamos nos formar em ciência da computação ou começar a desmontar as placas-mãe dos computadores. Mas você vê como isso apenas torna o simples em complexo?

Claro, podemos enlouquecer analisando a logística da Bíblia de todos os ângulos concebíveis (um dos propósitos dos sete estágios deste estudo), mas estamos fazendo isso a nosso critério, não sob a direção de Deus. Não é proibido fazer isso, na verdade é incentivado até certo ponto. Mas é limitado em sua utilidade e, se for muito longe, desvia a atenção do problema real. **Obedeça a Cristo.** Veja o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

9.3. COMO OCORRE A SALVAÇÃO DAQUELES QUE VIVERAM E MORRERAM ANTES DE CRISTO?

Não há salvação em nenhum outro, pois, debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos. (Atos 4:12, “Nova Versão Internacional”).

Objeção em consideração: “E quanto à salvação das pessoas que viveram e morreram antes de Cristo?”

O cristianismo tem tudo a ver com Jesus. Mas e antes de Jesus nascer – como as pessoas eram salvas?

Lucas escreveu o versículo citado acima (Atos 4:12) naturalmente falando de Jesus. No entanto, isso nos faz pensar sobre os tempos do Antigo Testamento. Esses escritos mais antigos não contêm o nome “Jesus” (embora Josué em alguns aspectos seja o equivalente hebraico). Se Atos 4:12 é verdade, como as pessoas antes de Cristo foram salvas?

Aqueles que foram salvos antes de Cristo foram salvos da mesma forma que os cristãos são salvos hoje – Deus os salvou por meio de sua fé obediente e operante (leia sobre [Abraão](#)). Nossa fé hoje olha para um evento passado – a provisão de Deus em nosso favor, a qual o mundo agora sabe ser a morte de Jesus na cruz há cerca de 2.000 anos antes do presente. A fé de Adão ansiava por um evento futuro, a morte de Jesus na cruz, sobre a qual Deus progressivamente revelou mais e mais à humanidade até que Jesus finalmente veio.

Voltando a Adão e Eva, eles ouviram os primeiros detalhes daquele em quem Deus queria que as pessoas tivessem fé. Observe em Gênesis 3:15 que Deus prometeu a Adão e Eva, logo depois que eles pecaram, que um descendente de Eva algum dia esmagaria a serpente, ou Satanás. Com o passar dos séculos, Deus revelou mais detalhes sobre aquele “descendente vindouro” especial por meio de seus profetas – para saber mais detalhes, veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade) e também o quarto estágio deste estudo (divindade).

Embora todos os detalhes que temos hoje não estivessem disponíveis na época, foi a fé obediente e operante da pessoa do Antigo Testamento em Deus que foi a chave para a salvação – e essa fé incluía a certeza da vinda do salvador que Deus anunciou, o Messias ou Cristo. Uma das maneiras pelas quais essas pessoas demonstraram sua fé no salvador vindouro foi por meio do **sistema sacrificial**, o qual abordamos no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?). Foi uma imagem excelente daquilo que Cristo fez na cruz.

Para ilustrar como os fiéis que viveram antes de Jesus puderam ser salvos pela fé obediente e operante, podemos usar como exemplo a prática de pagamento de dívidas com cheques pré-datados. Os sacrifícios do Antigo Testamento e o batismo de João, os quais eram efetuados para perdão de pecados, eram como se fossem

cheques pré-datados assinados com a confiança que o sangue de Jesus seria “depositado na conta” na data certa. Foram condicionados no sacrifício futuro de Jesus.

No entanto, desde que Cristo morreu e ressuscitou, é diferente. Quando as pessoas demonstram a fé obediente e operante pelo arrependimento e o batismo para remissão dos pecados (Atos 2:38), confiam no “depósito” que já foi feito no Calvário, e recebem o perdão de seus pecados. Veja o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?) e o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

A fé confiante de que o salvador prometido por Deus estava vindo era tão essencial para a fé do fiel do Antigo Testamento quanto a fé confiante de que ele já veio é para a nossa fé.

Para o fiel do Antigo Testamento, o nome de Jesus e tudo o que ele realizaria ainda era um mistério, mas agora que ele veio o mistério está finalmente revelado, como Paulo muitas vezes exaltou:

Embora eu seja o menor dos menores de todos os santos, foi-me concedida esta graça de anunciar aos gentios as insondáveis riquezas de Cristo e esclarecer a todos a administração deste mistério que, durante as épocas passadas, foi mantido oculto em Deus, que criou todas as coisas. A intenção dessa graça era que agora, mediante a igreja, a multiforme sabedoria de Deus se tornasse conhecida dos poderes e autoridades nas regiões celestiais, de acordo com o eterno plano que ele realizou em Cristo Jesus, nosso Senhor, por intermédio de quem temos livre acesso a Deus em confiança, pela fé nele. (*Efésios 3:8-12, “Nova Versão Internacional”*).

9.4. COMO OCORRE A SALVAÇÃO DE QUEM NUNCA TEVE A CHANCE DE OUVIR SOBRE CRISTO?

Objeção em consideração: “Alguém que nunca teve a chance de ouvir sobre Cristo pode ser salvo?”

Algumas pessoas em partes remotas do mundo ainda não foram alcançadas pelo evangelismo. Alguns, como bebês ou pessoas com deficiências mentais incapacitantes que morrem jovens, podem nunca ouvir falar de Cristo. Qual é o destino deles?

Aparentemente, a justiça de Deus está em questão. É o caso clássico do “selvagem ignorante” nascido em uma ilha deserta: ele vive, morre sem conhecimento de Jesus Cristo, e então está diante de Deus. Injusto ele ir para o inferno, certo? Bem, existem várias facetas para essa questão, então certifique-se de ler todos os pontos a seguir.

Ninguém nasce sozinho. Você veio de outra pessoa, que veio de outra pessoa, e assim por diante, desde Adão e Eva. E Adão e Eva foram avisados (Gênesis 2:17-3:24), não foram? O primeiro ponto que estamos destacando é que Deus lida com a humanidade tanto coletivamente quanto individualmente, o que talvez é uma ideia mais estranha para nós no mundo ocidental moderno do que em qualquer outro lugar ou em outras épocas.

Repetidas vezes nas Escrituras, Deus exorta a humanidade que seus ensinamentos devem ser escritos, transmitidos a seus filhos, falados dia e noite, e assim por diante (Deuteronômio 6:4-9). Não apenas porque os ensinamentos são importantes e benéficos, mas porque estamos todos juntos nisso. Em algum lugar ao longo da linha genealógica, o “selvagem ignorante” tinha um ou mais ancestrais que foram advertidos pela Palavra de Deus para não desobedecer ao Senhor. Em algum lugar ao longo da linha genealógica, alguém fez isso e, agora, o resultado são descendentes separados do conhecimento de Deus.

As consequências de uma geração afetando negativamente as gerações posteriores é o que as Escrituras se referem quando falam sobre os “pecados dos pais sendo visitados sobre seus filhos” (Êxodo 20:5). Observe que, embora isso seja diferente de Deus especificamente [amaldiçoar as pessoas pelos pecados de seus predecessores](#) (o que ele não faz), ainda deixa os descendentes em uma situação ruim – e vamos discutir adiante o quão ruim isso é.

Deus é justo porque cada um de nós é julgado pela quantidade de conhecimento que nos foi manifestado. Considere este texto escrito pelo apóstolo Paulo na Epístola aos Romanos:

Haverá tribulação e angústia para todo ser humano que pratica o mal: primeiro para o judeu, depois para o grego; mas glória, honra e paz para todo o que pratica o bem: primeiro para o judeu, depois para o grego. Pois em Deus não há parcialidade. **Todo aquele que pecar sem a Lei, sem a Lei também perecerá, e todo aquele que pecar sob a Lei, pela Lei será julgado. Porque não são os que ouvem a Lei que são justos aos olhos de Deus; mas os que obedecem à Lei, estes serão declarados justos. (De fato, quando os gentios, que não têm a Lei, praticam naturalmente o que ela ordena, tornam-se lei para si mesmos, embora não possuam a Lei; pois mostram que as exigências da Lei estão gravadas em seu coração. Disso dão testemunho também a sua consciência e os pensamentos deles, ora acusando-os, ora defendendo-os.)** Isso tudo se verá no dia em que Deus julgar os segredos dos homens, mediante Jesus Cristo, conforme o declara o meu evangelho. (*Romanos 2:9-16, “Nova Versão Internacional”*).

Em outras palavras, o “selvagem ignorante” não compartilha da culpa do ancestral que conhecia a Palavra de Deus e que a desobedeceu (Ezequiel 18:20). Por outro lado, até mesmo os céus e toda a criação declaram a glória de Deus (Romanos 1:18-20), então ninguém que viveu está completamente sem desculpa. Assim, a melhor pista que acreditamos que temos sobre o destino de tal pessoa é, provavelmente, mais claramente explicada em Lucas 12:47-48:

Aquele servo que conhece a vontade de seu senhor e não prepara o que ele deseja, nem o realiza, receberá muitos açoites. Mas aquele que não a conhece e pratica coisas merecedoras de castigo, receberá poucos açoites. A quem muito foi dado, muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito mais será pedido. Aquele servo que conhece a vontade do seu senhor e não se apronta ou não faz o que o seu senhor quer, será espancado com muitos golpes. Mas aquele que não sabe e faz coisas dignas de castigo será espancado com poucos golpes. (*Lucas 12:47-48, “Nova Versão Internacional”*).

Em resposta ao que prevemos ser um sentimento de que isso ainda pareça injusto, vamos nos apressar para o próximo ponto, o qual melhora o que de outra forma pareceria uma “condenação sem esperança para os desamparados”: Deus recompensa todos aqueles que o buscam diligentemente (“porque o Senhor esquadrinha todos os corações e penetra todos os desígnios do pensamento”, 1 Crônicas 28:9). Vez após vez, existem histórias de missionários sobre algum grupo remoto de pessoas que sabiam que havia um grande poder por trás da criação, e eles oraram a esse poder de forma que pudessem conhecê-lo. Aparece então um missionário cristão e eis que até mesmo o “selvagem ignorante” responde bem à pouca luz que tinha e se converte.

Talvez o ponto principal a ser entendido aqui seja que **Deus é soberano**. Ele é tão capaz de impor as consequências dos ancestrais sobre seus descendentes quanto é capaz de resgatar todos os que desejam vê-lo em suas vidas e circunstâncias.

Além do cenário do “selvagem ignorante”, uma situação muito mais comum para se perguntar é: **“E quanto às crianças pequenas ou pessoas com retardo mental que são incapazes de entender o evangelho? O que acontece quando elas morrem?”**

Tais casos não parecem ser abordados explicitamente na Bíblia, mas acreditamos que um caso justo deve ser feito para a salvação deles. Sabemos que todos são julgados pela luz do conhecimento que têm da criação e do evangelho: pouco ou nenhum no caso de bebês e dos retardados. E, mais importantemente, Jesus usou crianças várias vezes como exemplos de como devemos entrar no reino de Deus:

Naquela ocasião, Jesus disse: “Eu te louvo, Pai, Senhor dos céus e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e cultos, e as revelaste aos pequeninos.” (*Mateus 11:25, “Nova Versão Internacional”*).

e [Jesus] disse: “Eu asseguro que, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no Reino dos céus.” (*Mateus 18:3, “Nova Versão Internacional”*).

Então disse Jesus: “Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o Reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas.” (*Mateus 19:14, “Nova Versão Internacional”*).

Alegadamente, os judeus consideravam que a idade de doze anos iniciava o ponto em que alguém supostamente era responsável por ter uma compreensão adulta sobre Deus. Não há algo na Bíblia, no entanto, que codifique isso de forma tão concreta.

De qualquer forma, Deus é justo e sabe tudo – ele sempre fará um julgamento justo para cada pessoa.

9.5. HÁ PESSOAS QUE QUEREM SER SALVAS, MAS NÃO PODEM PORQUE DEUS AS IMPEDE?

Objeção em consideração: “Existem pessoas que querem crer para serem salvas, mas não podem porque Deus as impede?”

Absolutamente não. Qualquer um que queira ver o céu, mas pensa que Deus tem um plano covarde para mantê-lo afastado, precisa apenas se converter a Cristo para que Deus o salve. Veja o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

Essa objeção decorre principalmente de um entendimento errado de que Deus destinou algumas pessoas para salvação e algumas para condenação. Veja o sétimo tópico especial deste estudo (estudo sobre o livre arbítrio).

10. OBJEÇÕES SOBRE CIÊNCIA E EVIDÊNCIAS

Examinemos a seguir algumas objeções sobre ciência e evidências. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

10.1. A DESCOBERTA DE VIDA EM OUTROS PLANETAS NÃO DESTRUIRIA TOTALMENTE A BÍBLIA?

Às vezes acho que estamos sozinhos. Às vezes acho que não. Em ambos os casos, o pensamento é impressionante. (*Buckminster Fuller*).

Assim que você esteja disposto a descartar dados observacionais porque eles entram em conflito com a religião, você está perdendo a esperança de realmente entender o universo. (*Wilson Heydt*).

Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas. Tenho outras ovelhas que não são deste aprisco. É necessário que eu as conduza também. Elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor. (*João 10:14-16, “Nova Versão Internacional”*).

Objeção em consideração: “A descoberta de vida em outros planetas não destruiria totalmente a Bíblia?”

Tanto a exploração contínua do espaço quanto a popularidade da ficção científica tornam essa questão irresistível e, talvez, inevitável.

Há especulações sobre a possível existência no universo de outros planetas sustentadores de vida. A evidência de sua existência ou de vida neles refutaria a Bíblia? Não, não refutaria.

Se este planeta é ou não o único portador de vida, isso não é tratado na Bíblia (nenhuma interpretação particular do relato da criação necessariamente favorece ou proíbe essa possibilidade). É concebível que, como Deus alimentou a pequena nação de Israel para o papel de evangelizar o mundo inteiro, nosso mundo poderia estar destinado a um papel semelhante em uma escala muito maior. No momento, diríamos que isso não é provável.

Quanto aos supostos vestígios de vida em outros planetas, como Marte, é concebível que algumas substâncias químicas do tipo “blocos de construção da vida” possam ser encontradas, mas as **substâncias químicas e compostos químicos associados não constituem vida** – veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Como parece que estamos sozinhos no universo, o pensamento de todo o cosmos sendo essencialmente nada mais do que um pano de fundo para nossa criação por Deus torna-se extremamente profundo. Um ponto de vista muito convincente da American Scientist deduz que **um universo tão imenso era realmente necessário se a humanidade fosse realmente o resultado final desejado**:

[...] Inteligência implica em um cérebro. E um cérebro não pode surgir sem vida. Como base da vida, nenhum bioquímico vê outra alternativa senão o DNA. Mas o DNA exige carbono para sua construção. O carbono, por sua vez, surge por combustão termonuclear nas estrelas. A combustão termonuclear demanda bilhões de anos no tempo. Mas de acordo com a relatividade geral, um universo não pode fornecer bilhões de anos a menos que também tenha bilhões de anos-luz de extensão. Nessa visão, não é o universo que tem domínio sobre o homem, mas o homem que governa o tamanho do universo [35].

10.2. AS HISTÓRIAS SÃO APENAS COLEÇÕES DE MITOS

A história será gentil comigo porque pretendo escrevê-la. (*Winston Churchill*).

Objeção em consideração: “As histórias, como as conhecemos hoje, nunca existiram nem mesmo tão tardiamente quanto o Novo Testamento – apenas coleções de criação de mitos.”

Essa é uma alegação que não é bem fundamentada, mas oferece uma oportunidade para reforçar a confiança na formação da Bíblia.

Não pretendemos ser especialistas em todas as histórias e historiadores que citamos, ou naqueles sugeridos por um leitor em particular, mas podemos falar com mais confiança dos egípcios. Muitos de seus relatos de guerras, fome, política, etc., são bem registrados e não são inseparáveis de sua religião. Não fornecemos uma referência de livro porque isso vem de um egiptólogo que, por acaso, é o pai do autor do estudo original (www.provethetbible.net), o qual trabalhou com o American Research Center (ARCE) no Egito e foi convidado a falar em um encontro de egiptólogos dessa instituição. Ele não é nenhum Indiana Jones, mas é bem instruído. A história do registro da história não é, ou nem sempre é, um amálgama impossível de mitologias.

Histórias que podem ser descobertas como não confiáveis seriam apenas isso – não confiáveis. No entanto, seria incrivelmente falacioso raciocinar que, por causa disso, todas as histórias não são confiáveis (isso seria a falácia da culpa por associação).

Por outro lado, não se pode nem sequer ler as notícias de ontem sem escrutínio. A leitura cautelosa é sempre uma estratégia sensata. Então, será alguém pode dizer: “Então a ideia de a Bíblia ser considerada como toda verdadeira deve ser descartada?”

Não, a Bíblia não é rejeitada por causa de uma leitura cuidadosa – ela é aceita por causa de uma leitura cuidadosa. **A leitura cuidadosa é o que revela a verdade da Bíblia e resolve o que pode parecer para alguns como contradições.** Não seremos arrogantes a ponto de dizer que em 2.000 anos os críticos da Bíblia finalmente encontraram todas as tão chamadas contradições que eles poderiam encontrar, mas o autor do estudo original (www.provethetbible.net) observou que, em literatura anticristã, as “contradições” sempre parecem ser a mesma centena ou mais, onde quer que tenha pesquisado. Uma leitura ou estudo mais cuidadoso provavelmente responderia a tudo isso.

Por exemplo, uma leitura cuidadosa resolve a questão das [duas genealogias fornecidas pela Bíblia sobre Cristo](#), ou a tentativa de James Ussher de somar todas as gerações na Bíblia para chegar à idade da Terra. Ussher chegou em 4004 a.C. No entanto, ele cometeu um erro acadêmico (se não muitos mais). Ele assumiu que a genealogia estava completa, isto é, uma lista de pai e filho de todas as gerações que viveram. Se ele tivesse usado menos matemática e mais estudo da Bíblia, teria percebido que numerosas genealogias na Bíblia são listas representativas, não um censo bíblico sequencial. Veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Outro exemplo: Jesus às vezes é chamado de “Filho de Davi”. Um crítico poderia objetar dizendo que ele era filho de José, e então dizer que é uma contradição. Mas não é contradição: ele é o “Filho de Davi” no sentido de que Davi era muito reverenciado, e Jesus era digno o suficiente para ser identificado com essa grandeza. No hebraico antigo, “filho de” é ou pode ser equivalente a “descendente de”. Jesus também era descendente de Davi, e assim o título “Filho de Davi” novamente estaria correto. Os antigos egípcios usavam o mesmo sistema representativo em seu registro de genealogias, o que corrobora ainda mais essa prática textual (isto é, um fato, e não criação de mitos).

Veja mais sobre o assunto de mitos no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

11. OBJEÇÕES MISTAS DE DESCRENTES DA INTERNET

Para encerrar este último estágio deste estudo (objeções), tomamos dois longos textos de objeções contra a Bíblia encontrados em fóruns na *internet*. Esses textos são bastante representativos das objeções típicas que um crítico usa para atacar a Bíblia e tentar justificar sua descrença. Os textos são um tanto antigos e, infelizmente, suas fontes não estão mais disponíveis.

Tomamos esses textos para responder seus argumentos e demonstrar que **não existe nenhuma objeção (ou desculpa?) que seja razão legítima para não crer na Bíblia.**

11.1. O PRIMEIRO TEXTO

Como na *Ilíada* e na *Odisseia*, Grécia, Atenas, Corinto e muitos outros locais são nomeados [na Bíblia], mas isso não prova que Zeus, Hércules e Aquiles existiram. Você não pode provar o que é improvável, mas apenas porque algo é improvável não significa que seja verdadeiro. Isso se chama lógica.

Jesus nunca existiu, por quê? O Buda é anterior a Jesus em 800 anos. Ele era um homem rico que percebeu o erro na sociedade e finalmente vagou pelo deserto por 40 dias e noites, sentou-se debaixo de uma árvore e foi tentado por demônios. Ele foi traído por um seguidor e assassinado. Mitra (também anterior a Jesus, mas local) era filho de um deus, realizou milagres e foi assassinado traído por um seguidor, Mitra já foi chamado de Perseu, que foi o fundador da Pérsia. Não consigo convencê-lo de que Perseu, que matou a Medusa, não existiu, mas Adonis (que significa "senhor" como em *anno dominae*) era filho de deus, tinha um culto, prometeu o céu, foi traído por seu seguidor, enterrado em uma tumba e ressuscitou sete dias depois. Na Grécia, em toda páscoa uma região do país celebra a ressurreição de Adonis (Senhor). Jesus (um nome que não existia há 2.000 anos) é um amálgama de vários mitos gerados pelas rotas comerciais romanas. Posso continuar. Por exemplo, Atena, a deusa virgem nascida do último culto de um nascimento virginal, estava em Nazaré ao mesmo tempo em que outro famoso nascimento virginal também nasceu de um nascimento virginal. Mais uma vez, o argumento é que uma afirmação está sendo feita sem prova e se argumenta que a ausência de prova é em si uma prova. Não posso refutar Papai Noel, Zeus, Odin ou o Pé Grande, mas a lógica, quando usada, pode encontrar suporte suficiente para encontrar respostas melhores do que o raciocínio nessa imagem.

Prove que um evento na Bíblia alguma vez aconteceu. Para isso você precisa de uma educação.

O dilúvio nunca ocorreu. É ridículo acreditar que aconteceu. Não há evidências disso, pois usamos técnicas de datação exatas, como dendrocronologia, datação por potássio, datação por radiocarbono, polos magnéticos da Terra, entre muitas outras técnicas de datação absoluta e relativa para mostrar como a Terra foi afetada pelo meio ambiente. A Terra, todos os fósseis e tudo o que já morreu e foi deixado para trás emite radioatividade à medida que se decompõe. Essa taxa de decaimento é padrão e é constante. Usando a taxa de decaimento, medimos quanto tempo um objeto está na Terra. Usamos anéis de árvores que mostram qualquer evento, como incêndio, seca ou inundação. Usamos evidências geológicas para apoiar as descobertas de áreas como o Grand Canyon, feito de depósitos minerais específicos que somente podem ocorrer durante um determinado período de tempo e sob certas condições. A Terra não exibe nenhum registro natural de quaisquer condições ambientais adequadas a um dilúvio, mas a Grécia antiga tem um mito em que Zeus inundou o planeta matando os primeiros habitantes do planeta que ele considerou pecadores, e da mesma forma foi com os babilônios na história de Gilgamés, ambos anteriores ao judaísmo em 500 anos ou mais.

Outro evento é a crucificação, pois não foi uma sentença de morte, mas de tortura. Pôncio gostava tanto disso que os romanos não tinham cruzes devido à falta de madeira, mas em vez disso teriam vastas fileiras de postes cravados no chão e uma viga seria presa ao poste para os prisioneiros que, então, após 3 dias, se eles sobrevivessem, fossem libertados. Aqui está um homem que é tão importante que nem um único registro romano foi encontrado. Nenhuma pessoa escreveu sobre Jesus até 100 anos após sua morte, em uma época em que a manutenção de registros era absoluta para os gregos, romanos e egípcios.

Os judeus nunca foram escravos no Egito. O costume do Egito era uma servidão contratada. Temos registros de todos os escravos e como eles eram administrados, incluindo as casas em que viviam. Eles foram obrigados a trabalhar por vários anos, alimentados, vestidos e com as famílias cuidadas e, depois de cinco ou mais anos,

eram soltos. Em nenhum lugar há qualquer registro, em uma das sociedades mais avançadas da época, que mencione que os judeus eram escravos ou que um homem chamado Moisés interagiu no Egito, e muito menos que houvesse permissão do assassinato de milhares de crianças, cometendo assim infanticídio. Os egípcios teriam sido prejudicados por isso e certamente alguém teria documentado o evento. Nunca houve uma grande população de judeus que viveu historicamente no Egito, nem um único artefato... Nada. Isso porque não houve êxodo.

Também, quando Jesus nasceu, e Maria e José (a propósito, será que contra a cultura e a tradição e a lei estrita não tiveram relações? Eles tiveram... Há um irmão de Jesus, Tiago, o qual é um nome europeu) fugiram do rei Herodes, os escritores bíblicos mencionaram os nomes de um líder romano e outro rei. Sinto muito por vocês, pessoas da Bíblia, porque vocês sabem disso, e me escapa da mente como vocês acreditam nesse livro, pois esses três indivíduos nunca viveram ao mesmo tempo. E esse é outro exemplo de algo na Bíblia que não aconteceu.

Talvez a divindade dos hebreus seja a responsável pela teoria das cordas, supernovas, planetas que são exatamente do mesmo tamanho que a Terra e podem suportar a vida a 600 anos-luz daqui, e talvez, em um planeta como o nosso, eles estão tendo a mesma discussão, mas sua Bíblia está errada. É um livro odioso que apoia o assassinato de bebês, a venda de mulheres, a mutilação genital e a escravidão (tudo pode ser encontrado em Levítico e em Romanos). As mesmas histórias que são usadas para impedir que os homossexuais desfrutem de direitos iguais, e você pode dizer “dê a César o quanto quiser”, mas tudo o que isso me diz é que se um cristão não tivesse que lidar com as “leis incômodas” do governo, estaria tudo bem com a escravidão, afinal era isso que o sul dos Estados Unidos disse em apoio à entrada na guerra civil.

Deus ordenou a morte de bebês. Bebês que não tiveram nenhum crime, nenhum pecado, nada a ver com seus pais. E se você tomar uma parte da Bíblia como verdade, tudo deve ser verdade. Escolher e selecionar textos convenientes e parciais significa que você não acredita de fato nela, mas que está com muito medo de aprender sobre biologia e o cosmos. Vemos a que distância o resto do universo está de nós, vemos a rapidez com que os objetos se afastam e, por meio da matemática, podemos retroceder e ver quanto tempo levaria para esses objetos chegarem lá. A Bíblia não discute planetas em outras galáxias. A Bíblia não discute aborto, controle de natalidade ou evolução. A Bíblia não discute dinossauros ou eras do gelo e, para aqueles que acreditam que a Terra tem de 6.000 a 10.000 anos de idade, se você crê nisso, na verdade você está citando os cálculos de um homem muito desagradável que viveu mais ou menos durante os anos 1500, o que também é conhecido como Idade das Trevas.

Os ateus não precisam refutar Deus tanto quanto precisam refutar Zeus. A Bíblia diz: “Não há outros deuses diante de mim”, o que significa que existem outros deuses que as pessoas creem, mas o cristão não acredita neles como nada além de mito. Por quê? Os ateus não precisam refutar porque não estamos afirmando que algo que não podemos ver existe ou algo aconteceu da maneira que está escrito em um livro escrito durante o Período Neolítico.

Se Deus existisse, eu me pergunto por que ele só falava com homens que estavam sozinhos e depois ditava os direitos das mulheres e incitava a guerra contra as tribos vizinhas. Por que Deus não falou com uma civilização mais avançada, como os chineses e os japoneses, que estavam tão além do povo do deserto pastoral do Oriente Médio que pelo menos seus registros poderiam ter sido melhores.

Se hoje Deus dissesse para você levar seu filho para ser sacrificado como Abraão fez, você faria? Se seu cônjuge dissesse a você que Deus falou com ele(a) e dissesse que vocês teriam que esfaquear seu filho até a morte, você acreditaria em Deus ou diria a ele para ir embora? E se Deus estivesse diante de você e escolhesse seu filho na multidão e quisesse esfaqueá-lo até a morte? Você seguiria uma divindade que é tão claramente sem moral? Deus apareceu a um grupo de hebreus e eles tinham uma teologia impopular que Constantino eventualmente assumiu a responsabilidade de mandar para Roma por muitas razões financeiras. Ao longo dos anos, as igrejas romana e grega editaram, esconderam e destruíram partes da Bíblia que consideravam heréticas sob seu controle. A Bíblia que você aprendeu é a Bíblia que homens muito poderosos queriam que você lesse, não é nem mesmo a original.

Odisseu nunca existiu, mas Ítaca sim. Prove para mim que Odisseu nunca existiu. Prove para mim que o ciclope de quem ele escapou nunca existiu. Prove para mim que ele não viajou para o *hades* (inferno) e não encontrou o senhor do submundo. Você não pode. É improvável, mas essa foi a base de uma longa tradição, não apenas de histórias, mas também de práticas religiosas, pois você pode visitar as casas de culto a Zeus, Atena e Apolo. O problema com os crentes é que usam o que não se pode provar para impor os direitos dos

americanos quando os pais fundadores enfatizaram claramente que nenhuma religião deveria estar envolvida no governo. James Madison escreveu que nenhum clero deveria estar nas forças armadas. Ben Franklin era ateu. Thomas Jefferson removeu todos os eventos sobrenaturais da Bíblia. Nenhum pai fundador tinha um padre com eles enquanto morriam. A literatura deles é anticristã, pois poucos deles eram outros além de calvinistas e quakers, e isso está apenas no papel. Muitos eram deístas inspirados por Thomas Paine. “In God We Trust” foi adicionado durante a Segunda Guerra Mundial para fins morais. Que saco, Abraham Lincoln disse “a Bíblia não é meu livro” porque ele era um agnóstico.

E, no entanto, vocês cristãos são preconceituosos, traficantes de ódio, e usam Jesus, o pacifista definitivo, para assassinar médicos abortistas, banir os direitos dos americanos em uma república que não é uma teocracia, e ainda degradar as mulheres (e não entendo por que as mulheres não veem esse monte de líderes espirituais, principalmente homens, ditando como devem usar seus corpos como algo que não seja ofensivo). E cristãos claramente não sabem o que é ciência: um método de cinco etapas usado para testar estritamente uma hipótese para criar uma teoria de trabalho (ou tão próxima de um fato quanto a ciência permita, já que a ciência nunca afirma fatos absolutos, pois estamos sempre procurando por melhores respostas e melhores ideias, em vez de velhos absolutos sem novas informações). Vocês não entendem porque o criacionismo não pode ser testado, nunca foi testado, são apenas mentiras e besteiras para fazer a Bíblia parecer legítima.

Finalmente, isto é para todos que acreditam que sua religião está correta: se isso é verdade, por que há tantas religiões? Quem dera pudessem parar para pensar sobre isso. E não venha com a desculpa de que é culpa do demônio do mal vivendo no núcleo da Terra. Se Deus fosse real, por que ele não voltou? Por que ele falou apenas com uma ou duas pessoas que não ofereceram nenhuma prova, assim como Joseph Smith, um vigarista analfabeto que alegou que os mortos poderiam dizer a ele onde o ouro estava localizado no estado de Nova Iorque... E que ele era o mensageiro divino (o que significava que o deus dos mórmons entendeu errado da primeira vez), e como ele traduziu escritos em segredo, e que qualquer um que o espionasse morreria! Agora, apenas na palavra daquele homem, há uma religião financeiramente responsável por tentar impedir que os gays tenham seus direitos constitucionais.

Não vivemos em um estado cristão. Os peregrinos vinham em busca de liberdade financeira com escravos debaixo dos braços. Eles queriam fazer negócios aos sábados e cobrar leis de usura que as igrejas protestantes na Inglaterra não permitiam. O Contrato Mayflower era uma empresa de negócios, não uma igreja ou religião. Até que você aprenda ciência, história, ou mesmo tenha um vislumbre de educação, a única coisa que pessoas como essas nessa imagem entenderão é uma vida patética, triste e sem inspiração na qual se curvam diante de um mestre com medo de ir para o inferno. Essa é a razão mais egoísta para aceitar deus. Se eu fosse cristão, eu não teria medo de ser punido se Jesus realmente tivesse morrido por mim. Porém, seja como for, de qualquer forma eu nunca pedi que Jesus morresse por mim. E se eu não o aceitar eu sofrerei, não tendo cometido nenhum crime, um destino pior do que ele supostamente sofreu porque Deus não conseguiu minha atenção?

Seu livro é falso. Suas crenças são infantis. Sua visão de mundo está errada. Você pode ter o direito de acreditar no que quiser, assim como muitos acreditam que o pouso na Lua foi falso, o monstro do Lago Ness é real, ou que a roupa íntima mágica pode salvá-lo. Você pode acreditar, mas isso não o torna certo ou válido, ou mostra que você tem um bom ponto. Suas crenças são doentias e odiosas. Seu livro é triste e patético e estou cansado de os religiosos serem respeitados por medo de que alguém exponha sua falsidade e os machuque emocionalmente com isso. Dane-se isso. Você afirma que Deus existe? Prove. Posso provar a evolução do olho. Eu posso provar a formação do universo e a física ressentida até oferece uma resposta muito plausível de “o que veio antes” se você decidisse que o universo e a vida são mais bonitos e maravilhosos do que um deus criando tudo em seis dias e sendo onipotente, mas ainda assim precisando fazer uma pausa no dia sétimo, e sem prestar contas do que ele fez no dia oitavo.

Finalmente, a quarta lei da termodinâmica somente se aplica a um sistema fechado. Em termos de universo, Terra e vida, esses sistemas são abertos e a regra se aplica. Isso não foi perguntado, mas os cristãos que ouvem outros cristãos dizerem coisas estúpidas, e os consideram como sendo espertos, gostam de trazer isso à tona. Isso, para eles, é “prova” que nenhuma variação do *big bang* aconteceu, e a melhor parte para eles é que “a ciência não tem todas as respostas”. Amanhã saberemos mais e refinaremos a teoria, mas isso não torna as teorias científicas “apenas uma teoria”. A propósito, a palavra que você deveria ter usado não é “teoria”, mas “hipótese” ou “palpite sensato”.

Se existe um Deus, se eu estiver errado, direi que não tenho interesse em uma divindade que, em comparação, a minha imaginação é maior – uma divindade que é infantil, e absurda, e que mostrou notável mau

juízo em seus mensageiros, e falta de aparência em nossas vidas. Eu o condenarei por ser um odiador tolo e direi a ele que, como ele criou várias galáxias e múltiplos universos, se ele é como dizem os escritores da Bíblia, que vergonha por não amar nada o suficiente, mas ter um temperamento com estouros de raiva e insistir em amor ou punição. E para aqueles de vocês que não acreditam em nenhum poder superior a não ser uma divindade bíblica de um livro escrito ao mesmo tempo que a *Ilíada*, então é vergonha de vocês por atrofiarem a América e permitirem que os chineses e o resto do mundo nos superem apenas para que vocês possam ter suas crenças pessoais incontestadas.

Finalmente, mais uma vez, você diz que Deus é real. Eu digo: prove. Pois tudo o que existe na natureza a ciência pode provar, mas você não pode provar uma única palavra de evidência histórica na Bíblia.

Tenho certeza de que alguém será “muito parecido com Jesus” e me condenará ao inferno, ao fogo e à morte, mas como ateu, eu realmente nunca faria isso. Jesus também não faria. Ele teria dito para não julgar e amar o próximo, não apenas pessoas como você. Mas ainda não conheci esse cristão, e o único em quem consigo pensar é Martin Luther King Jr. – e foi um cristão branco que atirou nele para que ele morresse.

Há várias objeções nesse texto, as quais fazem parte da mesma centena ou mais de objeções que o autor do estudo original (www.provethetibible.net) encontrou na literatura anticristã que consultou. Abordamos essas objeções ao longo dos estágios e tópicos especiais deste estudo.

De forma a responder adequadamente às objeções contidas nesse longo texto, apresentaremos a citação de uma parte dele e, a seguir, a resposta correspondente.

Como na *Ilíada* e na *Odisseia*, Grécia, Atenas, Corinto e muitos outros locais são nomeados [na Bíblia], mas isso não prova que Zeus, Hércules e Aquiles existiram. Você não pode provar o que é improvável, mas apenas porque algo é improvável não significa que seja verdadeiro. Isso se chama lógica.

O argumento é que existem obras fictícias que nomeiam locais reais, mas isso não torna os acontecimentos e personagens dessas obras reais. Também se argumenta que a impossibilidade de provar algo como falso não torna esse algo como verdadeiro.

Esses argumentos são verdadeiros. Porém, a citação de locais reais na Bíblia e a ausência de provas de que ela é falsa são boas razões para considerar a veracidade dela e investigá-la apropriadamente, ao invés de saltar à conclusão de que ela é falsa. Além do mais, a Bíblia tem um caso bastante diferente do caso da *Ilíada* e da *Odisseia*. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

Jesus nunca existiu, por quê? O Buda é anterior a Jesus em 800 anos. Ele era um homem rico que percebeu o erro na sociedade e finalmente vagou pelo deserto por 40 dias e noites, sentou-se debaixo de uma árvore e foi tentado por demônios. Ele foi traído por um seguidor e assassinado. Mitra (também anterior a Jesus, mas local) era filho de um deus, realizou milagres e foi assassinado, traído por um seguidor, Mitra já foi chamado de Perseu, que foi o fundador da Pérsia. Não consigo convencê-lo de que Perseu, que matou a Medusa, não existiu, mas Adonis (que significa “senhor” como em *anno dominae*) era filho de deus, tinha um culto, prometeu o céu, foi traído por seu seguidor, enterrado em uma tumba e ressuscitou sete dias depois. Na Grécia, em toda páscoa uma região do país celebra a ressurreição de Adonis (Senhor). Jesus (um nome que não existia há 2.000 anos) é um amálgama de vários mitos gerados pelas rotas comerciais romanas. Posso continuar. Por exemplo, Atena, a deusa virgem nascida do último culto de um nascimento virginal, estava em Nazaré ao mesmo tempo em que outro famoso nascimento virginal também nasceu de um nascimento virginal.

Em outras palavras, está sendo argumentado que Jesus nunca existiu de fato e que ele é apenas mais um personagem religioso fictício, o qual foi formado de vários mitos e mitologias preexistentes que tiveram facilidade em se espalhar por causa das rotas comerciais romanas. E, ao contrário daquilo que é afirmado na objeção, “Jesus” era um nome muito comum na Palestina do primeiro século.

Deixamos bem claro no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e no terceiro estágio deste estudo (veracidade) que o velho argumento de que Jesus foi formado de mitologias preexistentes absolutamente não funciona. Entre as razões disso estão:

- Jesus tem que ser estudado no contexto da Palestina do primeiro século. A mitologia pagã é simplesmente o contexto interpretativo errado para o entendimento de Jesus, sendo que os paralelos alegados entre Cristo e a mitologia são espúrios;
- Não há conexão causal entre o cristianismo e mitologias pagãs;
- As supostas similaridades não são o que os cétricos afirmam que são;
- As mitologias originais não eram parecidas com o cristianismo. Foi apenas após o cristianismo que elas parecem ter tido desenvolvimentos que fizeram seus “deuses” parecerem mais com Jesus. Não há verdadeiramente “deuses que morrem e ressuscitam”, ou mesmo “deuses que nasceram de uma virgem” da forma como a Bíblia apresenta Jesus;
- Similaridades muito gerais das mitologias são expectativas razoáveis que as pessoas possuem sobre a divindade;
- Se a Bíblia fosse um amálgama de crenças preexistentes, ela não seria o que ela é: a apresentação coerente daquele que estava para vir no Antigo Testamento e veio no Novo Testamento;
- Não há motivação nem conluio da parte dos escritores bíblicos para criar uma obra de ficção, e nem os escritos e a conduta deles corresponde a isso.

Quanto às rotas comerciais romanas, elas contribuíram para que crenças pagãs se espalhassem pelo mundo conhecido da época, mas isso não as fez serem aceitas pelos judeus do contexto da Palestina do primeiro século. Na verdade, essas rotas comerciais facilitaram para que o cristianismo vindo da Palestina do primeiro século fosse conhecido pelo mundo (e isso é até mesmo uma boa razão para que Deus tivesse trazido o Cristo à Terra naquela época).

Mais uma vez, o argumento é que uma afirmação está sendo feita sem prova e se argumenta que a ausência de prova é em si uma prova. Não posso refutar Papai Noel, Zeus, Odin ou o Pé Grande, mas a lógica, quando usada, pode encontrar suporte suficiente para encontrar respostas melhores do que o raciocínio nessa imagem.

Mais uma vez, é verdade que a ausência de provas não significa que algo é verdadeiro, mas também não significa que é falso. Ausência de prova em contrário para algo é, contudo, uma boa razão para conduzir uma investigação apropriada sobre esse algo. A investigação sincera da Bíblia, com uso legítimo da lógica, dá suporte a ela. E o caso das Escrituras é bastante diferente dos casos de Papai Noel, Zeus, Odin ou Pé Grande. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Prove que um evento na Bíblia alguma vez aconteceu. Para isso você precisa de uma educação.

Críticos da Bíblia têm um problema sério em saber o quão boas têm que ser as evidências a favor dela. Não é que elas não existam. A questão verdadeira é definir quanto é o suficiente. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

Parece que, além de alguns professos cristãos, os críticos precisam tanto, ou mais, de “uma educação”. Um evento nas Escrituras que certamente aconteceu foi a destruição de Jerusalém pela Babilônia em 586 a.C. Veja também os estudos de caso sobre as profecias bíblicas a respeito da destruição da Babilônia e da cidade de Tiro contidos no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

O dilúvio nunca ocorreu. É ridículo acreditar que aconteceu. Não há evidências disso, pois usamos técnicas de datação exatas, como dendrocronologia, datação por potássio, datação por radiocarbono, polos magnéticos da Terra, entre muitas outras técnicas de datação absoluta e relativa para mostrar como a Terra foi afetada pelo meio ambiente. A Terra, todos os fósseis e tudo o que já morreu e foi deixado para trás emite radioatividade à medida que se decompõe. Essa taxa de decaimento é padrão e é constante. Usando a taxa de decaimento, medimos quanto tempo um objeto está na Terra. Usamos anéis de árvores que mostram qualquer evento, como incêndio, seca ou inundação. Usamos evidências geológicas para apoiar as descobertas de áreas como o

Grand Canyon, feito de depósitos minerais específicos que somente podem ocorrer durante um determinado período de tempo e sob certas condições. A Terra não exibe nenhum registro natural de quaisquer condições ambientais adequadas a um dilúvio, mas a Grécia antiga tem um mito em que Zeus inundou o planeta matando os primeiros habitantes do planeta que ele considerou pecadores, e da mesma forma foi com os babilônios na história de Gilgamés, ambos anteriores ao judaísmo em 500 anos ou mais.

É verdade que as evidências científicas disponíveis hoje não dão suporte a um dilúvio do planeta inteiro, mas isso não significa que o dilúvio bíblico nunca aconteceu, e nem que é ridículo. É totalmente plausível que o dilúvio bíblico tenha acontecido na antiga Mesopotâmia e que, para aquele contexto e época, era o “mundo todo”. Críticos da Bíblia e professores cristãos igualmente falham em entender o que a Bíblia realmente ensina. Veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Mais uma vez, a alegação de que a história bíblica do dilúvio é apenas um mito influenciado por outros mitos precedentes não funciona. A Bíblia relata ocorrências verdadeiras. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

Outro evento é a crucificação, pois não foi uma sentença de morte, mas de tortura. Pôncio gostava tanto disso que os romanos não tinham cruzes devido à falta de madeira, mas em vez disso teriam vastas fileiras de postes cravados no chão e uma viga seria presa ao poste para os prisioneiros que, então, após 3 dias, se eles sobrevivessem, fossem libertados. Aqui está um homem que é tão importante que nem um único registro romano foi encontrado. Nenhuma pessoa escreveu sobre Jesus até 100 anos após sua morte, em uma época em que a manutenção de registros era absoluta para os gregos, romanos e egípcios.

Ainda que pudesse ser considerado que a crucificação pudesse ser “apenas” uma sentença de tortura, e a possibilidade de que se alguém conseguisse sobreviver a ela por três dias poderia ser libertado (afirmações bastante questionáveis, pois a crucificação era aplicada de fato como uma execução de criminosos), o que isso muda no caso de Jesus? Ele foi condenado à crucificação, sem dúvida alguma, para morrer.

Os ladrões que foram crucificados ao lado esquerdo e direito de Jesus tiveram que ter os ossos das pernas quebrados para que morressem logo, de forma a serem removidos das cruzes antes da vinda do importante dia judaico da páscoa. Ter corpos de criminosos pendurados durante esse dia era um horror aos judeus, e eles insistiram para que Pilatos removesse os condenados das cruzes, ou seja, esses condenados tiveram que morrer no mesmo dia. Com Jesus não foi diferente. Os romanos se até mesmo se certificaram que Jesus estava de fato morto ao ser cravada uma lança ao seu lado, uma vez que Jesus morreu antes que os outros dois. Não há como buscar alguma brecha para tentar utilizar algum argumento de que Jesus poderia não ter morrido de fato, mas poderia ter sobrevivido à crucificação e, portanto, não teria ressuscitado – veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

E quanto à questão da importância de Jesus e os registros, é uma objeção que falha miseravelmente em analisar adequadamente as coisas. **Jesus não era importante para os romanos. Ele foi um homem rejeitado pelas autoridades judaicas e até mesmo pelo povo de Jerusalém que antes o acolheu.** Os romanos apenas o consideraram outro judeu que alegava ser um messias, o qual de qualquer forma não traria problemas para Roma, uma vez que foi executado. Quando ressuscitou, Jesus não quis aparecer a nenhum romano. Parece que ele escolheu aparecer apenas àqueles que creram nele (Saulo de Tarso sendo uma exceção). Sinceramente, que boa razão há para esperar que romanos, ou mesmo gregos ou egípcios, escrevessem sobre Jesus? Nenhuma. **Ninguém pode erguer objeções contra a existência de Jesus com o argumento de que “nenhum não cristão escreveu sobre ele em menos de cem anos de sua morte” justamente porque não se pode esperar isso no contexto de como as coisas aconteceram! Jesus somente se tornou importante para aqueles que verdadeiramente creram nele – uma minoria desprezível.**

Além disso, afirmar que não podemos crer que Jesus existiu porque “nenhuma pessoa escreveu sobre Jesus até 100 anos após sua morte” é uma declaração hipócrita. Se podemos acreditar em Alexandre, o Grande, cujos registros foram escritos 300 anos depois de sua morte, não podemos acreditar em Cristo porque os registros extrabíblicos sobre ele alegadamente não foram escritos em menos de 100 anos de sua morte? Ora, se cremos que Alexandre existiu, devemos aplicar os mesmos critérios para Jesus e concluir que ele existiu! Não podemos ter dois pesos e duas medidas apenas porque lidamos com Jesus ou com textos considerados “religiosos”. Os escritos do Novo Testamento foram escritos quase todos antes de 70 d.C. e devem ser avaliados da mesma forma que outros

documentos antigos. Além do mais, os escritos de Talo e Flégon, preservados nas citações de outros historiadores, provavelmente foram escritos por volta de 52 d.C. e mencionaram a escuridão que se seguiu na terra por causa da crucificação de Cristo. Talo e Flégon estavam procurando explicações naturais para o fenômeno. Quem diria que, no fim das contas, eles acabaram por admitir que a escuridão durante a crucificação de Cristo realmente aconteceu? Veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Temos que entender que os únicos que teriam bons motivos para escrever sobre Jesus eram seus discípulos. E mesmo eles não teriam razão para fazer isso a não ser que algo estupendo tivesse acontecido. Eles foram testemunhas oculares de tudo, mas estavam arruinados, tristes e reclusos por causa da morte daquele que eles pensaram ser o Messias. Se Jesus não tivesse morrido e ressuscitado, provando que ele é quem dizia ser, os discípulos não teriam mudado de pessoas arruinadas, tristes e reclusas para pessoas ousadas que proclamaram Jesus por toda a parte, a despeito de perseguições e ameaças de morte! E tudo isso para quê? Eles sabiam que não iriam ganhar nenhum poder, prestígio, honra, glória ou qualquer tipo de bom retorno por fazer isso. Eles ganharam apenas tribulação, perseguição e morte com isso. Seus registros não podem ser descartados como falsos pela suposição de serem “tendenciosos”. Veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Em outras palavras, ao se analisar sinceramente a situação adequadamente no contexto, qualquer objeção que assume que Jesus não existiu é absurda. Até mesmo céticos como John Dominic Crossan e Bart Erhman acreditam que Cristo existiu, embora, como esperado, não creiam nele como ele foi descrito nas Escrituras.

Os judeus nunca foram escravos no Egito. O costume do Egito era uma servidão contratada. Temos registros de todos os escravos e como eles eram administrados, incluindo as casas em que viviam. Eles foram obrigados a trabalhar por vários anos, alimentados, vestidos e com as famílias cuidadas e, depois de cinco ou mais anos, eram soltos. Em nenhum lugar há qualquer registro, em uma das sociedades mais avançadas da época, que mencione que os judeus eram escravos ou que um homem chamado Moisés interagiu no Egito, e muito menos que houvesse permissão do assassinato de milhares de crianças, cometendo assim infanticídio. Os egípcios teriam sido prejudicados por isso e certamente alguém teria documentado o evento. Nunca houve uma grande população de judeus que viveu historicamente no Egito, nem um único artefato... Nada. Isso porque não houve êxodo.

Analisamos o êxodo do Egito no terceiro estágio deste estudo (veracidade). O caso dos hebreus sendo recebidos no Egito durante o período dos hicsos é muito plausível. E de forma alguma devemos esperar encontrar evidência do êxodo do Egito em registros egípcios. Eles simplesmente não registrariam uma derrota tão humilhante para uma nação de escravos. Há várias razões para isso: (1) os egípcios registraram eventos com a intenção de apresentar uma história idealizada do faraó e não registraram nada de negativo; (2) eles queriam retratar seus faraós como figuras divinas, e uma derrota humanizaria seu rei; (3) registrar derrotas seria também um convite à divisão e rebelião do reino. Também, encontrar “prova positiva” de eventos tão antigos é extraordinariamente raro. Existem, no entanto, evidências circunstanciais que apoiam o êxodo do Egito. Existem explicações razoáveis sobre o número de israelitas no deserto. Veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Precisamos também ter em mente que os eventos do êxodo estão na categoria do miraculoso, não havendo problema algum para Deus em ter guiado e sustentado uma multidão em um deserto. Falamos sobre milagres no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Na verdade, existe evidência suficiente para crer no êxodo do Egito. O problema real é o que constitui evidência suficiente, e isso é discutido no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

De qualquer forma, é muito mais sábio trabalhar com o que temos ao invés de trabalhar com o que não temos. Temos um documento antigo, o Livro de Êxodo, o qual relata em detalhes a situação dos hebreus no Egito e o que ocorreu para que saíssem de lá. Por que não levar a sério esse documento antigo e investigá-lo, como se faz como qualquer outro documento antigo, ao invés de simplesmente descartá-lo como ficção porque ele faz parte da Bíblia?

Acima de tudo, no entanto, basta saber que o próprio Deus veio à Terra na pessoa de Jesus Cristo, e ele considerou o Livro de Êxodo como verdadeiro, assim como o Antigo Testamento na sua totalidade. Veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Também, quando Jesus nasceu, e Maria e José (a propósito, será que contra a cultura e a tradição e a lei estrita não tiveram relações? Eles tiveram... Há um irmão de Jesus, Tiago, o qual é um nome europeu) fugiram do rei Herodes, os escritores bíblicos mencionaram os nomes de um líder romano e outro rei. Sinto muito por vocês, pessoas da Bíblia, porque vocês sabem disso, e me escapa da mente como vocês acreditam nesse livro, pois esses três indivíduos nunca viveram ao mesmo tempo. E esse é outro exemplo de algo na Bíblia que não aconteceu.

Certamente Jesus teve irmãos e um deles era Tiago. Jesus nasceu antes que José e Maria tivessem relações, enquanto eles estavam noivos (e noivos não podiam ter relações – isso só é permitido após o casamento). O nascimento virginal de Cristo foi um milagre, e falamos sobre milagres no terceiro estágio deste estudo (veracidade). Não há nenhuma razão suficientemente boa para negar o nascimento virginal de Jesus. Essa negação, em última análise, provém de uma tendência de não crer no sobrenatural.

O nome de Tiago é, na verdade, um nome hebreu variante de Ya'akov, ou Jacó. Esse nome foi posteriormente latinizado, anglicizado, etc., resultando em Tiago em português, ou James em inglês. Sua origem, de fato, é hebraica, e não europeia.

E quanto à questão do rei Herodes (Herodes, o Grande) e “o líder romano e outro rei” (Quirino e César Augusto) que “não viveram ao mesmo tempo”, a objeção se refere ao censo relacionado com o nascimento de Cristo mencionado por Lucas em Lucas 2:1-7:

Naqueles dias, César Augusto publicou um decreto ordenando o recenseamento de todo o império romano. Este foi o primeiro recenseamento feito quando Quirino era governador da Síria. E todos iam para a sua cidade natal, a fim de alistar-se. Assim, José também foi da cidade de Nazaré da Galileia para a Judeia, para Belém, cidade de Davi, porque pertencia à casa e à linhagem de Davi. Ele foi a fim de alistar-se, com Maria, que lhe estava prometida em casamento e esperava um filho. Enquanto estavam lá, chegou o tempo de nascer o bebê, e ela deu à luz o seu primogênito. Envolveu-o em panos e o colocou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria. (*Lucas 2:1-7, “Nova Versão Internacional”*).

Basicamente, o que está sendo alegado é que, de acordo com os evangelhos de Mateus e de Lucas, Jesus nasceu durante o reinado de Herodes, o Grande. Mas Lucas também escreveu que José e Maria tiveram que ir a Belém para um censo feito por César Augusto quando Quirino era governador da Síria, enquanto Maria ainda estava grávida, e esse evento foi datado em 6 d.C., ou seja, dez anos após a morte de Herodes, o Grande, em 4 a.C. Assim, críticos deduzem que houve erro da parte de Lucas ou da parte de Mateus. É mais um caso de críticos preferindo acusar os escritores bíblicos de cometerem erro antes da realização de uma investigação apropriada.

Respondemos a essa objeção quando estudamos neste estágio do estudo (objeções) que não ocorreu nenhum erro da parte de Lucas, ou de Mateus, ao ser mencionado [o nascimento de Cristo relacionado com o censo de Augusto enquanto Quirino governava a Síria](#).

Talvez a divindade dos hebreus seja a responsável pela teoria das cordas, supernovas, planetas que são exatamente do mesmo tamanho que a Terra e podem suportar a vida a 600 anos-luz daqui, e talvez, em um planeta como o nosso, eles estão tendo a mesma discussão, mas sua Bíblia está errada. É um livro odioso que apoia o assassinato de bebês, a venda de mulheres, a mutilação genital e a escravidão (tudo pode ser encontrado em Levítico e em Romanos). As mesmas histórias que são usadas para impedir que os homossexuais desfrutem de direitos iguais, e você pode dizer “dê a César o quanto quiser”, mas tudo o que isso me diz é que se um cristão não tivesse que lidar com as “leis incômodas” do governo, estaria tudo bem com a escravidão, afinal era isso que o sul dos Estados Unidos disse em apoio à entrada na guerra civil.

De fato, Deus é o responsável pela criação do universo e seu funcionamento, conforme estudamos no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e no terceiro estágio deste estudo (veracidade). E a Bíblia não está errada. **Toda a controvérsia em torno da Bíblia se origina, em última análise, da falha da parte tanto de professos cristãos quanto de cétricos em entender o que a Bíblia realmente ensina.** Abordamos isso no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

A Bíblia não é um “livro odioso”. Explicamos neste estágio do estudo (objeções) a respeito dos [relatos bíblicos em que crianças foram mortas](#) e, ao contrário do que a objeção acima afirma, dizer que a Bíblia “apoia o assassinato de bebês” é um erro grosseiro.

Da mesma forma, é um erro grosseiro afirmar que a Bíblia “apoia a venda de mulheres”, pois ela ensina a tratar seres humanos como seres humanos. [A Bíblia não é “machista”](#), nem foi “machista” no relato da criação, nem é um [obstáculo para os “direitos das mulheres”](#), nem é um [livro “sexista”](#). A Bíblia relata os casos que ocorreram naquela época em termos de registro histórico e, no caso da [escravidão](#), a Lei de Moisés regulou essa prática que já estava profundamente enraizada naquela época e cultura. A Bíblia ensina a dar dignidade ao ser humano (e esse é o problema principal). Se alguns [professos cristãos fizeram uso da escravidão no sul dos Estados Unidos](#), não o fizeram com apoio bíblico.

Outro erro bastante grosseiro é afirmar que a Bíblia “apoia mutilação genital” quando relata sobre a circuncisão. A circuncisão foi símbolo da aliança com Deus na época do Antigo Testamento e até mesmo possui benefícios para a higiene e saúde, tais como fazer com que homens tenham um maior grau de proteção contra o HIV, infecções pelos papilomavírus, pelo treponema da sífilis e pelos vírus do herpes genital. A circuncisão bíblica é apresentada em um contexto totalmente diferente de um “apoio à prática de fazer mutilação genital”. A objeção apenas se refere à circuncisão bíblica de forma depreciativa, e não fatal.

Homossexuais são seres humanos e devem ser tratados como tais, e a Bíblia apoia isso. O que a Bíblia desaprova é a prática do pecado, e a prática de homossexualismo é um pecado. A salvação é para todos, pois todos são pecadores. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

Muitos professam ser cristãos, mas não obedecem à Bíblia. Deus definiu quem é cristão na Bíblia. Jesus disse: “Vocês os reconhecerão por seus frutos” (Mateus 7:16). Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?). Sem dúvida, muitas dessas pessoas são hipócritas que difamam o nome de Deus e aumentam o distanciamento entre descrentes e a “religião”, mas a Bíblia não é a culpada disso. Na verdade, a Bíblia acaba sendo uma vítima.

Enfim, todas essas coisas apontadas nessa objeção são questões de interpretação errônea, o que foi abordado no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Deus ordenou a morte de bebês. Bebês que não tiveram nenhum crime, nenhum pecado, nada a ver com seus pais. E se você tomar uma parte da Bíblia como verdade, tudo deve ser verdade. Escolher e selecionar textos convenientes e parciais significa que você não acredita de fato nela, mas que está com muito medo de aprender sobre biologia e o cosmos. Vemos a que distância o resto do universo está de nós, vemos a rapidez com que os objetos se afastam e, por meio da matemática, podemos retroceder e ver quanto tempo levaria para esses objetos chegarem lá. A Bíblia não discute planetas em outras galáxias. A Bíblia não discute aborto, controle de natalidade ou evolução. A Bíblia não discute dinossauros ou eras do gelo e, para aqueles que acreditam que a Terra tem de 6.000 a 10.000 anos de idade, se você crê nisso, na verdade você está citando os cálculos de um homem muito desagradável que viveu mais ou menos durante os anos 1500, o que também é conhecido como Idade das Trevas.

Novamente, explicamos neste estágio do estudo (objeções) a respeito dos [relatos bíblicos em que crianças foram mortas](#) e, ao contrário do que a objeção acima afirma, dizer que a Bíblia “apoia o assassinato de bebês” é um erro grosseiro.

É correto afirmar que a Bíblia toda deve ser tomada como verdade, e não apenas uma parte, caso contrário ela [não seria autoritativa](#). No entanto, usar isso como um artifício para afirmar que a criação em seis dias relatada pela Bíblia está em desacordo com a ciência e, a partir daí, afirmar que, se a Bíblia está errada nisso, ela está errada em tudo o mais, é errôneo. Conforme estudamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade), a Bíblia não está em desacordo com a ciência em relação à biologia ou aos cosmos. O foco da Bíblia não é trazer uma história detalhada da geologia do planeta, e dinossauros foram criados no quinto dia da criação. O problema principal, mais uma vez, é que tanto descrentes como professos cristãos falham em entender o que a Bíblia ensina. **A Bíblia é inerrante naquilo que ela ensina.**

A Bíblia, em última análise, demonstra que **o aborto é um assassinato: Deus considera o embrião humano no corpo da mãe como um ser humano.**

Quanto aos “controles de natalidade”, a Bíblia ensina muito sobre **prudência e responsabilidade**: filhos devem ser criados no caminho do Senhor, e os pais têm uma responsabilidade importantíssima se decidirem ter um filho (ou seja, se o casal quiser ter filhos por razões meramente emocionais, ou mesmo egoístas, sem proporcionar aos filhos uma educação no Senhor, ou mesmo condições dignas de vida, melhor seria se esse casal não tivesse filhos). Hoje, ninguém é obrigado a casar ou ter filhos, porém, se isso for feito, deve ser obedecida a vontade de Deus quanto ao casamento ou filhos.

Quanto à evolução, se aconteceu ou não, é bíblicamente irrelevante – veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Os ateus não precisam refutar Deus tanto quanto precisam refutar Zeus. A Bíblia diz: “Não há outros deuses diante de mim”, o que significa que existem outros deuses que as pessoas creem, mas o cristão não acredita neles como nada além de mito. Por quê? Os ateus não precisam refutar porque não estamos afirmando que algo que não podemos ver existe ou algo aconteceu da maneira que está escrito em um livro escrito durante o Período Neolítico.

Essa objeção não tem mérito. O caso de Deus e o caso de outros deuses (como Zeus) é muito diferente, conforme estudamos no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e no terceiro estágio deste estudo (veracidade). Coisas que não podem ser vistas ou detectadas existem, especialmente aquelas para as quais temos abundante evidência circunstancial (não é assim com a matéria escura e a energia escura?). A Bíblia é um livro verificável, diferentemente da religião grega. E não é porque um documento é antigo que não é verdadeiro. O mérito de um documento não é avaliado pela sua antiguidade. A verdade é independente de tempo e possui um sentido absoluto imutável – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

Se Deus existisse, eu me pergunto por que ele só falava com homens que estavam sozinhos e depois ditava os direitos das mulheres e incitava a guerra contra as tribos vizinhas. Por que Deus não falou com uma civilização mais avançada, como os chineses e os japoneses, que estavam tão além do povo do deserto pastoral do Oriente Médio que pelo menos seus registros poderiam ter sido melhores.

Se Deus fez dessa forma é porque ele é um ser inteligente, com propósitos definidos, e fez o que fez para que tivesse os resultados que ele quer, e não os resultados que o ser humano quer – veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade). Em última análise, é tolice questionar os motivos de Deus usando o entendimento subjetivo de uma pessoa (ou de um grupo de pessoas) como padrão.

Deus revelou sua vontade para pessoas que tinham corações que o agradaram (Abraão foi tirado de Ur dos caldeus – um povo idólatra), e não para pessoas “mais capazes”. Povos orientais “mais capazes” simplesmente estavam mais afastados de Deus do que algumas pessoas dos povos “menos capazes” do Oriente Médio. Capacidade humana é nada para Deus.

E Deus, sendo o criador, o padrão de tudo, tem autoridade total para ditar quais são os direitos, deveres, propósitos e papéis de qualquer ser ou coisa criada. E, como Deus, ele também tem [direito de punir](#) aqueles que [persistem no pecado e não se arrependem](#). Ele nem precisaria esperar pelo arrependimento para punir, e continuaria sendo justo. A nação de Israel também foi utilizada como [instrumento de juízo de Deus contra nações que persistiram no mal](#), e ele tem total direito de fazer isso.

Se hoje Deus dissesse para você levar seu filho para ser sacrificado como Abraão fez, você faria? Se seu cônjuge dissesse a você que Deus falou com ele(a) e dissesse que vocês teriam que esfaquear seu filho até a morte, você acreditaria em Deus ou diria a ele para ir embora? E se Deus estivesse diante de você e escolhesse seu filho na multidão e quisesse esfaqueá-lo até a morte? Você seguiria uma divindade que é tão claramente sem moral? Deus apareceu a um grupo de hebreus e eles tinham uma teologia impopular que Constantino eventualmente assumiu a responsabilidade de mandar para Roma por muitas razões financeiras. Ao longo dos anos, as igrejas romana e grega editaram, esconderam e destruíram partes da Bíblia que consideravam

heréticas sob seu controle. A Bíblia que você aprendeu é a Bíblia que homens muito poderosos queriam que você lesse, não é nem mesmo a original.

Como estudamos neste estágio do estudo (objeções), o [sacrifício de Isaque](#) (o qual nem acabou por ser um sacrifício literal) teve um contexto totalmente diferente das atrocidades mencionadas nessa objeção, as quais são totalmente contra o caráter de Deus. A objeção simplesmente fez uma série de associações falhas de forma a se referir depreciativamente a Deus. Está totalmente sem mérito.

O cristianismo nada tem a ver com Constantino, conforme estudamos no segundo estágio deste estudo (integridade) e no terceiro estágio deste estudo (veracidade). A Bíblia que temos disponível hoje está muito próxima dos escritos originais, conforme estudamos no segundo estágio deste estudo (integridade).

Odisseu nunca existiu, mas Ítaca sim. Prove para mim que Odisseu nunca existiu. Prove para mim que o ciclope de quem ele escapou nunca existiu. Prove para mim que ele não viajou para o *hades* (inferno) e não encontrou o senhor do submundo. Você não pode. É improvável, mas essa foi a base de uma longa tradição, não apenas de histórias, mas também de práticas religiosas, pois você pode visitar as casas de culto a Zeus, Atena e Apolo. O problema com os crentes é que usam o que não se pode provar para impor os direitos dos americanos quando os pais fundadores enfatizaram claramente que nenhuma religião deveria estar envolvida no governo. James Madison escreveu que nenhum clero deveria estar nas forças armadas. Ben Franklin era ateu. Thomas Jefferson removeu todos os eventos sobrenaturais da Bíblia. Nenhum pai fundador tinha um padre com eles enquanto morriam. A literatura deles é anticristã, pois poucos deles eram outros além de calvinistas e quakers, e isso está apenas no papel. Muitos eram deístas inspirados por Thomas Paine. “In God We Trust” foi adicionado durante a Segunda Guerra Mundial para fins morais. Que saco, Abraham Lincoln disse “a Bíblia não é meu livro” porque ele era um agnóstico.

Mais uma vez a objeção está sem mérito ao tentar comparar a Bíblia com outras religiões para tentar construir algum argumento contra Deus. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o terceiro estágio deste estudo (veracidade). O caso da Bíblia e de religiões pagãs é muito diferente e, por isso, o fundamento da objeção é falho.

Como afirmamos antes, certamente não se pode utilizar ausência de evidência como prova, mas a ausência de evidência em contrário é um indicativo bom para a veracidade de alguma coisa. Porém, fazer uso desse princípio para afirmar que a improbabilidade da existência de personagens, eventos e lugares mencionados em religiões pagãs é a mesma base pela qual os cristãos reconhecem que a Bíblia é autoritativa simplesmente não funciona – veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade). Ao contrário das religiões pagãs, a Bíblia é um registro verificável com evidências tremendamente boas a seu favor.

Sendo a Bíblia a Palavra de Deus, ela é autoritativa sobre o ser humano, conforme estudamos no quinto estágio deste estudo (autoridade), e isso independentemente da opinião que os fundadores dos Estados Unidos tiveram sobre a Bíblia. Verdadeiramente, muitos desses fundadores da nação, se não todos, não eram cristãos de fato – veja o que é um cristão no primeiro estágio deste estudo (vale a pena investigar a Bíblia?) e no primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?). Porém, independentemente da opinião que os homens influentes dos Estados Unidos tiveram sobre a Bíblia, sem dúvida alguma ela foi uma grande influência para a formação da nação – estudamos isso no sexto estágio deste estudo (história) quando falamos sobre a Lei Pública 97-280.

E, no entanto, vocês cristãos são preconceituosos, traficantes de ódio, e usam Jesus, o pacifista definitivo, para assassinar médicos abortistas, banir os direitos dos americanos em uma república que não é uma teocracia, e ainda degradar as mulheres (e não entendo por que as mulheres não veem esse monte de líderes espirituais, principalmente homens, ditando como devem usar seus corpos como algo que não seja ofensivo). E cristãos claramente não sabem o que é ciência: um método de cinco etapas usado para testar estritamente uma hipótese para criar uma teoria de trabalho (ou tão próxima de um fato quanto a ciência permita, já que a ciência nunca afirma fatos absolutos, pois estamos sempre procurando por melhores respostas e melhores ideias, em vez de velhos absolutos sem novas informações). Vocês não entendem porque o criacionismo não pode ser testado, nunca foi testado, são apenas mentiras e besteiras para fazer a Bíblia parecer legítima.

Não se pode usar o princípio da “culpa por associação” para determinar que cristãos, Deus e a Bíblia são “preconceituosos”, “traficantes de ódio”, “assassinos de médicos abortistas”, “banidores de direitos”, “ditadores de regras para as mulheres” ou qualquer coisa assim. Isso não tem mérito algum, é apenas uma opinião depreciativa. Mais uma vez, o problema está na definição de o que é um cristão – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?). As pessoas que se enquadram em algumas das características mencionadas na objeção não praticam o cristianismo e não podem ser chamadas de cristãs. Professos cristãos, infelizmente, muitas vezes não são cristãos de fato e denigrem o nome de Deus, a Bíblia, e os verdadeiros cristãos. Mas não se pode olhar para essas pessoas e usar o princípio de “culpa por associação” para concluir que elas são representativas do cristianismo bíblico. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

Quanto a “ditar regras”, sendo a Bíblia a Palavra de Deus, ela é autoritativa sobre os seres humanos, conforme estudamos no quinto estágio deste estudo (autoridade). Deus é o dono de tudo, pois ele criou tudo e ele tem o direito sobre tudo. Quando os cristãos falam sobre as regras divinas, eles não estão julgando ninguém, mas apenas testificando aquilo que Deus já julgou – veja o segundo tópico especial deste estudo (princípios do julgamento de Deus). A objeção apenas mostra um **caráter de rebelião** contra autoridade legítima.

E, se de alguma forma há uma tentativa dessa objeção em transmitir uma ideia de que “as bases irreligiosas são melhores do que as bases religiosas”, veja o que abordamos neste estágio do estudo (objeções) sobre [“a religião sendo responsável pelos maiores assassinatos da história”](#), [“os cristãos que aparentam ter mentes celestiais mas que não são bons aqui na Terra”](#) e [“se religião é necessária para viver uma vida virtuosa”](#).

A Bíblia não está contra a ciência. Mais uma vez, o problema está em professos cristãos e em céticos que não compreenderam o que a Bíblia realmente ensina. A ciência, sem dúvida, é uma boa ferramenta, mas ela é apenas isso – uma ferramenta, um método para adquirir informação. A ciência não pode responder tudo, e a interação com outras ferramentas para aquisição de informação é necessária para que a realidade seja estudada e conhecida adequadamente – veja o terceiro tópico especial deste estudo (liberdade de investigação) e o terceiro estágio deste estudo (veracidade). E a aquisição de nova informação jamais vai anular os absolutos existentes, como os absolutos lógicos, os quais são os fundamentos do próprio método científico – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

Finalmente, isto é para todos que acreditam que sua religião está correta: se isso é verdade, por que há tantas religiões? Quem dera pudessem parar para pensar sobre isso. E não venha com a desculpa de que é culpa do demônio do mal vivendo no núcleo da Terra. Se Deus fosse real, por que ele não voltou? Por que ele falou apenas com uma ou duas pessoas que não ofereceram nenhuma prova, assim como Joseph Smith, um vigarista analfabeto que alegou que os mortos poderiam dizer a ele onde o ouro estava localizado no estado de Nova Iorque... E que ele era o mensageiro divino (o que significava que o deus dos mórmons entendeu errado da primeira vez), e como ele traduziu escritos em segredo, e que qualquer um que o espionasse morreria! Agora, apenas na palavra daquele homem, há uma religião financeiramente responsável por tentar impedir que os gays tenham seus direitos constitucionais.

O fato de existirem tantas religiões demonstra o desejo do ser humano em suprimir a verdade pela injustiça, uma vez que Deus sempre se deu a conhecer desde o início da criação, mas as pessoas têm preferido criar seus sistemas religiosos paralelos (Romanos 1:18-23; Atos 14:17), e isso é uma consequência do pecado. Não diríamos que a culpa é apenas de Satanás. A culpa é compartilhada entre o próprio ser humano e Satanás. E isso não é uma desculpa, é realidade. A verdade tem um caráter imutável e absoluto, e Jesus é a verdade (João 14:6) e a Palavra de Deus é a verdade (João 17:17). Se as pessoas não seguem a verdade, é porque não possuem amor pela verdade (2 Tessalonicenses 2:10-12). Deus deu evidências suficientes para aqueles que desejam a verdade a encontrem, mas o problema é que as pessoas definem subjetivamente para si mesmas que as evidências de Deus “não são suficientes”. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena investigar a Bíblia?).

Pedro explicou por que Jesus parece demorar para voltar: Deus deseja que todos encontrem lugar de arrependimento e sejam salvos (2 Pedro 3:9), e isso só pode ser realizado nesta vida. Enquanto as pessoas estiverem vivas, podem encontrar arrependimento. A morte física encerra esse período de tolerância. Da mesma forma, a vinda de Cristo traz o juízo final e o término da tolerância de Deus contra pecadores não justificados. Com essas considerações em mente, é fácil imaginar por que Jesus “demora” para voltar. Na verdade, a vinda do Senhor está sempre próxima, pois ele pode voltar a qualquer instante. Sua vinda está próxima em um sentido de proximidade,

e não exatamente de tempo. Além disso, ninguém pode prever o dia de sua própria morte, o qual pode ser bastante repentino – e aí a pessoa se encontrará com o Senhor e receberá juízo (2 Coríntios 5:10; Hebreus 9:27). A “demora” do retorno de Cristo não pode ser utilizada como argumento de que Deus não existe. Veja o quarto estágio deste estudo (divindade).

Deus não falou com “uma ou duas pessoas que não ofereceram nenhuma prova”, mas temos muitos registros que ele deixou em 66 diferentes livros escritos por talvez 40 autores separados por épocas, localidades e culturas diferentes. Mais uma vez, são as pessoas que definem subjetivamente para si mesmas que as evidências que Deus deixou “não são suficientes”. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?), o segundo estágio deste estudo (integridade) e o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

O argumento de comparar o cristianismo com Joseph Smith e os mórmons e utilizar o princípio da “culpa por associação” falha em seu fundamento por causa da definição bíblica de o que é um cristão – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

Quanto aos “direitos dos homossexuais”, mais uma vez, homossexuais são seres humanos e devem ser tratados como tais, e a Bíblia apoia isso. O que a Bíblia desaprova é a prática do pecado, e a prática de homossexualismo é um pecado. A salvação é para todos, pois todos são pecadores. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

Não vivemos em um estado cristão. Os peregrinos vinham em busca de liberdade financeira com escravos debaixo dos braços. Eles queriam fazer negócios aos sábados e cobrar leis de usura que as igrejas protestantes na Inglaterra não permitiam. O Contrato Mayflower era uma empresa de negócios, não uma igreja ou religião.

Definitivamente os Estados Unidos não são uma nação verdadeiramente cristã, mas cristãos são encontrados dentro dela. Nem todo aquele que professa ser cristão é realmente cristão (na verdade, muitos não são) – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?). Abordamos anteriormente a questão sobre os [“cristãos” do sul dos Estados Unidos e a escravidão](#), e nada disso pode ser usado para atacar a Bíblia. A veracidade da Bíblia não depende do que aconteceu no passado dos Estados Unidos.

Até que você aprenda ciência, história, ou mesmo tenha um vislumbre de educação, a única coisa que pessoas como essas nessa imagem entenderão é uma vida patética, triste e sem inspiração na qual se curvam diante de um mestre com medo de ir para o inferno. Essa é a razão mais egoísta para aceitar deus. Se eu fosse cristão, eu não teria medo de ser punido se Jesus realmente tivesse morrido por mim. Porém, seja como for, de qualquer forma eu nunca pedi que Jesus morresse por mim. E se eu não o aceitar eu sofrerei, não tendo cometido nenhum crime, um destino pior do que ele supostamente sofreu porque Deus não conseguiu minha atenção?

Se existem pessoas que têm “uma vida patética, triste e sem inspiração na qual se curvam diante de um mestre com medo de ir para o inferno”, é porque não conhecem de fato o que é o cristianismo e não se dedicaram a entender o que a Bíblia ensina. Esse é o mesmo problema que tanto professos cristãos quanto céticos enfrentam. E a ciência e a história não estão contra a Bíblia. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?), o terceiro estágio deste estudo (veracidade) e o sexto estágio deste estudo (história).

De fato, o cristão não precisa ter medo de ser punido por Deus, uma vez que busca viver os ensinamentos de Cristo por amor a ele e, quando erra, confessa seus pecados, se arrepende e continua a perseverar na prática do evangelho. Essa pessoa encontrará graça ao se achegar ao trono de Deus: “Assim, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento da necessidade” (Hebreus 4:16). Mais uma vez, veja o que é um cristão no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

É claro que alguém que não compreende a gravidade do pecado vai pensar algo como “nunca pedi que Jesus morresse por mim”. Felizmente, e graciosamente, Jesus entendeu essa necessidade e fez o que fez sem que nenhum de nós precisasse pedir. **A incredulidade é um crime contra o criador que tudo criou e que deu a vida, sendo que tudo é dele por legítimo direito. Não é o nosso padrão de crime que conta – o que conta é o padrão**

dele. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o quinto estágio deste estudo (autoridade). E é falsa a declaração do autor dessa objeção de que “Deus não conseguiu sua atenção” – se isso fosse verdade, por que o esforço para escrever tanto sobre Deus, ainda que de forma depreciativa? O que está aparente aqui é uma falta de conhecimento, insinceridade e atitude rebelde.

Seu livro é falso. Suas crenças são infantis. Sua visão de mundo está errada. Você pode ter o direito de acreditar no que quiser, assim como muitos acreditam que o pouso na Lua foi falso, o monstro do Lago Ness é real, ou que a roupa íntima mágica pode salvá-lo. Você pode acreditar, mas isso não o torna certo ou válido, ou mostra que você tem um bom ponto. Suas crenças são doentias e odiosas. Seu livro é triste e patético e estou cansado de os religiosos serem respeitados por medo de que alguém exponha sua falsidade e os machuque emocionalmente com isso. Dane-se isso. Você afirma que Deus existe? Prove. Posso provar a evolução do olho. Eu posso provar a formação do universo e a física ressentida até oferece uma resposta muito plausível de “o que veio antes” se você decidisse que o universo e a vida são mais bonitos e maravilhosos do que um deus criando tudo em seis dias e sendo onipotente, mas ainda assim precisando fazer uma pausa no dia sétimo, e sem prestar contas do que ele fez no dia oitavo.

Essa objeção não passa de opinião depreciativa, a qual evidencia falta de conhecimento, insinceridade e atitude rebelde. Não se pode provar a “evolução do olho” – o máximo que se pode fazer é a elaboração de como isso pode ter ocorrido levando-se em conta os mecanismos biológicos atualmente conhecidos. No entanto, pelo menos **na questão da origem da vida, qualquer explicação ateísta falha em seu fundamento.** O mesmo se aplica à **origem do universo.** Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

A Bíblia é verdadeira, e isso está bem delineado ao longo de todos os estágios e tópicos especiais deste estudo. **Não há razão legítima para não crer na Bíblia.** Novamente, o que realmente ocorre é que cada indivíduo define subjetivamente para si mesmo que as evidências que Deus deixou “não são suficientes”, conforme abordado no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

Finalmente, a quarta lei da termodinâmica somente se aplica a um sistema fechado. Em termos de universo, Terra e vida, esses sistemas são abertos e a regra se aplica. Isso não foi perguntado, mas os cristãos que ouvem outros cristãos dizerem coisas estúpidas, e os consideram como sendo espertos, gostam de trazer isso à tona. Isso, para eles, é “prova” que nenhuma variação do *big bang* aconteceu, e a melhor parte para eles é que “a ciência não tem todas as respostas”. Amanhã saberemos mais e refinaremos a teoria, mas isso não torna as teorias científicas “apenas uma teoria”. A propósito, a palavra que você deveria ter usado não é “teoria”, mas “hipótese” ou “palpite sensato”.

O universo como um todo (o que inclui a Terra e a vida, os quais estão dentro dele) é um **sistema fechado** que, pelo menos **em algum momento** (o momento de sua criação), **teve que ter sido momentaneamente um sistema aberto** – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o terceiro estágio deste estudo (veracidade). Mais uma vez, a ciência não está contra a Bíblia. E a ciência não é a única ferramenta de aquisição de conhecimento, pois, de fato, não pode responder tudo, e outras ferramentas devem ser consideradas para a compreensão adequada da realidade – veja o terceiro tópico especial deste estudo (liberdade de investigação).

Se existe um Deus, se eu estiver errado, direi que não tenho interesse em uma divindade que, em comparação, a minha imaginação é maior – uma divindade que é infantil, e absurda, e que mostrou notável mau julgamento em seus mensageiros, e falta de aparência em nossas vidas. Eu o condenarei por ser um odiador tolo e direi a ele que, como ele criou várias galáxias e múltiplos universos, se ele é como dizem os escritores da Bíblia, que vergonha por não amar nada o suficiente, mas ter um temperamento com estouros de raiva e insistir em amor ou punição. E para aqueles de vocês que não acreditam em nenhum poder superior a não ser uma divindade bíblica de um livro escrito ao mesmo tempo que a *Ilíada*, então é vergonha de vocês por atrofiarem a América e permitirem que os chineses e o resto do mundo nos superem apenas para que vocês possam ter suas crenças pessoais incontestadas.

Novamente, essa objeção não passa de opinião depreciativa que demonstra falta de conhecimento, insinceridade e atitude rebelde. Nenhum ser humano, e nem mesmo a soma de toda a inteligência e sabedoria

humana de todas as épocas, possui qualquer qualificação para julgar a Deus. E sim, Deus existe, e felizmente ele está disposto a perdoar pessoas com atitudes como essas.

A Bíblia é muito anterior à Ilíada, como o próprio autor dessa objeção escreveu, chamando-a de “livro escrito no Período Neolítico”.

O que realmente vale são pessoas livres da escravidão do pecado, e não nações competindo por qualquer coisa mundana. Se “desenvolvimento” ocorrer mais rápido pela prática de pecado (ou, se preferir, pela prática de engano, opressão, etc.), é melhor ser “menos desenvolvido”. “Desenvolvimento” não é o padrão para julgar qual nação é “melhor”.

Esqueça a ideia de que “as bases irreligiosas são melhores do que as bases religiosas”. Veja o que abordamos neste estágio do estudo (objeções) sobre [“a religião sendo responsável pelos maiores assassinatos da história”](#), [“os cristãos que aparentam ter mentes celestiais mas que não são bons aqui na Terra”](#) e [“se religião é necessária para viver uma vida virtuosa”](#).

Finalmente, mais uma vez, você diz que Deus é real. Eu digo: prove. Pois tudo o que existe na natureza a ciência pode provar, mas você não pode provar uma única palavra de evidência histórica na Bíblia.

Incorreto. Qualquer coisa fora do âmbito material não pode ser provada pela ciência, e existem coisas fora do âmbito material que existem, como **a causa primária da origem do universo (ou de suas leis)** e os **absolutos lógicos**. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Mais uma vez, um exemplo da historicidade da Bíblia é a destruição de Jerusalém pela Babilônia em 586 a.C. Veja também os estudos de caso sobre as profecias bíblicas a respeito da destruição da Babilônia e da cidade de Tiro contidos no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Há evidência suficiente deixada por Deus para crer na Bíblia, e não há razão legítima para não crer nela. A verdadeira questão é se o indivíduo decidirá subjetivamente para si mesmo que essas evidências “não são suficientes”. Veja todos os estágios e tópicos especiais deste estudo.

Tenho certeza de que alguém será “muito parecido com Jesus” e me condenará ao inferno, ao fogo e à morte, mas como ateu, eu realmente nunca faria isso. Jesus também não faria. Ele teria dito para não julgar e amar o próximo, não apenas pessoas como você. Mas ainda não conheci esse cristão, e o único em quem consigo pensar é Martin Luther King Jr. – e foi um cristão branco que atirou nele para que ele morresse.

Alguém que persiste em atitudes como essas certamente está caminhando para o inferno, mas isso não é assim por causa do julgamento de cristãos. O que cristãos fazem é testemunhar sobre coisas que já foram julgadas pelo criador que tem autoridade para matar o corpo e jogar a alma no inferno – veja o segundo tópico especial deste estudo (princípios do julgamento de Deus).

Essa objeção revela um desconhecimento muito evidente de Jesus Cristo, assim como uma grande falha em entender que não é a intenção de Deus que o pecado seja tolerado indefinidamente (o que não seria justo). **Informar as pessoas de seus caminhos errados por meio do testemunho daquilo que Deus julgou ser errado, e mostrar a elas a verdade de Deus, tem tudo a ver com amar ao próximo. Tolerar atitudes erradas indefinidamente não é amar o próximo.**

O caso de Martin Luther King Jr. e aquele que o matou simplesmente não pode ser utilizado como argumento contra a veracidade da Bíblia.

Se você realmente deseja encontrar “esse cristão”, ler o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?) é um excelente começo.

11.2. O SEGUNDO TEXTO

Aqui estão algumas provas... Leia isso se você quiser encontrar alguma verdade... Vale a pena. E biologicamente... E logicamente... E moralmente... E até bíblicamente no caso do islamismo e cristianismo, porque um pai nunca vai abandonar um filho para fazer outro pacto e outro filho com outras crianças de rua como o cristianismo e o islamismo sustentam que Deus fez com os judeus... Isso vai torná-lo o pior em termos humanitários e impossível de ser um deus... E é ainda menos possível que Deus fizesse isso... Isso significaria que ele é mau porque abandona seus filhos e também idiota e primitivo porque ele não conseguiu fazer suas leis iguais a uma forma de fé, seja qual for a primeira vez que aconteceu algo que signifique que ele não é perfeito, portanto não é Deus... E mesmo que suas Escrituras não tivessem contradições de qualquer natureza – e elas têm, mas dão explicações para elas, e essas explicações ainda são falsas nas Escrituras – o engraçado é que você só precisa de uma dessas coisas para provar que uma religião/fé é tão falsa... E nenhuma religião na Terra jamais conseguiu todos esses pontos... E nunca o fará...

Historicamente, a suméria não é a primeira civilização, pois a história dominante pensou em apoiar tanto a religião quanto o ponto de vista ateu/evolutivo. Historicamente, de Adão até hoje não devem ter passado mais do que 7.000 anos, na melhor das hipóteses... Faça a contagem... Sim, não mais, porque os seis dias aconteceram no paraíso no Éden... Então não importa o quanto um dia é para Deus, não importa se aconteceu nesta dimensão, de acordo com todos os três livros, Tanakh, Bíblia e Alcorão, foi esse tempo, o que significa que esses livros são todos falsos... Os filhos das primeiras pessoas nasceram rápido porque as pessoas tinham relações... Você sabe, aquilo que homens fazem com suas mulheres... Portanto, crer que toda a história deve estar contida em 7.000-8.000 anos ou, esticando ao extremo, 12.000-14.000 anos, é uma mentira... Nós conhecemos civilizações de humanos que eram tão antigas quanto 40.000 anos antes do presente... E sim, elas não são aliens, são civilizações primitivas de humanos... Temos o império pelasgo... Um império avançado existente 8.000 anos antes do presente... E isso já é um grande problema para a Bíblia, Alcorão, Tanakh... Porque, novamente, em anos realistas, a história de acordo com a Bíblia não deveria ter mais de 7.500 anos na melhor das hipóteses... Porque Caim, Abel, Sete, Enoque, Lameque, Enoque, você nomeia todas essas pessoas que nasceram entre as primeiras, e deveriam ter nascido logo após a queda do paraíso, como no caso de Sete... Mas se você quiser se deixar enganar por uma mentira, você pode dizer que a história recente pode ir até 14.000 anos de acordo com a Bíblia, porque eles eram civilizações primitivas... Porém, novamente em anos reais, a história na Bíblia, Alcorão, Tanakh, não tem mais de 7.500 anos... E isso é uma mentira porque os pelasgos vão para pelo menos 8.000 anos antes do presente... O que significa que há 8.000 anos antes do presente já havia impérios... O que deveria significar que a criação do mundo deveria se voltar há 10.000 anos antes do presente, pelo menos... Mas os pelasgos não são os únicos... Eles são os únicos que sabemos que eram humanos com certeza... Mas até mesmo o restante dos antigos eram humanos... Porque alienígenas não constroem locais com pedras primitivas.

Mesmo que de alguma forma você pudesse provar que historicamente o evento bíblico poderia ter ocorrido, ainda teria problemas com ossos de humanos encontrados que têm 12.000 anos de idade, o primeiro esqueleto humano completo encontrado no México tem 40.000 anos de idade, entre outros restos humanos bem antigos... E sim... Novamente... Eles não são alienígenas, são humanos... E a história humana não deveria ser de mais do que 8.000 anos de acordo com a Bíblia... 12.000-13.000 na melhor das hipóteses – 14.000 anos em um nível impossível... É quase impossível que a Bíblia tenha ocorrido da maneira que a Bíblia diz.

E isso vale não apenas para o cristianismo, mas para o islamismo também, o qual sustenta que Jesus existiu, ainda que ele não fosse o Messias nesse livro... Não há prova de que Jesus existiu (exatamente como não há prova de que Maomé existiu), uma vez que as primeiras chamadas “provas” vieram apenas 100 anos após sua suposta existência.

Flávio Josefo, o historiador judeu, viveu como o primeiro não cristão a mencionar um Jesus. No entanto, muitos estudiosos pensam que os curtos relatos de Josefo sobre Jesus (em Antiquidades Judaicas) vieram de interpolações perpetradas por um pai da igreja posterior (provavelmente Eusébio). Ainda que Josefo tivesse mesmo falado sobre Jesus, o nascimento de Josefo em 37 d.C. (bem depois da alegada crucificação de Jesus) o coloca fora de questão, fora do alcance de ser considerado um relato de testemunha ocular. Além disso, ele escreveu Antiquidades Judaicas em 93 d.C., depois que os primeiros evangelhos supostamente foram escritos! Portanto, ainda que seus relatos sobre Jesus tenham vindo mesmo de suas mãos, suas informações poderiam servir apenas como boatos. Porém, provavelmente, Flávio Josefo nunca mencionou Jesus. Foi provado como tal... Em seus escritos originais, ele nunca mencionou Jesus nem mesmo uma vez... Todos os estudiosos sérios dizem que a citação de Josefo é uma fraude, possivelmente colocada por Eusébio décadas após a morte de Josefo. Entre muitas pistas que os historiadores procuram está a continuidade de uma passagem, ou seja: o

assunto flui de forma a ser compreendido de forma lógica e contínua. Com o texto de Josefo, os versículos logo antes da falsificação e logo depois dela discutem os horríveis eventos que cercam o assassinato de pessoas por Pilatos. Porém, bem no meio da história, temos um comercial de Jesus, como eu digo! Uma adição óbvia feita décadas, talvez séculos, após a escrita original de Josefo.

E devo acrescentar sobre Tácito: o ano de nascimento do historiador romano em 64 d.C. o coloca bem depois da alegada vida de Jesus. Ele faz uma breve menção de um “chrestus” em seus Anais (livro XV, seção 44), que ele escreveu por volta de 109 d.C. Ele não fornece nenhuma fonte para seu material. Embora muitos tenham contestado a autenticidade da menção de Jesus por Tácito, o próprio fato de que seu nascimento ocorreu após o suposto Jesus, e ele escreveu os Anais durante a formação do cristianismo, mostra que sua escrita pode apenas nos fornecer relatos de boatos cristãos... Os quais dizem que ele menciona Jesus também. Ele não mencionou Jesus... Não... Ele nem menciona Cristo... o termo que ele usa é “chrestus” não “christus”... O qual significa “o bom”, e não o “Messias”... E mesmo que ele mencionasse Cristo não importaria, porque haviam muitos cristos e messias naquela época... Isso não prova que Jesus existiu.

Luciano de Samósata (por volta de 125-180 d.C.) viveu bem depois da suposta morte de Jesus. Seus escritos são apenas uma repetição da crença cristã. Não confirmam nada além de que os cristãos acreditavam no que acreditavam... Não importa se ele menciona Jesus ou não, isso é bem depois do nascimento do cristianismo, então não prova que Jesus existiu... Você simplesmente não pode usar esse cara como provando o cristianismo porque sabemos que no século dois os cristãos eram tantos como um país, e até foram convidados por judeus para lutar contra a opressão romana... Mas eles recusaram... E já havia “pais da igreja” mentirosos do cristianismo, apologeticos, escrevendo coisas para eles... Então Luciano poderia ter conseguido suas coisas deles... Certeza 100% de que não se pode usar esse cara como prova... Ele está a mais de 100 anos após a morte de Jesus... E escreveu suas obras a mais de 150 anos após a morte de Jesus... A chance de esse cara dizer algo verdadeiro sobre Jesus é nenhuma.

Plínio, o Jovem (nascido em 62 d.C.), tem uma carta sobre os cristãos que mostra apenas que ele obteve suas informações dos próprios crentes cristãos. Independentemente disso, sua data de nascimento o coloca fora do alcance como uma testemunha ocular. Além disso, ele escreveu a carta depois do ano 112 d.C., bem depois da suposta morte de Jesus e bem depois que os primeiros livros cristãos foram supostamente escritos... Além do mais, Plínio, o Jovem, escreveu “os cristãos estavam cantando um hino a Cristo como a um deus”. Nada sobre um Jesus, etc. Não é diferente de dizer que os hare krishnas estavam cantando para o senhor Krishna. E Plínio pode estar se referindo aos outros falsos cristos que afirmaram ser “o único”. Por que eles escreveriam coisas não confirmadas? Todos em um culto religioso, cristão ou não, faziam isso, mas os cristãos eram notórios por mentir.

Tanto Plínio quanto Tácito não dizem nada sobre um Jesus específico.

Mas nem importa o que esses historiadores pensaram ou escreveram... Porque nenhum deles estava no tempo de Jesus... Nenhum... Nem nasceram... Então poderiam ter ouvido as informações de outros cristãos que poderiam ser mentirosos... E existem historiadores que estavam no tempo de Jesus e não o mencionam... Isso é um grande problema... Apoia o fato de que o cara nem existiu...

Mesmo que Jesus tivesse existido... Mas isso é dizer muito... Na verdade não há provas de que ele era Deus, Filho de Deus, ou mesmo Messias, ou mesmo um rei, ou que liderou uma rebelião... Todas as provas exceto a fraude cristã em Josefo mostram o contrário... Se ele fosse uma pessoa tão grande, por que historiadores vindos do Império Romano, gregos, judeus, em todo o império romano, ninguém o nomeia? E ninguém sequer fala sobre ele realizando milagres? Os romanos eram alguns dos melhores historiadores, mas ninguém menciona Jesus como sendo Deus ou o Filho de Deus... Os romanos escreveram até mesmo sobre seus piores inimigos, como Aníbal, cartagineses, gauleses, alemães, trácios, dácios, bretões, Grécia... E civilizações que podem mudar a história como a conhecemos, o *status quo*, como os aghartianos e pelasgos... Até mesmo sobre suas origens como os trojanos sendo iguais aos trácios... E que eles tinham um ancestral comum com os trácios/dácios, etruscos, ilíricos, e eles falavam uma língua semelhante e mais antiga que o latim... E esse latim vem da antiga Dácia... da língua romena real. Ou ambas as línguas vêm de uma língua ainda mais antiga. Romanos mencionaram até mesmo aqueles que odiaram, como o famoso general dos dácios, Gerula, o qual matou centenas de romanos, ou mencionaram os alemães e o quanto eles os espancaram, ainda que não tenham dito a verdade real... Eles os mencionaram... Ou mencionaram Aníbal... E ainda assim nenhum deles mencionou Jesus. E mesmo que tivessem mencionado, nada falaram sobre ele realizando milagres, ou sendo Deus ou Filho de Deus... Isso já é pedir muito... Eles nem o mencionam como realizando milagres... Mas na verdade eles nem o mencionaram... Interessante... E não apenas os romanos... Mas nem mesmo os judeus, ou

partas... Os etíopes... Algo mais do que religião... Ou algum grego escondendo alguns escritos se os romanos o tentassem destruir, ou o tivessem destruído... Não há nada mesmo... O cara não existiu.

A cidade de Nazaré nem sequer é mencionada na época de Jesus... A primeira vez que foi mencionada foi no quarto século... Isso torna a história de Jesus menos crível do que já é.

Cientificamente, nenhuma religião faz sentido algum... O Tanakh e a Bíblia dizem que as plantas foram feitas no terceiro dia, mas o Sol foi feito no quarto... Como isso é possível? O Sol foi feito no quarto dia, mas Deus conta os dias a partir do primeiro... Como isso é possível? O cristianismo e o Alcorão têm o inferno, o que é uma impossibilidade científica que prova que ambos são falsos... Porque podemos medir os pensamentos hoje e cada pensamento é uma frequência, até mesmo o medo é um nível de frequência, o amor é um nível de frequência... Tal lugar onde não há Deus ou amor ou o que quer que seja seria não existência... E mais ainda: se Deus é tudo, ele seria o inferno também... E se somos parte de Deus como o islã e o judaísmo sustentam, então Deus estaria no inferno e no paraíso ao mesmo tempo... E Deus vai sofrer também... Como então ele seria Deus se estivesse no inferno também? É cientificamente impossível e uma contradição idiota.

E há centenas de religiões, e todas sustentam que são perfeitas cientificamente... Elas não são... Também nunca fomos coágulo de sangue em nossa história, como diz o Alcorão... O erro que existe é que todas as religiões na Terra sustentam a relatividade geral de Einstein e o *big bang*, como os ateus... E essas teorias foram provadas por muito tempo como ciência falsa nos anos 40... O universo não é como acreditamos que é... É elétrico ou algo assim, como Walter Russell provou... O que refuta 100% a história da criação e de um começo da maneira como o cristianismo, islamismo, judaísmo, hinduísmo, budismo, e todos os outros acreditam... Nenhuma religião é cientificamente correta... Apenas com a ciência dominante promovida pela elite... E até mesmo se Einstein estivesse certo, o cristianismo e islamismo ainda seriam falsos cientificamente porque eles têm o inferno, o qual já provei que não pode existir... E o cristianismo, islamismo e judaísmo também serão falsos por causa de muitos erros científicos que possuem... Até o islamismo tem a mentira de que parecemos sanguessugas antes de nascermos. Não, nós nunca parecemos sanguessugas, nós parecemos completamente diferentes. Ainda mais... Mesmo se todas as religiões na Terra fossem cientificamente corretas... Todas elas... Elas ainda seriam mentiras cientificamente... Porque hoje podemos medir pensamentos e sentimentos... E o amor é a frequência mais alta... E o amor não tem limites ou regras... Portanto, não importa quanta verdade e amor uma fé tenha... Ainda não seria a verdade e o amor supremos... Ainda não será ser maior que o amor... O que significa que algo é melhor e mais real do que religião/fé... O que significa que esses ainda não seriam a verdade... Ainda seriam apenas outra mentira colocando limites em você, e não amor completo, 100% livre... E não permitindo você ser bom completamente, 100%. Escrevi de forma que até as crianças podem entender.

Logicamente nenhuma religião jamais fez sentido... Um Deus que faz regras para você não ser livre... Um Deus que coloca as pessoas no inferno ou as aniquila depois se elas forem más... Um Deus que se importa com o que você come, veste, bebe, ou como você tem relações íntimas, e com quem, e todas essas porcarias... Em vez de se preocupar com outras coisas... Ou um Deus que inventa uma religião ou uma fé para os humanos manterem... Tenha uma compreensão real da realidade... Se eu fosse Deus eu não faria nenhuma religião ou fé. Nunca... A própria ideia de religião, fé, ou um livro, é o mal, é primitivo, é ausência de amor, o que significa ser o medo... E o medo não pode ser a verdade definitiva.

Quanto à questão moral... Nem há necessidade de entrar nesse assunto... Um deus que permite que um homem adulto, no caso do islã, se case com uma criança? Que decisão tem aquela criança... Ela é muito jovem... Ela nem consegue decidir por si mesma porque as pessoas que são muito jovens não sabem o que querem... Essa própria ideia é má e primitiva... Um deus que condena as pessoas ao inferno no caso do islamismo e cristianismo? Um deus que diz para você matar homossexuais como no caso de todas as religiões abraâmicas? Por que não apenas puni-los após a morte, se você é Deus, e se eles realmente fizeram algo ruim, por que matá-los? Por que apoiar escravidão? Crimes? A mulher é uma propriedade do homem? Toda essa porcaria... Eu poderia falar sobre esse assunto até morrer e não iria nem arranhar a superfície de como todas as religiões são estúpidas e primitivas... O hinduísmo também não é melhor.

E o ônus da prova está sobre religião/fé. Que prova o cristianismo, islã, hinduísmo, judaísmo e outros têm para Deus? Nenhuma... Eles têm apenas para a consciência do universo, e isso não é Deus. E eu posso provar isso facilmente, cientificamente... A consciência do universo é tudo... Incluindo humanos, animais, plantas, rochas, planetas, estrelas, galáxias... Tudo. Para a consciência do universo se tornar uma divindade é preciso que toda a consciência do universo, tudo, se chame de deus... Você já ouviu animais, plantas, rochas, planetas, estrelas, galáxias, se chamarem de Deus? Eu nunca ouvi falar... Nem mesmo todos os humanos de todos os tempos acreditaram em Deus, ou fizeram da consciência do universo uma divindade. Portanto, porque a

consciência do universo nunca se chamou de Deus, ou fez de si mesma uma divindade, não existe Deus... E mais ainda. Que provas que essas religiões ou fés têm para seu Deus específico no universo, ou mesmo historicamente (o que importa muito menos)? Nenhuma... Seja o que for... E não é por falta de tentar... Porque tentaram por milhares de anos e falharam.

Quanto ao teste do amor... Nisso todas as religiões falham... Para que uma fé religiosa seja verdadeira é necessário que não se tenha nem mesmo uma linha ou um fio que sugira algo inferior ao amor... Porque isso será uma frequência menor e uma mentira... Porque o amor é a verdade suprema... A frequência mais alta... E o mais alto infinito que você pode atingir... Adivinhe. Você adivinhou? Todas as religiões usam o medo... O qual é a ausência de amor... O qual é uma mentira... Eles dizem para você temer Deus... Então você deve temer Deus... Ou que Deus é maior que você... Todas essas mentiras... Hinduísmo, cristianismo, islamismo, judaísmo, todos eles falam sobre temer a Deus. Os cientistas provaram hoje que o medo é a ausência de amor... Como você pode amar e não amar a Deus (temendo-o) ao mesmo tempo? Isso é uma contradição em si, e prova que essa religião é falsa. Isso não será Deus... Isso provará que Deus é falso... E é... Definitivamente prova que o Deus do islamismo, cristianismo, judaísmo, hinduísmo é uma mentira, porque eles ainda têm textos em seus livros primitivos para temer a Deus... E não é apenas o medo... O ódio é também a ausência de amor... Tudo que é mau e primitivo ou que não é amor é uma mentira... Não é amor... E a Bíblia, Alcorão, Tanakh, e os escritos hindus, e toda religião ou fé, estão cheios disso.

Tudo que é um tipo de crença não pode ser verdade... Tudo... Seja religião ou fé ou sobrenatural... Se é um tipo de crença é uma mentira e falso... Não importa a religião, fé, qualquer coisa sobrenatural, ou se você apenas crê em algo, é falso. Se é um tipo de crença, é falso desde o início. Por quê? Vou explicar a você... Simples... Traduza a palavra "crença": "crença" significa tomar como fato aquilo que não foi provado ainda... Aquilo que você não sabe... Aquilo para qual não há prova... Você sabe que não é verdade até que seja provado o contrário, mas ainda assim você toma como fato. Cada religião e fé é um tipo de crença e, portanto, mentira. Como pode qualquer religião ou fé ser verdade se são tipos de crença, o que significa coisas falsas ou coisas que você não sabe e que nunca foram provadas como fato...

Como o [primeiro texto](#), esse segundo também apresenta objeções da mesma centena ou mais de objeções que o autor do estudo original (www.provethetemple.net) encontrou na literatura anticristã que consultou. Abordamos essas objeções ao longo dos estágios e tópicos especiais deste estudo.

Assim como fizemos com o primeiro texto, para responder adequadamente às objeções desse segundo, apresentaremos a citação de uma parte e, a seguir, a resposta correspondente.

Aqui estão algumas provas... Leia isso se você quiser encontrar alguma verdade... Vale a pena. E biologicamente... E logicamente... E moralmente... E até bíblicamente no caso do islamismo e cristianismo, porque um pai nunca vai abandonar um filho para fazer outro pacto e outro filho com outras crianças de rua como o cristianismo e o islamismo sustentam que Deus fez com os judeus... Isso vai torná-lo o pior em termos humanitários e impossível de ser um deus... E é ainda menos possível que Deus fizesse isso... Isso significaria que ele é mau porque abandona seus filhos e também idiota e primitivo porque ele não conseguiu fazer suas leis iguais a uma forma de fé, seja qual for a primeira vez que aconteceu algo que signifique que ele não é perfeito, portanto não é Deus... E mesmo que suas Escrituras não tivessem contradições de qualquer natureza – e elas têm, mas dão explicações para elas, e essas explicações ainda são falsas nas Escrituras – o engraçado é que você só precisa de uma dessas coisas para provar que uma religião/fé é tão falsa... E nenhuma religião na Terra jamais conseguiu todos esses pontos... E nunca o fará...

Essa objeção não passa de opinião desinformada e depreciativa. Ela começa criticando Deus por "abandonar" a aliança (Antiga Aliança) com os seus "filhos", os israelitas físicos, a fim de introduzir outra aliança em Cristo (Nova Aliança) para quaisquer outros que venham a se tornar cristãos.

É evidente a falta de entendimento bíblico referente às alianças de Deus nessa objeção. Paulo explicou no capítulo 11 da Epístola aos Romanos que Deus nunca abandonou seu povo. Se Deus rejeitou os judeus, por que ele aceitou Paulo, que era judeu, ou outros judeus que se converteram a Cristo? O que acontece é que, como Paulo afirmou em Romanos 9:6, nem todo os descendentes de Israel (descendentes físicos de Jacó) são Israel (ou seja, nem todos os descendentes físicos de Jacó obedecem a Deus de forma a fazerem parte de seu povo espiritual). João Batista disse que Deus poderia suscitar descendentes a Abraão até mesmo "de pedras" (Mateus 3:9-10). Deus nunca abandonou seu povo, pois:

- A Antiga Aliança (judaísmo), a qual demandava que o povo de Deus fosse descendente físico de Jacó (neto de Abraão e filho de Isaque) e que fosse circuncidado ao oitavo dia de nascimento, teve seu cumprimento em Cristo, sendo substituída pela Nova Aliança (cristianismo). O judaísmo foi cumprido quando o Messias veio e instituiu o reino de Deus – o qual é espiritual em natureza, e não físico;
- Para Deus, não adianta nada ser um descendente físico de Jacó, circuncidado ao oitavo dia de nascimento, e viver em desobediência e/ou incredulidade (especialmente em relação a Cristo, o Messias);
- Os judeus que realmente desejam ser povo de Deus, ou filhos de Deus, se convertem a Cristo, como quaisquer outras pessoas. Foi esse o caso de Saulo de Tarso, o apóstolo Paulo;
- Deus torna qualquer pessoa que se converte a Cristo no verdadeiro Israel;
- O que Deus fez foi aceitar todos os obedientes como seu povo (o verdadeiro Israel) e rejeitar os desobedientes como não sendo parte de seu povo;
- O Israel verdadeiro é espiritual, não físico. Todas as pessoas, gentios e judeus, são chamadas para o reino de Deus por meio de Jesus Cristo, o Messias.

Deus fez alianças diferentes antes e depois do Messias por questões de seus próprios propósitos, e não porque falhou em conseguir unir as pessoas em uma “mesma religião” ao longo da história, ou por qualquer outra “incapacidade” de sua parte. A essência da fé que agrada a Deus sempre foi a mesma, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento: **fé obediente e operante**. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

A objeção também afirma que as Escrituras possuem contradições e que as explicações dadas para sanar esses “problemas” são falsas, até mesmo do ponto de vista das próprias Escrituras. Essa afirmação é falsa. A Bíblia não possui verdadeiras contradições. Aquilo que é visto como contradição é apenas aparente (e diríamos que Deus fez isso de propósito de forma a separar quem tem um coração segundo o que ele quer e quem não tem) e, de fato, possui explicações plausíveis para sua resolução – e isso é bem evidente pelo que está apresentado neste estágio deste estudo (objeções).

“Unir todas as pessoas em uma só forma de fé” e “não ter contradições” é exatamente o que Deus fez em Cristo. Cristo é verdadeiro. A Bíblia é verdadeira. Veja todos os estágios deste estudo e também todos os tópicos especiais deste estudo.

Historicamente, a suméria não é a primeira civilização, pois a história dominante pensou em apoiar tanto a religião quanto o ponto de vista ateu/evolutivo. Historicamente, de Adão até hoje não devem ter passado mais do que 7.000 anos, na melhor das hipóteses... Faça a contagem... Sim, não mais, porque os seis dias aconteceram no paraíso no Éden... Então não importa o quanto um dia é para Deus, não importa se aconteceu nesta dimensão, de acordo com todos os três livros, Tanakh, Bíblia e Alcorão, foi esse tempo, o que significa que esses livros são todos falsos... Os filhos das primeiras pessoas nasceram rápido porque as pessoas tinham relações... Você sabe, aquilo que homens fazem com suas mulheres... Portanto, crer que toda a história deve estar contida em 7.000-8.000 anos ou, esticando ao extremo, 12.000-14.000 anos, é uma mentira... Nós conhecemos civilizações de humanos que eram tão antigas quanto 40.000 anos antes do presente... E sim, elas não são aliens, são civilizações primitivas de humanos... Temos o império pelasgo... Um império avançado existente 8.000 anos antes do presente... E isso já é um grande problema para a Bíblia, Alcorão, Tanakh... Porque, novamente, em anos realistas, a história de acordo com a Bíblia não deveria ter mais de 7.500 anos na melhor das hipóteses... Porque Caim, Abel, Sete, Enoque, Lameque, Enoque, você nomeia todas essas pessoas que nasceram entre as primeiras, e deveriam ter nascido logo após a queda do paraíso, como no caso de Sete... Mas se você quiser se deixar enganar por uma mentira, você pode dizer que a história recente pode ir até 14.000 anos de acordo com a Bíblia, porque eles eram civilizações primitivas... Porém, novamente em anos reais, a história na Bíblia, Alcorão, Tanakh, não tem mais de 7.500 anos... E isso é uma mentira porque os pelasgos vão para pelo menos 8.000 anos antes do presente... O que significa que há 8.000 anos antes do presente já havia impérios... O que deveria significar que a criação do mundo deveria se voltar há 10.000 anos antes do presente, pelo menos... Mas os pelasgos não são os únicos... Eles são os únicos que sabemos que eram

humanos com certeza... Mas até mesmo o restante dos antigos eram humanos... Porque alienígenas não constroem locais com pedras primitivas.

Toda a confusão em relação ao início da humanidade e sua cronologia vem por causa da falha em entender o que a Bíblia ensina, e isso tanto da parte de profetas cristãos quanto da parte de céticos. O mesmo se aplica para fazer sentido a partir dos dados científicos. Os seis dias da criação foram dias totalmente especiais, e Adão e Eva foram os precursores genealógicos da humanidade, e não exatamente precursores genéticos. Veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Mesmo que de alguma forma você pudesse provar que historicamente o evento bíblico poderia ter ocorrido, ainda teria problemas com ossos de humanos encontrados que têm 12.000 anos de idade, o primeiro esqueleto humano completo encontrado no México tem 40.000 anos de idade, entre outros restos humanos bem antigos... E sim... Novamente... Eles não são alienígenas, são humanos... E a história humana não deveria ser de mais do que 8.000 anos de acordo com a Bíblia... 12.000-13.000 na melhor das hipóteses – 14.000 anos em um nível impossível... É quase impossível que a Bíblia tenha ocorrido da maneira que a Bíblia diz.

Mais uma vez, essa confusão sobre o início da humanidade e sua cronologia vem da falha em entender o que a Bíblia ensina e da falha em fazer sentido a partir dos dados científicos – veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

E isso vale não apenas para o cristianismo, mas para o islamismo também, o qual sustenta que Jesus existiu, ainda que ele não fosse o Messias nesse livro... Não há prova de que Jesus existiu (exatamente como não há prova de que Maomé existiu), uma vez que as primeiras chamadas “provas” vieram apenas 100 anos após sua suposta existência.

Há evidências muito boas para a existência de Jesus Cristo, como afirmamos ao responder às objeções do [primeiro texto](#). O problema é que cada pessoa determina subjetivamente para si mesma “quanta evidência é o bastante”. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o terceiro estágio deste estudo (veracidade). Não há nenhuma surpresa quando descrentes atacam a existência de Jesus, pois ele valida a Bíblia toda. Por isso, esse argumento é popular entre descrentes. No entanto, é um argumento que não tem mérito.

Também é incorreto afirmar que Maomé não existiu, principalmente por causa de seu **impacto histórico**. Mitos têm pouco ou nenhum impacto na história, como estudamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade). Estudamos sobre Maomé e o islã no sexto estágio deste estudo (história).

Flávio Josefo, o historiador judeu, viveu como o primeiro não cristão a mencionar um Jesus. No entanto, muitos estudiosos pensam que os curtos relatos de Josefo sobre Jesus (em Antiquidades Judaicas) vieram de interpolações perpetradas por um pai da igreja posterior (provavelmente Eusébio). Ainda que Josefo tivesse mesmo falado sobre Jesus, o nascimento de Josefo em 37 d.C. (bem depois da alegada crucificação de Jesus) o coloca fora de questão, fora do alcance de ser considerado um relato de testemunha ocular. Além disso, ele escreveu Antiquidades Judaicas em 93 d.C., depois que os primeiros evangelhos supostamente foram escritos! Portanto, ainda que seus relatos sobre Jesus tenham vindo mesmo de suas mãos, suas informações apenas poderiam servir como boatos. Porém, provavelmente, Flávio Josefo nunca mencionou Jesus. Foi provado como tal... Em seus escritos originais, ele nunca mencionou Jesus nem mesmo uma vez... Todos os estudiosos sérios dizem que a citação de Josefo é uma fraude, possivelmente colocada por Eusébio décadas após a morte de Josefo. Entre muitas pistas que os historiadores procuram está a continuidade de uma passagem, ou seja: o assunto flui de forma a ser compreendido de forma lógica e contínua. Com o texto de Josefo, os versículos logo antes da falsificação e logo depois dela discutem os horríveis eventos que cercam o assassinato de pessoas por Pilatos. Porém, bem no meio da história, temos um comercial de Jesus, como eu digo! Uma adição óbvia feita décadas, talvez séculos, após a escrita original de Josefo.

Outra vez o argumento sem mérito sobre a não existência de Jesus. Interessante que o autor da objeção escreveu: “Porém, provavelmente, Flávio Josefo nunca mencionou Jesus. Foi provado como tal...” Se foi “provado como tal”, por que escrever “provavelmente”? Há alguma dúvida sobre a não existência de Jesus?

De qualquer forma, qualquer argumento sobre a não existência de Jesus não prospera. Falamos sobre isso ao responder as objeções do [primeiro texto](#) e também no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

A citação de Jesus por Josefo é contestada, mas não é verdade dizer que todos os estudiosos a consideram como uma fraude. Encontramos uma tradução em árabe da passagem, e ela fala sobre Jesus. Essa versão árabe teria sido muito menos propensa a circular nos círculos cristãos daquela época, e é reconhecidamente menos elogiável do que outras traduções, mas tal tradução estava sob controle não cristão, onde as alterações da parte de cristãos teriam sido praticamente impossíveis. Veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Quanto à continuidade da passagem relacionada à citação de Jesus por Josefo, não há nada de estranho quando Josefo escreveu sobre Jesus no meio de seu relato sobre o que Pilatos fez. Pilatos autorizou a crucificação de Cristo. Era perfeitamente oportuno que Josefo mencionasse Jesus ali.

Temos muitas evidências boas para a existência de Cristo. O problema real é cada pessoa determina subjetivamente para si mesma “quanta evidência é o bastante”, e alguns continuarão a negar a veracidade da Bíblia não importa quanta evidência seja apresentada – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

E devo acrescentar sobre Tácito: o ano de nascimento do historiador romano em 64 d.C. o coloca bem depois da alegada vida de Jesus. Ele faz uma breve menção de um “chrestus” em seus Anais (livro XV, seção 44), que ele escreveu por volta de 109 d.C. Ele não fornece nenhuma fonte para seu material. Embora muitos tenham contestado a autenticidade da menção de Jesus por Tácito, o próprio fato de que seu nascimento ocorreu após o suposto Jesus, e ele escreveu os Anais durante a formação do cristianismo, mostra que sua escrita pode apenas nos fornecer relatos de boatos cristãos... Os quais dizem que ele menciona Jesus também. Ele não mencionou Jesus... Não... Ele nem menciona Cristo... o termo que ele usa é “chrestus” não “christus”... O qual significa “o bom”, e não o “Messias”... E mesmo que ele mencionasse Cristo não importaria, porque haviam muitos cristos e messias naquela época... Isso não prova que Jesus existiu.

A citação de Jesus por Tácito é geralmente aceita pelos estudiosos como autêntica. Independentemente de o termo ter sido escrito como “chrestus” ou “christos”, em última análise, se refere a Jesus Cristo de qualquer forma.

Quanto ao argumento de que nenhuma citação de Cristo é válida a não ser que tenha sido escrita a menos de 100 anos de sua existência, foi respondido quando abordamos as objeções do [primeiro texto](#). É um argumento inválido. Se podemos aceitar que Alexandre, o Grande, existiu, ainda que citações dele apareçam em textos escritos cerca de 300 anos depois de sua existência, podemos aceitar as citações sobre Jesus. Por acaso existem dois pesos e duas medidas quando se trata da Bíblia? Além do mais, os escritos de Talo e Flégon, preservados nas citações de outros historiadores, provavelmente foram escritos por volta de 52 d.C. e mencionaram a escuridão que se seguiu na terra por causa da crucificação de Cristo. Talo e Flégon estavam procurando explicações naturais para o fenômeno. Eles acabaram por admitir que a escuridão durante a crucificação de Cristo realmente aconteceu.

Luciano de Samósata (por volta de 125-180 d.C.) viveu bem depois da suposta morte de Jesus. Seus escritos são apenas uma repetição da crença cristã. Não confirmam nada além de que os cristãos acreditavam no que acreditavam... Não importa se ele menciona Jesus ou não, isso é bem depois do nascimento do cristianismo, então não prova que Jesus existiu... Você simplesmente não pode usar esse cara como provando o cristianismo porque sabemos que no século dois os cristãos eram tantos como um país, e até foram convidados por judeus para lutar contra a opressão romana... Mas eles recusaram... E já havia “pais da igreja” mentirosos do cristianismo, apologeticos, escrevendo coisas para eles... Então Luciano poderia ter conseguido suas coisas deles... Certeza 100% de que não se pode usar esse cara como prova... Ele está a mais de 100 anos após a morte de Jesus... E escreveu suas obras a mais de 150 anos após a morte de Jesus... A chance de esse cara dizer algo verdadeiro sobre Jesus é nenhuma.

Objeção sem mérito. A objeção acusa cristãos de serem mentirosos. Como estudamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade), não faz sentido nenhum que os discípulos tenham mentido sobre Cristo. Qual a motivação para pregar uma religião em que a pessoa deve negar a si mesma, esperar perseguição certa e, possivelmente, nenhuma recompensa nesta vida? Poder? Absolutamente não. *Status*? Muito menos. Controle de massas? De jeito nenhum, pois os ensinamentos duros de Jesus mais afastam pessoas do que atraem. Praticamente tudo o

que o cristianismo prega vai contra os valores típicos que as pessoas têm, tanto que Jesus afirmou que quem não nega a si mesmo e não toma a sua cruz diariamente não pode ser seu discípulo. Os apóstolos viram seu líder perecer e se tornaram reclusos e temerosos para, depois, repentinamente, pregarem com tanto empenho todos esses ensinamentos que vão contra os valores das pessoas, a ponto de morrerem horrivelmente pela causa do evangelho. Definitivamente mentira não é algo que possa ser considerado no caso. Cristãos são bem instruídos que **mentir é pecado**. Como o autor da objeção afirmou com suas próprias palavras, cristãos se negavam a se vingar dos opressores romanos, obedecendo à instrução de submissão ao governo local, mesmo que fosse um governo mau.

Nas palavras do próprio autor dessa objeção, o testemunho de Luciano de Samósata confirma aquilo que os cristãos acreditavam. Como cristãos verdadeiros não são mentirosos, no mínimo Luciano comprovou que, já em sua época, havia muitas pessoas que creram nos ensinamentos dos apóstolos. E sabemos que mitos tem pouco ou nenhum **impacto histórico**, como estudamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade). Luciano não afirmou a Cristo era uma fraude. No mínimo, ele afirmou o que sabia que os cristãos faziam. Porém, existe sim a possibilidade de que Luciano tenha registrado o que registrou assumindo que Cristo de fato existiu. Em última análise, pelo menos em algum grau, o registro de Luciano acaba por apoiar a existência de Jesus. Veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

E temos outra vez o argumento de que nenhuma citação de Cristo é válida a não ser que tenha sido escrita a menos de 100 anos de sua existência. Respondemos a isso ao abordar as objeções do [primeiro texto](#). É um argumento inválido. Mais uma vez, se podemos aceitar que Alexandre, o Grande, existiu, ainda que citações dele apareçam em textos escritos depois de cerca de 300 anos de sua existência, podemos aceitar as citações sobre Jesus. Os escritos de Talo e Flégon, preservados nas citações de outros historiadores, provavelmente foram escritos por volta de 52 d.C. e mencionaram a escuridão que se seguiu na terra por causa da crucificação de Cristo. Talo e Flégon estavam procurando explicações naturais para o fenômeno. Eles acabaram por admitir que a escuridão durante a crucificação de Cristo realmente aconteceu. Veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Além do mais, temos registros detalhados sobre Jesus escritos a menos de 100 anos depois de sua existência, e esses registros estão no Novo Testamento, o qual deve ser avaliado como qualquer outro documento histórico.

Plínio, o Jovem (nascido em 62 d.C.), tem uma carta sobre os cristãos que mostra apenas que ele obteve suas informações dos próprios crentes cristãos. Independentemente disso, sua data de nascimento o coloca fora do alcance como uma testemunha ocular. Além disso, ele escreveu a carta depois do ano 112 d.C., bem depois da suposta morte de Jesus e bem depois que os primeiros livros cristãos foram supostamente escritos... Além do mais, Plínio, o Jovem, escreveu “os cristãos estavam cantando um hino a Cristo como a um deus”. Nada sobre um Jesus, etc. Não é diferente de dizer que os hare krishnas estavam cantando para o senhor Krishna. E Plínio pode estar se referindo aos outros falsos cristos que afirmaram ser “o único”. Por que eles escreveriam coisas não confirmadas? Todos em um culto religioso, cristão ou não, faziam isso, mas os cristãos eram notórios por mentir.

Mais uma vez foi utilizado o argumento de que nenhuma citação de Cristo é válida a não ser que tenha sido escrita a menos de 100 anos de sua existência. Esse argumento é inválido pelas razões apresentadas acima.

É bastante improvável que os registros de Plínio, o Jovem, se referissem aos falsos cristos, pois eles não tiveram impacto suficiente para produzir discípulos resilientes a ponto de serem capazes de espalhar uma fé tão perseguida. No mínimo, Plínio testemunhou que cristãos entendiam que Jesus era Deus e também que estavam dispostos a morrer por causa disso. Isso é bastante significativo e, em última análise, apoia a existência e a divindade de Cristo. Veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

A objeção não tem mérito ao afirmar que cristãos eram “notórios por mentir”. A realidade é exatamente o oposto, como explicamos acima. Além do mais, mentira é um pecado, e cristãos verdadeiros devem buscar extirpar o pecado de suas vidas, caso contrário sua crença é inútil.

Tanto Plínio quanto Tácito não dizem nada sobre um Jesus específico.

Quão “específico” deveria ser um relato para que a evidência seja boa o bastante? Jesus não era importante para os romanos e os cristãos eram desprezados. Deveríamos esperar que algum não cristão tivesse disposição para escrever um relato detalhado sobre o caso de Jesus? Ora, se algum não cristão fizesse isso, é bem possível que se tornasse cristão – pense no caso de C. S. Lewis, o qual estudamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade). Porém, se isso acontecesse, tal relato seria classificado como tendo uma “tendência religiosa” e não seria mais uma fonte confiável para um cético, não é mesmo? Além do mais, evidência documental detalhada de “um Jesus específico” existe e foi agrupada em um grupo de escritos que chamamos de Novo Testamento.

O problema não é que a evidência não é boa – na verdade, se considerarmos as circunstâncias, os registros de Plínio e Tácito sobre Jesus são evidências bastante boas, como estudamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade). O verdadeiro problema é que cada um define subjetivamente para si mesmo quanta evidência é suficiente, conforme estudamos no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

Mas nem importa o que esses historiadores pensaram ou escreveram... Porque nenhum deles estava no tempo de Jesus... Nenhum... Nem nasceram... Então poderiam ter ouvido as informações de outros cristãos que poderiam ser mentirosos... E existem historiadores que estavam no tempo de Jesus e não o mencionam... Isso é um grande problema... Apoiar o fato de que o cara nem existiu...

Esse argumento é inválido pelas razões acima apresentadas. Os registros de não cristãos que se referem a Jesus, ainda que tenham sido escritos a mais de 100 anos da época dele, são evidência legítima. Os cristãos não eram (nem são) mentirosos (ou não seriam cristãos). Veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Mesmo que Jesus tivesse existido... Mas isso é dizer muito... Na verdade não há provas de que ele era Deus, Filho de Deus, ou mesmo Messias, ou mesmo um rei, ou que liderou uma rebelião... Todas as provas exceto a fraude cristã em Josefo mostram o contrário... Se ele fosse uma pessoa tão grande, por que historiadores vindos do Império Romano, gregos, judeus, em todo o império romano, ninguém o nomeia? E ninguém sequer fala sobre ele realizando milagres? Os romanos eram alguns dos melhores historiadores, mas ninguém menciona Jesus como sendo Deus ou o Filho de Deus... Os romanos escreveram até mesmo sobre seus piores inimigos, como Aníbal, cartagineses, gauleses, alemães, trácios, dácios, bretões, Grécia... E civilizações que podem mudar a história como a conhecemos, o *status quo*, como os aghartianos e pelasgos... Até mesmo sobre suas origens como os trojanos sendo iguais aos trácios... E que eles tinham um ancestral comum com os trácios/dácios, etruscos, ilíricos, e eles falavam uma língua semelhante e mais antiga que o latim... E esse latim vem da antiga Dácia... da língua romena real. Ou ambas as línguas vêm de uma língua ainda mais antiga. Romanos mencionaram até mesmo aqueles que odiaram, como o famoso general dos dácios, Gerula, o qual matou centenas de romanos, ou mencionaram os alemães e o quanto eles os espancaram, ainda que não tenham dito a verdade real... Eles os mencionaram... Ou mencionaram Aníbal... E ainda assim nenhum deles mencionou Jesus. E mesmo que tivessem mencionado, nada falaram sobre ele realizando milagres, ou sendo Deus ou Filho de Deus... Isso já é pedir muito... Eles nem o mencionam como realizando milagres... Mas na verdade eles nem o mencionaram... Interessante... E não apenas os romanos... Mas nem mesmo os judeus, ou partas... Os etíopes... Algo mais do que religião... Ou algum grego escondendo alguns escritos se os romanos o tentassem destruir, ou o tivessem destruído... Não há nada mesmo... O cara não existiu.

Como já afirmamos ao responder objeções do [primeiro texto](#), Jesus não era importante para os romanos. Ele foi um homem rejeitado pelas autoridades judaicas e até mesmo pelo povo de Jerusalém que antes o acolheu. Os romanos apenas o consideraram outro judeu que alegava ser um messias, o qual de qualquer forma não traria problemas para Roma, uma vez que foi executado. Sinceramente, que boa razão há para esperar que não cristãos escrevessem sobre Jesus? Nenhuma. Jesus se tornou importante apenas para aqueles que verdadeiramente creram nele – uma minoria desprezível.

Nas próprias palavras da objeção: “romanos eram alguns dos melhores historiadores”. Temos a referência de Tácito sobre Cristo. Essa referência é amplamente aceita como autêntica, ao contrário do que a objeção afirmou. Veja o primeiro estágio deste estudo (veracidade).

Além disso, ao contrário do que a objeção afirmou, existiu um romano que mencionou Cristo fazendo milagres. O imperador romano **Juliano, o Apóstata**, afirmou que Jesus curou pessoas coxas e cegas e exorcizou possuídos por demônios nas aldeias de Betsaida e Betânia, mas não considerou isso grande coisa – veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

E, como mencionamos acima, Plínio, o Jovem, mencionou que cristãos cantavam hinos a Jesus “como a um deus”. Ele mencionou que cristãos estavam dispostos a morrer por Cristo. Como cristãos não eram mentirosos, indiretamente Plínio acabou apoiando a existência e a divindade de Cristo. Veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

A cidade de Nazaré nem sequer é mencionada na época de Jesus... A primeira vez que foi mencionada foi no quarto século... Isso torna a história de Jesus menos crível do que já é.

Nazaré era uma cidade desprezada e dificilmente seria mencionada em algum registro importante a ponto de ser preservado por muito tempo. Até mesmo Natanael perguntou se alguma coisa boa poderia vir de Nazaré (João 1:46).

Houve tentativas de críticos contestarem a veracidade do Novo Testamento e a existência de Jesus por causa da suposta ausência de evidência da Nazaré do primeiro século. No entanto, **Nazaré existiu no primeiro século** – veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Cientificamente, nenhuma religião faz sentido algum... O Tanakh e a Bíblia dizem que as plantas foram feitas no terceiro dia, mas o Sol foi feito no quarto... Como isso é possível? O Sol foi feito no quarto dia, mas Deus conta os dias a partir do primeiro... Como isso é possível? O cristianismo e o Alcorão têm o inferno, o que é uma impossibilidade científica que prova que ambos são falsos... Porque podemos medir os pensamentos hoje e cada pensamento é uma frequência, até mesmo o medo é um nível de frequência, o amor é um nível de frequência... Tal lugar onde não há Deus ou amor ou o que quer que seja seria não existência... E mais ainda: se Deus é tudo, ele seria o inferno também... E se somos parte de Deus como o islã e o judaísmo sustentam, então Deus estaria no inferno e no paraíso ao mesmo tempo... E Deus vai sofrer também... Como então ele seria Deus se estivesse no inferno também? É cientificamente impossível e uma contradição idiota.

É bastante esperado que alguém que tenha uma inclinação contra o sobrenatural e que se negue a investigar afirme que “nenhuma religião faz sentido nenhum”. Nesse caso, a conclusão vai estar formada antes da investigação. Veja o terceiro tópico especial deste estudo (liberdade de investigação).

A Bíblia não está contra a ciência, ao contrário de muitas outras religiões “concorrentes”. A confusão “Bíblia versus ciência” deriva de uma falha de professos cristãos e de céticos em entender o que a Bíblia ensina.

E quem garante que “seres espirituais” ou “locais espirituais” estejam ligados às “frequências medidas de pensamentos”? E se essas frequências não se aplicarem a um ser em um “plano espiritual”? Como se pode assumir isso? **A “frequência medida” não define o medo ou o amor – aquilo que se mede é a resposta que seres materiais têm aos estímulos percebidos. Não se pode definir o amor meramente como uma frequência.** A existência de Deus define o conceito de amor, pois Deus é amor (1 João 4:8), assim como a existência de Deus define o que é bom e o que é justo. Deus é a bondade. Deus é a justiça. Além disso, a definição de amor que as pessoas tipicamente têm (geralmente girando em torno de sentimento) é incompleta, e às vezes até mesmo diferente, do amor definido na Bíblia. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

A ciência não pode dar respostas para qualquer coisa que saia do âmbito material – veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

O autor dessa objeção está bastante desinformado ao afirmar que Deus é tudo e que somos parte de Deus. Isso está mais para **panteísmo**. Biblicamente, Deus é separado de sua criação. A ideia de “santo” significa “separado”.

E há centenas de religiões, e todas sustentam que são perfeitas cientificamente... Elas não são... Também nunca fomos coágulo de sangue em nossa história, como diz o Alcorão... O erro que existe é que todas as religiões na Terra sustentam a relatividade geral de Einstein e o *big bang*, como os ateus... E essas teorias foram provadas por muito tempo como ciência falsa nos anos 40... O universo não é como acreditamos que é... É elétrico ou algo assim, como Walter Russell provou... O que refuta 100% a história da criação e de um começo da maneira como o cristianismo, islamismo, judaísmo, hinduísmo, budismo, e todos os outros acreditam... Nenhuma religião é cientificamente correta... Apenas com a ciência dominante promovida pela elite... E até mesmo se

Einstein estivesse certo, o cristianismo e islamismo ainda seriam falsos cientificamente porque eles têm o inferno, o qual já provei que não pode existir... E o cristianismo, islamismo e judaísmo também serão falsos por causa de muitos erros científicos que possuem... Até o islamismo tem a mentira de que parecemos sanguessugas antes de nascermos. Não, nós nunca parecemos sanguessugas, nós parecemos completamente diferentes. Ainda mais... Mesmo se todas as religiões na Terra fossem cientificamente corretas... Todas elas... Elas ainda seriam mentiras cientificamente... Porque hoje podemos medir pensamentos e sentimentos... E o amor é a frequência mais alta... E o amor não tem limites ou regras... Portanto, não importa quanta verdade e amor uma fé tenha... Ainda não seria a verdade e o amor supremos... Ainda não será ser maior que o amor... O que significa que algo é melhor e mais real do que religião/fé... O que significa que esses ainda não seriam a verdade... Ainda seriam apenas outra mentira colocando limites em você, e não amor completo, 100% livre... E não permitindo você ser bom completamente, 100%. Escrevi de forma que até as crianças podem entender.

Interessante que o autor dessa objeção afirmou que “a Bíblia está contra a ciência” enquanto suas próprias crenças estão contra a ciência. Ele apresenta ideias que até mesmo parecem típicas de “teorias de conspiração”, como a expressão “ciência dominante promovida pela elite”. Sua opinião é apenas desinformada e depreciativa, revelando muita desinformação tanto sobre a ciência quanto sobre as religiões, especialmente sobre o cristianismo.

Walter Russell “provou” como o universo realmente é? Embora Russell tenha escrito extensivamente sobre temas científicos de formas interessantes, suas ideias não foram levadas a sério pelos cientistas – e continuam sendo descartadas. Parece que não são apenas os “crentes” que se apegam a ideias mirabolantes, não é mesmo?

As definições sobre amor e as ligações que o autor da objeção fez com “medições de frequências de pensamentos” são inválidas pelas razões que apresentamos acima. A frequência medida é a resposta ao que um ser físico percebe como amor, e não é exatamente o conceito de amor. Quem define o amor é Deus porque ele é o padrão de tudo. E a ideia de que “o amor não impõe limites” está mais para libertinagem do que para amor. O amor não se alegra com a injustiça (1 Coríntios 13:6).

Logicamente nenhuma religião jamais fez sentido... Um Deus que faz regras para você não ser livre... Um Deus que coloca as pessoas no inferno ou as aniquila depois se elas forem más... Um Deus que se importa com o que você come, veste, bebe, ou como você tem relações íntimas, e com quem, e todas essas porcarias... Em vez de se preocupar com outras coisas... Ou um Deus que inventa uma religião ou uma fé para os humanos manterem... Tenha uma compreensão real da realidade... Se eu fosse Deus eu não faria nenhuma religião ou fé. Nunca... A própria ideia de religião, fé, ou um livro, é o mal, é primitivo, é ausência de amor, o que significa ser o medo... E o medo não pode ser a verdade definitiva.

Uma vez que seja entendida a autoridade de Deus, a gravidade do pecado e os princípios do julgamento de Deus, conceitos claramente não compreendidos pelo autor dessa objeção, tais argumentos caem por terra.

O autor da objeção, em última análise, quer julgar a Deus pelos seus próprios padrões do que é “mau” e do que é “liberdade”, falhando em entender que o criador de tudo o que existe é o próprio padrão de qualquer conceito, como “justiça”, “bem” e “liberdade”. A lógica vem de Deus. A verdade vem de Deus. Em última análise, qualquer coisa que não seja Deus não pode ser utilizada para julgar a Deus, pois Deus é o criador de tudo, sua própria existência define tudo, ele tem direito sobre tudo, ele sempre existiu e é imutável em caráter. O autor da objeção simplesmente falha em entender a posição de Deus e, portanto, seu raciocínio não pode refletir exatidão.

Liberdade não é ausência de restrição (isso está mais para libertinagem), e esse entendimento é importante por causa do **livre arbítrio**. O temor de Deus é um conceito legítimo para o afastamento do mal (pecado) e para obtenção de sabedoria. Tudo tem o seu lugar: há situações em que o amor é errado (amor ao pecado), há situações em que o ódio é correto (odiar o pecado), há situações em que restrições são necessárias (não pecar), há situações em que o temor é benéfico (temor a Deus).

É verdade que no amor não existe o medo (o medo do juízo final) e que o perfeito amor lança fora o medo (medo de condenação no juízo final), como afirma 1 João 4:18. Há um problema com a objeção em assumir que o conceito de “temor ao Senhor” é igual a “ter medo da pessoa de Deus”. O cristão não tem que ter medo da pessoa de Deus, mas ele tem que ter temor ao Senhor. A pessoa que quer verdadeiramente se afastar do pecado pode se aproximar do trono de Deus com a confiança de receber misericórdia e graça (Hebreus 4:16). Se há alguém que

deve ter “medo da pessoa de Deus” é aquele que quer persistir no pecado. O cristão deve fazer o oposto: se afastar do pecado e querer se aproximar de Deus para receber a graça que Deus se alegra em dar.

O conceito de temor do Senhor não é a mesma coisa que ter medo da pessoa de Deus. O temor ao Senhor tem um sentido de ter reverência e respeito a Deus, à sua posição divina, pois a posição de Deus dá a ele o poder e a autoridade para punir o mal. O temor do Senhor, em última análise, significa querer se afastar do mal por ser conhecido que há punição para quem persiste em praticar o mal. E lembre-se que o mal é definido por Deus. Entender o que é o pecado facilita muito em entender o que é o mal – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

Por outro lado, “ter medo da pessoa de Deus” não é “ter medo de fazer o mal”... É ter medo do próprio Deus! Como Deus é gracioso e paciente com aquele que quer se afastar do mal, obviamente os únicos que devem ter medo da pessoa de Deus são aqueles que querem continuar na prática do mal.

Portanto, **o cristão pode amar a Deus e ter temor ao Senhor ao mesmo tempo.**

Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?), o segundo tópico especial deste estudo (princípios do julgamento de Deus), o quinto estágio deste estudo (autoridade) e o sétimo tópico especial deste estudo (estudo sobre o livre arbítrio).

Quanto à questão moral... Nem há necessidade de entrar nesse assunto... Um deus que permite que um homem adulto, no caso do islã, se case com uma criança? Que decisão tem aquela criança... Ela é muito jovem... Ela nem consegue decidir por si mesma porque as pessoas que são muito jovens não sabem o que querem... Essa própria ideia é má e primitiva... Um deus que condena as pessoas ao inferno no caso do islamismo e cristianismo? Um deus que diz para você matar homossexuais como no caso de todas as religiões abraâmicas? Por que não apenas puni-los após a morte, se você é Deus, e se eles realmente fizeram algo ruim, por que matá-los? Por que apoiar escravidão? Crimes? A mulher é uma propriedade do homem? Toda essa porcaria... Eu poderia falar sobre esse assunto até morrer e não iria nem arranhar a superfície de como todas as religiões são estúpidas e primitivas... O hinduísmo também não é melhor.

Interessante que o autor dessa objeção anteriormente criticou a “restrição da liberdade”, mas agora reclama de pessoas que praticaram atos que ele mesmo considerou errados. Então a “restrição de liberdade” antes criticada passou a ser necessária?

As acusações contra o cristianismo de “[apoiar a escravidão](#)”, “[apoiar crimes](#)” e “[fazer da mulher propriedade do homem](#)” são todas sem mérito e tiveram respostas neste estágio do estudo (objeções). Como explicamos ao responder objeções do [primeiro texto](#), homossexuais são seres humanos e devem ser tratados como tais, e a Bíblia apoia isso. O que a Bíblia desaprova é a prática do pecado, e a prática de homossexualismo é um pecado. A salvação é para todos, pois todos são pecadores. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

O autor da objeção nem sequer entende o contexto do islamismo, o qual estudamos no sexto estágio deste estudo (história), e acaba utilizando o princípio inválido da “culpa por associação” para atacar a Deus, e até mesmo outras religiões. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena investigar a Bíblia?).

E o ônus da prova está sobre religião/fé. Que prova o cristianismo, islã, hinduísmo, judaísmo e outros têm para Deus? Nenhuma... Eles têm apenas para a consciência do universo, e isso não é Deus. E eu posso provar isso facilmente, cientificamente... A consciência do universo é tudo... Incluindo humanos, animais, plantas, rochas, planetas, estrelas, galáxias... Tudo. Para a consciência do universo se tornar uma divindade é preciso que toda a consciência do universo, tudo, se chame de deus... Você já ouviu animais, plantas, rochas, planetas, estrelas, galáxias, se chamarem de Deus? Eu nunca ouvi falar... Nem mesmo todos os humanos de todos os tempos acreditaram em Deus, ou fizeram da consciência do universo uma divindade. Portanto, porque a consciência do universo nunca se chamou de Deus, ou fez de si mesma uma divindade, não existe Deus... E mais ainda. Que provas que essas religiões ou fés têm para seu Deus específico no universo, ou mesmo historicamente (o que importa muito menos)? Nenhuma... Seja o que for... E não é por falta de tentar... Porque tentaram por milhares de anos e falharam.

A prova para Deus é simples: **em última análise, com todos os estudos e reflexões que estão dentro de nossas capacidades como seres humanos, se formos realmente sinceros e seguirmos as evidências para onde quer que nos levem, concluiremos que é impossível que Deus não exista.**

Temos apenas duas opções: (1) Deus existe ou (2) Deus não existe. Não há terceira opção. Não podemos, por nós mesmos, encontrar “prova positiva” de Deus, mas podemos facilmente concluir que é impossível que Deus não exista. **Como temos apenas duas opções (ou Deus existe ou Deus não existe), e concluímos que é impossível que Deus não exista, devemos descartar a opção de que Deus não existe, e a outra opção que restou, a única disponível, torna-se, por eliminação, automaticamente verdadeira.**

É correto afirmar que a “consciência do universo” não é Deus, se é que existe algo como “consciência do universo”. O universo é apenas criação de Deus que serve a seus propósitos, sendo “apenas” matéria/energia inanimada (inanimada no sentido de ser sem vida – apenas os seres vivos possuem vida, e a vida não vem da não vida) no espaço e no tempo. A causa primária da origem do universo (Deus) necessariamente deve ser independente da existência do universo ou de suas leis. Deus é separado de sua criação. Mas Deus revelou-se ao ser humano, especialmente e principalmente por meio de Jesus Cristo. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Há evidências muito boas para o cristianismo. Veja todos os estágios e tópicos especiais deste estudo. O problema é, mais uma vez, que cada pessoa define subjetivamente para si mesma se as evidências são suficientes ou não, como apontamos no primeiro estágio deste estudo (vale a pena investigar a Bíblia?).

Não foi a Palavra de Deus que falhou em guiar o ser humano a Deus. É o ser humano que, voluntariamente, escolhe rejeitar Deus.

Quanto ao teste do amor... Nisso todas as religiões falham... Para que uma fé religiosa seja verdadeira é necessário que não se tenha nem mesmo uma linha ou um fio que sugira algo inferior ao amor... Porque isso será uma frequência menor e uma mentira... Porque o amor é a verdade suprema... A frequência mais alta... E o mais alto infinito que você pode atingir... Adivinhe. Você adivinhou? Todas as religiões usam o medo... O qual é a ausência de amor... O qual é uma mentira... Eles dizem para você temer Deus... Então você deve temer Deus... Ou que Deus é maior que você... Todas essas mentiras... Hinduísmo, cristianismo, islamismo, judaísmo, todos eles falam sobre temer a Deus. Os cientistas provaram hoje que o medo é a ausência de amor... Como você pode amar e não amar a Deus (temendo-o) ao mesmo tempo? Isso é uma contradição em si, e prova que essa religião é falsa. Isso não será Deus... Isso provará que Deus é falso... E é... Definitivamente prova que o Deus do islamismo, cristianismo, judaísmo, hinduísmo é uma mentira, porque eles ainda têm textos em seus livros primitivos para temer a Deus... E não é apenas o medo... O ódio é também a ausência de amor... Tudo que é mau e primitivo ou que não é amor é uma mentira... Não é amor... E a Bíblia, Alcorão, Tanakh, e os escritos hindus, e toda religião ou fé, estão cheios disso.

Como afirmamos acima, a “frequência medida” não define o medo ou o amor – aquilo que se mede é a resposta que seres materiais têm aos estímulos percebidos. Não se pode definir o amor meramente como uma frequência. A existência de Deus define o conceito de amor, pois Deus é amor (1 João 4:8), assim como a existência de Deus define o que é bom e o que é justo. Deus é a bondade. Deus é a justiça. Uma vez que Deus é o amor, é correto dizer que o amor é a verdade suprema.

Explicamos acima que o conceito de temor do Senhor não é a mesma coisa que ter medo da pessoa de Deus. O temor ao Senhor tem um sentido de ter reverência e respeito a Deus, à sua posição divina, pois a posição de Deus dá a ele o poder e a autoridade para punir o mal. Isso é similar ao princípio de que uma punição severa para um crime desencoraja a prática desse crime. Por outro lado, ter medo da pessoa de Deus não é ter medo de fazer o mal, mas ter medo do próprio Deus, e os únicos que devem ter medo da pessoa de Deus são aqueles que querem continuar na prática do mal. Portanto, o cristão pode amar a Deus e ter temor ao Senhor ao mesmo tempo. É possível para um filho amar e temer seu pai ao mesmo tempo. É possível para as pessoas de uma nação amarem e temerem seu rei justo que tem poder e autoridade para punir os crimes que odeia.

Além disso, como explicamos acima, tudo tem o seu lugar. Há situações em que o amor é errado (amor ao pecado). Há situações em que o ódio é correto (odiar o pecado). Há situações em que o temor é benéfico (temer a Deus).

Quanto à “mentira” de que “Deus é maior que você”, Deus necessariamente tem que ser maior do que sua criação, ou não seria Deus. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?), o terceiro estágio deste estudo (veracidade) e o quinto estágio deste estudo (autoridade).

Tudo que é um tipo de crença não pode ser verdade... Tudo... Seja religião ou fé ou sobrenatural... Se é um tipo de crença é uma mentira e falso... Não importa a religião, fé, qualquer coisa sobrenatural, ou se você apenas crê em algo, é falso. Se é um tipo de crença, é falso desde o início. Por quê? Vou explicar a você... Simples... Traduza a palavra “crença”: “crença” significa tomar como fato aquilo que não foi provado ainda... Aquilo que você não sabe... Aquilo para qual não há prova... Você sabe que não é verdade até que seja provado o contrário, mas ainda assim você toma como fato. Cada religião e fé é um tipo de crença e, portanto, mentira. Como pode qualquer religião ou fé ser verdade se são tipos de crença, o que significa coisas falsas ou coisas que você não sabe e que nunca foram provadas como fato...

Objeção sem mérito. O argumento simplesmente não funciona. Crenças podem ser verdadeiras ou falsas, mas é uma generalização grosseira afirmar que “Se é um tipo de crença, é falso desde o início”.

Explicamos anteriormente neste estágio do estudo (objeções) que [manter uma fé não evidenciada não é uma posição bíblica](#). No primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) explicamos que **fé é o fundamento da lógica** e também a **extensão de confiança**.

12. A CONCLUSÃO SOBRE OBJEÇÕES CONTRA A BÍBLIA

Considerando todas as objeções abordadas até agora, é fácil deduzir que **o motivo real dos ataques à Bíblia é não querer que ela seja verdade. Todo e qualquer argumento que se julgue “plausível” é usado como tentativa de justificar a descrença**. Veja o quarto tópico especial deste estudo (o que os descrentes realmente pensam?), o quinto tópico especial deste estudo (o que é mais importante para os descrentes?) e o sexto tópico especial deste estudo (como melhorar o argumento para descrença?).

Existem muitas outras objeções contra a Bíblia que não foram abordadas neste estágio do estudo (objeções). No entanto, as objeções aqui abordadas e suas respostas são representativas e suficientes para que seja claramente entendido que **não há razão legítima para não crer na Bíblia**.

Como já informamos no início deste estágio do estudo (objeções), exemplos de bons livros que auxiliam muito com supostos “erros da Bíblia” incluem “Bible Difficulties” (Zondervan) de Gleason Archer e “When Critics Ask” (Victor Books) de Norman Geisler, ambos em inglês. As duas obras fornecem centenas de páginas que dão respostas intimamente detalhadas sobre praticamente todas as acusações concebíveis de crítica.

13. REFERÊNCIAS

[1] Adaptado de ProvetheBible.net/T1/Object.htm, acessado em 02/2023. [Retornar](#).

[2] Archer, Gleason L., “A Survey of Old Testament Introduction”, Chicago: Moody Press, IL, Rev. 1974, p. 28. [Retornar](#).

[3] Adaptado de Carm.org/about-the-bible/does-matthew-279-10-misquote-jeremiah, acessado em 02/2023. [Retornar](#).

[4] Adaptado de Gotquestions.org/Ezra-Nehemiah-numbers.html, acessado em 03/2023. [Retornar](#).

[5] Adaptado de Christianity.stackexchange.com/questions/5645/how-could-jesus-be-born-during-the-reign-of-herod-and-when-quirinius-was-governor; Comereason.org/roman-census.asp; acessados em 05/2023. [Retornar](#).

[6] “Res Gestae Divi Augusti – The Deeds of Divine Augustus”, chapter 22, translated by Thomas Bushnell, BSG. [Retornar](#).

- [7] Josephus, Flavius, *“The Antiquity of the Jews”*, p. 453. [Retornar](#).
- [8] Johnpratt.com/items/docs/herod/herod.html, acessado em 05/2023. [Retornar](#).
- [9] Justin Martyr, *“The First Apology Of Justin”*, chapter 34. [Retornar](#).
- [10] Archer, Gleason L., *“Encyclopedia of Bible Difficulties”*, Zondervan Publishing House, Grand Rapids, MI, 1982, p. 366. [Retornar](#).
- [11] Tektonics.org/qt/slaughtinn.html, acessado em 12/2005. [Retornar](#).
- [12] Adaptado de Gotquestions.org/Bible-slavery.html, acessado em 03/2023. [Retornar](#).
- [13] *“The Expositor’s Bible”*, vol. VI, Eerdmans, 1940, p. 301. [Retornar](#).
- [14] *“The Wiersbe Bible Commentary”*, David C. Cook, 2007, p. 245. [Retornar](#).
- [15] Adaptado de Drjimsebt.com/2022/07/09/does-torah-really-order-girl-to-marry-her-rapist-against-her-fathers-will; acessado em 03/2023. [Retornar](#).
- [16] Netbible.org/bible/Deuteronomy+22#, acessado em 03/2023. [Retornar](#).
- [17] Cbmw.org/2018/03/05/did-old-testament-law-force-a-woman-to-marry-her-rapist, acessado em 03/2023. [Retornar](#).
- [18] Adaptado de Gotquestions.org/virginity-test-torn-hymen.html; Compellingtruth.org/virginity-test-torn-hymen.html; acessados em 03/2023. [Retornar](#).
- [19] Adaptado de Gotquestions.org/womens-rights.html, acessado em 03/2023. [Retornar](#).
- [20] Adaptado de Gotquestions.org/God-Bible-sexist.html, acessado em 03/2023. [Retornar](#).
- [21] Adaptado de Gotquestions.org/misogyny-Bible.html, acessado em 03/2023. [Retornar](#).
- [22] Adaptado de Gotquestions.org/feminist-theology.html, acessado em 03/2023. [Retornar](#).
- [23] Adaptado de Estudosdabiblia.net/d66.htm, acessado em 03/2023. [Retornar](#).
- [24] Foxe, John, *“Foxe’s Christian Martyrs of the World”*, Barbour and Co., 1985 Reprint (1563), pp. 31-32. [Retornar](#).
- [25] Adaptado de Answersingenesis.org/jesus/jesus-genealogies-in-matthew-and-luke, acessado em 03/2023. [Retornar](#).
- [26] Carson, D. A., *“Matthew” in “Expositor’s Bible Commentary”*, vol. 8, ed. F. Gæbelein, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1984, p. 67. [Retornar](#).
- [27] Carson, D. A., *“Matthew” in “Expositor’s Bible Commentary”*, vol. 8, ed. F. Gæbelein, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1984, p. 69. [Retornar](#).
- [28] Foxe, John, *“Foxe’s Christian Martyrs of the World”*, Barbour and Co., 1985 Reprint (1563), pp. 31-32. [Retornar](#).
- [29] Armin Robinson, ed., *“The Ten Commandments: Ten Short Novels of Hitler’s War Against the Moral Code”*, with a preface by Herman Rauschning, New York, Simon and Schuster, 1943, p. IX. [Retornar](#).
- [30] Kennedy, D. James; Newcombe, Jerry, *“What if Jesus Had Never Been Born?”*, Thomas Nelson Publ., Nashville, TN, 1994, p. 234. [Retornar](#).
- [31] Kennedy, D. James & Newcombe, Jerry, *“What if Jesus Had Never Been Born?”*, Thomas Nelson Publ., Nashville, TN, 1994, p. 235 citando Barrett, David B., *“Cosmos, Chaos, and Gospel: A Chronology of World Evangelization from Creation to New Creation”*, New Hope, Birmingham, AL, 1987, p. 55. [Retornar](#).

- [32] Kennedy, D. James & Newcombe, Jerry, "What if Jesus Had Never Been Born?", Thomas Nelson Publ., Nashville, TN, 1994, p. 235 citando Barrett, David B., "Cosmos, Chaos, and Gospel: A Chronology of World Evangelization from Creation to New Creation", New Hope, Birmingham, AL, 1987, p. 58. [Retornar](#).
- [33] Kennedy, D. James & Newcombe, Jerry, "What if Jesus Had Never Been Born?", Thomas Nelson Publ., Nashville, TN, 1994, p. 235 citando Barrett, David B., "Cosmos, Chaos, and Gospel: A Chronology of World Evangelization from Creation to New Creation", New Hope, Birmingham, AL, 1987, p. 60. [Retornar](#).
- [34] Kennedy, D. James & Newcombe, Jerry, "What if Jesus Had Never Been Born?", Thomas Nelson Publ., Nashville, TN, 1994, p. 237 citando Barrett, David B., "Cosmos, Chaos, and Gospel: A Chronology of World Evangelization from Creation to New Creation", New Hope, Birmingham, AL, 1987, p. 60. [Retornar](#).
- [35] American Scientist citada em Provethe bible.net/T2-Objec/Bibliog-G01.htm, acessado em 02/2023. [Retornar](#).